



DUKE  
UNIVERSITY  
LIBRARY

*Treasure Room*







**CARTAS**

**DA**

**INDIA**

**E**

**CHINA**



Digitized by the Internet Archive  
in 2011 with funding from  
Duke University Libraries



*Dias da Costa lith.*

*Lith do Imp<sup>o</sup> .V.º*

*D. N. de Lequeira Sc<sup>ra</sup> fecit anno 1815*

JOSE IGNACIO ANDRADE.



**CARTAS**  
ESCRITAS  
**DA INDIA E DA CHINA**

NOS

ANNOS DE 1815 A 1835

POR

JOSÉ IGNACIO DE ANDRADE

**A SUA MULHER**

D. MARIA GERTRUDES DE ANDRADE.

SEGUNDA EDIÇÃO.

Tomo I.

**LISBOA**  
NA IMPRENSA NACIONAL.

M DCCC XLVII.



**E**NTRE as muitas, e, talvez, demasiadas publicações, que a imprensa nos tem dado n'este seculo, e algumas das quaes, porventura, melhor seria que nem sequer fossem concebidas, appareceram no anno de 1843 as Cartas do Sr. JOSÉ IGNACIO DE ANDRADE, escriptas da India e da China.

Estas Cartas apresentam-nos um novo genero de litteratura, em que se acham collocadas muitas e diversas materias habilmente distribuidas, e todas de uma utilidade reconhecida; e como d'esta obra não poderiamos dizer mais, nem em tão pouco, como o fez o fallecido Patriarcha de Lisboa, Fr. Francisco de S. Luiz, em uma carta dirigida ao Auctor, trasladaremos para aqui um de seus notaveis periodos, no qual se verá o são juizo, que sobre ellas formou:

« V. S.<sup>a</sup> levantou um monumento perenne  
« á sua propria gloria, e ao credito da Littera-  
« tura Portugueza, dando-nos a conhecer os cos-

« tumes, as leis, o genio, e o singular caracter  
« do grande Imperio da China, fazendo justiça  
« ao espirito e ao valor dos antigos Portuguezes,  
« rebatendo opportunamente a affectada e inve-  
« josa ignorancia dos estrangeiros, derramando  
« por toda a sua obra os principios de uma phi-  
« losophia franca e generosa, e as maximas de  
« uma moral amiga dos homens e das socieda-  
« des. »

Com effeito é este o resumo do conteúdo nas Cartas escriptas da India e da China; e os devidos elogios, que o venerando Prelado dispensou ao Sr. ANDRADE, deve-lh'os prestar toda a Nação pelo eminente serviço, que lhe fez na publicação d'esta obra, importante e utilissima a todos os respeitos.

Em uma epocha, em que quasi todos mer-  
cadejam em tudo, e em que a maior parte dos escriptores publicos calculam os reaes, que lhe deve produzir cada linha, que lançam no papel, o Sr. JOSÉ IGNACIO DE ANDRADE fez das suas Cartas a edição, talvez a mais nitida, que tenham apresentado os nossos prelos, e distribuiu-a gratuitamente pelos seus numerosos amigos, e por todos aquelles, que lh'a pediram, em quanto teve exemplares que repartir.

D'esta abnegação d'interesse, d'esta generosidade do Auctor, proveio, comtudo, um grande

desfalque para o público, que anciosamente procurava possuir esta bella obra, que não encontrava nos Livreiros, nem podia obter do Auctor, porque a edição havia sido esgotada. N'estas circumstancias, o Sr. JOSÉ IGNACIO DE ANDRADE levou a sua muita generosidade em consentir, que se fizesse uma segunda edição das suas Cartas, em que fez importantes correções, abandonando aos editores todo o interesse, que d'ella lhe podesse provir.

Não é, porém, movidos pelo interesse, que nos possa produzir esta publicação, que a vamos emprender, mas sim por que nos persuadimos fazer um grande serviço á republica litteraria, generalizando obra de tanta valia e merecimento; e por isso não é só por nós, mas em nome do paiz inteiro, que agradecemos ao Sr. ANDRADE a faculdade que nos deu de novamente a publicarmos. Da nossa parte faremos todos os esforços para que esta segunda edição não seja inferior á primeira, porque julgâmos pagar assim uma parte da divida, que contrahimos para com o seu illustre Auctor, quando nos deu a permissão de a reimprimir.



## EMINENTISSIMO E REVERENDISSIMO SENHOR.

SE o mais honroso titulo que tem um Principe ao reconhecimento dos povos é ser defensor das liberdades públicas, V. EMINENCIA reune essa honra a muitas outras, e todas merecidas.

Permitta V. EMINENCIA, que, dando apreço aos seus talentos, principios politicos, e perfectas virtudes, offereça á censura do seu prudente juizo uma obra, onde se acham algumas noções tendentes ao mesmo objecto.

Se V. EMINENCIA se dignar corrigi-la, terei o gosto de a mandar reimprimir limpa de defeitos; isto é, com a pureza que V. EMINENCIA costuma dar ás letras.

Guarde Deus a sagrada pessoa de V. EMINENCIA com a vida, saude, e felicidade, que a Igreja, e os Portuguezes havemos mister.

De V. EMINENCIA

Humilde servo

12 de Maio de 1844.

*José Ignacio de Andrade.*





ILLUSTRÍSSIMO SENHOR.

Não tenho palavras, com que possa exprimir a V. S.<sup>a</sup> o meu agradecimento pelo rico presente, que se dignou fazer-me, das suas bellas *Cartas escriptas da India e da China*, e pela outra obsequiosissima, e mui lisongeira carta, que V. S.<sup>a</sup> por essa occasião me dirigio em data de 12 d'este mez. A generosidade de V. S.<sup>a</sup> faz-me pobre de expressões equivalentes ao inapreciavel valor da offerta, e á grandeza e sinceridade do meu reconhecimento.

V. S.<sup>a</sup> levantou um monumento perenne á sua propria gloria, e ao credito da Litteratura Portugueza, dando-nos a conhecer os costumes, as leis, o genio, e o singular character do grande Imperio da China, fazendo justiça ao espirito, e ao valor dos antigos Portuguezes, rebatendo opportunamente a affectada e invejosa ignorancia dos estrangeiros, derramando por toda a sua obra os principios de uma philosophia franca e generosa, e as maximas de uma moral amiga dos homens e das sociedades.

Accete V. S.<sup>a</sup> com benevolencia este fiel testemunho dos meus sentimentos, e da altissima estimação, com que me reconheço, e assigno

De V. S.<sup>a</sup>

Muito att.<sup>o</sup> V.<sup>lor</sup> e obsequioso servo

S. Vicente, 20 de Maio  
de 1844.

*J. Cardinal Patriarcha de Lisboa.*



**AO SENHOR**

**MANOEL JOSÉ MACHADO**

**D. O.**

**ESTAS CARTAS**

**O SEU AMIGO**

**JOSÉ IGNACIO DE ANDRADE.**



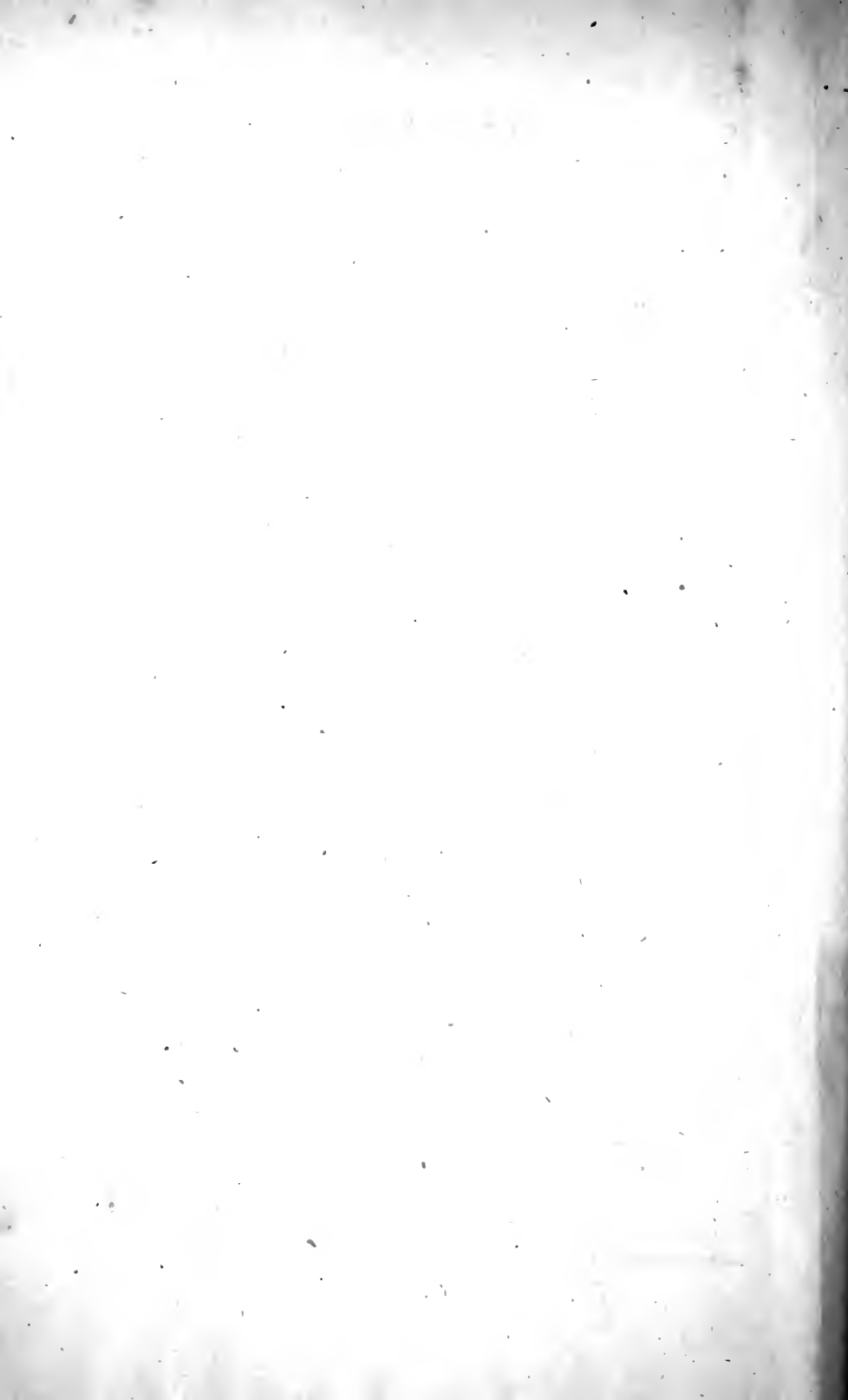
## ADVERTENCIA.

Ociosos parece o meu empenho, em mostrar que não sou vaidoso, quando publico os louvores com que me honraram alguns *distinctos litteratos*: por elles, e não por mim, o faço. Dizendo assim a verdade, é verosimil que se me não creia. Menos perderia o público não indo esta obra ao prelo, do que imprimindo-se, sem os poemas que tanto a illustram.

Costumam os escriptores, em geral, inculcar suas obras nos prologos que lhe fazem, e prometter n'elles mais do que ellas valem. Mui longe estava eu d'este pensamento, quando procurei o Sr. FRANCISCO ANTONIO MARTINS BASTOS, para rever as minhas Cartas; porém elle, depois de as ter lido, enriqueceu-as tanto com o juizo que d'ellas fez, que não posso deixar de o collocar na frente da obra: <sup>1</sup> todavia, não o tome alguem por exordio.

Declaro não ter pretensões, nem como sabio, nem como viajante: direi, indo á India, e á China, como Chateaubriand, indo á Grecia, e á Palestina: as minhas Cartas demonstram a carreira de um homem, que, tendo visto o ceo, a terra, e o mar, tornou á patria com diversas idéas na cabeça, e alguns sentimentos de mais no coração. Para as deixar em legado aos filhos dos meus amigos, mandei imprimi-las; porém, recommendo-lhes que leiam attentamente a Carta da Introeção, e não pretendam mais do que eu n'ella prometti.

<sup>1</sup> O Sr. BASTOS, tão grande latinista, longe de ostentar erudição indigesta, uso commum entre os sabios, é simples, natural, e muito agradável.



AO SENHOR

JOSÉ IGNACIO DE ANDRADE.

Hoc illud est præcipue in cognitione rerum  
salubre ac frugiferum, omnis te exempli  
documenta in illustri posita monumento  
intueri. †

*TIT. LIVII. PRÆF.*

## EPISTOLA.

DO TEMPO edaz ás mãos remir os factos,  
Da Historia emprego foi proficuo, e nobre.  
Ella os remotos seculos penetra,  
E n'essa escura noite, atravessando  
Condensas trévas, luminoso o facho  
Da severa hermeneutica seguindo,  
Da verdade guiada, á luz os mostra.  
Ella nos conta como os ceos, e terra,  
Do cahos pela Eterna Dextra surgem;  
Quaes cidades primeiras existissem,  
Quaes povoassem nações nascente o mundo,  
E quaes da humana especie os priscos mores,

† É mui util, e proveitoso ao conhecimento da historia que tu, leitor, vejas os documentos de tudo o que existe, seja bom, seja máo, collocados em um monumento illustre.

Nos aureos dias d'esse abrir das eras:  
Das Artes a noticia, e das Sciencias,  
Só da Historia ao auxilio descobrimos.  
Mesquinha, mal peccado, que ella avulta  
N'essas de sangue barbaras idades,  
Quando a espada, e a ignorancia de mãos dadas,  
Do mundo um só patibulo formavam!  
Impureza, ambição, e prepotencia,  
Quantas n'uma hora victimas faziam!  
De horror deixemos detestandos evos,  
Deixemos d'essas tetricas harpias,  
No olvido eterno, o detestavel bando:  
Da lyra as cordas percorramos ledos.

Da infida Leonor infidos braços,  
Por morte, deixa o improvido Fernando,  
De Aviz o Mestre o luso sceptro cimpunha;  
Em quanto libertar do estranho jugo  
O patrio solo generoso anhela,  
Longi-videntes oculos em Sagres  
Lança ao pelago Henrique virtuoso;  
Cuida outro haver, além do antigo mundo,  
Que do Oceano as barreiras lhe encobriam.  
Rasgam do mar iroso a furia insana  
As lusitanas quilhas, devassando  
Terras, e mares té então ignotos,  
E ao venturoso Manoel aponta  
Do lucido Oriente as aureas portas,  
E a do Oceano magestosa senda.

Deixando o fulvo Tejo o Gama illustre,  
De Adamastor soberbo a furia abate,  
E do Indo, e Ganges á torrente assoma.  
Do Oriente as riquezas portentosas



No Occidente affluiram, novo assumpto  
De sapientes historicos á pluma,  
E de eximios Poetas suscitando.  
Seguindo o exemplo seu, **ANDRADE** Egregio,  
Cortando desde a infancia o salso argento,  
E de Thetis creado aos niveos braços,  
Os povos observando, os mais remotos,  
Costumes, vicios, e virtudes vendo,  
Com mui discreta exactidão referes  
Nas immortaes Epistolas, que envias  
Á douta, e clara, e virtuosa Esposa.

Tu, do Chinez Imperio a gloria exaltas;  
Marcando ao certo a antiguidade sua,  
D'essas sonhadas fabulas desterras  
A falsa opinião da origem falsa.  
De **CONFUCIO**, philosopho sublime  
Mostras os dogmas, e a doutrina mostras,  
Que tantos evos tem regido a China.  
O vicio não desculpas, se elle surge,  
Qual entre o flavo trigo o joio inutil,  
Lá mesmo n'esse Imperio, que elogias.  
Mentira em teus escriptos não se alverga:  
Religioso o culto, e prisca usança  
D'esse paiz relatas, como sabio.  
No peito a Crença alimentando Augusta,  
Que dos maiores aprendestes nossos,  
Só dos Chinas repetes os discursos,  
Que oppor-se á nossa Religião parecem.  
Profundo em Methaphysica, voaste,  
Transpondo as nuvens, na sciencia abstracta;  
Qual Aguia sobes, nem te alcança a vista.

Dos Lusos honras a memoria, os Lusos

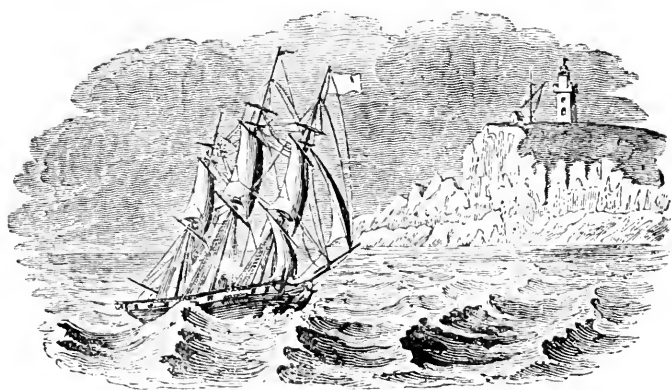
Degeneres sincero reprehendes ;  
Da orgulhosa Albionia a terras crimes,  
Que por desgraça ainda o mundo espantam !  
Ao presente o preterito reunes,  
E do porvir nos dás indubias mostras.  
Só de Camões a gruta prodigiosa,  
Quaes de Numa os colloquios com Egeria,  
Tanta podia inspiração prestar-te!

No epistolar estilo, e pura phrase,  
De **CICERO** és rival, e de **SALLUSTIO**  
A concisão imitas, reunindo  
De **LIVIO** a magestade em tuas obras,  
De **CESAR** com a magica elegancia.  
Nos sentimentos **TACITO** seguindo,  
Retratas, qual **SUETONIO**, os sabios Chinas.  
Tal o juizo que das Cartas tuas,  
Meu rude engenho fórma, submettido  
Dos Sabios á censura illuminada.  
Feliz quem honra tanto as patrias letras;  
Quem das Musas acquista encomio eterno,  
De excelsos Vates na sonora lyra ;  
Quem já no alcaçar da Memoria assento  
Sublime occupa, aos genios raros junto,  
Da Parca aos golpes redimindo o Nome!  
Digno o Varão da morte a Musa isempta.  
O Venusino o disse, e em ti se cumpre  
Douta a sentença do Romano Vate.

Lisboa, 14 de Outubro  
de 1842.

*Francisco Antonio Martins Bastos,*

Professor da Lingua Latina no seu Collegio de Nossa Senhora da Conceição.





## SONETO.

CONFUCIO douto, que a moral ensina  
A reis, e a povos com saber profundo,  
Se hoje surgisse do sepulchro fundo,  
E lêsse o que has escripto sobre a China;

Se visse como o genio teu combina,  
Em philosopho, quanto abrange o mundo;  
Em ti notára com prazer jucundo  
Um discipulo da sua alta doutrina!

A penna n'uma mão, n'outra o sextante,  
Do pelago sulcando a immensidade,  
Vens a Macáo em sabio navegante.

Em teus escriptos honras a cidade:  
Ah! nossa gratidão será constante;  
Ha de sempre em Macáo lembrar ANDRADE! <sup>1</sup>

*P. F. O. FIGUEIREDO.*

<sup>1</sup> Pretender que o homem resigne a estimação propria, e os louvores dos outros, é priva-lo de praticar virtudes; é querer tirar-lhe o direito de se ver applaudido pelo bem que faz; e que seja injusto para consigo mesmo. Consentir cada um em ser louvado pelas acções boas que pratica, é um acto de equidade, negado apenas por mesquinhos, e malignos espiritos.



# CARTA I.

## SAHIDA DE LISBOA.

Já a vista pouco a pouco se desterra  
Daquelles patrios montes que ficavam.  
Ficava o caro Tejo, e a fresca serra  
De Cintra, e nella os olhos se alongavam.

*CAMÕES, LUS. CANT. V.*

**M**uito custa deixar a patria, ó virtuosa Maria, quando para sahir d'ella é preciso entrar nos dominios de Neptuno, e deixar de ver-te! N'este amargurado instante presagia o meu coração medonho vaticinio. « Parece abrir-se na esteira do navio profundo abysmo, que me impede a volta para sempre. » Que lugubre pensamento!

Não pude deixar de contemplar o universo, e lembrar-me de tudo quanto existe na vastidão do mundo. Assomava ao longe a escarpada serra de Cintra, cantada pelo insigne Camões, onde se acham variados primores da natureza enriquecida pela arte. Valles cultivados, e cortados de regatos, fontes, cascatas, e palacios magnificos. Imagina a sensação dolorosa, que soffri com a triste lembrança do mar

dilatado, que tenho de sulcar, antes de tornar a beber contigo a purissima agua da fonte dos amores.<sup>1</sup>

De todos os filhos da terra, os marcentes são os mais desgraçados: além da saudade, que motiva a ausencia da patria, e das pessoas caras ao seu coração, soffrem o martyrio dos perigos, em que o mar abunda, sobre privações contínuas. Respiram ar infecto em sua estreita morada; nutrem-se de alimentos quasi sempre nocivos; e algumas vezes, novos Tantalos, experimentam os horrores da sêde no meio do oceano.

Graças aos genios cultivadores das sciencias, que têm publicado maravilhosos inventos em favor da humanidade! Em todas as minhas viagens aproveitei as suas descobertas, e colhi tão bom fructo, que precisando de oito mezes, do anno 1805, para ir á China pelo oceano grande, entrei no porto de Macáo, gozando a equipagem saude perfeita. Cook, navegador celebre, nega este bom resultado, quando a viagem excede a tres mezes. Avalia, pela sentença d'aquelle juiz experimentado, o meu desvelo no tratamento da tripolação.

<sup>1</sup> Fonte singular pela solidão, e frescura de seus contornos; corre na quinta do Marquez de Pombal.



## CARTA II.

DA ILHA DA MADEIRA A LISBOA.

### ENSAIO DA NAVEGAÇÃO EM MAR LARGO.

Investe Zargo impavido o negrume  
Na fluctivaga quilha aventureira,  
Descobre a terra de arvores tapume,  
A que deu logo o nome de Madeira.

*MEDINA.*

**P**ASSANDO á vista da Madeira, lembrei-me de que fôra em seus mares, onde o Infante D. HENRIQUE ensaiára novos argonautas para tentar suas descobertas. Ahi te envio breve extracto d'esse tirocinio para distrahir-te de pezares.

Habitava o Infante no promontorio sacro, logar accommodado a suas observações, quando ZARGO, e TRISTÃO VAZ, lhe pediram, que, visto armar navios para o descobrimento da costa mauritana, se servisse occupa-los em tão honrosos trabalhos. Sendo pessoas intrepidas, alegre accitou o Infante o offerecimento, parecendo-lhe ver já de perto o fim venturoso de suas esperanças.

Partiram de Lagos, ZARGO, e TRISTÃO VAZ, em 1419; porém encontraram tormenta tão rija, que estiveram a

ponto de perder-se, e ventos tão contrarios, que os trouxeram á ilha, a que deram o nome de Porto Santo. Saltando em terra, conheceram pelo viçoso dos campos, que n'elles as sementes responderiam com fructos: dos que já produziam tomaram quanto bastou para testemunho de sua diligencia, quando voltaram. Foram acolhidos pelo Infante, como pessoas que lhe traziam productos do seu trabalho.

Mandou armar tres navios: deu um a ZARGO, outro a PERESTRELO, e o terceiro a TRISTÃO VAZ. Partiram para a ilha de Porto Santo os tres capitães: depois de estarem n'ella algum tempo, PERESTRELO tornou a Lagos. A ZARGO, e VAZ, não pareceu decoroso voltar á patria, sem nova descoberta. Um dia, em que o estado atmospherico permittio alongar a vista mais para o occidente, descobriram algumas nuvens accumuladas, e permanentes; navegaram para ellas: encontraram a ilha a que deram o nome de Madeira.

Saltando em uns penedos, e caminhando para o interior, acharam as sepulturas de *Machin*, e de *Anna Arfet*, que, fugindo de Londres para França, em 1340, arribaram alli, onde os matou acerbo pezar.<sup>1</sup> Correu ZARGO a costa, para levar d'ella exacta relação ao Infante, de quem

<sup>1</sup> Este achado para alguns tem seu ar de fabuloso, diz Candido Lusitano, \* mas corre em muitas memorias do descobrimento d'esta illia já com posse de verdadeiro, ou de recebido. Ainda assim não ficamos por fiadores da verdade, e só damos por nós o testemunho de alguns escriptores.

O que ha de glorioso na descoberta da Madeira, é o pensamento do Infante, e o valor de seus discipulos, que para descobrirem novas terras, sulcaram mares desconhecidos. *Machin*, pelo contrario, não entrou no oceano para descobrir novas terras; desgarrado de Londres, sem piloto, nem bussola, não teve arte para tornar ao ponto da partida. Assim, quando a noticia seja verdadeira, desabona muito os mareantes inglezes seus companheiros, pois demonstrava o atrazamento em que elles se achavam.

\* Vida do Infante D. Henrique.

recebeu o senhorio da ilha, com TRISTÃO VAZ: a PERESTRELO coube o de Porto Santo.

Assim foram as proezas feitas em nossos descobrimentos devidas ao zelo do magnanimo Infante. Este nosso heroe desassombrou os navegadores do horror a mares desconhecidos; e mostrou ao mundo novas regiões, que, antes d'elle, se ignoravam. Póde dizer-se, que fez maior o mundo para commercio dos homens.

O palacio do Infante era academia de sabios astrónomos, e geographos, que deram luz áquelles tempos pouco experimentados, a que outros chamam rudes. Taes quaes foram, o mundo os reconhece por mestres da navegação; magisterio alcançado ora pela disciplina do Infante, ora pela custosa lição de mares desconhecidos, e sulcados com tal atrevimento, que se a empreza se contára de idades mais remotas, muito teria fabulado a fama dos novos argonautas. <sup>1</sup>

O mar, que a natureza destinou para morada dos peixes, acha-se habitado por homens. A terra inveja-lhe as cidades fluctivagas, que defendidas por debeis taboas, ousam accommetter o furor das tempestades sobre o mais enganoso elemento. Em parte alguma apparece tanta audacia unida á industria humana. <sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Candido Lusitano.

<sup>2</sup> Bossuet.



## CARTA III.

DO EQUADOR A LISBOA.

### DA IMPASSIBILIDADE.

Não dêis credito a essa gente, que pertende nas virtudes dureza de ferro.

*CICERO.*

SABENDO tu o gráo da minha impassibilidade, não estranhaste ver-me emprehender viagem tão longa, e ariscada: todavia, recapitulando os principios da seita, verás quanto me é duvidosa a ventura que d'ella se tira.

O estoico constitue a felicidade na ausencia das penas, privação dos males, ou negação dos affectos: considerando a carreira da existencia humana, semeada de dores, ou ao menos tão farta de tormentos como de pezares, só concede ao sabio lograr gosto perenne na bonança das paixões. Fechando o coração aos attractivos do mundo, nega-se ás doçuras da primorosa amizade, e zomba dos incommodos, disposto a ver cahir sobre elle as ruinas do universo.

O libidinoso colloca o verdadeiro prazer nos transportes do amor; insulta a vida vegetativa do estoico, con-

cedendo-lhe apenas a ventura dos troncos, e das pedras. Accusa-o de não saber gozar os deleites da existencia animada, nem os prazeres da excitante sensibilidade, e jura de jámais se esquivar ao jugo das paixões.

Innegavel parece que o estoico, desinteressado em prazeres, evita igualmente o flagello dos martyrios, que tanto mortificam os peitos dominados por objecto amavel. Estar no mar, ou em terra, ser vivo, ou morto, tem para elle a mesma valia. Ver a innocencia entregue á tyrannia, ou foragida a salvar-se das vexações da prepotencia, tudo lhe é indifferente; não ha para elle amigo, nem amada; a vida é engodo fallaz, tão fecundo em males como em bens; a sensibilidade não passa de instrumento equivoco da ventura, tão mimoso para a fruição dos prazeres, como aguçado para o tormento dos revezes. Assim o subnega a impassibilidade a tantos gozos, quantos males lhe poupa.

De que serve ao estoico o dom de sentir? Deverá o homem cuidar só na triste conservação? Renunciar ao gozo dos sentidos? Cortar todos os gomos dos desejos d'onde nasce a acção, e energia do mundo moral? Não. Porém, augmentando o homem as necessidades naturaes, dando entrada a desejos, e a caprichos, quanto não se faz depender dos objectos externos? Quanto não se torna fallivel a sua felicidade?

A ventura do homem reside n'elle mesmo: surge do coração, e consiste no comedimento de seus desejos. Qual é o termo da ambição, e das cobiças em peito dado a alimenta-las? Se o homem não reprime as fantasias, onde pararão suas tentativas, e esforços para realisa-las? Se dá entrada á ancia de accumular riquezas, que ouro saciará a sua ambição?

Eis-aqui motivos sobejos, para que eu houvesse estudado verter no meu coração a substancia do estoicismo, que acho impossivel, e desnecessario levar a gráo perfeito. Assaz o ha minorado a tua companhia, offerecendo-me doçuras, de que me houvera privado a indolencia estoica, se a observasse em rigor.

Vive certa de que, se algum dia me embriagar com essas illusões, não me esquecerei, de que todos os affectos devem ser subordinados aos dictames da virtude; n'esta consiste a ventura: « A serenidade, e o contentamento, diz Zeno, são os accessorios do bem. »

---





## CARTA IV.

DO CABO DE BOA ESPERANÇA A LISBOA.

### INTRODUCCÃO.

Em côr, em rasgós a palavra assente  
No arquivo das lembranças,  
Faz a falla immortal, manda o conceito  
Às eras do futuro.

*FILIXTO.*

O MAR serve para se tirarem de paizes remotos cousas necessarias ao regalo da vida, e augmentar a illustração dos povos; mas para se obter esse resultado, sabes que fôra preciso construir navios, e aperfeiçoar homens na arte de combater Neptuno, e Adamastor. Agora mesmo estou eu ás mãos com esse,

Que hum dos sete milagres foi do mundo:  
Co' hum tom de voz nos falla horrendo, e grosso,  
Que pareceo sahir do mar profundo:  
Arripiam-se as carnes, e o cabello,  
A mi, e a todos, só de ouvi-lo.

Assim, mostrando-te as vantagens das mathematicas applicadas á navegação, e qual o valor necessario para affrontar a sanha dos elementos conspirados contra a industria humana, bastaria para leres as minhas cartas com duplicado interesse; mas não só o bom é util, no bello tambem ha seu lado de proveito.

Sendo a philosophia a sciencia das cousas divinas, e humanas, jámais ente algum a possuiu completa. As diversas partes da sciencia universal, cujo ponto é a verdade, acham-se repartidas por muitos espiritos. Os viajantes, que sulcaram os mares para augmentarem os conhecimentos humanos, não se dirigiram ao mesmo genero de observações, cada um havia ordens, e tendencias particulares: Vasco da Gama chegar á India pelo Cabo de Boa Esperança; Magalhães rodear o mundo pelo occidente; Fernão Peres de Andrade tomar noticia da China; Colombo descobrir o novo continente; Cook, e Laperouse verificar certos pontos do globo: em minhas cartas acharás breves noções dos indios, e dos chinezes.

Quizera investigar não só os costumes dos nossos contemporaneos, mas tambem viajar nas idades remotas, e observar de perto os entes beneficos, a quem devemos o augmento das luzes pelas sciencias, que offereceram á nossa meditação. Comtudo, não esperes idéas novas: muito farei se, variando as que existem, reunir em pequeno volume grande numero de verdades. Sendo os principios, que vou expender, coevos com o genero humano, resta ainda ao investigador moderno o merito da escolha, a ordem, e o acêrto da applicação ás circumstancias.

Pergunto, se nas cartas familiares, é absolutamente necessario guardar a dedueção systematica, e o rigoroso

escrupulo do cauto reformador, que dicta leis ás acções dos povos? São as verdades tão absolutas, que não admittam algumas modificações nas diversas circumstancias a que se applicam? Sabes que, para reprehender as asserções de um escriptor, convem distinguir tres cousas: erro de entendimento, depravação de animo, ou impropriedade de linguagem; e quando o entendimento acerta em suas concepções, quanto não fica ainda difficil manda-las ao espirito dos outros?

Quem soube jámais dar aos vocabulos a energia, e a precisão que as cogitações têm no espirito? Quem soube explicar-se, sem ambiguidade, nem contradicções apparentes, ou reaes; demarear em enunciado succinto as generalidades abstractas, com todos os seus limites? Em qual escripto não se encontram incoherencias? Qual dialectica pôde escapar á imputação de sophistica?

O estilo epistolar consiste em agradar a quem escreve, e a quem se escreve. De que serve a distincção de regras, e de tons? De encadear os talentos. Ainda bem, que o genio raras vezes se prende nas regras, que o furor de julgar tem inventado. Se os genios superiores não saltassem por cima d'essas barreiras, não teriamos hoje as cartas da illustre Sevigné, cujo estilo, cheio de fogo, e de imagens brilhantes, creou, por assim dizer, uma nova linguagem, que tende a satisfazer mais o coração, do que o ouvido.

O modo de escrever nasce do caracter da pessoa, e da elegancia do espirito, modificado pelo sentimento no acto em que se escreve. As cartas servem para communicar pensamentos a pessoas ausentes; dicta-as a confiança, a amizade, e ás vezes a politica: é uma conversação por es-

cripto. Assim póde entrar em nossas cartas a historia, a poesia, a philosophia, etc.

Ha materias, em que é preciso muita clareza, n'outras ficam bem os arrojos do espirito. Como seja entendido por ti, é quanto basta: no mais deixa entregar-me com desafogo aos rasgos da imaginação. Todavia, não me esquecerei de que, para agradar-te, devo dizer-te o maior numero de cousas no menor numero de palavras.

---

# CARTA V.

DE CALCUTTA A LISBOA.

## ENTRADA EM CALCUTTÁ.

O sabio investiga o poder das nações, como  
o geometra as verdades mathematicas:  
assim deve fazer o viajante, para imitar  
Xenefonte, Polybio, e Tacito.

*DEIX.*

DEPOIS que te disse adens, e perdi de vista a terra onde nasceste, foi hoje o primeiro dia que se apresentou a meus olhos cousa digna de escrever-se; porém entrei no Hoogly<sup>1</sup> tão cansado da viagem, que só depois de afferrar a Ponta de Diamante, comecei a gozar dos primores que embellezam suas tortuosas margens.

Que variadas, e ricas paizagens! Planicies cobertas de gordas manadas, rebanhos innumeraveis, e arvoredos frondiferos! A engenhosa, e liberal natureza mostra-se n'estes logares revestida com tal pompa, que excede tudo quanto a fantasia possa inventar, e o ingenho humano descrever.

Entrando-se nos suburbios de Calcuttá,<sup>2</sup> prados amenos, e casas sumptuosas annunciam a capital da India, ou

<sup>1</sup> Braço do Ganges, onde se acha edificada a cidade de Calcuttá.

<sup>2</sup> Os suburbios das margens d'este rio: os do interior são pestilentos.

o centro do poder inglez na Asia. A riqueza dos edificios, o luxo, que transformou as margens d'este rio em jardins deliciosos, mostram o grande fausto dos modernos conquistadores do malfadado Indostão.

Depois que VASCO DA GAMA chegou a este imperio, formaram os portuguezes estabelecimentos em todos os logares, que lhes offereciam interesse pelo commercio. Entrando no Hoogly, estabeleceram-se em Bandel, que abandonaram no tempo dos Filippes. Ainda alli se descobrem vestigios da nossa antiga opulencia.

O avultado commercio, que faziam nossos maiores n'esta parte do mundo, convidou outros povos da Europa a buscar este rio, onde, a nosso exemplo, fundaram estabelecimentos. Os batavos, Chinsurá; os francezes, Chandrenagor; os dinamarquezes, Sirampour; os inglezes, Calcuttá. D'aqui principiaram estes a estender-se no Indostão, com o pretexto de baterem os maratas, inimigos dos mogoles. Assim levaram, com enganos, o seu commercio, em pouco tempo, ás provincias de Cassimbasar, Dacá, Patná, e Balassor.

A fundação de Calcuttá teve principio no meado do seculo xvi, na pequena villa de Govindpour, sitio pantanoso, e insalubre. O aspecto d'esta cidade encanta, não só pela grandeza dos edificios, mas tambem pelas immensas columnatas, porticos, e zimbórios, com que se adorna; porém, sabendo-se que toda a obra é composta de tijolos, e estuque, perde o valor, que de longe tinha inculcado.

Haverá tres leguas de circumferencia, e seiscentos mil habitantes, indios, e arabes, na maior parte. A mistura de povos differentes tende a destruir as preoccupações de uns, e outros; aqui succede o contrario: os arabes aborrecem

*Bandel  
Chandernagor  
Sirampour  
Govindpour*

os mogoles; os inglezes desconfiam d'estes, e d'aquelles; e os indios detestam os arabes, mogoles, e britannicos.

O humor turbulento, e o instincto avaro que o Tamisa dá aos inglezes, nem a amenidade dos bramas, nem os thesouros da India, têm forças para minorar: tão insaciaveis, e tão rudes são, na maior parte! O seu divertimento, acabada a ancia de amontoar cabedaes, limita-se em passear na esplanada, ao pôr do sol, d'onde se recolhem a praticar na mesa inauditas demasias.

De todos os edificios, o palacio do governo é o mais sumptuoso. Tem fórma octogona, boas escadas, rico perystilo, e magnificas galerias. No interior ostenta ainda maior pompa. É situado na face meridional da cidade, na fimbria da grande esplanada.

A cidadella, forte William, offerece nas obras exteriores painel curioso. A muralha occidental é banhada pelo Hoogly; vista de qualquer lado, parece mais uma cidade, do que uma fortaleza: tantos são os edificios erguidos no interior! Tem perto de uma milha de circumferencia em fórma de poligono regular. Recebe em seus bastiões mais de trezentas bombardas. Póde recolher, em occasião de guerra, as familias inglezas residentes na cidade, guarnição de dez mil homens, e mantimentos para um anno.

A cidade tem bons estabelecimentos publicos: 1.º uma especie de universidade, onde os alumnos de outras escólas vêm complectar os seus estudos: 2.º um collegio sanscrito: 3.º um collegio mahometano: 4.º um gymnastico, etc. O bispo, cuja auctoridade abrange a todas as igrejas anglicanas, n'esta parte do mundo, reside em Calcuttá.

No interior da cidade vê-se quadro mui differente do que apparece nas margens do rio. Aqui, estão erguidos

palacios magníficos; alli, ruínas, e cabanas: de um lado, praças, e bazares riquissimos; do outro, esgotos descobertos cheios de immundicias. Comtudo, nada chega aos nojentos suburbios, chamados cidade negra.

Para formares idéa aproximada da verdade, imagina uma legoa de terreno coberto de fabricas em ruina, e de choças, onde moram immensas famílias cobertas de trapos. Têm alguns pagodes, asylos da superstição, adornados com idolos de feia catadura; estão quasi sempre cheios de miseraveis creaturas. As ruas são tão immundas, que não só difficultam o transito, pelos montes de lama, mas tambem pela exhalção de vapores insupportaveis.

Tratando de Calcuttá, e dos inglezes, devo tambem fallar dos indigenas. Têm feições bem marcadas, estatura regular, corpo flexivel, côr azeitonada, cabellos pretos, e corredios, olhos scintillantes, e alma capaz de gozar tanto as doçuras do amor, como as ligações da amizade. Nascidos em terra ardente, são tibios; provém esse defeito de suas demasias na fruição dos prazeres. A sua actividade reside na fantasia, disposição que muito os arreda de trabalhos penosos.

As mulheres são esbeltas; e bem proporcionadas: a expressão dos deleites respira em suas feições. Têm os olhos grandes, e ornados de crescidas palpebras, signal de grande ternura. Comtudo, falta-lhes o colorido, que tanto embelleza as mulheres da zona temperada. As que pertencem aos abastados, vivem na tristeza de ferreos harens, além dos quaes não lhes é permittido lançar a vista: as castas inferiores são mais felizes; ao menos têm liberdade.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> As quatro primeiras cartas foram escriptas na passagem dos pontos indicados, esperando encontrar navios para remette-las; não tendo essa fortuna, aproveitou a occasião, enviando-as com a presente.



*Handwritten notes in the top right corner, possibly a title or reference: "Carta VI - Indostão"*

## CARTA VI.

### DO INDOSTÃO.

Decanis, Oriás, que a esperança  
Tem de sua salvação nas resonantes  
Aguas do Ganges; e a terra de Bengala  
Fertil de sorte, que outra não lhe iguala.

*CAMÕES.*

**O** IMPERIO do Indostão entesta ao norte com a Tartaria, ao occidente com o rio Indo, ao oriente com o Ganges, e ao sul com os mares do oceano antartico. Tem de comprimento quinhentas legoas, e quasi o mesmo de largura. Pertencendo de direito o seu dominio aos indios, tomaram-no de facto, desde o anno 710 da era Christã, os seus conquistadores patanes, mogoles, e britannicos.

Os historiadores rechearam de fabulas as instituições indianas; uns, tomaram por suas leis fundamentaes os firmans dos mahometanos; outros, confundiram a superstição popular com a religião primitiva; todos fabularam. Para te dar noticia exacta d'este paiz, foi preciso toma-la dos bramas.

Os indios datam a sua religião milhares de annos antes da era Christã: a origem não é pura; todavia, os indios têm direito á mais remota antiguidade. Abalisados escriptores concordam em que elles cultivaram sciencias, e artes proveitosas, quando a Grecia, illustradora da Europa, ainda era rude. Assim, deve-se conceder aos indios, quando não a idade que pertendem, a primazia na sciencia incomprehensivel, isto é, na theologia.

Examinando os seus principios, considero-me entre ruinas; porém ruinas de edificio immenso. Os seus despojos ainda mostram quão dilatada foi a sua grandeza: entre superstições absurdas descobrem-se vestigios de boa moral. O monumento mais antigo, e solemne, é o Sanscrit; linguagem em que Brama dictou os Vedas.<sup>4</sup> A maior utilidade que resultou da sua versão, foi saber-se, que de todos os legisladores antigos, nem um só deixou de ter grande cuidado de conservar os povos na ignorancia.

A religião dos indios é fundada na transmigração das almas, metempsychose: doutrina que, dizem uns, Pithagoras adoptára dos bramas, outros asseveram o contrario. O certo é, que os indios dão-lhe sentido differente. Pithagoras tomou esse principio por uma consequencia necessaria do universo, a fim de conservar-se perpetuamente, sem precisar a creação de novas almas; os bramas consideram a transmigração como primeira causa da creação do universo.

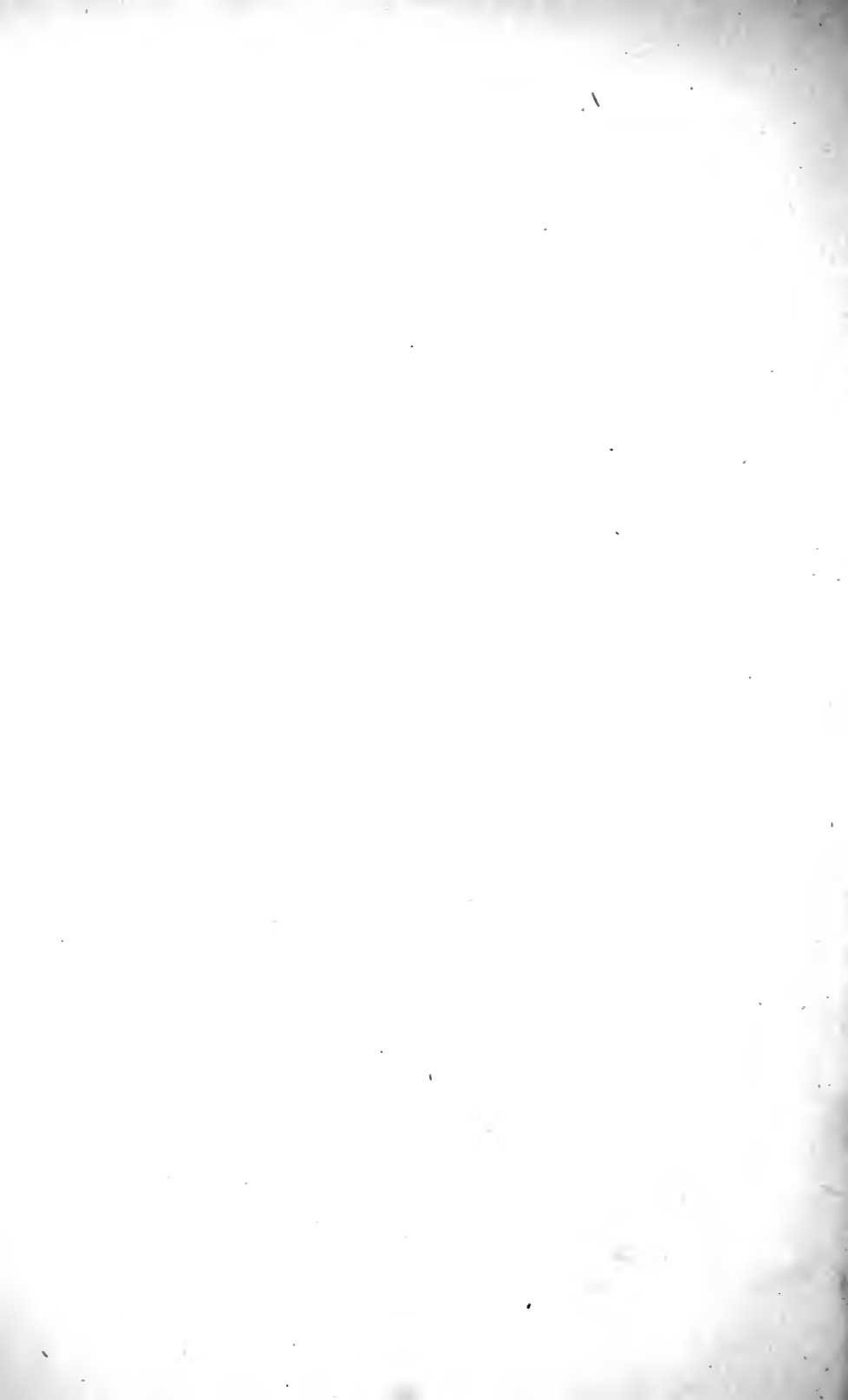
A transmigração não é para os indios um accessorio da creação, como assevera Pithagoras; é o fundamento da creação, e por consequencia da sua theologia: abraça a existencia, e os attributos da Divindade, a origem dos Anjos, o motivo da sua quéda, a creação do universo, a

<sup>4</sup> Livros onde se acham os dogmas, e ritos da religião de Brama.

necessidade da virtude, o temor das penas, a geração successiva dos corpos, a sua dissolução, e a destruição futura do universo.

É um systema completo em todas as suas partes: foi dado por Brama, seu legislador. É o mais antigo de seus livros sagrados, e talvez o mais antigo que existe no mundo. Na primeira carta que te enviar, receberás um extracto da sua versão.

---



## CARTA VII.

### CARTA-BADE-CHASTA-BRIMA.<sup>1</sup>

N'um magestoso aleaçar, que se eleva  
Com estranha structura até ás nuvens,  
Assiste o grande Nume, e d'alli rege  
A lunatica gente a seu arbitrio.

DINIZ.

1.º **D**EUS é o que foi sempre: Creador de tudo quanto existe. É uma esphera perfeita, sem principio nem fim: dirige a criação pela providencia, que resulta dos primeiros principios determinados. Não investigues a sua essencia, nem as leis com que rege; trabalharias debalde; basta que vejas as suas obras.

2.º Absorvido na contemplação da sua existencia, gloria-se em formar entes condignos da sua gloria. *Quiz, e elles existiram.* Formou-os susceptiveis de perfeição, e imperfeição, deixando-lhes a liberdade da escolha. Creou Brama, depois Bishnou, e Chiva; e em seguimento os anjos. Deu a Brama o vice-reinado do ceo; e fez Bishnou, e Chiva

<sup>1</sup> Em versão portugueza: palavra do espirito poderoso.

ajudantes do vice-rei. Dividiu os anjos em córos, e deu a cada um seu chefe, para regerem os cantos dos hymnos em roda do throno celestial. Assim foi estabelecida no ceo a delectante harmonia.

3.º Duraria ainda complecta, se o invejoso Maissassor, o maioral dos chefes, esquecido de seus deveres, não sahisse da perfeição para a imperfeição. Reunido a seus amigos, negou obediencia a Brama, dizendo-lhe: «Nós nos governaremos, fica tu com quem te domine»; e com os seus abandonou a côrte ceeste. Os anjos fieis atemorizaram-se: o Senhor arrependeu-se da sua primeira creação. Assim entrou no ceo a primeira vez o temor, e o arrependimento.

4.º O Senhor mandou a Bishnou, que fizesse entrar os rebeldes na ordem: porém elles, ufanos com a sua projectada independencia, resistiram: o Senhor mandou a Chiva, que os lançasse no abysmo.

5.º Assim gemeram os rebeldes nas trévas quatrocentos e vinte seis mil annos. Em todo esse tempo, rogaram os anjos fieis a Deus perdão para seus irmãos. «Sejam-lhes minoradas as penas, disse o Senhor; espiem no purgatorio a culpa original»; e tornou-se invisivel por cinco mil annos.

6.º No fim tornou a mostrar-se, e disse: «Faça-se o universo»: *o universo appareceu*. Ordenou a Bishnou, que descesse a elle, soltasse os rebeldes das trévas, e os lançasse no mais inferior dos planetas, onde seriam perguntados; e accrescentou: «Formarei corpos onde transmigram sujeitos á declinação, e morte; por ella se renovarão os principios da sua formação. Serão obrigados a oitenta e sete transmigrações, mais ou menos custosas, segundo o gráo da culpa original. Quando sahir qualquer

da sua ultima transmigração, animará uma fórma, que se chamará vacca; quando essa morrer, animará outra, que se chamará homem; n'ella será examinado. A vacca será considerada pelo homem como objecto sagrado; dar-lhe-ha alimento proficuo, e ajuda-lo-ha no trabalho a que é condemnado na fórma humana. Sendo obra minha, não póde ser destruida; mas fica abandonada á sua declinação.»

«Depois formarei corpos mortaes de muitas especies; n'ellas se multiplicarão os anjos rebeldes, segundo o impulso, que eu lhes destinar. D'essa união procederá a successão de fórmas homogeneas em cada especie: se algum se unir a outro, de modo que obste ao crescimento da sua especie, tu, Chiva, o lançarás no abysmo para sempre. Se os rebeldes, aproveitando-se da minha graça, praticarem boas obras nas oitenta e sete transmigrações, tu, Bishnou, os levarás ao segundo planeta, e d'elle aos outros, até chegarem ao setimo, d'onde poderão subir outra vez ao ceo.»

Ouvindo os anjos fieis as ultimas palavras do Eterno, entoaram-lhe hymnos em louvor. O Senhor continuou: «Esta graça será dividida em quatro épocas; na primeira será o termo das provas de cem mil annos; na segunda, de dez mil; na terceira, de mil; e na quarta, de cem annos. Passadas essas épocas, se houver ainda algum anjo rebelde, que não haja transitado no purgatorio dos sete planetas, tu, Chiva, o lançarás no abysmo para sempre, e destruirás o planeta das primeiras provas. Tu, Bishnou, conservarás os seis restantes, para que os outros rebeldes, aproveitando-se do meu favor, se purifiquem complectamente.»

«No dia em que estes participarem da bemaventurança, tu, Chiva, destruirás os planetas, por inuteis; e tu,

Brama, vai ao mais inferior de todos elles; dizer aos revoltosos qual é a minha vontade, e preside á sua entrada nos corpos mortaes.» Brama, tendo concluido a sua commissão na terra, subio ao ceo, e disse: «Senhor, os anjos condemnados exultam com a tua misericordia, e bendizem a justiça dos teus decretos, nos corpos que lhes has destinado.»



## CARTA VIII.

### DAS CASTAS.

Porque os que usaram sempre hñ mesmo officio,  
D'outro não podem receber consorte ;  
Nem os filhos terão outro exercicio,  
Se não o de seus passados, até á morte.

CAMÕES.

A DIVISÃO do povo indiano não é dogma religioso ;  
procede de instituições politicas. As castas mais distinctas  
por sua nobiliarchia, são quatro: clero, milicia, lavoura,  
e artes. A primeira compõe-se de bramas: a estes com-  
pete o sacerdocio, pelo nascimento; comtudo, grande nu-  
mero renuncia a esse privilegio, tomando profissão mais  
conveniente ao seu temperamento.— A sabedoria dos que  
se dedicam ao altar, reduz-se a entender o Sanscrit: os  
restantes apenas têm as luzes do vulgo. Eis os requisitos  
necessarios aos padres bramas :

1.º Ter alguns conhecimentos astronomicos, a fim de  
predizer os eclipses. Dividindo o anno em dias, horas, e  
minutos, deram a cada um seu genio tutelar: para qual-

quer desfructar um minuto feliz, precisa de muitas, e diversas circumstancias. Em tal dia só póde caminhar para o norte; n'outro só o póde fazer para leste, etc.; dias ha tão aziagos, que não se atrevem a sahir de casa.

2.º Ter conhecimentos de medicina: não sendo esta sciencia, entre elles, acompanhada de anatomia, reduz-se a simples empirismo. No entender dos bramas, todas as doenças têm dois princípios, o calor e o frio: assim os remedios são quentes, ou frios; e applicados segundo as regras do fatalismo.

3.º Sendo o mais essencial, é o de mais facil desempenho; isto é, devem ser consummados na hypocrisia. Se predizem algum eclipse, escondem sempre a origem do fenomeno. Capacitam o povo, de que o astro vai ser tragado por um monstro; mas que podem soccorre-lo, os devotos, presentecendo os ministros do altar. Quando o eclipse vem a ter logar, já os padres têm os templos cheios de offertas valiosas.

A segunda casta fórma-se de rajapouts (militares), ou classe de reis: não porque elles sejam de estirpe real, mas é por que d'essa casta escolhe o Maha-Raja os seus delegados. Têm por obrigação defender a patria com as armas, e gôverna-la em virtude das leis. Grande valor, e fidelidade ao Maha-Raja, são requisitos indispensaveis aos rajapouts.

A terceira casta é mais distincta, pelo maior numero. Em clima ardente, e terras altas, ha falta de agua para regas continuadas, e só ella, em taes logares, póde sustentar a vegetação. Para isso fazem depositos nas faldas das montanhas, onde recebem na estação chuvosa as aguas cahidas nas encostas. O governo faz a despeza, e os lavradores pa-

gam modico imposto na razão da agua, que receberam. Assim os logares, que pelos ardores do sol, e impulso do vento, estariam cobertos de poeira, offerecem á vista bellissimos campos cheios de abundantes messes, fructos salutarees da engenhosa industria.

A quarta casta divide-se em tantas outras, quantos são os officios, que são oitenta. A superioridade entre umas, e outras distingue-se pela utilidade do officio: o de tecelão goza da primazia. Nesta divisão acham os indios duas vantagens: 1.<sup>a</sup> fixar o numero das artes necessarias: 2.<sup>a</sup> não extinguir as precisas. Os filhos, em virtude d'esta lei, só podem exercer os officios dos pais. Todas as castas têm leis particulares, e todas são guardadas por barreiras inaccessiveis. Não podem cohabitar, nem tocar nos objectos de outra casta. Os bramans sustentam-se de leite, e vegetaes; os rajapouts, de vegetaes, e carnes, menos a de vacca; os lavradores, de fructos, leite, e aves; os artistas, além dos alimentos concedidos ao lavrador, comem peixe: o arroz é alimento commum a todos.

Qualquer violação da pragmatica estabelecida, custa o perdimento da casta: ficam excommungados no acto de commetter o peccado. Entram na classe dos mallachores (parias), refugio de todas as castas: a sua condição leva-os aos serviços mais vis da sociedade. O legislador commetteu grande injustiça em condemnar o filho innocente, pelo que fez o pai criminoso. Julgou convir sacrificar poucos á ventura de muitos.

Comtudo, nos pagodes reúnem-se todas as castas. Oram, comem, e fazem suas offertas em commum. Alli mostram os indios serem as distincções da sociedade, invenções humanas; e que, na presença do Eterno, são todos iguaes.



## CARTA IX.

### MYTHOLOGIA INDIANA.

Brachmanes são os seus religiosos,  
Nume antigo de grande preeminencia.  
Observam os preceitos tão famosos  
De um, que primeiro poz nome á sciencia.

*CAMÕES.*

**O**S BRACHMANES, ou bramas, reconhecem um Deus Supremo, e adoram muitos deuses da segunda ordem. Assim na Europa, venera cada um o Santo de sua devoção. Os homens, em todas as partes do mundo, seguem superstições extravagantes.

Os indios chamam Divas aos genios do bem; Deithis aos do mal; e julgam aquelles sempre em guerra com estes; os primeiros obedecem a Bishnou, os segundos a Chiva. Alguns são reputados com fórmulas extravagantes: umas vezes pigmeus, outras havendo os pés na terra, e tocando as estrellas com a cabeça.

Brama, Bishnou, e Chiva formam a sua trindade, á qual é inherente o attributo de crear, conservar, e destruir.

Comtudo, Brama, depois da creação do universo, não se occupou mais do homem; identificou-se com o sol, e é adorado n'elle como pai dos legisladores.

Brama dictou os Vedas no anno 1400 antes da era Christã. Viasa, grande philosopho, e exímio poeta, reunio-os depois em corpo de doutrina. As leis de Menou, filho de Brama, tambem foram recopiladas, muitos seculos, depois de feitas.

Brama é representado na fórma de homem; mas tem quatro cabeças, e quatro mãos. Na primeira tem um circulo; emblema da eternidade: na segunda, fogo; symbolo da força: com a terceira escreve sobre folhas de palmeira o credo do poder legislativo, que sustenta com a quarta.

Á mulher de Brama, chamam Sarassoadi: é tida como protectora das letras, e das artes; e reputada, umas vezes filha de Brama, outras irmã. Representam esta deusa, sentada sobre uma formosa ave, tocando flauta.

Chiva tem mais adoradores, do que as outras pessoas da trindade. Seus attributos têm relação, umas vezes com Brama, outra com Bishnou. Parece analogo com a natureza, pela apparente creação, e destruição; e comtudo, não faz mais do que mudar as fórmas dos corpos.

✦ A deusa Parvati é mui celebrada na India: rege o tempo, e pune os malevolos. Pena é não haver em nossa terra uma deusa, com attributos siniihantes. Tambem lhe chamam Dourgá; foi ella quem debellou Maissassor. Com o nome de Maha-cali, é horrivel; com o de Bha-rani, é menos má; com o de Parvati, ou Dourgá, é protectora dos homens.

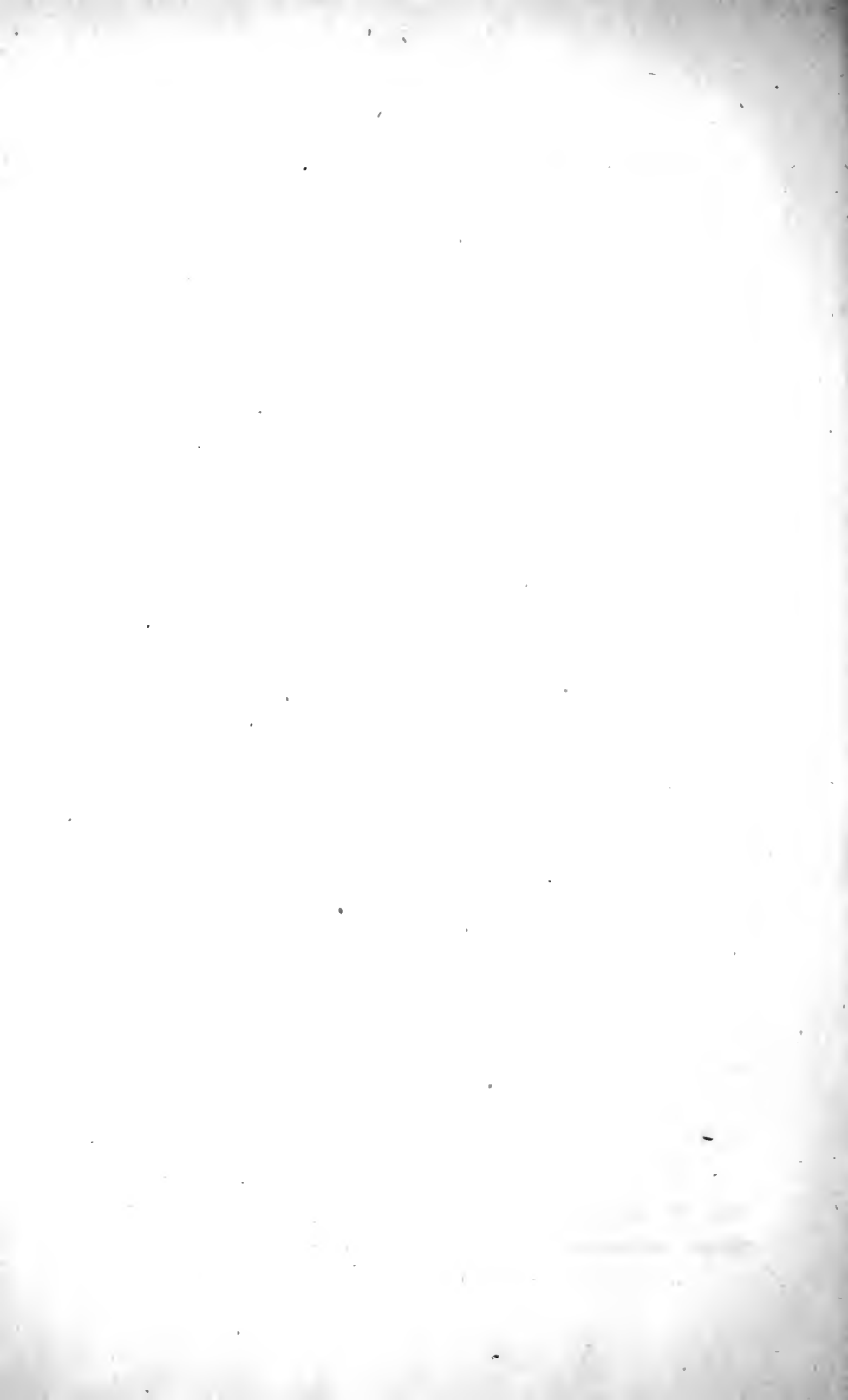
Festejam esta deusa no outono; acabada a função, atiram com ella ao rio. Provém esse costume de se ter

submergido no rio Ganges, depois que debellou Maissassor, a fim de receber em suas aguas os bemaventurados, que n'ellas se affogassem. Assim, qualquer indio affogado no Ganges, é tido por feliz: nenhum outro lhe dá a mão para salva-lo.

Bishnou é distincto por benevolo. Em parte alguma consta deixar-se levar de suas paixões; fraqueza que tanto deshonra a magestade de Chiva. Bishnou toma a si os peccados humanos, só a fim de consolar os afflictos. Este deus tem tantos nomes, que, para fallar de todos, e dos seus attributos em cada um d'elles, seria preciso encher um livro.

† Mamadin, deus do amor, chamam-lhe tambem Unuga, sem corpo. É filho de Bishnou: tem arco, flechas, e bandeira arvorada, cujas armas são um formoso peixe. O arco é de canna de assucar; a corda, de abelhas; as flechas, de flores odoríferas: só uma é mortifera; comtudo, tem na ponta um favo de mel.

N'esta allegoria demonstram os indios, que as feridas abertas pelo amor, são tão doces, como acerbos. Mamadin é representado na figura de um joven, montado sobre uma papagaia.





# CARTA X.

## SEITAS INDIANAS.

Perpetua escuridão, perpetua chamma.  
Incompatíveis produções do engano,  
D' sempiterno horror terrível quadro.

*BOCAGE.*

A RELIGIÃO de Brama produziu oitenta seitas; todas concordes no dogma essencial; todas são tolerantes. As mais notáveis são as dos Seiks, Banianes, e Boudhas. Nanac, pelo meado do seculo 15.<sup>o</sup>, fundou a dos Seiks. Querendo terminar a guerra entre estes, e os Patanes, lembrou-se de unir os Vedas com o Alcorão, fazendo ver, que os indios reconheciam um Deus Supremo: assim deviam todos renunciar á idolatria, e tornar á pureza do culto seguido por seus maiores.

D'essa doutrina resultou effeito não esperado; em lugar de conciliar os dois partidos, formou um terceiro, que depois foi motor das guerras, que Nanac pretendia evitar. Quando este morreu, seus adherentes, para honrar-lhe a

memoria, deram-lhe attributos milagrosos: assim destruíram os principios estabelecidos pelo virtuoso Nanac.

Tendo esta seita prosperado no principio da sua creação, foi perturbada no fim do seculo, que lhe dera a vida, pelos musulmanos. Os Seiks, até alli mansos, tornaram-se guerreiros destemidos. A crueldade dos Patanes, e a morte de Tag-Bahadar, filho de Nanac, e chefe dos Seiks, fizeram do neto, novo legislador. Gouron Govind levou as invenções na crença religiosa, muito além dos limites prescriptos por seu avô.

Teg-Bahadar 2.º estabeleceu em seus dominios igualdade de direitos; tomou o nome de Sindh, Leão; ordenou que os subditos se vestissem de ferro; e jámais consentissem ás viuvas o barbaro holocausto, com que pretendiam honrar as cinzas dos maridos. Fez ainda outras leis, com que formou uma nação de heroes. São hoje os povos mais respeitados na India.

Os Baniães exercem todas as classes de commercio: corretores, banqueiros, etc. Acham-se espalhados por toda a India. Seguem a crença da transmigração, e são mais supersticiosos, do que os brachmanes. Se estes, por acaso, esmagam uma formiga, expiam seu peccado por meio de súplicas; aquelles só com asperas penitencias podem remi-lo. Os Baniães mais austeros trazem pendente do labio superior um bocado de tecido ralo, pegado com gomina, para estorvar a entrada de algum mosquito na bocca, a fim de o não offender.

A seita de Boudha voga na ilha de Ceilão, no reino de Pegú, no de Sião, etc.: ignora-se o paiz, onde ella tivera comêço: pela imagem de Boudha, vê-se que elle não fôra indiano; pois tem cabellos revoltos, especie que não produz

esta parte do mundo. No pagode Jagrenate está ella representada sem cabeça, nem pés, e com dois olhos no peito. Boudha chegou a persuadir os seus, que a acção de matar, de qualquer maneira que seja, é impia, e horrivel.

Aos bonzos de Boudha chamam Talopões: na opinião d'estes, todas as mais scitas são falsas; comtudo, não hostilizam pessoa alguma por motivos religiosos. Eis um dos seus aforismos: «Póde tirar-se com um alfinete um espinho do pé; mas não ha com que se possa tirar do coração humano a doutrina dos falsos deuses.»

Dizem que Boudha nascêra homem, como os outros deuses, que o precederam — Chucha, Sam, Ganagon, e Gaspa; que fôra divinizado aos trinta e cinco annos de idade; prégára a sua lei para felicitar os homens; e aos oitenta subira ao ceo, onde descança.



## CARTA XI.

### DAS LEIS E SUA APPLICAÇÃO.

A lei da gente toda, rica e pobre,  
De fabulas composta se imagina :  
Andam nós, e sómente um panno cobre  
As partes, que a cobrir natura ensina.

*CAMÕES.*

A MORAL dos indios tem por fundamento a natureza do homem, considerado como ente racional. Menou diz : « Não insultes o pobre, nem o ignorante ; falla sempre verdade ; e quando a pronunciares, cuida em agradar. » Passando da moral ás leis, acham-se conformes os principios ; comtudo, recentem-se do tempo em que foram escriptas : novecentos annos antes da era Christã.

Os indios possuem uma especie de digesto em vinte e sete volumes ; mas só os padres bramas o entendem : o povo até ignora a existencia de tal codigo. Os preceitos do juiz fundam-se nos costumes, e nos casos julgados : os negocios, que sahem d'essa esphera, decide-os o juiz a seu arbitrio. No tempo de Menou, dizem os indios, pesava-se

justiça sem apparato; cada um advogava a sua causa; o mais acreditado no districto servia de juiz.

Agora os advogados, e os juizes representam farça importante n'este paiz, visto que seus habitantes tomaram dos europeus o gosto dos pleitos, desconhecidos antes no Indostão. As causas crimes são julgadas segundo as leis, e usos britannicos. As penas antigas consistem em algumas bastonadas, perdimento de casta, confiscação de bens, ou amputação de orelha. Em tão vasto imperio não haviam no anno dez pessoas condemnadas á morte. As mulheres adúlteras eram punidas com o perdimento de casta, ou córte dos cabellos.

O fundamento das leis consiste em prohibir de matar, de roubar, de mentir, de tomar bebidas espirituosas, mulher alhêa, de abandonar a casta, de fazer moeda falsa, ou hostilisar alguém. As leis civis variam segundo as localidades: cada um rajá cuida em estabelecer leis particulares no paiz que domina. Os costumes seguintes ainda hoje se praticam em algumas provincias.

As familias, por morte dos pais, jámais dividem os bens; vivem em commum. As dividas dos pais são pagas pelos filhos, até á terceira geração: os pais tambem satisfazem as dividas dos filhos. O mais velho fica regendo a familia: o sexo feminino é excluido da governança: o masculino dirige os negocios concernentes ao outro. Se o marido morre sem filhos, ou sobrinhos masculinos, nem a mulher do finado, nem a mãe d'este, podem fazer-lhe o enterro. Precisa qualquer d'ellas adoptar um joven, para em nome d'elle se fazerem as honras do funeral. D'esse acto em diante, é esse joven reputado herdeiro, e goza de todos os direitos, e encargos como se fosse filho legitimo.

Quando qualquer devedor recusa pagar, e o credor o encontra, esconjura-o em nome do rajá: chamam a esse procedimento *pôr em darna*. Os dois são obrigados a ficar no lugar, onde se encontraram, sem tomar alimento algum, até que o devedor pague, ou faça novo contracto com o credor. A infracção d'este costume seria tida pelos indios como impia, e horrivel.

Ainda usam de outro modo para obrigar o devedor: o credor vai á porta d'aquelle, com um instrumento mortifero na mão, e ameaça-o de matar-se, se elle lhe não paga. Se o devedor sahe de casa sem pagar, e o credor fica na mesma posição, e morre á porta do devedor, a casa é arrasada, e o dono vendido com sua familia em almoeda, a fim de satisfazer com esse producto os herdeiros do credor.

---





## CARTA XII.

### SACRIFICIO DAS VIUVAS.

Meu destino cruel chorar não posso :  
Nossos prazeres jazem destruidos :  
O resto di-lo a côr das minhas faces.

*FILIXTO.*

**E**STANDO no paiz, onde as mulheres se queimam nas fogueiras consumidoras dos restos mortaes de seus maridos, dir-te-hei como teve principio esse costume, e como ainda hoje se pratica. Brama não inventou este barbaro holocausto, foram suas mulheres. Quando essa divindade expirou, estas, julgando-se viuvias da primeira pessoa da trindade, tomaram em ponto de honra não lhe sobreviver; lançaram-se na fogueira devoradora do seu idolatrado.

Esse exemplo levou as mulheres dos bramias, e dos militares, ou rajapouts, a fazerem o mesmo. Os bonzos aticaram as chammas da superstição, dizendo ás tristes viuvias: «A que arder na fogueira de seu marido, não transmigrará; entrará logo no planeta da purificação:

a que rejeitar essa graça, será lançada no inferno para sempre.»

Agitadas pelo amor, perturbadas pelo temor, e animadas pela esperança, affrontam, ás vezes, aquelle horrivel sacrificio com resolução espantosa. Logo que o marido expira, a viuva abstem-se de tomar alimento algum. Chegada a hora do sacrificio, adorna-se com as suas joias mais preciosas, como se fôra o dia do seu noivado. Os parentes, e amigos acompanham a desgraçada entre alaridos, e sons estrondosos de asperos instrumentos.

A esse tempo já os bonzos lhe têm esquentado o espirito, com licores preparados com opio; e quando chega o termo fatal, distrahem a victima, fazendo-lhe elogios pelo seu heroismo. A mulher não deve affrontar as chammas com signaes de tristeza; precisa mostrar rosto sereno, como se estivesse convencida de ir gozar a bemaventurança; isto é, juntar-se perpetuamente a seu marido em melhor vida.

Algumas têm havido, que indo queimar-se resolutas, fugiram horrorisadas, encarando a violencia das chammas. N'esse caso ficam deshonorados todos os parentes da foragida: para lavarem essa negra mancha, é-lhes preciso entrega-la aos Parias.

Comtudo, depende de circumstancias a liberdade de se queimarem as viuvras nas fogueiras dos maridos. Não póde queimar-se a que tem filhos menores; a que está gravida, ou em molestia periodica; nem aquella a quem morre o marido estando ausente.

As viuvras dos bramas sacrificam-se menos do que as dos rajapouts; mas as tristes que sobrevivem aos maridos são obrigadas a renunciar a todos os prazeres da vida.

Comem uma só vez no dia, rapam a cabeça, e jámais a podem cobrir, sob pena de perderem a casta.

Sendo os casamentos feitos pelos parentes, quando o noivo tem de doze a quatorze annos, e a noiva de sete a nove, não se juntam, em quanto não têm idade propria. Se o noivo morre sem consummar o matrimonio, fica a infeliz condemnada a cclibato perpetuo. Porém, leis contrarias á natureza, produzem effeito contrario ao que d'ellas se espera.

---



## CARTA XIII.

### ORDENS RELIGIOSAS.

Amor crime não he, mas sim virtude :  
Para que he pois tyramas leis impor-lhe,  
E de vinc'los politicos cingi-lo ?

*FILINTO.*

Os BRAMAS destinados á consagração das offertaes têm a primazia sacerdotal; e para que os festejos sejam apparatusos, têm concertos musicos, e boas dançarinas. A musica, e a dança entraram sempre nos festejos dos indios.

Nos pagodes são as mulheres quem desempenha essas funcções, juntando ás graças da natureza as da arte, ensinada pelos bramas. Chamam ás religiosas, empregadas no serviço dos pagodes, Devedassis. São, desde a infancia, consagradas por seus parentes ao serviço de Deus, seja para se verem quites de algum voto, seja para fugir ás despesas do sustento, e educação.

Para serem admittidas nos conventos, não bastam os motivos referidos: é preciso que sejam bonitas, e bem or-

ganisadas. Com estes dotes são recebidas pelas Devedassis, lavadas no reservatorio sagrado, vestidas de novo, e ornadas com joias preciosas. Acabada esta primeira cerimonia, o summo sacerdote apresenta-lhes a imagem da Divindade, sobre a qual juram dedicar-se, unicamente, ao serviço do Senhor. Depois imprimem-lhes o sello do pagode, ao qual fica pertencendo.

Nos mosteiros ricos ha muitas, e bellas Devedassis. Na provincia de Bengalla ha um que possui setecentas, vestidas, e sustentadas pelos rendimentos da ordem. Os bramas ensinam-lhes tudo quanto é necessario á sua religiosa educação; isto é, tudo quanto a galantaria tem de mais seductor. Ellas têm a seu cargo o ornamento dos templos; e cantam, e dançam perante o altar nos dias solemnes.

As Devedassis não só fazem o deleite dos bramas, mas também o dos seus abastados amantes, que á porfia as enchem de riquezas, em honra do Senhor. Na mocidade vivem em grande pompa; quando a belleza principia a declinar, acham ainda muitos devotos, que as esposam com preferencia ás outras mulheres.

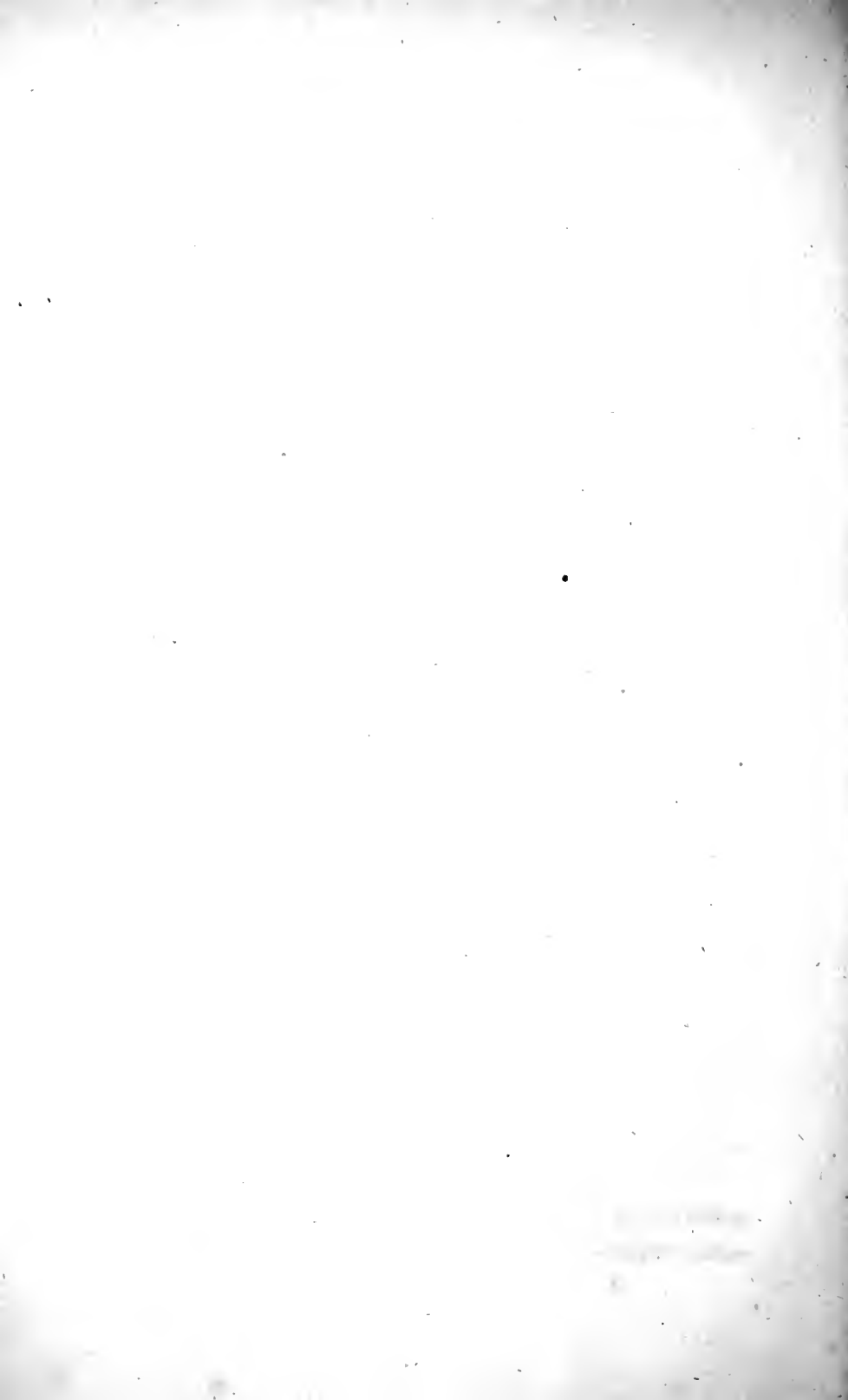
As bailadeiras são dançarinas da segunda ordem; recebem igual educação; mas não ficam sendo propriedade dos pagodes. Os principes, e os abastados, não dão funcção a que estas não sejam convidadas. Os indios, para quem as bailadeiras são fonte inexgotavel de exuberantes delicias, dão-lhes immensas riquezas. Estas mulheres levam a maior parte da sua vida a estudar a difficil arte de agradar sempre.

Ainda que os frades indianos hajam mais liberdade, acham-se comtudo em peor condição do que as Devedassis.

Além das seitas em que os bramas se dividem, têm ordens de monges, que, separados da sociedade, vegetam nas florestas, alimentando-se de hervas, e fructos. As instituições pouco differem, até os grosseiros habitos são semelhantes.

Ha outros mais supersticiosos, e mais nocivos, com os nomes de Fakires, e Djoghis, votados a sustentar-se á custa do publico. Estes são bramas, aquelles musulmanos: todavia confundem-se pela hypocrisia, e audacia. Encontram-se nas ruas, nas praças, nos bazares, e em todos os logares em que esperam haver interesse.

São mendigos de officio: abrem feridas no rosto, nas pernas, e nos braços, para desafiarem a compaixão a dar-lhes esmola. Os que se entregam a esta vida estão seguros de não lhes faltarem as cousas da primeira necessidade. Entre elles alguns ha, que levam o fanatismo a ponto de exercerem em si actos de rigor, custosos de acreditar. Cá, e lá máos fados ha!





## CARTA XIV.

### COMPANHIA DA INDIA.

Sociedade de especuladores sem regra,  
sem acôrdo, e sem justiça; tendo  
por fim ouro, e por lei a tyrannia.

*WEIS.*

A COMPANHIA da India obteve o seu exclusivo no reinado de Isabel, no anno de 1600. Começou com o fundo de quatrocentas mil libras; em poucos annos houve lucros immensos. O povo informado d'essa ganancia, clamou contra o monopolio. O ministerio achando-se em penuria, aproveitou essa occasião para exigir um novo acto do parlamento, a fim de conceder novo privilegio a outra companhia.

Por essa condescendencia achou o ministerio quem lhe emprestasse dois milhões estrelinos. Os novos accionistas mandaram á India, nos primeiros dois annos, quarenta navios, e um milhão estrelino em generos. Finalizando o exclusivo da primeira companhia, em 1701, subscreveu

na segunda, por grandes sommas. Em 1702 consentio a rainha Anna, que formassem de ambas uma só companhia, com os privilegios da primeira.

Assim bastou um seculo para ella se apossar do Indostão, lançar-lhe impostos, fazer a guerra, e a paz, tudo em seu nome. Todavia é sustentada por braços estranhos, a quem dá armas, que podem tornar-se contra ella no primeiro descontentamento. A raça de Mafoma, que serve a companhia, tem sempre em desprezo os indios, que vençêra, e não pôde tolerar n'esta parte do mundo outros conquistadores, que não sejam mahometanos.

O imperio da companhia tem mais de oitenta milhões de subditos, e cento e vinte milhões de cruzados de rendimento annual. Exemplo raro na historia do mundo! os carthaginezes conquistaram a Espanha; mas a nação era a senhora d'essas possessões. Em tempos modernos, os lusitanos ganharam fama; comtudo, os seus estabelecimentos na Asia, eram praças fortificadas, e não imperios. Os inglezes, sem desprezar os portos de mar, estenderam o seu dominio ás fronteiras da Tartaria.

« Intragas, e horriveis latrocinios, diz M. de Levis, levantaram o throno da companhia, independente da fortuna do principe, do amor dos povos, e do tempo consagrador das mais nefandas usurpações. O commando de tão grande imperio é vendido, por assim dizer, em hasta publica! Qualquer obscuro inglez, comprando acções, pôde ser membro d'ella, e dirigir o poder, que não satisfeito em destruir o imperio Mogol, ameaça o Sofi da Persia, e o Grande Lama. »

Esta companhia mostra quanto o governo inglez abusa do poder, que a nação lhe confia, e quanto difficil é des-

truir o monopolio depois de estabelecido. Achando-se os directores escorados no ministerio, desprezam orgulhosos os clamores da nação, assaz fraca para fazer abandonar o systema, que subministra meios para opprimi-la.

Grandes sommas prestadas ao governo, em occasião opportuna, deram á companhia exclusivo duradouro, e á nação perdas incalculaveis. Como podem os inglezes, que se prezam de bem calcular suas vantagens, soffrer que alguns particulares tenham exercitos, esquadras, e fortalezas? O commercio só é proveitoso a todos, quando se faz sem restricções. Muitas vezes, para sustentar guerras injustas, o ministerio vende exclusivos prejudiciaes á nação.



## CARTA XV.

### GOVERNO DOS MOGOLES NA INDIA, COMPARADO COM O DA COMPANHIA.

Veja agora o juizo curioso,  
Quanto no rico, assim como no pobre  
Pode o vil interesse, e sede imiga  
Do dinheiro, que a tanto nos obriga.

*CAMÕES.*

**O**s MOGOLES seguiram systema opposto ao que praticaram os arabes: estes só cuidaram em matar, e roubar, aquelles em estabelecer na India a politica usada na China por seus antecessores, e pelos tartaros moutechous. Quando entravam em alguma provincia, só tomavam para si o que pertencia ao rajá: assim os povos com a entrada do novo chefe, apenas viam a conversão do nome; isto é, de rajá em nababo.

O despotismo mogol não era caprichoso: a vontade do seu imperante, na India, tinha limites: o seu proprio interesse o levava a respeitá-los. Seguiam os preceitos do Alcorão; todavia, reverenciavam como objectos sagrados,

o caracter, e os costumes dos bramans, e de todas as mais castas.

Tamerlão entrou n'este imperio em 1398; seus herdeiros fizeram respeitar, por mais de dois seculos, a moral de Brama. Em todo esse tempo a religião foi acatada, as leis seguiram o seu curso regular, a propriedade reputou-se como objecto do culto divino, apezar da lei tartara, que faz o imperante herdeiro universal dos funcionarios publicos. <sup>1</sup>

Não deve estranhar-se a um conquistador barbaro, assassinar os inimigos vencidos; é usança de gente inculta, e feroz; porém deve detestar-se a companhia ingleza da India, por destruir um imperio, assassinando grande parte de seus moradores, sem declaração de guerra. Uma tal brutalidade, e vil procedimento estava reservado a uma sociedade de especuladores sem lei, e sem justiça, como diz Mr. Weis.

Tributos excessivos, monopolios odiosos, privilegios britannicos, tornaram-se mais fataes aos indios, do que o alfançe turco. A complicação de todos esses flagellos abysmou o malfadado imperio do Indostão. Intrigas, roubos, e traições, subjeitaram muitas provincias ao dominio da companhia. Sirva de prova o desgraçado Alluncha.

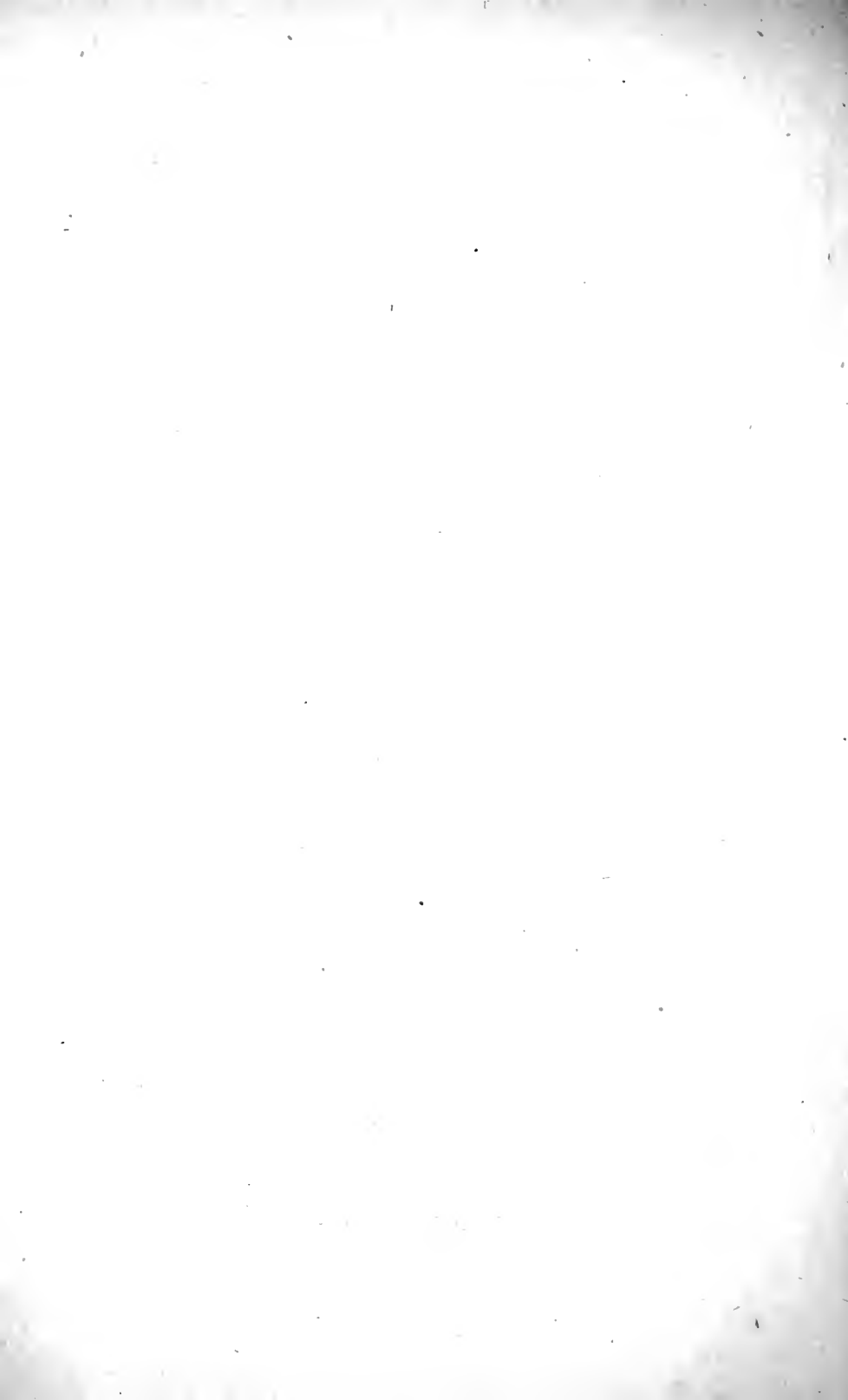
Alguns nababos tinham feito d'este principe um instrumento efficaz de seus interesses; mas a companhia excedeu em barbaridade a mogoles, e patanes. Apossou-se de Bengalla, provincia que rendia quarenta milhões de cruzados annuaes, e por grande favor, deu tres ao principe, a titulo de pensão.

<sup>1</sup> O imperador dos mogoles herda os altos funcionarios do estado, mas deixa ás familias o necessario. Esta lei serve de freio aos ambiciosos, que para enriquecerem os fillos, não escrupulisam commetter prevaricações.

Em 1803 ficou o herdeiro d'este grande imperio, soberano nominal, e a companhia soberana absoluta. Dividio o Indostão em tres partes, e deu a cada uma governo separado, a que chamou presidencias. As capitaes são: Calcuttá, Madastra, e Bombaim. Cada presidencia é dividida em districtos, cujos territorios encerram muitos principados, nos quaes os donos parecem mais rendeiros, do que proprietarios.

Estes principes são dependentes do residente inglez, governador de facto: as suas fortalezas são guarneccidas por tropas da companhia. Akbar 2.º, foi preso, e guardado em Delhi, com sentinellas á vista. É sustentado como pensionario da companhia.

---





## CARTA XVI.

### DOS PATANES, OU CIPAES.

Mas agora de nomes, e de usança,  
Novos, e varios são os habitantes ;  
Os Delijs, os Patanes, que em possança  
De terra, e gente, são mais abundantes.

*CAMÕES.*

**O**s CIPAES são maratas, e patanes, todos musulmanos, assoldados pela companhia: sobem a duzentos mil, e é esta a força com que os britannicos subjagam oitenta milhões de subditos entre o Indo, e o Ganges.

Não servem por engajamento, ou empenho, como usam servir os inglezes na Europa: podem largar o serviço da companhia, quando lhes convenha, prevenindo os commandantes um mez antes de retirar-se. Assim, o patane que hoje serve no exercito da companhia, póde d'alli a trinta dias, por effeito de novo contracto, estar nas fileiras do seu inimigo.

A companhia dá-lhe armas, fardamento, e 2½ pagodes por mez; equivalen a 16\$800. Os corpos dividem-se se-

gundo as castas. Na cavallaria servem com preferencia os arabes. Os corpos d'esta arma são de quinhentos homens: têm farda encarnada, calça branca, cinto azul, botas, e esporas; e por barretina, um casco de metal mettido no turbante. Usam de espada, clavina, e pistolas.

Os corpos de infantaria têm oitocentos homens, e são divididos em oito companhias, sendo uma de granadeiros, outra de caçadores. Os commandantes de companhia, em todas as armas, são europeus. A differença no uniforme consiste em ter a infantaria calça azul, e não passar abaixo dos joelhos: usam de espingarda, e bayoneta.

Os corpos de artilheria têm mil homens: o fardamento é azul. Os cipaes são rapidos em suas manobras, e marchas. Na vespera de levantar o campo, tremulam bandeiras ao lado por onde o exercito deve seguir; meia hora depois do signal dado, não ha n'elle cousa alguma, do que na vespera era preciso a cem mil homens. Quando marcha um exercito de trinta mil combatentes, leva consigo sessenta mil servidores.

---

## CARTA XVII.

### DECADENCIA DO INDOSTÃO.

A companhia ingleza é semelhante á Bohupas ;  
quanto mais estende seus ramos, mais veneno  
lança na terra que a nutre. <sup>1</sup>

A.

A **OPULENCIA** do Indostão, no tempo dos mogoles, provinha não só da riqueza do solo, da industria, e actividade de seus habitantes, mas tambem, de não os empobrecerem as contribuições dos nababos; pois se muito exigiam, muito despendiam.

A decadencia d'este imperio tem origem na opulencia da companhia ingleza. Esta quer antes roubar muito em pouco tempo, do que receber lucros moderados, e permanentes. Tem posto tão grandes tributos n'este malfadado paiz, que, saldadas as despezas da conquista, ainda envia para Londres avultadas sommas.

<sup>1</sup> Arvore de Java.

A companhia manda que venham annualmente os seus rendeiros d'esta presidencia, a Calcuttá, para saldar contas, ou verificar os contractos. Esse ajuntamento é sempre interessante aos empregados da companhia; pois exigem grandes sommas dos rendeiros, a trôco de poderes com que esfolem os cultivadores.

Se os tributos fossem moderados, e recebidos com igualdade, a cultura dos campos seria mais ampla; se a propriedade fosse respeitada, como é certa a producção do terreno, os mantimentos seriam mais baratos, e d'esse modo augmentariam as manufacturas; mas a companhia, pelo contrario, faz os indios infelizes no presente, e não melhora a sorte dos britannicos no futuro.

Em vez de fazer leis suaves, com que chame os indios aos seus interesses, usa da força, rude expediente dos conquistadores, que só têm por fim talar campos, queimar fabricas, e destruir homens. Duzentos mil cipaes, commandados por verdugos, giram pelo Indostão para castigar a pobreza, que não pagar á opulencia.

A cultura, industria, e commercio, tudo se acha em decadencia. Quando os productos d'estes ramos são levados de um paiz, com vistas de enriquecer outro, esteriliza-se necessariamente a arvore, que os produzia. Vinte milhões de cruzados em generos; salarios dos militares, arrastados aqui pela cobiça; despeza com os mandões; pirataria dos seus agentes; tudo corre annualmente da India para Inglaterra.

Eis os poderosos motivos da grande decadencia, em que se acha o imperio do Indostão, onde soffrem a prepotencia dos inglezes, indios, arabes, e mogoles. Vi n'esta cidade um barbeiro inglez, dos directores da companhia,

que não dava assento, na sua presença, a nenhum indigena, por maiores que fossem suas riquezas, e virtudes! Em verdade, observo cousas na capital da India ingleza, que se as descrevesse, tu mesma duvidarias da sua realidade. Tão feias, e inauditas são!



## CARTA XVIII.

### PROEZAS LUSITANAS DESCRIPTAS PELO ABBADE RAYNAL.

Ouvi ; que não vereis com vãs façanhas  
Fantasticas, fingidas, mentirosas,  
Louvar os vossos, como nas estranhas  
Musas, de engrandecer-se desejosas :  
As verdadeiras vossas são tamanhas,  
Que excedem as sonhadas fabulosas.

*CAMÕES.*

**A**CHIANDO-ME n'esta parte do mundo, e vendo como procedem os inglezes ácerca dos indios, lembraram-me as proezas lusitanas cantadas pelo mui distincto Luiz de CAMÕES, e verificadas por muitos individuos de nações estranhas. Porém, o que de entre elles melhor embocou a trombeta da fama, a nosso respeito, foi o sabio, e virtuoso ABBADE RAYNAL. <sup>1</sup>

« Quando os povos da Europa começavam a quebrar o ferreo jugo da servidão exigida pelos romanos, diz elle, o furor das cruzadas reunioos tyrannos, para sustentarem

<sup>1</sup> Hist. phil. e politica : Pag. 101 a 120 do T. 1.º

expedições extravagantes: tão grande era o seu empenho, que chegaram a vender a seus vassallos os direitos, que lhes haviam usurpado, e que de novo os tornou á condição de homens livres. »

« Assim, pelas cruzadas scintillou na Europa a primeira faisca de liberdade; comtudo, sem a descoberta de VASCO DA GAMA, apagar-se-hia para sempre. Os turcos seguiam o caminho das nações ferozes, que vieram do Artico subjugar os romanos, para a seu exemplo fazerem o mesmo a toda a Europa. Ás instituições barbaras, que nos oppriam, succederia jugo mais pesado, se aos vencedores do Egypto não se oppozesse a gente portugueza. Os thesouros da Asia asseguravam aos turcos os da Europa; senhores do commercio, formariam com elle poderosa marinha: com essa vantagem quem poderia obstar á sua entrada em nossas terras? Quem embarçaria a marcha d'esse povo conquistador, pela natureza da sua politica, e da sua religião? »

« A Grã-Bretanha despedaçava-se pela liberdade; a França pelo interesse dos reis; a Allemanha pela utilidade do clero; a Italia pelas reciprocas pretensões da tyrannia, e da impostura; a Europa achava-se coberta de fanaticos em conflicto: assemelhava-se ao delirante, que, abrindo as veias, perde, em seu furor, o sangue, e as forças. Assim exaurida, que resistencia opporia aos turcos? Que seria da liberdade? Morreria, se os portuguezes não embarçassem o progresso do fanatismo musulmano, fazendo-o parar na impetuosa carreira de suas conquistas, cortando-lhe o nervo das riquezas. »

« ALBUQUERQUE debellou os turcos no Malabar, e destruiu no mar rôxo os portos, onde os arabes armavam



esquadras, para disputar aos lusitanos o imperio do Oriente. Collocado no centro das colonias portuguezas, reprimio a licença, e firmou a ordem em todas ellas; sempre activo, sabio, justo, e desinteressado. »

« Que direito não têm á nossa admiração os seus illustres companheiros? Que nação tem havido, que fizesse tanto, com tão poucos meios? Consistia a sua força em quarenta mil homens: com elles fizeram tremer o imperio de Marrocos, todos os barbaros da Africa, os mamelucos, os arabes, e todo o oriente de Ormuz, até ás fronteiras da China! Não tocava um a cada cem, no ataque das tropas inimigas, que em geral usavam armas iguaes, na defesa da sua fortuna, e da vida. Que homens! Que principios formariam uma nação de heroes? »

« Aos lusitanos succederam os hollandezes, que em pouco tempo foram substituidos pelos britannicos. Estas duas nações jámais tiveram a grandeza romanesca, que tanto distinguio os portuguezes. Estes mostraram sempre, em qualquer parte, a mesma elegancia, e denodo. Os habitantes da India, assombrados de respeito, cederam ao dominio d'esta nação singular. »

E não levantaram os nossos, na praia do Restello, uma estatua ao ABBADE RAYNAL? Gloria immortal a tão insigne philosopho!



## CARTA XIX.

### OS LUSITANOS, E OS INGLEZES NA AFRICA, E NA INDIA.

Rien ne peut arrêter dans leurs projets nouveaux  
Ces Portugais ardens qui volent sur les eaux.  
O combien de héros guidèrent leur audace !  
Que de faits immortels ont signalé leur trace !

*ESMENARDE.*

**D**EBALDE procurei n'esta cidade a torre consagrada por Holwell á memoria de 146 inglezes, no logar da prisão onde morreram 123. Já não existe! Os inglezes vão demolindo os monumentos que attestam a sua fraqueza antiga, e erigindo outros, onde mostram a sua moderna ambição. Em logar d'aquelle monumento da sua fraqueza, estão levantando immensa casa forte, de pedra lavrada na Europa, para afferrolhar n'ella o producto dos impostos lançados por elles em todo o Indostão.

Helvecio tratou de barbaro o mogol, que mandou encarcerar os 146 prisioneiros inglezes, na prisão referida.<sup>1</sup> Que diria, se existisse ainda, e visse mais de oitenta mi-

<sup>1</sup> De l'homme : T. 2.º pag. 306.

lhões de indios flagellados por esses, que então elogiou? Os lusitanos deram por motivo de suas conquistas na Africa, e na Asia, o empenho de combater inimigos, que lhe tinham desolado a patria. Quando Vasco da Gama aportou em Calicute, já lá encontrou musulmanos, que intrigaram contra os portuguezes. Não satisfeitos ainda de terem seus maiores conquistado a Espanha, atravessado os Pyrenicos, os Alpes, e chegado ás portas de Roma, no tempo de Fabio, e Marcello, dirigiram-se á India, e avassallaram grande parte: a qualquer logar, onde os lusos aportavam, tinham de se ver ás mãos com a raça musulmana.

Quando o illustre D. Henrique appareceu no Douro,<sup>1</sup> tinham os lusitanos soffrido trezentos e quarenta annos de jugo sarraceno; mas assim que o famoso conde dirigio as lanças portuguezas, começaram a fugir d'ellas as falanges mauritanas. Contavamos quatrocentos setenta e dois annos de triumphos, quando a morte de um rei temerario lançou na patria dominio estranho: assim ficámos sem meios de poder concluir o desaggravo da offensa. Que motivo levou os inglezes a invadir a India? Os lusitanos foram combater os mouros seus inimigos, os inglezes têm comprado braços mauritanos para agrilhoarem indios, e mogoles.

Defendem hoje o trafico da escravatura no oceano atlantico, e flagellam no oriente os povos mais pacificos do mundo. A escravidão é mais, ou menos acerba, em razão do character, e costumes dos individuos, que a sopportam. Os cafres nascidos em terra agreste, são ferozes, e por natureza escravos. Os pais são os mesmos, que vendem seus filhos! Assim, torna-se menos pesada a escravidão dos cafres em qualquer paiz, onde tenham as cousas ne-

<sup>1</sup> No anno 1090.

cessarias á sua existencia, e se vejam a salvo de pais deshumanos.

Os indios, vivendo em solo ameno, e bem cultivado, são pacíficos, e livres em suas castas. Os pretos folgam de ver as mãos tintas em sangue; os indios fogem só de avista-lo. Quaes serão mais felizes? os pretos escavando as faldas dos Andes, no gozo de cousas, que lhes faltavam no seu paiz, ou os indios sopportando guerra cruel, na defeza de seus lares, e penates, ultrajados, e opprimidos por inglezes, e musulmanos?

Helvecio, fallando dos lusitanos, e dos inglezes, louvou estes por valentes, e generosos; vituperou aquelles por supersticiosos, e mesquinhos. Muitos homens amigos da verdade escreveram falsidades; Helvecio n'este caso foi grande peccador. Nossos maiores, guerreando os sectarios de Mahomet, fulminaram a pena de Talião; vindicta desculpavel em seculo tenebroso: os inglezes no presente tomaram por officio degolar os discipulos de Brama, prohibidos por sua religião de matar animal algum.

Quanto á generosidade, podes fazer d'ella perfeita idéa, pelos dois casos seguintes: — *Thomaz de Sousa* fez escrava uma bella rapariga (belleza do paiz) promettida em casamento a um manecbo, que a idolatrava: sabendo este a sorte da sua amada, correu a participar do seu captiveiro. *Thomaz de Sousa*, testemunhando a commoção dos dois amantes, ao avistarem-se, disse-lhes, abraçando-os: « Ide viver livres onde quizerdes. <sup>1</sup> »

<sup>1</sup> Le généreux Sousa, qui sut dompter l'amour  
Dans ces climats ardens où son feu nos dévore,  
Et qu'après Scipion la vertu nomme encore.

Os inglezes, indo escravisar homens á costa da Mina, diz o ABBADE RAYNAL, sendo accommettidos pelos indigenas, fugiram, deixando em terra um companheiro, que se achava em ponto distante. Generoso preto, tendo a sua canôa no logar da praia, onde se achava o bretão, e vendo o perigo a que estava exposto, tomou-o na canôa, e levou-o ao navio. Assim que o inglez pôde chegar com a voz aos seus, gritou: « *Sois uns fracos; eu não só resisti, mas tambem trago um captivo.* »

Assim que aportou na America, vendeu por algumas patacas o ente generoso, que o tinha livrado da morte! Não teria o philosopho de Voré noticia destes factos, quando deprimio os lusitanos, e elogiou os inglezes?

Tratando de valentia, não fallarei nos doze de Inglaterra: bem cantados foram pela Epica Tuba do insigne Camões: deixarei em silencio os feitos praticados na patria, contra os mouros, e Christãos, que ousaram accomette-la: não direi nada das façanhas, que assombraram a Africa; bastará lembrar algumas das proezas feitas na India. « Os portuguezes foram atacados no *Passo Cambalão*, por trinta e nove mil homens, commandados por insignes capitães sarracenos. A nossa força consistia em dois navios, e quarenta homens; porém commandados por DUARTE PACHECO.<sup>1</sup> Este nosso heroe concluiu a guerra em cinco mezes, coberto de gloria. Verificou-se depois, que n'ella perdêra o inimigo dezenove mil homens.» Qual dos dois foi mais valente? Leonidas morrendo nas Thermopilas, com os seus trezentos espartanos, ou Pacheco triumphando no Passo Cambalão, com os seus quarenta portuguezes?

Em 1756, oitocentos inglezes, na fortaleza d'esta ci-

<sup>1</sup> Jeronymo Osorio: Vida d'ElRei D. Manóel.

dade, bem guarnecida, tendo no rio, em frente d'ella, muitos navios armados, tudo foi vencido pelo joven Chiragi-El-Doulat. Foi este quem mandou entrar os 146 prisioneiros na casa onde morreram 123. Se quarenta lusitanos debellaram trinta e nove mil sarracenos, deveriam bastar setenta inglezes para derrotar setenta mil soldados mogoles. O seu chefe, Chiragi-El-Doulat, apenas contava 23 annos de idade; todavia, derrotou oitocentos inglezes!<sup>1</sup> Avalia por estes factos a critica do illudido Helvecio.

Se aquelle philosopho elogiou os inglezes, por conservarem os principios liberaes na sua ilha, não se lembrou de que essa duração provém da sua posição geographica; que os lusitanos assumiram seus direitos politicos em 1152, e que os inglezes, a seu exemplo, só os puderam resgatar em 1215. Que pretenderia Helvecio dos portuguezes, no fim do seculo passado? Não vio elle queimar em França o seu livro do espirito? Se trinta milhões de habitantes sequiosos de liberdade não puderam, no tempo de Helvecio, quebrar os grilhões, que tanto os opprimiam, como o poderia fazer Portugal, inchado de frades,<sup>2</sup> e soldados?

Se os inglezes não estivessem guardados por fôssos aquatico, de quinze milhas de largura, onde teriam ido parar as suas instituições? Os privilegiados teriam alli chamado soldados mercenarios, e com elles agrilhoados as classes laboriosas, que os sustentam.

---

<sup>1</sup> Quadro do Indostão. O exercito de Chiragi-El-Doulat compunha-se de setenta mil homens.

<sup>2</sup> Então ainda haviam frades em Portugal.





## CARTA XX.

### ILLUSÃO DE HELVECIO, E DE HOLBACH Á CERCA DOS LUSITANOS, E DOS INGLEZES.

O governo inglez deve instruir-se na historia romana, do destino inevitavel dos oppressores da terra; e na de Carthago, ver o justo castigo dos tyranos do mar.

*BARERE.*

A EXPULSÃO dos judeus, no tempo d'elrei D. Manoel, as fogueiras da inquisição, accesas no tempo d'elrei D. João 3.º, e o procedimento d'elrei D. Pedro 2.º, desacreditaram muito a nação portugueza, por deixar praticar a seus monarchas acções tão impoliticas, como horriveis. Sofreu, como todas as outras nações do continente, o despotismo, que então avassallava toda a Europa.

Helvecio, e Holbach, para combate-lo, tomaram pretexto nos lusitanos, deprimindo-os; e nos inglezes, louvando-os! Admira a parcialidade reconhecida em seus escriptos. «O portuguez nutrido com os principios da superstição, diz Holbach, assiste com prazer aos actos de

fé: o inglez, mais humano, não poderia soffrer a vista d'esse espectáculo. <sup>4</sup> »

Em verdade, os portuguezes ainda farpeam touros; porém não folgam de ver matar homens ao jogo do murro. Quem, não sendo inglez, poderá ver em cima d'um tablado dois homens, que por dinheiro tiram a vida um ao outro? Na Grã-Bretanha ajunta-se tanta gente, de todas as classes, a ver aquelle barbaro espectáculo, que ás vezes não cabe em grandes praças! Os seus mesmos pintores têm feito quadros excellentes, representando esse barbaro divertimento!

Na Inglaterra tem-se commettido mais crimes pela superstição, do que em outra qualquer parte do mundo. No reinado de Maria <sup>2</sup> foram condemnadas, pelo tribunal inquisitorio, em taes casos o mesmo vem a ser, politico ou religioso, uma mãe e duas filhas a morrer queimadas em uma só fogueira. Achando-se grávida uma das filhas, e chegada ao termo, expellio o feto com a violencia das chammas: um dos algozes pôde tira-lo da fogueira; porém, o tribunal mandou lançar o innocente outra vez ás chammas consumidoras da mãe, avó, e tia!

Cassamaoni, escrevendo dos assassinatos supersticiosos, praticados no reino unido da Grã-Bretanha, exhorta seus compatriotas, para matarem não só os hereges, mas tambem os que tentassem defende-los: « Exultai, diz elle, por terdes em quatro annos, 1641 a 1645, assassinado mais de quarenta mil hereges! <sup>5</sup> » Outros tantos não morreram em Portugal da peste inquisitoria em dois seculos.

Bing, Pillet, Barere, e outros, respondem por nós;

<sup>4</sup> Systema social: Tom. 1.º pag. 123.

<sup>2</sup> Apologia da reformação: Cap. 7.º pag. 381.

<sup>3</sup> Biblia ingleza: Liv. 2.º pag. 208.

comtudo, o amor da patria, e da justiça não guarda silencio, quando é provocado. Aggressor injusto, motiva recriações fundadas. Lord Byron foi injustissimo para com os portuguezes: fallou d'elles sem os conhecer. Trataremos dos inglezes com perfeito conhecimento de seus feitos, e apoiaremos o nosso discurso com o juizo dos estranhos.

Pillet descreveu em poucas linhas a humanidade britannica. «Na Inglaterra, diz elle, commettem-se mais crimes em seis mezes, do que em toda a Europa em seis annos. As estradas acham-se infestadas de assassinos. As gazetas mostram as acções barbaras de cada dia. Hoje assassina o marido a mulher, no instante de lhe dar novo penhor da sua união. Amanhã degola o pai toda a familia. Aqui, vê-se o filho matando os auctores de seus dias; acolá, o amante apunhalando a sua amada, para esconder na morte d'ella o crime perpetrado por elle. Levam a ferocidade a ponto de deixarem os cadaveres nús pelas estradas, a fim de lhes não escapar a roupa das victimas.<sup>1</sup>»

«O povo inglez é dado á licença, diz Holbach: o governo ainda não pôde firmar segurança nas estradas. Os ladrões fazem n'ellas continuadas rapinas; soffre tão grande flagello, pelo medo que tem da policia, a parte sensata da nação; pois sabe que esse instrumento, nas mãos do governo, estabelece o despotismo; assim antes quer ser roubada, do que fiar do governo o cuidado de guarda-la; e este quer antes ver assassinar o povo, do que permittir-lhe que se guarde independente d'elle.»

Que mais é preciso dizer-se, para avaliar a benevolencia ingleza? Que accende no mundo guerra contínua? Que matou em cinco annos seis milhões de indios nos contor-

<sup>1</sup> L'Angleterre vue a Londres et dans ses provinces: Pag. 177 e seguintes.

nos de Bengalla? Que praticou a mais horrorosa pirataria, tomando navios seguros na fé dos tratados? Que entregou os desgraçados hellenos ao alfange turco? Que deixou impune o capitão, que sabendo existir um francez entre os inglezes do seu commando, o lançou ao mar; levando a barbaridade a ponto de cortar o braço, com que o desgraçado pretendia salvar-se, agarrando-se ás batucaduras do navio? Pois tudo isso foi obra do governo britannico, e dos seus delegados! Não se podem escrever taes barbaridades, sem que de horror a penna cáia da mão.

## CARTA XXI.

### CARACTER DO GOVERNO INGLEZ.

Senhor do mar se ufane  
Mercantil povo, artifice de atrozes  
Guerras e infames feitos.  
Com ondivagas frotas o orbe abranja  
Temerario pirata.

*FILINTO.*

**O**S EUROPEUS estabelecidos na India, e America, não só adoptaram o systema do commercio exclusivo, opposto quasi sempre á natureza dos logares, mas tambem dominaram nos mares das suas possessões. Os portuguezes alcançaram boleto apostolico, para nenhuns outros passarem á India pelo Cabo de Boa Esperança; os espanhoes não deixavam aproximar ás costas do Mexico vaso algum estranho. Assim, exclamaram os inglezes no parlamento, em 1740: « O mar livre, ou a guerra. » Hoje exercem dominio mais injusto, mais extenso, e mais cruel.

« O nosso governo, diz o almirante Bing,<sup>1</sup> commette grande erro em dar principio á guerra, como pirata;

<sup>1</sup> Em seu testamento politico.

accusa a França de aspirar á monarchia universal: grande loucura. Com taes enganos toma pretexto para obrigar outras nações a fazer guerra á França, sendo a sua ambição quem a promove. Guerras haverá, em que o mais forte usurpe alguns reinos; mas se abusar do poder, que lhe deu essa vantagem, o interesse commum da Europa fará restabelecer a ordem.<sup>1</sup> »

« A facilidade de tomar navios indefezos augmentou o orgulho britannico, a ponto de se persuadir, que deixaria a França impossibilitada de jámais fazer tremular a sua bandeira sobre o mar! Que funesto delirio em uma nação, que se préza de reflexiva: peor é pensar o parlamento como o vulgo! » Nota ser feita esta confissão por um almirante inglez.

« As luzes dos inglezes deviam fazer da camara dos communs o tribunal mais conspicuo de todos quantos ha sobre a terra; mas succede o contrario. Desordem, ignorancia, corrupção, indecencia, odios, invectivas, frivolidade nos motivos, discussões oppostas aos melhores projectos do partido contrario, tenacidade em sustentar os do seu partido; eis o que alli se pratica.<sup>2</sup> » Se o modo mais seguro de observar o character de uma nação, é investigar a conducta dos seus representantes, Weis não lisongeu a nação ingleza, no juizo que fez do parlamento.

« Não subirei aos tempos da sua barbaridade, diz ainda Bing; deixarei de parte os seculos da sua escravidão; o povo achando-se opprimido, clamou pela liberdade; os barões detestavam o poder absoluto: assim baqueou em nossa terra o governo despotico. Todavia, os inglezes pensam

<sup>1</sup> Napoleão deu motivo á verificação d'esta prophecia.

<sup>2</sup> Weis: Principios politicos, philosophicos, e moraes.

hoje, como seus antepassados n'aquelles tenebrosos tempos. O commercio amenisou mais os costumes; mas o clima é sempre o mesmo; produz genios melancolicos, e turbulentos. »

O governo inglez é tido por injusto pelos mesmos escriptores, que pretendem louva-lo. » Admiro a superioridade da nação ingleza, diz a *Baroneza de Staël*; mas não posso deixar de attribuir essa vantagem ás suas instituições. Os inglezes, fóra do seu paiz, são como todos os homens, que vivem fóra do imperio da lei. Comtudo, na India distinguem-se de seus predecessores, pela tolerancia: esperámos que os indios, a seu exemplo, tomem no futuro existencia independente. <sup>1</sup> »

Pena é, que *Madama de Staël* não observasse os inglezes n'este paiz. Não são os philosophos britannicos, que a hospedaram em Londres, os que vêm á India dar exemplo: são validos ambiciosos, e negociantes avaros, quem vem espalhar o temor, e a morte na patria dos bramas. Conheço um mui distinguido por sua immensa riqueza, e mais ainda por seus vastos conhecimentos, que viajando na Europa, recolheu tudo quanto achou de melhor, para mitigar a dôr de seus patricios; mas o governo de Calcuttá não permittio, que se imprimissem verdades no paiz do seu dominio. Serão estes os exemplos, que hão de fazer no futuro os indios independentes?

*Madama de Staël*, sendo perseguida no continente, por influencia de Napoleão, achou asylo na Grã-Bretanha; querendo ser grata, foi lisongeira: negou essa condescendencia a Napoleão, bemfeitor de muitos amigos da Baroneza, e teve-a para com os inimigos da França! Assim,

<sup>1</sup> Considerações sobre a revolução franceza.

afastou-se de seus mestres Raynal, Thomaz, e outros. Comtudo, não pôde deixar de mandar á posteridade, em suas obras, a iniquidade praticada pelos inglezes no incendio da capital dos Estados-Unidos, Washington. Assim deu ella tambem a conhecer, em poucas linhas, o caracter do governo inglez, e dos seus delegadòs.

---



## CARTA XXII.

### O GOVERNO BRITANNICO, E A MAIORIA DO SEU PARLAMENTO.

O dia em que a Grã-Bretanha tomar  
a justiça por base das suas determi-  
nações, será a vespera da sua ruina.

*L. CHATAM.*

PITT, seguindo a doutrina de seu pai, arreigou na Inglaterra os principios injustos, que seus discipulos têm desenvolvido em nosso tempo.<sup>4</sup> Se a prática da justiça conduz o homem á civilisação, e á moral, se os povos tomam exemplo em seus representantes, e no governo; os inglezes devem necessariamente ser incivís, sobre immoraes.

Os seus representantes negoccam até com a liberdade dos representados! O seu idolo é o dinheiro: o governo possui a tarifa das prohibidades nacionaes. Esta verdade lançada no rosto dos communs, pelo ministro de George 2.º, Walpole, levou aquelles a fazer uma lei, para nenhum deputado receber titulo, nem beneficio do governo: foi re-

<sup>4</sup> Biographia de Pitt.

jeitada na camara dos Lords, onde a maior parte segue em tudo o pensamento do governo.

Poderão os inglezes d'este modo desfructar por muito tempo as suas instituições liberaes? Estado livre exige almas desinteressadas. Governo injusto para com as outras nações; governo devorado por sêde de ouro; governo conquistador; invejoso da independencia dos outros povos, não tem idéa perfeita da liberdade. Essa virtude existe só onde se ama a justiça, e se respeitam os direitos do genero humano.

O governo inglez acha-se tão longe d'estas virtudes, que por atrocidade mandou bombear Cadiz; rapinar os thesouros vindos do Mexico; roubar a esquadra dinamarqueza; invadir Macáo, etc. Se o governo, obrando d'este modo, acha representantes do povo, que lhe abonem meios para tão infames, e atrozes feitos, que farão os seus delegados?

A historia da revolução de Napoles, escripta por Couco, mostra a immoralidade do furibundo Nelson. Bentink não pôde fazer mais do que enganar a Italia, em nome da Grã-Bretanha. Maitland, é nome detestado na trahida Parga. « Adeus, chara patria, adeus, penates » dizem os gregos ao despedir-se da terrá onde tinham nascido, vendida aos turcos por Maitland. « Ó pelago, exclamavam as mulheres, se o fado máo nos submergir em tuas ondas, não lances nossos cadaveres em praias, onde estejam inglezes; receâmos, que vendam aos turcos nossos restos mortaes. <sup>1</sup> »

Se a moral é uma sciencia positiva; se tem por fundamento fazer cada um ao proximo o que pretende lhe

<sup>1</sup> Pouqueville: Hist. da Grecia.

façam; o governo inglez não tem moral. Assim o mostraram no barbaro tratamento dado aos prisioneiros francezes. « Além de outros acerbos males, diz Pillet, sopportaram fome horrivel. » Lord Cordower, de guarda á prisão de Dorchestre, entrou n'ella para visita-la, e deixou o seu cavallo entregue a um prisioneiro, que se achava no pateo da entrada. Demorou-se na visita dez minutos; ao sahir, pediu o seu cavallo; comeu-se, respondeu um prisioneiro. Quero ver os fragmentos, disse o lord: conduziram-no onde estava a pelle, e um misero francez devorando o ultimo bocado de carne!

Se a primeira obrigação do homem é esquecer o mal; se a moral consiste em ser util á especie humana; se o direito se funda na utilidade da justiça; o governo inglez não tem moral, e desconhece tanto a justiça, como o direito do genero humano. Achando-me em terra ingleza, observando os seus costumes, e sabendo o que escreveram d'elles, e de nós, Helvecio, e Holbach, não pude ser breve em demonstrar a illusão d'aquelles famigerados escriptores. Montesquieu pintou em poucas palavras a conducta do governo inglez: « Cuida em triumphar de seus adversarios no parlamento, e para chegar a seus fins, venderá não só todos os povos do mundo, mas tambem a Inglaterra. »

---



## CARTA XXIII.

### RESULTADO DAS INJUSTIÇAS PRATICADAS PELOS INGLEZES.

De seus cofres tiram  
O direito das gentes os tyranos.  
Correi, ide esconder-vos,  
Envergonhai-vos de seguir a rota  
Do caviloso Pêtu.

*FILIXTO.*

« **A** GRÃ-BRETANIA sempre injusta, e sempre ambiciosa, diz C. Dupin, conserva nas quatro partes do mundo postos avançados, para coadjuvar suas conquistas. Faz tremular a sua bandeira em todos os mares, a fim de se oppôr a quem pretenda estorvar qualquer das suas empresas. Serve-lhe de atalaya entre o Brazil, e Cafraria, o penedo, onde martyrisou o novo Prometheo. » O governo inglez, n'este caso, fez de Mercurio; Hudson Lowe, de aguia devoradora do figado do valido de Pallas.

No Cabo de Boa Esperança, onde os lusitanos apenas acharam lugar para descanso; os hollandezes, terreno para fazer limitadas plantações; formaram os inglezes grande colonia. Estenderam-se nas terras africanas do mesmo

modo, que o tinham feito na America. Na India fizeram mais; quasi tudo lhes pertence. Colonias dispersas defendham o imperio, que as sustenta; o britannico, por ellas, adquire maior força!

« A distancia, em que a Grã-Bretanha se acha das suas provincias exteriores, diz ainda C. Dupin, obsta a ser vulnerada com ellas; e a longitude em que se acham umas das outras, serve-lhe de escudo, onde para os golpes de seus inimigos: ataca-las não é cousa facil; bloquea-las torna-se impossivel. Para satisfazer as precisões do commercio, entre a metropoli, e as colonias, tem grande numero de navios armados, para desafferrarem ao primeiro signal, e correr ao logar ameaçado. Demais, os inglezes têm arte para mudar em hostilidade declarada, a escondida inimizade das nações limitrophes. »

« D'essa grande injustiça provém á Grã-Bretanha lucros avultados, que lhe dão meios para transportar ao longe, com rapidez, armas, e defensores. Todavia, se a fraude, e a violencia dão conquistas, só a probidade dos homens laboriosos pôde sustenta-las com os productos commerciaes: se algum dia os cidadãos industriosos da Grã-Bretanha, a exemplo do governo, perderem suas virtudes, verão lançar fóra dos continentes os seus navios do commercio, e desaparecer dos mares os thesouros do mundo, que hoje recebem em troca da sua industria. »

A Inglaterra tem mais de vinte mil navios, tripolados por cento e cincoenta mil marinheiros: podem receber duzentos milhões de toneladas em generos; comtudo, não chegam para transportar o superfluo da circulação interior, e os productos estrangeiros necessarios ao entretenimento de tão grande giro.

Que fez o governo para, em tão pouco tempo, alcançar esse resultado? Deixou obrar o commercio, dando-lhe liberdade no interior, protecção no exterior, desprezando o direito das gentes, e praticando horrorosas injustiças para com as outras nações. D'ahi nasceram as guerras, que devastaram a Europa, a Africa, America, e Asia.

« Nenhum povo, diz Mr. de Passy, apresenta titulos mais dignos da gratidão da humanidade, do que o povo inglez; nenhum tem prestado mais serviços á causa da civilisação; nenhum encheu os seus annos com maior numero de feitos gloriosos; nenhum se elevou a maior altura nas artes, nas sciencias, e no commercio: contudo nenhum ha, que deva encarar o futuro com tanto desassocêgo. »

Compara este elogio com a epigraphe de Filinto, e com os factos exarados nas cartas anteriores: verás que está no caso dos que lhe fizera Helvecio, Holbach, e outros por excesso de politica. Se o povo estivesse separado do governo completamente, poderia conceder-se-lhe; mas se o povo, e o governo são inseparaveis, e formam ambos o corpo da nação, as primeiras asserções tornam-se insupportaveis.

---





## CARTA XXIV.

### COSTUMES DOS NAIRES.

Não matam cousa viva, e temerosos,  
Das carnes tem grandissima abstinencia;  
Sómente no venero ajuntamento  
Tem mais licença, e menos regimento.

*CANÇÕES.*

FALLANDO das castas indianas, não devo guardar silencio sobre a dos naires. Residem no Malabar, e seguem os principios dos rajapouts, mas variam nos costumes. São bem apessoados, e de physionomia agradável; comtudo, são vingativos, e obstinados. As mulheres são admiraveis por sua bondade, e desvelado accio. São communs entre os naires, e bramas.

O naire recebe uma rapariga em casamento, segundo a lei, e succede ás vezes, que antes de entrar em casa da noiva a cede a outro. O contracto do casamento consiste em o homem offerrecer á mulher fazenda para um vestido; se esta se digna acceitar a offerta, dá com esse procedimento o laço conjugal. Mas só vivem juntos em quanto

se amam; quando não, separam-se, independentes de cêremônia alguma para o desquite.

Os filhos pertencem ás mãis, e herdam a fazenda do avô maternal. Este uso abrange ao chefe do estado. O príncipe de Travancour não é o primogenito do rei, mas sim o filho mais velho da mãe do rei, a qual é tratada como rainha. Apesar da facilidade dos naires em seus amores, são zelosos dos estrangeiros. Tratam as mãis com grande respeito, e nunca fallam nos pais. Amam os tios com ternura filial, e o mesmo fazem a seus irmãos. Sendo as mulheres communs, julgam-se todos parentes.

Ha em Travancour um festejo annual, que dura alguns dias: em todos elles estão as casas dos naires abertas aos bramas, e as mulheres entregues aos libidinosos ministros do altar. Os naires, a quem repugna tão desabrida licença, retiram-se com suas familias, em quanto dura o festejo, o que talvez não succederia, se a correspondencia fosse reciproca. Pelo contrario, se o brama encontrasse em sua casa algum naire, dava-lhe logo a morte.

---

## CARTA XXV.

### PALACIO MOGOL.

Já chegam perto, e não com passos lentos,  
Dos jardins odoríferos formosos,  
Que em si escondem os regios aposentos,  
Altos de torres não, mas sumptuosos.

*CAMÕES.*

**S**ABENDO, tu, quanto é difficil acreditar Fernão Mendes Pinto, ácerca do que vio nesta parte do mundo, vou descrever um palacio magnifico; por elle verás, que não fôra exaggerado o nosso viajante, descrevendo os grandes, e ricos edificios, que ainda existem na China.

A provincia de Pendjab foi elevada á cathogoria de reino, em nosso tempo, pelo famoso Radjet-Sing; e foi residir na cidade de Labor, situada na margem do caudaloso Rave. Passa junto a ella a formosa estrada que, dividindo-se, vai a Delhi, á Persia, e a Samarkande. Labor acha-se decahida da sua antiga opulencia; mas ainda tem edificios, para attestar o que fôra no tempo dos mogoles.

Junto á margem do rio existe o elegante castello, onde

residiram os principes mogoles. Foi construido no tempo do imperador Akbar, e enriquecido por seus descendentes. Visto da margem opposta, representa bellissimo painel. O eirado, de um ao outro extremo, é coberto de lindos jardins, onde continuamente vegetam odoriferas, e varias flores.

O interior compõe-se de lapis lasuli, porfido, e granito vermelho. A sala do throno é talvez unica no mundo. As paredes são cobertas de preciosos crystaes: o throno é rodeado por bellissima grade de ouro, guarnecida com festões de perolas, e pedras preciosas.

A casa do banho tem um vaso de agatha oriental, em fôrma de canôa: leva oito almudes de agua; servia de banheira aos principes mogoles. Impossivel parece resistir a guarnição do throno á cobiça da selecta companhia!

---

# CARTA XXVI.

## AGRICULTURA, E COMMERCIO.

Transpõe com as pandas azas do commercio  
Desmesurados mares,  
Regendo, pelos ceos, a undosa via  
Navegador audaz.

*FILINTO.*

NA provincia de Bengalla, os naturaes do paiz cultivam cereaes, arroz, legumes, assucar, anil, salitre, algodão, seda, e tudo de modo, que lhe sobram muitos d'esses generos, para exportação. Tambem cultivam papoulas, e fabricam opio. Aqui não ha colheita má: sendo as terras baixas, e cortadas por muitos braços do Ganges, tornam-se mui ferteis.

As producções da industria foram, em outro tempo, de grandissima importancia. Os indios manufacturam com perfeição todas as qualidades de tecidos; porém hoje têm diminuta exportação, em consequencia do melhoramento, que tiveram na Europa generos similhantes.

Apezar dos muitos, e perigosos syrtes, que abundam

no rio Hoogly, acha-se quasi sempre coberto de navios commerciantes. Os inglezes levam d'aqui para a China generos da India,<sup>1</sup> e da Europa; recebem em trôco chá, que transportam a Londres, e de que tiram grande proveito.

O privilegio da companhia faz circular em todas as partes da Asia os productos da industria britannica: commercio assim estabelecido, deve necessariamente enriquecer a quem o faz. A importação consiste em ouro, prata, ferro, cobre, chumbo, estanho, e vinho.

Assisti a um leilão de opio; achei-o extraordinario no modo, no tempo, e na importancia. Juntaram-se homeens de cores, e raças diversas; entre immensos turbantes, appareceram algumas mitras, e chapéos.<sup>2</sup> Á hora dada, entrou um dos directores da companhia; sentou-se junto á pequena mesa, collocada no meio de grandiosa sala, tendo a seu lado escrivão stenographico. Subio então o pregoeiro a uma tribuna, e começou a venda pelo modo seguinte:

O anfião era de Malwa: o director abriu o preço: 1:000 rupias a caixa.<sup>3</sup> De repente subio a 1:515; vendendo-se alguns lotes por esse preço, baixou a 1:355: poucos se aproveitaram, pois subio de improviso a 1:500; preço por que se vendeu o restante. O pregoeiro tinha olhos de Argos! Arrematando qualquer individuo um lote,<sup>4</sup> ninguem lança, em quanto elle não declara quantos lotes quer mais.

Comprar em leilões similhantes é jogar em loteria; a sorte depende do estado mais, ou menos convulsò em

<sup>1</sup> Os navios da companhia, nas viagens para a China, faziam sempre escala n'este porto.

<sup>2</sup> Os turbantes são usados por indios, e mouros; as mitras pelos armenios.

<sup>3</sup> A caixa tem quatro arrobas.

<sup>4</sup> Cada um de cinco caixas.

que se acha o director; o signal para entregar o lance, depende de um pequeno movimento de cabeça. Em duas horas concluiu-se a venda de 1:500 caixas, no valor de dois milhões de cruzados.

Houve tempo, em que os vinhos de Portugal tiveram grande consumo n'este paiz; agora usa-se de clarete inglez, isto é, vinho de França lotado em Londres, com vinho do Porto. Aquelle vale 500 ropías, ou duzentos mil réis a pipa, por ser lotado na Inglaterra; este apenas vale 150, ou sessenta mil réis, por ser portuguez, não baptisado em Londres! O vinho da Madeira soffre a mesma baixa no preço.





## CARTA XXVII.

### JUIZO SOBRE AS RIQUEZAS, E SOBRE OS SELVAGENS.

Arroste Cook. arroste Laperouse  
Os penhascos de géllo. os crús selvagens :  
Um nas ondas naufrague, outro ache a morte  
Na buida zagaia.

*FILINTO.*

**O** DESMEDIDO amor de riquezas, que observo nos inglezes, deu motivo a contestar um paradoxo de Rousseau. Tens visto o elogio, que elle fez da vida selvagem ; parece verdadeiro: comtudo, os mais dos homens, essencialmente os inglezes, collocam a ventura na posse das riquezas. Mas como se alcançam ellas, sem que o homem se aposse do alheio, como têm feito os inglezes? E qual é a sua influencia no gozo da felicidade? Sobre este ponto traçarei algumas linhas, a fim de minorar a pena, que te hei dado com a leitura dos feitos britannicos.

« Tudo é bom, sahindo das mãos da natureza, diz Rousseau ; tudo se deprava nas mãos do homem. » Ainda sendo bom quanto provém do Auctor das cousas, tudo carece

de ser melhorado pelas mãos do homem. A riqueza das nações é quasi toda obra do engenho, e arte humana; só pelo beneficio d'esta, preenchem as cousas naturaes os fins de utilidade, que entraram nas vistas do Creador. A bondade das cousas é dom, que ellas adquirem do nosso trabalho. A mão do homem, dirigida pela arte, é quem arranca das entranhas da terra, da profundidade dos mares, as riquezas que o Creador ali tinha enthesourado; e é quem as apropria á satisfação das nossas precisões, e mesmo ao regalo da vida.

Palacios, templos, mausoleos, e outros monumentos erigidos na face da terra, para nossa vivenda, commodo, ou vaidade; jardins, onde arvores alinhadas produzem saborosos pomos para nosso sustento, e offerecem sombra a nossas fadigas; onde Flora cria o matiz de várias cores, e o halito de Zephyro espalha o odôr de mil perfumes; canaes por onde correm aguas abundantes, para fecundar campos sequiosos; estradas, que o commercio alinha, arqueando pontes sobre rios, para transporte de pessoas, e dos productos, que o prazer, ou o interesse conduz de uns paizes a outros; embarcações, que levam sobre as ondas tragadoras, os prodigios da natureza, e producções de varios climas; bibliothecas, e impressos, onde tomam vida os pensamentos do espirito, e affectos do coração, para serem transportados a paizes remotos, nos quaes se espalham os inventos uteis, que germinam no curso dos evos.

Eis, em curto indice, as obras primas das mãos do homem, as producções da arte, e as riquezas do mundo. Eis os subsidios do engenho humano, os quaes revertem em satisfação das nossas precisões naturaes, e mesmo de luxo. Assim, a vida selvagem não póde comparar-se com.

o estado social dos homens morigerados. Aquelle sem arte, nem cultura, está mui longe dos commodos, que a industria tem creado.

Quem houve no mundo, em tempo algum, que não tivesse mais a appetecer, e a gozar, do que realmente precisa? Quem póde pagar todos os inventos, e producções capazes de ministrar-lhe grandes prazeres? Acaso o homem é dotado de um só orgão, ou sentido, e de curta comprehensão? Tem por ventura uma só necessidade, e facil de satisfazer?

O mais rico dos homens, *Adão*, senhor do globo, foi sem dúvida o mais pobre. Ninguem lhe disputava as producções da terra; mas, sem artes, nem industria, como poderia accomoda-las ás suas precisões? O mais rico dos homens morreu, sem ter uma camisa. Se não existissem maçãs, e tamaras, acabaria com elle a humanidade! O pai dos homens viveu destituido dos grandes commodos, que o homem social cria por suas descobertas, e trabalhos. Os productos naturaes mal supprem as primeiras necessidades.

Por mais que se estude o reprimir as precisões, sempre a vida exige o consumo de muitos, e diversos productos da arte: a natureza não suppre a todas as carencias. Nos paizes civilisados não póde o homem viver, sem comidas preparadas ao fogo, e de natureza, que a terra inculta não produz: não póde existir sem vestuario, por lhe faltarem tegumentos naturaes; e menos, sem ter habitação, onde se abrigue das estações rigorosas; logo, as producções industriaes têm origem nas precisões do homem, e no sentimento physico.

Os desejos, e appetites humanos, attendida a sua de-

licadeza, e diversidade dos órgãos, não podiam limitar-se á triste conservação da trabalhosa vida. Dotado o homem de muitos sentidos, cujas percepções, e modificações agradaveis podem ser infinitas, distingue as comidas mais, ou menos saborosas; os vestidos mais, ou menos grosseiros; a habitação mais, ou menos commoda; assim, préza mais os productos aperfeiçoados, do que os brutos, e informes. Logo, da summa sensibilidade nasce a alta perfectibilidade, nasce a tendencia humana, para a maxima felicidade, o desejo de gozar a maior somma de prazeres, e de repellir quanto possa incommoda-lo. É a mesma natureza, quem lhe inspira o appetite das producções artificiaes. Assim, nascem ellas do estro racional, social, e moral.

Para qualquer se julgar complectamente rico, seria necessario, que podesse pagar todas as producções da natureza, e da arte: com toda essa riqueza, a sua felicidade ainda dependeria de ter saude, e de serem vendaveis os objectos das suas appetencias, para goza-los, quando os cobiçasse. A riqueza consiste na razão da maioria entre as rendas, e as despezas exigidas pelas necessidades habituaes. É rico o que lucra além do que lhe é preciso, para alcançar as cousas indispensaveis; pobre o que não chega a lucrar tanto. D'onde, para tornar-se rico, quem já tem quanto baste ás primeiras necessidades, cumpre que proporcione as precisões facticias, com o excesso de rendimento; consegue-se isto por dois modos; ampliando o rendimento, ou enfreado os appetites.

O primeiro, mais arduo, e inacçessivel, é tendencia natural a todos os homens. O segundo, mais em nosso poder, era a maxima fundamental do systema estoico. O verdadeiro philosopho não despreza um methodo por ou-

tro: segue-os a passo igual, porque em ambos encontra beneficio. Renunciar pertinazmente a todos os lucros, só por custarem fadigas, ou por medo de enervar o coração, é roubar ao espirito, e ao corpo os prazeres, que fazem o mimo da existencia. Forjar na vontade cobiças illimitadas, e ergue-las em necessidades; constituir n'ellas a ventura, é querer viver atormentado, ou morrer martyr da fantasia.

Mas poderá o homem sensível resistir aos appetites, vendo continuamente o espectáculo dos prazeres nos domínios do luxo? É difficil; mas não é impossivel. Se a natureza nos dotou de summa sensibilidade, também, para nosso governo, nos deu entendimento capaz de confrontar o bem, e o mal presente, ou remoto, e resistente ás impressões, que a vista dos objectos produz nos sentidos. Assim, quando não é possivel evitar a acção inexperta, e o objecto encantador, podemos, pela razão da intelligencia, obstar ao predominio da sensação continuada, retirando a vista d'elle, ou encarando-o pela face do mal, que em tudo ha seu lado de nocivo; sentir-nos-hemos ditosos, ou, ao menos, sem pezar na falta da sua posse.

Tal é a arte de ser feliz; mas este methodo, filho da experiencia, e tendente a suavisar a carencia dos bens inacessiveis, não devemos usar d'elle obstinadamente, a exemplo do cynico Diogenes. Resistir aos desejos, que não podemos realisar, e á sua formação, ou engrandecimento, é acto de prudencia; fechar as portas aos prazeres accessiveis, que podem suavisar a nossa existencia, é indiscricão. Os selvagens não sentem prazer em praticar virtudes, pois não as conhecem: logo, a sua vida é muito inferior á existencia dos homens civilisados. Gozar maior somma de delicias, é viver melhor, é ser mais feliz.

Os selvagens são crueis, e sanguinarios: que vês tu no espectaculo da natureza? Grande numero de entes destinados a devorar-se. Carne é o alimento mais conforme á sua organisação. Os homens dos primeiros seculos precisaram caçar, para sustentar-se: depois, obrigados a procurar alimento em terreno limitado, fizeram-se pastores; só quando se reuniram em sociedade complecta, foram agricultores. Em todas essas alternativas, o homem foi sempre o destruidor dos animaes, já para defender-se, já para nutrir-se.

O homem selvagem tem sempre as mãos tintas em sangue; habituado a matar, é surdo á voz da piedade. Quem não se acostuma por boa educação, a ver nos outros o seu mal, é cruel, e sanguinario. Os insulanos do mar do sul contrariam a bondade original, decantada por J. J. Rousseau. Cook, seu bemfeitor, foi assassinado por elles. Laperouse, tratando-os como a irmãos, recebeu em premio a morte de seus companheiros.

Quando, em 1805, descobri no mar pacifico a ilha a que dei o teu nome, fui visitado por seus habitantes. Vieram a bordo, em canôas de doze pés de comprimento, e tres de largura. Traziam a cintura cingida com folhas de bananeira. Um mostrou a desventura em que viviam, tomando um pequeno peixe, que nadava no fundo da canôa, escamando-o com os dentes, e devorando-o! Ainda a mover-se-lhe nos beiços, vertia-lhe o sangue pela barba!

Se o author do *Émile* alli se achasse, muito se arrependeria de ter elogiado a vida selvagem. A nudez, fome, e gesto feroz d'aquelles infelizes, demonstram quão triste é a sua existencia. A natureza, para desenganar os illu-

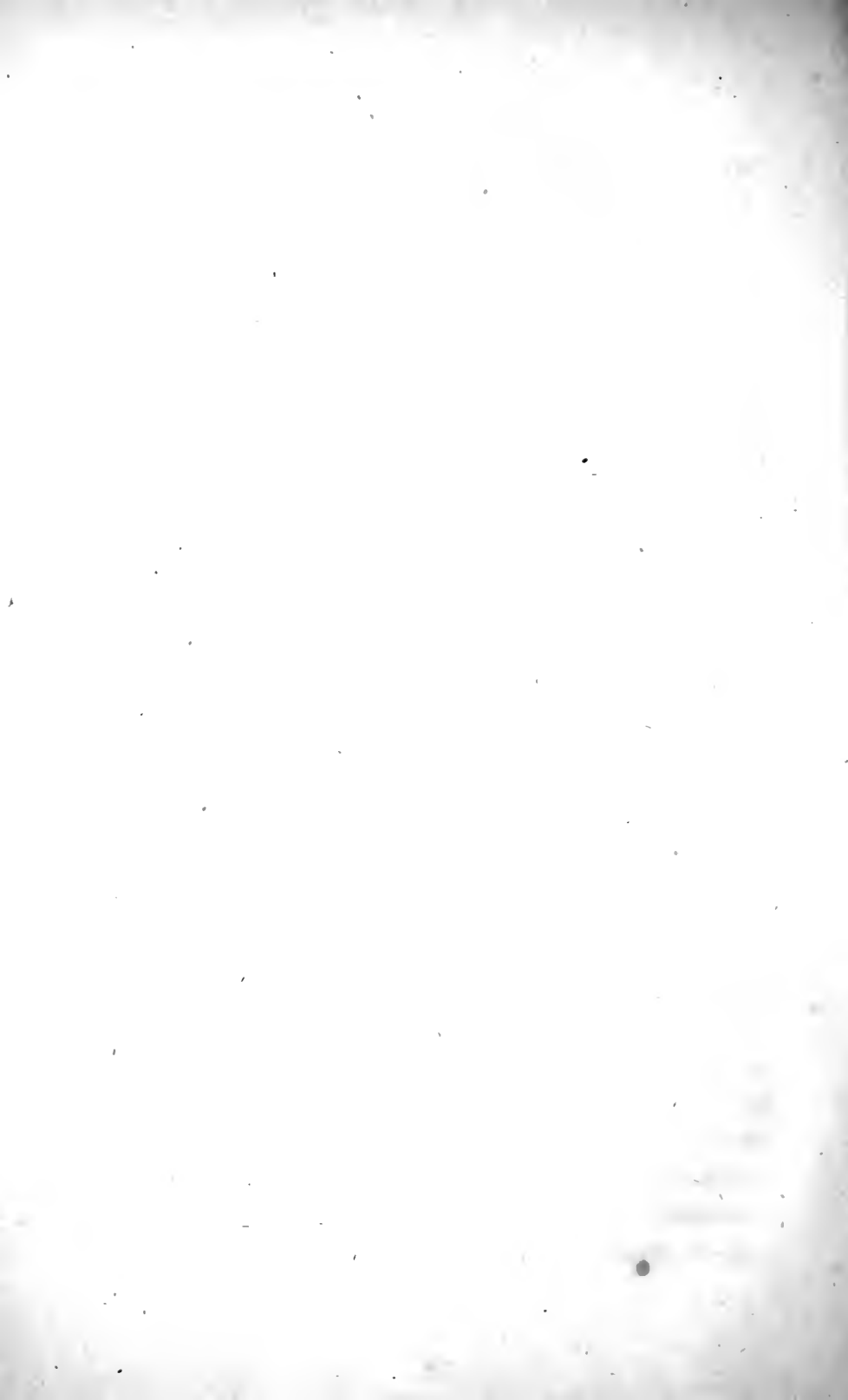
didos, conserva alli o prototypo dos primeiros homens :  
« Humanos na figura, em\*trato feras. »

« Os selvagens não sabem o que é virtude; empegados no crime, nutrem-se de maldades. Jámais encontram attractivos na verdade; nem sequer os olhos erguem para a ver. São como os brutos animaes, que para a terra curvos, só terra avistam. Só em pastar, e comer cuidam, e em satisfazer paixões brutaes. Ardentes em se fartar, recalcitram ás unhadadas, e com ferreos cornos se combatem; por fim, insaciaveis comilões perecem.<sup>1</sup> »

Corre o primeiro livro do *Émile*: acharás, que principiando cada paragrapho, ordinariamente, por uma proposição absoluta, está a verdade em geral na contraria. Ora, sabendo tu, que o nosso RODRIGO achava similitude entre as minhas cartas, e as de Rousseau, estranharás ver-me refutar a doutrina d'aquelle célebre escriptor. Só a experiencia faz conhecer a verdade; e Rousseau, n'este caso, fundou-se em theorias.

Comtudo, as suas obras abundam em verdades novas, e perfectas observações escriptas em estilo sublime: pena é ser algumas vezes contradictorio. Eu apenas tenho coração recto, e alma forte; nego a similitude. Sigo o tom do que escrevo, e só escrevo o que penso, e o que me agrada; qualidades muito insufficientes á verificação da similitude achada pelo nosso amigo.

<sup>1</sup> Juizo de Platão ácerca dos selvagens.





## CARTA XXVIII.

### JARDINS DE CALCUTTÁ.

E junto donde nasce o largo braço  
Gangetico, o rumor antigo conta,  
Que os visinhos, da terra moradores,  
Do cheiro se mantem de finas flores.

CAMÕES.

**D**EIXANDO as terras ferteis, e odoríferas da malfadada Memnonia, para lançar-me em golfo de tormentas, sinto alegria pela consoladora esperança de tornar a ver-te. Sabendo quanto amas as bellezas de Flora, reservei este simples bosquejo dos jardins de Calcuttá, para a ultima carta escripta d'esta cidade.

Ha entre Calcuttá, e Barraepoor,<sup>1</sup> uma estrada de quatorze milhas em comprimento; tem quatro linhas de arvores frondosas, que dão sombra em todo o anno. Lord Moira enriqueceu o logar de Barraepoor; o jardim é mui grande, mas sem ordem. Tem casas, e cêrcas, onde existem muitos animaes ferozes, e outros domesticos, de aspe-

<sup>1</sup> Logar onde os vice-reis da India ingleza têm a sua casa de campo.

cto, belleza, e qualidades mui raras. Tanto na classe dos quadrupedes, como na volátil, ha creaturas admiraveis. N'este genero é talvez o deposito mais rico, e variado que existe no mundo.

O jardim da companhia acha-se na margem occidental do rio Hoogly, em frente de Calcuttá: é mais rico, nos primores de Flora, que o de Barracpoor. Admira-se no jardim da companhia a bellissima *pipal*, arvore sagrada, na crença dos banianes. Depois de se elevar a conveniente altura, volta os ramos á terra, mergulha-os, e torna a eleva-los, deixando formada grande sala circular em roda do tronco, e coberta de modo, que não lhe entra sol, nem chuva; tal é a espessura dos ramos, e folhas!

Este jardim encerra, não só as plantas da India, e da Europa, mas tambem as mais preciosas de quasi todas as partes do mundo. Acham-se classificadas de modo, que não ha cousa alguma a desejar nos differentes ramos da botanica.

---

## CARTA XXIX.

DE MACÁO A LISBOA.

### MALACA, E CINCAPURA.

Neste rico archipelago do Oriente,  
Para a parte do Arctico assentada,  
Jaz n'uma estancia fertil, e eminente  
De Malaca a cidade memorada.

*ABREV.*

**P**ASSANDO por Malaca, terra chara aos portuguezes, devo mandar-te noticia do seu estado presente. Está mui decahida da sua antiga opulencia. A fortaleza, edificada por nossos maiores, usurpada atrozmente pelos hollandezes, e hoje em poder dos britannicos, acha-se em abandono. Estes pretenderam tirar das murallas as quinas portuguezas; mas lembrando-se, que o padrão mais nobre, contido n'ella, é a pedra lançada em seu fundamento por mãos de Albuquerque, desistiram do intento.

A guarnição é de quinhentos cipaes: tem seiscentos mestiços, mil chinezes, e outros tantos malaioes. Contam-se alli cinco igrejas: uma Catholica, uma reformada, um pagode chinez, outro malaio, e uma mesquita. Os chinezes

fazem quasi todo o commercio da cidade. O ar é saluti-fero, os fructos excellentes. Produz magostões especiaes. Não ha na Europa fructo, com que se comparem.<sup>4</sup> Cultivam, além de arroz, e legumes, palmeiras, d'onde extrahem optimo sagú.

Cincapura: esta cidade teve por fundador Thomaz Raffles, no anno de 1819. Tem muitas casas de commercio inglezas, chinezas, persas, arabes, e de malaios. O seu porto, franco para todos os povos do mundo, fez d'esta cidade o centro do commercio entre a India, e a China, com relação á Europa, e America. Em 1819 era uma pequena aldêa de pescadores; em 1826 contém vinte mil habitantes.

Em verdade, no que diz respeito a engrandecerem-se, e a fortificarem-se nas terras, que usurpam, são os inglezes os primeiros homens do mundo. Oxalá não lhes succeda na India peor, do que lhes aconteceu na America.

<sup>4</sup> São do tamanho de uma laranja, de casca cõr de café torrado, e mui dura. O fructo, descascado, divide-se em gomos mui succosos, e alvissimos: o gosto é semelhante ao de creme de flor de laranja.

## CARTA XXX.

### ESTABELECIMENTO DOS PORTUGUEZES NA CHINA.

Aqui o soberbo imperio, que se afama  
Com terras, e riqueza não cuidada,  
Da China corre, e occupa o senhorio  
Desl' o tropico ardente ao cinto frio.

*CAMÕES.*

**A**O ENTRAR em Macáo, exulteí vendo os meus bons amigos com saude. Em poucos dias concluí os meus negocios, entregando os mais importantes á generosidade e desvelo dos meus particulares amigos Cha-Amui, e Saoqua. Assim fiquei desembaraçado, para te enviar noção exacta d'este nosso estabelecimento. Já na memoria dos feitos macaenses contra os piratas da China, fiz um esbôço d'esta cidade, mas sem tratar do modo com que se adquirio terreno para edifica-la, nem do regimen, que adoptaram seus fundadores: será essa a materia d'esta carta.

Em 1517 entrou no rio Tigre, FERNÃO PÉRES DE ANDRADE: foi bem hospedado, em virtude da sua boa conducta. Depois, Simão de Andrade fez odiar os portu-

guezes de modo, que os chinezes não quizeram ter mais communicacão com elles. Em 1522 aportou nas illhas da China, Affonso Martins de Mello, com tres navios armados: foi accommettido pelos chinezes com tão grande força, e violencia, que só elle pôde escapar, com os da sua embarcação. Inerivel parece o affêrro dos lusitanos ás costas da China, em quanto não se estabeleceram n'este imperio com persistencia.

A derrota, que soffreu *Affonso Martins de Mello*, pareceu augmentar essa impaciente cobiça. Então correram os portuguezes mais assiduamente a negociar, ora ás escondidas, ora peitando os mandarins, até que se introduziram no porto de Liampo, na provincia de Che-qui-ang, onde se estabeleceram com tanta celeridade, que em breve reuniram perto de mil visinhos.

Em 1542, quando se julgavam mais seguros, foi a povoação arrasada, em menos de cinco horas, por sessenta mil homens, mandados pelo vice-rei da provincia, em trezentas e oitenta embarcações. Mas, nem a morte de doze mil pessoas, em que entravam oitocentos portuguezes, queimados em trinta e cinco navios seus, foi bastante para desistirem da empreza. *Fernão Mendes Pinto* escapou a essa mortandade, e tudo quanto d'ella escreveu, confere com os antigos manússcriptos, que pude obter do cartorio do senado.

Em 1544 chegaram os nossos a estabelecer-se no porto de Chinchou, na provincia de Fo-quiem; mas ainda não eram passados tres annos de estada alli, mandou o vice-rei d'aquella provincia, em razão de queixas contra os portuguezes, prohibir, sob pena de morte, communicacão com elles. Faltando mantimentos na povoação, foram os portu-

guezes obrigados, pela fome, a procura-los nas aldeas vizinhas; mas houve n'isso tal desmancho, que os chinezes correram em furia a queimar tres navios portuguezes, surtos no porto; e de quinhentos lusitanos, que existiam na povoação, apenas escaparam trinta.

Todavia, continuaram teimosos na empreza, esperando ensejo de formar n'este imperio estabelecimento duravel. Assim faziam, e desfaziam choças na ilha de San-choam, dezoito legoas ao poente de Macáo, onde commerciam por contrabando. Servia tambem este porto de escala aos navios portuguezes, nas viagens do Japão.

Em 1554 desconfiaram os mandarins, que os lusitanos se apossassem de toda a ilha, por terem sepultado n'ella, dois annos antes, S. Francisco Xavier, e ser a posse de sepulturas, entre elles, o direito mais sagrado sobre o terreno, onde ellas se acham. Assim, attrahiram o commercio dos portuguezes á ilha de Lam-passau, doze legoas ao poente de Macáo. Alli se conservaram tres annos, depois de terem negociado quatro em San-choam.

Em 1557 tiveram os portuguezes occasião favoravel para atacar, e destruir a esquadra do pirata Chang-silau, assolador das costas meridionaes da China. Juntando a este serviço maneiras civís, de que muito se pagam os chinezes, alcançaram do imperador mercê, para se estabelecerem em Macáo, couto antigo de outro pirata chamado Hoang-Tchin. O imperador, reputando amigos os lusitanos, pelo que acabavam de fazer, e politicos, pelo modo de exigir, annuo ao pedido, afforando-lhes este pequeno isthmo; pois é contrariar a lei fundamental do imperio, alienar parte alguma d'elle.

Contentes vieram os portuguezes, no mesmo anno, de

Lampassau a Macáo, em quatro navios seus. Repartiram entre si o terreno; edificaram casas, e igrejas; procuraram mulheres, para suas consortes; e chamaram logo ao novo estabelecimento = Povoação do nome de Deus do porto de Macáo. = Os portuguezes sempre tiveram por timbre amar a sua patria, e respeitar o rei a quem tenham dado o throno. Assim que se julgaram seguros no terreno chinês, arvoraram n'elle as quinas portuguezas, e consultaram os capitães dos navios do Japão, sobre as cousas do governo.

Em 1563 havia em Macáo novecentos portuguezes, além de muitos indios, e cafres necessarios ao estabelecimento. Chegando a Macáo, no anno antecedente, *Gil Gago*, na qualidade de embaixador á côrte de Pekin, não foi recebido em razão da simplicidade da sua comitiva. Os chinezes dão importancia aos grãos de merito individual, indicados nos distinctivos dos embaixadores, fausto do sequito, e a tudo o que á primeira vista demonstra grandeza. Nasce esta preocupação do alto apreço em que elles se têm.

Em 1582, vindo novo suntuó, ou vice-rei governar a provincia de Cantão, mandou perguntar aos nossos: com que auctoridade introduziram leis portuguezas nas terras do imperio? e fez a pergunta de modo, que levou os portuguezes a desconfiarem da sua permanencia n'esta cidade. Porém, um mimo offerecido com boas maneiras, fez confirmar a posse do terreno, e tolerar em Macáo as leis portuguezas.

Em 1583 estabeleceram os macaenses o governo municipal; crearam uma guarda de segurança pública, e chamaram á sua povoação = Cidade do nome de Deus



do porto de Macáo. = Tudo foi approvedo pelo vice-rei de Gôa, o conde da villa de Otta.

Em 1584 succedeu no vice-reinado D. DUARTE DE MENEZES, o qual recompensou os serviços dos macaenses, conferindo-lhe a preeminencia de que então gozava a cidade de Evora. Desde então, começou o senado da camara a governar com poderes amplos no politico, judicial, e administrativo. Os juizes ordinarios decidiam as causas civís summariamente; isto é, sem estrepito, e sem delongas, instrumentos com que a trapaça forense tanto grava, e desmoralisa os povos. Quando haviam negocios extraordinarios, o governo convocava todos os cidadãos, a fim de se decidirem em conselho geral. Tudo foi approvedo na côrte em 1591.

Cuidaram tambem no rendimento necessario, para satisfazer as despezas públicas. Ordenaram, que se tirasse das fazendas importadas tantos por cento, quantos bastassem para suppri-las; mas crescendo ellas, com as embai-xadas aos reis de Sião, de Borneo, da Cochinchina, etc., e não podendo lançar grande tributo sobre as fazendas, para não esgotar a origem do commercio, tomaram de emprestimo o dinheiro preciso.

O imperador Chin-Tsoung tambem approvedo a fórmula de governo macaense, e deu ao procurador da cidade gráo de mandarim, com alçada sobre os chinezes. É bem como um juiz da primeira instancia nas causas verbaes, entre os portuguezes, e os chinezes, com auctoridade de infligir pequenos castigos. Quando o procurador não os julga sufficientes á gravidade da culpa, remette os chinezes ao mandarim do districto, e os portuguezes ao juiz de direito.

Dando n'aquelle tempo, todos os nossos dominios conquistados o quinto do seu rendimento ao estado, Macáo

seguiu esse exemplo, apesar de não ter despendido o thesouro da nação cousa alguma, com a interessante, e honrosa aquisição d'esta cidade. Elegeram um ouvidor para recebe-lo, mas sem regimento: tinha só as attribuições de thesoureiro.

Em 1588 enviaram de Lisboa regimento ao ouvidor, e com elle grossas pês á justiça, e grande descontentamento aos macaenses. Sendo a primeira remessa de leis, que lhe mandava Filippe 2.º, acceitaram, mas não cumpriram. Requereram por seu deputado, *Gil da Matta*, para o ouvidor não fazer obra pelo referido regimento: D. DUARTE DE MENEZES informou de Gôa a favor; contudo, não foram despachados.

Em 1622 foi atacada esta cidade por quinze navios hollandezes, tendo por chefe *Cornelio Regero*. No dia 23 de Junho, mandou este bombear a cidade, e a 24, desembarcou na praia de Cacilhas, com oitocentos homens escolhidos. Vendo *Regero*, que os portuguezes se retiravam da praia, marchou em seu alcance. A retirada era premeditada, a fim de se reunirem a outros companheiros em lugar, onde não chegassem balas dos navios inimigos. N'esse ponto dado, carregaram sobre os hollandezes de modo, que em menos de tres horas de combate, os derrotaram completamente.

Ficaram mortos no campo quinhentos e sessenta homens, entrando n'esse numero quatro capitães; fizeram cem prisioneiros; os restantes fugiram, deixando aos nossos oito bandeiras, armas, e bagagens. No combate morreram quatro portuguezes, e alguns cafres.<sup>1</sup> Antes dos

<sup>1</sup> A força portugueza consistia em trezentos homens, sendo, apenas, cem europeus.

hollandezes tentarem o desembarque, convidaram os capitães de dois navios inglezes, surtos na enseada, para os ajudarem na empreza, que responderam: « De boa vontade o faremos, se o fructo do saque fôr todo para nós. <sup>1</sup> » Os hollandezes desprezaram o soccorro, por ser muito ambicioso. Assim, a desmedida cobiça dos batavos, e dos inglezes, veio a servir aos macaenses. Os chinczes, vendo, que a cidade corria perigo, se fosse atacada por forças superiores, deixaram fortifica-la.

Esta cidade, célebre pela riqueza de seu tracto, illustre pela fama das nossas victorias, é situada na latitude de  $22\frac{1}{4}^{\circ}$  ao norte do equador, e  $122^{\circ}$  ao oriente do meridiano de Lisboa; assim, vêz que seus habitantes pouco distam dos nossos pericecos. Tem de extensão uma legoa em circumferencia. Ao norte é defendida por grossa muralha, guarneccida de fortins; e pela fortaleza do monte, que domina a cidade, e joga artilheria para todos os lados. Ao sul tem por defesa a fortaleza de S. Francisco, o forte de S. Pedro, o do Bom Porto, e a fortaleza de Sant-Iago, na entrada da barra.

É dividida em tres freguezias: a Sé, Santo Antonio, e S. Lourenço. Contam-se n'esta cidade cinco conventos de frades, de ordens diversas: S. Paulo, S. José, S. Domingos, S. Francisco, e Santo Agostinho. Havendo em tão pequeno terreno tantos conventos de frades, só erigiram um mosteiro a Santa Clara, para freiras; e só este existe povoado. As ruas são limpas, mas desiguaes; as casas são commodas, e bem edificadas. O porto é excellente: recebe navios, em lastro, de oitocentas toneladas, e podem surgir na enseada náos de 74.

<sup>1</sup> Esta resposta dos inglezes, ha de servir para rebater o desmedido orgulho de seus escriptores.

A população é de 22:500 individuos. Em parte alguma do mundo ha gente melhor, nem que haja tanta hospitalidade. O governo é o senado; compõe-se de dois juizes ordinarios, tres vereadores, e um procurador. O capitão geral, e o ouvidor são alli chamados, quando ha negocios politicos, ou de fazenda. N'este caso, preside o capitão geral, e tem voto de qualidade! No que respeita ao governo municipal, preside o vereador do mez.

---

# CARTA XXXI.

## CAPITÃES GERAES EM MACÁO.

Tem limite no bruto o instincto, e nunca  
Dos homens a razão pára n'um ponto.

J. A. DE MACEDO.

EM 1623, estando já esta cidade a salvo de perigar, quando fosse atacada pelos hollandezes, entrou nella *D. Francisco Mascarenhas*, no posto de capitão geral, conferido pelo vice-rei de Gôa, *D. Francisco da Gama*, a quem os macaenses tinham pedido um cabo de guerra. Em pouco tempo conheceram quanto lhe fôra nociva essa requisição.

Os hollandezes só em 1627 tornaram a hostilisar esta cidade; porém foram derrotados por THOMAZ VIEIRA, natural de Macáo. O capitão geral, não fazendo cousa alguma boa, excedeu muito a *Verres* na cobiça, e tyrannia. Não teve de ir responder a Portugal, como *Verres* foi a Roma; os macaenses, duvidando achar na côrte dos Filippes segundo CICERO, para defende-los, nem magistrados re-

ctos, para sentenciar-lo, fizeram-lhe justiça no mesmo terreno, onde commettêra os crimes.

Em 1641, chegou a Macáo a noticia da feliz acclamação d'elrei D. João 4.<sup>o</sup>: os macaenses não tiveram de mudar bandeira; pois, em todos os sessenta annos do nosso captivo, fizeram tremular em suas fortalezas as quinas de Portugal. Em 1642 alcançaram do seu rei natural, a suppressão da ouvidoria, por desnecessaria n'esta cidade.

Em 1709 soffreu Macáo novo flagello; isto é, outro capitão geral, *Diogo de Pinho Teixeira*: esse monstro horrivel, chegou a bombardear os paços do concelho! O segundo tiro matou o porteiro, e ferio outros cidadãos. A situação de Macáo faz com que os recursos de seus moradores venham tarde, quando vêm; assim, os capitães geraes flagellam, impunemente, a povoação que devem felicitar.

Em 1720, chegou o senado de Macáo, livre dos *Mascarenhas*, *Teixeiras*, e de ouvidores, a remir a sua divida, e a ter fundos para estabelecer um banco, onde confiava sommas a pessoas abonadas, com 20 por 100 de premio, a risco de mar, em cada monção. Porém, vindo em 1726, por embaixador á côrte de Pekin, *Alexandre Metello*, e desejando os macaenses, que essa embaixada fosse bem recebida, não só gastaram os fundos do banco, mas ainda tornaram a empenhar o thesouro do senado.

Em 1747, veio a Macáo, no posto de capitão geral, *Antonio José Telles*. Espantou os algozes do imperio chinês, com suas crueldades: levou a cidade a ponto de perder-se. Por vezes, estiveram os mandarins a dar-lhe a sorte de Liampo, e Chincheu. Os malfadados macaenses viram-se obrigados a lançar fóra da sua terra esse energumeno,

que só trabalhava para a sua perdição. Assim que se viram livres d'elle, começaram a prosperar: em 1762, já estavam não só quites, mas também senhores de capital, para tornar a estabelecer o banco.

N'essa época, appareceu em Macáo um novo *Telles*; porém, vio-se obrigado a fugir para Londres, onde achou valimento para intrigar de modo, que o ministerio portuguez enviou a esta cidade um decreto, a que chamou providencias,<sup>1</sup> o qual servio para arruinar Macáo. Antes d'alli chegarem as taes providencias, possuia o banco um milhão de cruzados; e por vicio d'ellas, deixou o capitão geral o cofre do banco, sem real. Assim foram pagos aos macaenses importantes serviços, praticados em dois seculos.

Cançados de soffrer as prepotencias dos capitães geraes, e influidos pelo desembargador *Mendes da Cunha*, pediram ao vice-rei de Gôa um magistrado, capaz de affrontar a sanha do tyranno, que os opprimia. Foi-lhe enviado no anno seguinte o mesmo desembargador *Mendes da Cunha*. Assim conheceram os macaenses, ter elle influido no seu proprio interesse.

As providencias mandavam: 1.º que o capitão geral tivesse ingerencia em todos os negocios publicos da cidade: 2.º que se formasse um corpo de cento e cincoenta homens, e se dissolvesse a guarda antiga: 3.º que se reformasse a alfandega: 4.º que se creasse um seminario para as missões da China: 5.º que o governador tomasse contas ao senado, etc.

Dar maior latitude ao despotismo do capitão geral, foi castigar os macaenses, pela honra que sempre haviam dado a Portugal. Crear um corpo de soldados, e dar o

<sup>1</sup> Foram enviadas aquellas providencias a Macáo em 1764.

commando ao capitão geral, foi sobrecarregar o cofre da cidade, com despezas inuteis, e dar força á tyrannia, para melhor agrilhoar os cidadãos virtuosos. A reforma da alfandega foi *contra-producentem*: existia montada com menores despezas, e melhor serviço. Estabelecer uma casa, para missões, á custa da cidade, foi tão grande injustiça, como origem de males. Seria boa medida tomar contas ao senado, se não fosse fiscal d'essa revisão o capitão geral. Assim, quando este fosse ambicioso, e o senado improbo, era meio seguro, para todos roubarem impunemente.

O certo é, que antes de virem as providencias, tinha o senado um milhão de cruzados, que dados a risco de mar, produziam seguros, cem mil cruzados annuaes; e logo que o ouvidor, e o capitão geral obraram em razão das providencias, começaram a diminuir os fundos de modo, que já em 1793, tinha desaparecido o capital, e premio!

---



## CARTA XXXII.

### ESTADO ACTUAL DE MACÁO.

Por servir-vos a tudo aparelhados,  
De vós tão longe, sempre obedientes  
A quaesquer vossos asperos mandados.

*CAMÕES.*

**E**M outro tempo, julgava eu ser este pequeno isthmo propriedade lusitana; hoje, estou persuadido do contrario. O poder executivo do miserando Portugal está sem dúvida no mesmo engano. Maior desgraça é achar-se o poder legislativo nas circumstancias do vulgo, e do governo. Tudo quanto posso dizer-te ácrea d'essa illusão, nada é tão convincente, como o decreto do imperador Chin-Tsoung, gravado em pedra na entrada dos paços do concelho d'esta cidade, no anno de 1614.<sup>1</sup>

«Artigo 1.º É prohibido, da data d'este em diante, aos portuguezes admittirem japonezes em Macáo.

<sup>1</sup> Chi-Tsoung. foi quem cedeu Macáo aos portuguezes em 1557. Mo-Tsoung, que reinou de 1567, a 1572, conservou aos portuguezes a posse, que lhe déra seu pai. Chin-Tsoung, filho de Mo-Tsoung, foi quem deu o gráo de mandarim ao procurador da cidade em 1584, e o referido decreto em 1614.

Artigo 2.º É igualmente prohibido aos portuguezes, comprar subdito algum do imperio chinez.

Artigo 3.º É prohibida a entrada de navio algum no porto de Macáo, sem preceder medição, a fim de pagar o imposto, que a lei exige.

Artigo 4.º Será castigado rigorosamente qualquer contrabandista, além de perder os objectos apprehendidos.

Artigo 5.º É prohibido aos portuguezes edificar novos predios, sob pena de serem arrasados; mas podem reedificar os antigos.»

Talvez sem a collocação d'este monumento nos paços do concelho d'esta cidade, não podessem levanta-los os illustres varões, que os legarem a seus netos.

Assim como o governo chinez é singular, assim deve ser o governo d'esta cidade, em tudo dependente da China. Além dos requisitos necessarios, para bem governar outro qualquer estabelecimento, precisam-se n'este os seguintes: 1.º verdadeiro conhecimento dos costumes chinezes, para não os affrontar: 2.º consummada prudencia, para tolerar o desafogo de quem soffre, e sustenta homens estranhos em sua terra: 3.º manter poucos, e bons soldados; isto é, robustos, e bem disciplinados. Em outro qualquer lugar, seria conveniente um corpo respeitavel, pela força bruta: em Macáo torna-se prejudicial; já pela maior despezas, com que a cidade não póde; já para não ferir o orgulho dos chinezes.

É irrisorio ver o chefe de duzentos canarins, estacionado nas portas do mar<sup>1</sup> do imperio chinez, provocar á ira de cento e cincoenta milhões de tartaros, á frente de duzentos milhões de chinezes. O ministerio portuguez es-

<sup>1</sup> Macáo, no idioma chinez, significa portas do mar.

teve sempre vendado, ácerca d'este nosso estabelecimento. Os capitães geraes não satisfeitos com os antigos privilegios, pediram á Senhora D. Maria 1.<sup>a</sup> providencias para si, e foram-lhe remettidas pela ignorancia (em materias de governo) do *bispo confessor*, e de *Martinho de Mello*, que pouco tempo antes havia deixado a patriarchal.

Macáo é dependente dos chinezes, por muitas razões: a mais essencial é, não produzir alimento algum para sustentar-se. Bastará saber-se que, não tem pasto para duas vaccas, nem possui uma só embarcação de pesca. Tambem não é pequena dependencia, não poderem seus habitantes renovar uma telha da sua casa, sem licença do mandarim, em virtude de não haver em Macáo, pedreiro, carpinteiro, etc., que não seja chinéz; e estes não trabalham em casa portugueza, sem licença do mandarim.

Accresce a isto, não haver n'esta cidade padejo, mercaria, ou taberna, que não seja dos chinezes: os donos, e os artistas, ao verem affixar um edital em nome do imperador, para que deixem a cidade, bastam vinte e quatro horas, para de 18:000 chinezes não ficar um em Macáo.

Que fará n'este caso o capitão geral? Onde irá buscar alimento, para quatro mil e quinhentas pessoas? <sup>1</sup> Que recurso fica ao provocador? Pedir misericordia, por via do

<sup>1</sup> Pelo ultimo censo, haviam em Macáo, europeus, e mestiços . . . . .	1:620
Mulheres Christãs, de varias raças, e côres . . . . .	2:700
Soldados canarins. . . . .	180
Total dos Christãos . . . . .	4:500
Chinezes, dos dois sexos, residentes em Macáo . . . . .	18:000
Total dos habitantes d'esta cidade. . . . .	22:500

Alguns escriptores elevaram a sua povoação a mais de cincoenta mil visinhos: enganaram-se.

senado, ao vice-rei de Cantão, a fim de não parecerem á míngua de alimento.

Assim vê, que o governo d'esta cidade exige muitos conhecimentos especiaes, e grande prudencia. Em todas as épocas anteriores, quem poz Macáo no risco de perigar, foram os capitães geraes, e quem o salvou foi o senado; isto é, foram os conhecimentos especiaes, e a prudencia dos cidadãos macaenses.

A parte mais essencial d'este governo consiste, em conservar amizade franca, e sincera com as auctoridades chinezas, e não quebrar as leis do imperio, em relação com a cidade: este requisito é de facil desempenho ao senado, já por ser o procurador considerado como auctoridade chinesa, já por serem os vereadores, os mais interessados na prosperidade do estabelecimento.

O capitão geral deve occupar-se na disciplina dos soldados, e no emprego d'elles, em virtude de ordem emanada do senado. Presida a elle muito embora, quando alli se tratar de negocios politicos, e tenha um só voto, pois tem uma só cabeça: seja esse emprego conferido ao capitão geral, como são todos os mais do reino; porém, tenha o senado faculdade para demitti-lo, quando abusar da força, que se lhe entregou, ou infringir as leis: fique o senado responsavel, se a demissão não tiver a razão, e a justiça por fundamento.

A ouvidoria não é agora mais precisa do que em 1588, época em que os macaenses pediram a Filippe 2.<sup>o</sup> a sua extincção; graça que só vieram a obter no reinado do Sr. D. João 4.<sup>o</sup>, no anno de 1642. Haja na cidade um juiz de direito; mas sem ingerencia na administração dos fundos publicos. Governe o senado da camara por suas leis,

anteriores ás providencias de 1784, em quanto o poder legislativo não fizer outras melhores.

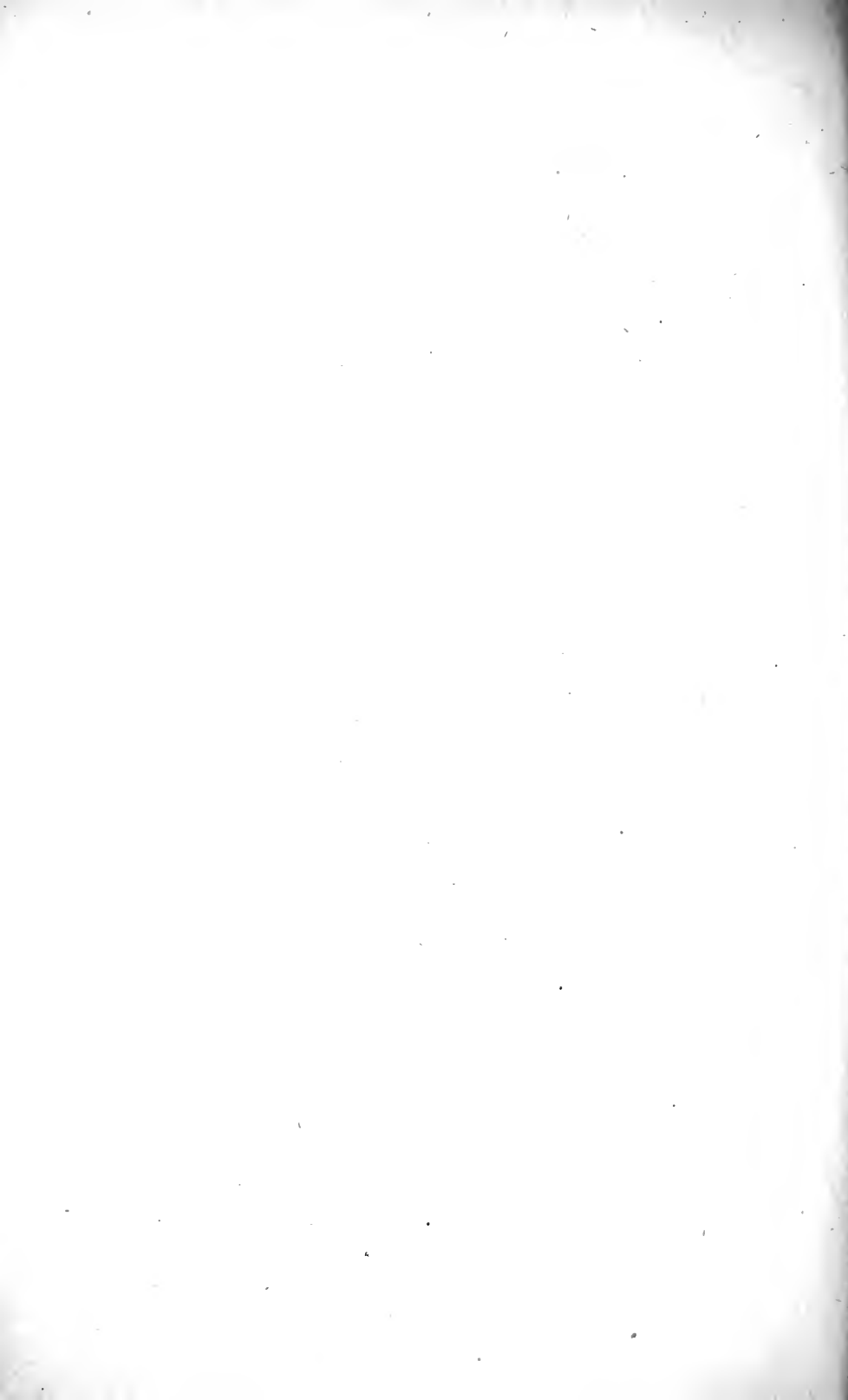
Oxalá o governo de Portugal chegue a conhecer, e a ordenar o que muito convém a este nosso estabelecimento; isto é, a conceder-lhe o que seus moradores pediram em 1821, ao Sr. D. João 6.º: 1.º a sua fórma de governo antigo, accommodado á doutrina da constituição moderna: 2.º a dissolução do batalhão, substituindo-lhe a guarda antiga: 3.º a suspensão das despesas feitas com Timor, e Gôa: <sup>1</sup> 4.º preferir nos empregos militares, e civís, os portuguezes casados, ou nascidos em Macáo. <sup>2</sup>

Com esta reforma, discutida, votada, e pedida pelos mais conspicuos macaenses: *Perciras, Paivas, Almeidas, Pegados, Limas, Barros, Marques, Georges, Cortelas, Figueiredos, Lemos*, e outros, entraria de novo em Macáo a paz, e a fortuna, que d'elle fugio ha vinte annos. O des-governo de Portugal, chegando a este paiz, motivou, além de outros males, emigrações, que levaram consigo grande parte da fortuna pública.

A nenhum outro estabelecimento portuguez é mais bem applicada a epigraphe desta carta, do que aos benemeritos, e fieis macaenses. CAMÕES em seus versos, falla com experiencia adquirida entre elles. Tive a satisfação de fazer os apontamentos para esta carta, sentado na *gruta, onde o nosso poeta compoz os Lusíadas*.

<sup>1</sup> Colonias que não rendem para si, devem abandonar-se a seus recursos. Quando não, pagam assim os que têm virtudes, para nutrir viciosos.

<sup>2</sup> Em 1835 eram ainda constantes no seu pedido.



## CARTA XXXIII.

### DEFEZA DOS MACAENSES.

Sim, quem faz injuria, e sem razão,  
Com forças e poder em que está posto,  
Não vence; que a victoria verdadeira,  
He saber ter justiça nua e inteira.

CAMIÕES.

A DISTANCIA em que se acha da Europa este nosso estabelecimento, difficulta chegar ali noticia verdadeira do que n'elle se diz, e faz. Sendo a nossa gente remissa, em communicar o pensamento ás idades futuras, deixa correr impunes as calumnias, com que a deprimem estrangeiros malignos. Defendendo os macaenses, demonstrarei quão negras são as falsidades escriptas por seus detractores.

Henrique Ellis, secretario da embaixada de lord Amherst, a Pekin, escreveu no jornal d'essa embaixada o seguinte:<sup>1</sup> « *A cidade de Macáo seria muito agradavel, se os chinezes não prohibissem aos europeus salir fóra dos limites, que a cercam; prohibição que só os portuguezes*

<sup>1</sup> T. 2.º pag. 272.

*podem soffrir. Pena é ver um governo, que se diz europeu, tão aviltado. Os portuguezes, ainda tendo meios, não se opporiam aos insultos dos chinezes.»*

No tempo em que lord Ambert, era lançado fóra da China, com ignominia merecida, ousa fallar um bretão, por modo tão desabrido, contra os macaenses! Não saberia elle, que os inglezes, para terem ingresso na audiencia de Aureng-Zebe, passaram pela deshonra de lhe atarem as mãos atraz das costas? Não saberia Ellis o modo honroso, com que os lusitanos alcançaram a posse d'este terreno? Atreve-se a dizer, que os chinezes insultam os portuguezes, na mesma época em que os chinezes os defendem dos insultos britannicos! Só Henrique Ellis seria capaz de escrever tão negra falsidade!

A embaixada de lord Amherst havia por fim, deixar na côrte de Pekin um inglez acreditado: não pôde obter essa mercê, em tempo que os portuguezes alcançaram novas prerogativas, para commodo, e prosperidade da cidade, e dos mesmos inglezes, como demonstrei na memoria dos feitos macaenses contra os piratas da China, e contra a invasão ingleza, a pag. 123, e 131 d'essa memoria. Então confessaram os inglezes, em 1810, o nosso valimento, para com os chinezes; em 1816, deprimem validos, e valedores!

Se um individuo de outra qualquer nação humilhasse os lusitanos, por terem uma cidade na China, teria desculpa; os inglezes não. São bem conhecidas as diligencias, que têm feito, para terem um homem acreditado no imperio, onde os portuguezes têm uma cidade, em terra cedida por serviços prestados, e não por traições, nem violencias, como as têm os inglezes, em outras partes do mundo, e as poderão vir a ter na China.



Henrique Ellis, em outro logar, trata os chinezes de usurpadores : tambem para faze-lo, é necessaria grande impudencia ! Os chinezes negam entrada no seu imperio aos europeus, não só por terem n'elle quanto precisam, mas tambem para não alterar os costumes com que vivem ditosos, ha mais de quatro mil annos. Usurpadores são os inglezes, que vêm quebrar as leis do imperio, a fim de introduzir n'elle a immoralidade, e accender a guerra civil, do mesmo modo que o fizeram no Indostão.

Sendo os inglezes usurpadores de officio nas quatro partes do mundo, alcunham os chinezes de usurpadores, sendo estes prohibidos por sua lei fundamental, passar além dos limites do imperio. A immoralidade, e a injustiça do governo inglez chega a ponto de vexar, não só os pequenos reinos, mas tambem insultar, e detrahir a maior nação do globo. <sup>1</sup>

« *Os macaenses são activos, diz ainda Ellis, em minar os interesses da Grã-Bretanha, sua alliada, e algumas vezes salvadora de Portugal.* » Os inglezes sempre detrahiram Portugal. Se eram nossos amigos, no tempo em que fomos poderosos, obraram diversamente nos dois ultimos seculos.

Por morte d'elrei D. João 4.<sup>o</sup> receberam, em dote da princeza D. Catharina, sobre dois milhões de cruzados, a cidade de Tangere, e a ilha de Bombaim, com obrigação de socorrerem os nossos estabelecimentos na India. Pelo contrario, deixaram tomar as melhores possessões, que alli tinhamos, para as haverem depois de mãos hollandezas : Surrate, Ceilão, Malaca, etc. Assim fizeram refluir para

<sup>1</sup> Deve notar-se, que esta carta fôra escripta no anno de 1826, e que já n'essa época os britannicos hostilisavam os chinezes.

o Tamiza a maior parte do commercio, que d'antes se fazia no Tejo.

« Quando findou a guerra da Allemanha, pelo tractado de Luneville, diz o general Foy,<sup>1</sup> Napoleão estendeu as suas vistas sobre Portugal; mas só quando chegou a Tilsitte, pôde mandar um exercito áquelle paiz, a fim de tirar aos inglezes esse grande recurso. »

Já nós sabiamos, antes de o dizer Foy, que a invasão dos francezes n'esse reino fôra motivada pelos inglezes; mas é certo que essa invasão escandalosa na fórma, e no modo, deu azo a lord Stangford, para atiear a vingança dos lusitanos contra os francezes, e a terem ingresso em Portugal os inglezes, que unidos com os lusitanos, fizeram abater o vôo das aguias francezas, antes que fossem pousar na Grã-Bretanha.

Intrigas, e fraudes transportaram elrei D. João 6.º ao Brazil; e os inglezes a Portugal. O rei dos lusitanos levou a fortuna pública a outro hemispherio; e os inglezes fizeram peor, do que se fossem declarados inimigos. Talaram campos, devastaram cidades, e destruíram quantas fabricas havíamos de Almeida, até Lisboa, em tempo que Portugal fazia triumphar a Grã-Bretanha dos seus mais temiveis inimigos.

Os chronologicos inglezes, e seus homens de estado, verificam o pensamento de Napoleão, escripto pelo judicioso Foy. « *A Espanha, e Portugal foram o theatro, onde se combateram as contestações da Europa. Assim que os inglezes poderam manobrar na Peninsula, conceberam fundadas esperanças de fazer parar a França na carreira das suas conquistas.* »<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Hist. da guerra da Peninsula.

<sup>2</sup> Cardonne : Historia de Inglaterra.

Eis-alli o grande recurso, que Napoleão queria tirar aos inglezes. «*Se a Grã-Bretanha servio de alavanca para derrubar Napoleão, Portugal foi por certo o fulcro, onde ella se firmou.*<sup>1</sup>» Assim fica demonstrado, por homens não suspeitos, ao fanfarrão Ellis, quanto Portugal, n'essa época, prestára á Grã-Bretanha.

Para fazeres idéa da sua leveza, basta saber como elle diz, e se desdiz, a pag. 225, e 230 do referido jornal. «*Estamos certos, diz a pag. 225, de que uma auctoridade de Macáo, mandára dizer mal de nós ao vice-rci de Cantão.*» Então julgava Henrique Ellis, provir o máo tratamento, que lhe faziam os chinezes, das informações enviadas a Cantão pelo ministro Arriaga. Porém desdiz-se a pag. 230, pelo modo seguinte: «*A auctoridade de Macáo, longe de informar contra a embaixada, fez elogios a George Staunton.*»

Assim, fica tambem demonstrada a semrazão, e a injustiça, com que os inglezes deprimem os macaenses. Muito podia dizer o ministro Arriaga contra os inglezes, na informação que deu ao Suntó, se não fosse generoso para com seus inimigos.

---

<sup>1</sup> Canning: Discurso recitado em Lisboa, no anno de 1814.



## CARTA XXXIV.

### REFUTAÇÃO DE OUTRAS FALSIDADES ESCRIPTAS POR G. STAUNTON.

Vós porém oh correntes  
Do Tamiza, e do Tejo crystalino,  
Qu'en d'um brillante engano  
Não esmalto a verdade  
Testemunhas seréis em toda a idade.

*DIXIZ.*

**G**EORGE Staunton, no prologo da versão, que fez do codigo penal da China, diz: «Não subirei ás épocas remotas d'este paiz; basta saber, que tendo-se noticia do imperio chinez, no principio do seculo XIII, houveram sempre communicações directas, e regulares entre elle, e o resto do mundo; que sendo invadido pelos tartaros, a Europa seguíra essa revolução, e começára a restauração das artes, das sciencias, e o progresso da navegação; descobertas feitas pelo espirito de curiosidade; comtudo, os primeiros viajantes fallaram da China com exageração.»

Assim pretende George Staunton escurceer a fama de nossos maiores; provarei a falsidade das suas asserções:

1.º com os annaes chinezes: 2.º com as viagens de Carpin, Rubruquiz, e de outros: 3.º com a noticia, que levou d'este imperio, FERNÃO PERES DE ANDRADE. Começarei a refutação pela ordem das asserções.

Consta nos annaes dos chinezes, que estes começaram a ter communicação com os indios, no anno 605 da era Christã, no reinado de Young-Ti. Em 619, mandaram os tartaros um embaixador ao imperador Hao-Tsou; mas, sabendo este quanto elles eram turbulentos, recusou a embaixada, e fez respeitar as fronteiras do imperio. Em 643, mandou Theodosio, imperador romano, um embaixador ao famoso Tai-Tsong; não foi recebido. Em 713, mandaram os indios pedir soccorro ao imperador da China; e ficaram negociando com este imperio, até que as guerras civis, accesas depois, arruinaram esse commercio para sempre.

Gengis-Kan entrou na China, no principio do seculo xiii. Innocencio 4.º enviou a esse conquistador o padre Carpin, para que fizesse adoptar, no imperio conquistado, a religião Christã. O embaixador esteve a ponto, de pagar com a vida a lembrança do Pontifice. S. Luiz recebeu, na Palestina, um supposto embaixador do Grã-Kan, em 1250: escolheu entre os seus capellães o mais digno, para enviar ao imperador tartaro. Recahio a nomeação no capucho Rubruquiz. O imperador respondeu ao embaixador de S. Luiz, pelo modo seguinte.

« Os mogoles sabem que ha um Deus Supremo, a quem rendem culto. Se o Creador do Universo baixou a dar leis aos Christãos, estes por certo não as seguem; pois desacreditam-se uns aos outros, vendendo a justiça por dinheiro. » Quem se atreverá a negar a verdade expen-

dida pelo Grã-Kan dos tartaros? Rubruquiz retirou-se, e referio algumas maravilhas da China, ouvidas na Tartaria.<sup>1</sup>

Quando *Marco Paolo* entrou na China, em 1274, reinava nas provincias do norte, um neto de Gengis-Kan. N'esse mesmo anno, chegou este principe a dominar todo o imperio, e recolhia em sua côrte os estrangeiros; mas, da Europa só appareceu n'ella o famoso *Marco Paolo*, e seus irmãos, que tornando á patria Veneza, em 1295, foi julgado fabuloso tudo quanto disseram d'este imperio. Assim findou o seculo xii, sem haver noticia da China, que merecesse credito.

A primeira historia da Asia, conhecida na Europa, foi a que Hayton, armenio distincto, dictou na Italia a Faleoni, no principio do seculo xiv. Mandeville, inglez abalisado, sahio da Grã-Bretanha no anno de 1332; viajou no Egypto, na Persia, e na Tartaria: recolheu-se á patria em 1362; mas a relação da sua viagem, apenas foi impressa no anno de 1727.

As viagens de Carpin, de Rubruquiz, de *Marco Paolo*, e de Hayton, foram encerradas nas bibliothecas dos potentados, abertas a custo a homens, que, apezar de estudiosos, não podiam ajuizar d'ellas. Em 1409, o imperador Tchín-Som, recebeu embaixadores da India; mas, nenhum d'elles havia relação com a Europa.

Pogge, secretario da Santa Sé, escreveu as viagens, que lhe dictou outro veneziano, sahido do seu paiz em 1400, e recolhido em 1425; mas essas noticias, além de serem duvidosas, ficaram sepultadas nas bibliothecas como as outras. Foi em 1419, que o Infante D. HENRIQUE,

<sup>1</sup> Viagens á Asia, impressas em Amsterdam no anno de 1735.

por entre noções escuras, vio a possibilidade de se entrar nos mares da Asia, torneando a Africa.

Dos primeiros ensaios do Infante, no oceano atlantico, até que FERNÃO PERES DE ANDRADE entrasse na China, correram cem annos; e só depois que os portuguezes se estabeleceram em Macáo, no anno de 1557, houveram communicações directas, e regulares da Europa com a China. Assim fica demonstrada a falsidade da primeira asserção.

Quanto á segunda, bem sabes tu, que no principio do seculo XIII, tinha a Europa sahido das selvas, para entrar na ignorancia escolastica. Descobrio-se então em Napoles uma util maravilha, a bussola; mas, os conhecimentos humanos eram ainda insufficientes, para usar d'ella. O imperio grego achava-se dividido pelos turcos; a Península repartida entre Christãos, e mouros; o resto da Europa exausto pelas cruzadas. Assim, como acreditariam *Marco Paulo*, fallando das grandezas, e civilisação d'este imperio?

As artes renasceram em 1321. Foi então que appareceram os inventos de espelhos, oculos, papel, etc. Que a poesia resurgio na Italia; *Dante* em Florença, *Petrarca* na Toscana: foram estes os primeiros genios, que deram graça, e sentimento á linguagem italiana. Bocacio, seu contemporaneo, tambem a polio com a sua eloquente prosa. O dialecto das outras nações europeas, achava-se ainda muito imperfeito.

Em 1340 Lina, monge de Oxford, usou da bussola, mas não se afastou das costas britannicas. N'essa época estavam os inglezes ainda tão rudes, que para Eduardo 3.<sup>o</sup> chegar ás mãos com o rei dos francezes, deu o commando



das suas frotas a padres. O bispo de Derhan, commandou uma divisão n'esse conflicto.

Só em 1419, soube o Infante D. HENRIQUE aproveitar a descoberta da bussola, e voar além das barreiras, que prendiam o genio. Assim vê, que tanto no principio, como no fim do seculo xiii, estava a Europa submergida nas trévas, e que o ensaio da navegação, em mar largo, começára no principio do seculo xv; isto é, na descoberta da ilha da Madeira em 1419; dos Açores em 1431; de Cabo Verde em 1460; do Cabo de Boa Esperança em 1486; canjado apenas em 1497 por D. VASCO DA GAMA.

As artes, e as sciencias vieram depois. Essa gloria coube a um dos Medicis: Leão 10.<sup>o</sup> foi quem lhe deu impulso, no anno de 1513. Que mais se poderá dizer, para mostrar a falsidade da segunda asserção? Que George Staunton alterou as épocas da historia, para escurecer a parte brilhante, que n'ella tiveram os portuguezes! Como poderá elle negar a nossos maiores a gloria de descobrirem seis mil legoas de costas, fundando estabelecimentos, das columnas de Hercules, até ao Japão; e civilisarem o Brazil, tudo com a nobreza de acções descriptas pelo judicioso ABBADÉ RAYNAL?

Para demonstrar a falsidade da terceira asserção, basta a noticia, que d'este imperio levou a Portugal o primeiro viajante, que embocou o rio Tigre « A China, diz o decantado ANDRADE, é paiz vastissimo; entesta com as balizas da India no occidente; é banhado ao sul, e a leste pelo oceano; e cercado ao norte por serranias mui altas. D'este lado confina com os tartaros, homens fortissimos; porém, os chinezes os sobrepujam na industria. Aquelles

só por valentia os vencem; estes ganham victorias por astucia, e estrategia. »

« O terreno abunda em tudo o que é necessario á vida, e regalo d'ella. São baços os que habitam as terras meridionaes; alvissimos os que habitam ao norte. Trajam algodões, sedas, e brocados, segundo a estação do anno. Nas regiões septentrionaes, nos invernos rigorosos, usam vestidos forrados de pelleterias. »

« É tão remota entre elles a arte de imprimir, e propagar a memoria das cousas, que se ignora d'ella o arregrado inventor. Os templos são vastissimos, e sumptuosos; ainda que os frequentam, para n'elles venerarem os homens, que foram justos, dizem, que só a Deus, opifice, e arbitro de todas as cousas, pertence adoração. »

« São artifices afamados: applicam-se aos estudos, e os que n'elles fazem progresso são distinguidos. Nos castigos são inexoraveis. Não é permittido, nem aos cegos, mendigar; aproveitam os que podem trabalhar; os restantes suppre-os o estado. Não admittem estrangeiros, a fim de não alterarem os costumes. Folgam muito de comedias, e tão devotos são a Venus, que têm inventado novas fórmãs de lhe sacrificar. <sup>1</sup> »

Ainda ninguem fallou da China com mais precisão, e verdade. <sup>2</sup> Em toda esta narração não ha uma expressão exaggerada: antes parece diminuta, se a comparâmos com o que diz d'este imperio o mesmo George Staunton. Vê a relação da embaixada de Macartney, e sabe, que as pa-

<sup>1</sup> Jeronymo Osorio: Vida d'ElRei D. Manoel.

<sup>2</sup> Cependant, Andrade revint en Portugal, ou il eut beaucoup de peine à persuadir la vérité des choses qu'il raconto de la Chine; ou ne le traite pas tout à fait de visionaire, comme Marco Paolo l'avait été à Venise.

ginas mais interessantes são furtadas aos primeiros viajantes, que vieram a este imperio, dando volta pelo Cabo de Boa Esperança. Sabe tambem, que George Staunton foi um dos seus redactores. Assim fazem os inglezes; copiam, e depois insultam os mesmos de quem copiaram.

« Existem em Pekin, diz ainda George Staunton, alguns missionarios instruidos; porém, rodeados de obstaculos, que não lhes deixam augmentar as instrucções preciosas, mandadas á Europa por seus antecessores. A pretensão de lord Macartney era a melhor fórma de conhecer a China. Assim, ficaria este imperio aberto a homens de juizo são, e reconhecido talento. Sendo a viagem da embaixada breve, e o caminho tão estreito, que mal se podia alargar, sem grande perigo, descobrio n'esse limitado espaço nova luz, corrigio, e estendeu as idéas sobre tão vasto imperio, ratificou os pontos essenciaes da politica, e da moral, levados antes á Europa, trajados com falsas côres. »

Que idéa se poderá fazer do raciocinio de George Staunton? Alli, mandavam á Europa instrucções preciosas: aqui, iam trajadas com falsas côres. No entender d'aquelle bretão, não tinham vindo á China, antes da embaixada de Macartney, homens de juizo são, nem de talentos! Será esse dom exclusivo dos inglezes? Lusitanos, francezes, espanhoes, allemães, italianos, etc. em perto de tres seculos de residencia na China, não viram a luz: os britannicos, em dois mezes, augmentaram idéas, verificaram a politica, e a moral! E fizeram tudo isto no estreito caminho, que mal podiam alargar, sem perigo, ou no estado em que bem os pintou o seu companheiro Encas Andresson. « Entrámos em Pekin, diz elle, quaes tristes men-

digos; estivemos alli como prisioneiros; e sahimos como ladrões. »

O caracter dos inglezes é tão avesso do que tem os chinezes, que desde lord Anson, até lord Amherst; isto é, de 1741, época em que Anson entrou no rio Tigre, até 1816, que Amherst chegou a Pekin, os bretões foram sempre repellidos; por isso tomam vindicta, descrevendo a China com as mais negras côres. Staunton diz, que os vicios dos chinezes excedem muito as suas virtudes. Se a justiça é a primeira virtude, que a moral impõe ao coração humano; se é ella quem ensina a distinguir as acções boas das más, assevero-te, que de todos os povos do mundo, são os chinezes os que pêsam justiça com rectidão. Os philosophos, que têm viajado n'este imperio, confessam, que de todos os homens reunidos em sociedade complecta, os chinezes são os que fazem mais caso do homem. Pensaria G. Staunton, que na Grã-Bretanha haviam mais virtudes, do que vicios? Compara o que diz o general Pillet, dos inglezes, com o seguinte caso, e verás a differença, que ha entre as duas nações, chinesa, e ingleza.

Suceddeu em Cantão, no fim do seculo passado, um filho matar seu pai! Todo o imperio se vestio de lucto. Indagado o caso, verificou-se ter o pai abandonado a educação do filho. O vice-rei perdeu o emprego, por não vigiar, como devia, as auctoridades subalternas; o mandarin encarregado de velar sobre os costumes, foi condemnado á morte, por não ter avisado o imperador, de que havia n'esta provincia um pai negligente, a respeito de seu filho.

Os parricidios na China vem de seculos a seculos; na Inglaterra, segundo o juizo do general Pillet, succedem

quotidianamente. Lord Byron, ao sahir da patria, não exhalou um suspiro: tão embotado havia o sentimento n'aquelle theatro de crimes, e morticínio. «Vivo, diz elle entrando depois na Grã-Bretanha, no paiz da hypocrisia, no mais alto ponto da corrupção humana; o fingimento da virtude é a quinta essencia do vicio.» Sirva tambem a confissão d'este lord, para viuidicta dos inculpaveis chinezes, e macaenses.



## CARTA XXXV.

### EMBAIXADORES INGLEZES NA CHINA.

O odio, vestindo da amizade as roupas,  
Sua victima abraça em ledo rosto,  
E no abraço o punhal lhe embebe a furto.  
Maldita polidez, que dá taes fructos!  
Maldita polidez, que faz que o homem  
..... cale o que sente.

*COSTA E SILVA, EMILIA E LEONIDO.*

**Q**UALQUER outra nação, desejando ter communicação com a China, não se embarçaria na etiqueta das ceremonias tartaras; d'ahi não lhe provinha desdouro; mas a ingleza, que blasona de poderosa, de livre, e independente, dá motivo a ser desprezada, por soffrer o seu embaixador humiliações, que jámais se exigiram dos enviados do rei de Sião, nem da Cochinchina. Macartney fez a ceremonia do Ko-tou, na cidade de Tien-sing, perante o throno, achando-se o imperador em Ze-hol, quarenta legoas distante do logar da ceremonia! Alli ajoelhou o embaixador inglez tres vezes perante o retrato do imperador, e de cada uma tocou o chão com a fronte.

Kien-Long, recebeu Macartney no jardim do palacio imperial, em uma barraca levantada para esse fim. Principes, coláos, mandarins, ainda não tinha amanhecido, já formavam grupos em frente da barraca imperial. Ao romper da aurora, annunciou-se a vinda do imperador, por turmas de musicos tangendo instrumentos. Kien-Long sahio detraz de uma collina, sobre uma cadeirinha descoberta, conduzida por dezeseis officiaes militares.<sup>1</sup>

Entrou na sala do throno, acompanhado do primeiro ministro: depois entraram os principes, coláos, e mandarins, pela ordem das suas distincções. Immediatamente o presidente do tribunal dos ritos introduzio na sala o embaixador, levando nas mãos, acima da cabeça, o cofre de ouro guarnecido de brilhantes, onde ía a carta do rei da Grã-Bretanha: ajoellhou nos degráos do throno, e offereceu o cofre ao imperador. Kien-Long, pondo-o sobre a mesa, que havia a seu lado, respondeu: « Apraz-me saber a estimação, que me tributa o rei de Inglaterra: eu tambem o estimo, e desejo que haja constante harmonia entre os subditos respectivos. »

Acabada esta cerimonia, foi o embaixador conduzido a logar, que lhe era destinado em frente do imperador. Os principes, e os coláos tomaram assento, segundo os gráos das suas ordens, mais, ou menos longe do throno. Quando os servidores do paço viram todos sentados, descobriram as mesas, cada uma para duas pessoas, onde estavam primorosas iguarias. Levaram uma ao throno: depois de to-

<sup>1</sup> É costume em todas as partes do mundo, serem as cadeirinhas conduzidas por homens; as carruagens por bestas. Lá na Enropa fazem os homens algumas vezes de bestas. ElRei D. João 6.º foi puchado por setenta militares, alguns generaes, e todos dando vivas ao absolutismo!



dos comerem, beberam chá. O imperador fez algumas perguntas ao embaixador, e retirou-se.

« O silencio foi mais notavel, do que as ceremonias; parecia motivado por algum acto pavoroso de religiosidade: ninguem ousou fallar. O que mais caracterizou uma tal scena, foi a inalteravel dignidade, e pompa tranquilla jámais vista na Europa.<sup>1</sup> » A embaixada tinha por fim deixar em Pekin um encarregado de negocios, e fazer um tractado de commercio. Não alcançou uma, nem outra cousa: foi conduzida a Macáo, sem acontecimento notavel.

Em 1813 mandou o governo chinez vigorar a lei concernente aos Anistas, a fim de cohibir o contrabando feito pelos inglezes. O Hou-pou ordenou aos Anistas, que fizessem entrar os europeus em seus deveres; porém os inglezes continuaram como d'antes. N'esse tempo chegou a Macáo a fragata ingleza Doris, destinada a cruzar na bôcca do rio Tigre, onde tomou alguns navios americanos. Os chinezes sempre tolerantes, não o poderam ser n'esta occasião. O vice-rei mandou sahir de Cantão os inglezes, que alli se achavam. Estes recolheram-se a Macáo, d'onde pediram á sua côrte, enviasse um embaixador a Pekin, julgando bastar o favor de algum valido, para a embaixada ser bem recebida, e obter faculdade, para os inglezes negociarem n'este imperio, independentes dos Anistas.

Esperavam ainda outra vantagem; a posse de uma pequena ilha,<sup>2</sup> visinha de Macáo, para se estabelecerem n'ella, a nosso exemplo. Os sobrecargas da companhia remetteram a Londres o seu projecto; os directores insta-

<sup>1</sup> Extracto da embaixada de Macartney á China em 1793.

<sup>2</sup> Hong-Kong, a qual vieram a tomar, a ferro, e fogo, no anno de 1842, verificando o que eu disse em 1826, na carta xxxiii, pag. 131.

ram pelo deferimento; isso bastou para ser enviado lord Amherst por embaixador á côrte de Pekin. A companhia encarregou-se de fazer as despezas.

Sahio de Inglaterra em 8 de Fevereiro de 1816, na fragata Alceste, capitão Maxwel. Aportou no Funchal, no Rio de Janeiro, em Batavia, e chegou á ilha do Leme, na costa da China, em 10 de Julho do mesmo anno. Tomou alli as pessoas que o esperavam em Macáo, para complectar o sequito da embaixada. Era uma d'ellas George Staunton.

Juntaram-se n'aquelle ponto, á fragata Alceste, dois navios, com o presente destinado ao imperador. Sahiram todos da ilha do Leme em 13 d'esse mez, e chegaram á bôcca do rio Pei-ho a 29. Comtudo, só a 9 de Agosto pôde a embaixada entrar nas embarcações chinezas, que a deviam conduzir á cidade de Tang-chou

Antes de lá chegar, começaram as contestações entre os mandarins, e os inglezes, ácerca da cerimonia do Koutou. Amherst disse, que prestaria as mesmas ceremonias feitas por Macartney. Com esta declaração os mandarins consentiram que a embaixada proseguisse. Sendo George Staunton contrario á etiqueta da prova, fez com que Amherst a negasse, quando lhe foi exigida. Os chinezes allegaram a promessa do embaixador, e o que havia feito Macartney, tomando George Staunton por testemunha. Este, para não fallar verdade, nem contrariar os chinezes, respondeu: «Era mui joven, olhava para as cousas *sem consequencia*, não me lembro do que então se passou.»

N'este acto conheceram os chinezes, por gestos, e palavras, a fraude dos inglezes. Foram alguns a Pekin relatar ao imperador a conducta dos britannicos. Depois de bem informado, respondeu: «Tambem eu era joven, e

lembro-me de tudo o que então se fez; todavia, Jeam-se as memorias d'esse tempo.» Verificada a lembrança do imperador, tornou aos mandarins: «Se este embaixador não fizer as ceremonias exigidas pelo ritual do imperio, sahirá d'elle immediatamente.»

A embaixada chegou a Tang-chou no dia 20: consumiram alli oito dias, a emendar a carta do rei britannico, segundo a vontade dos coláos, e em novas contestações ácerca do Ko-tou. Havendo divergencia nos membros da embaixada, sobre a etiqueta exigida, lord Amherst disse a George Staunton: «Se a prática d'esta cerimonia não detrahe a companhia, cederei ao que se me pede.<sup>1</sup>»

Staunton pediu tempo: consultou os outros commissarios; depois respondeu: «A cerimonia do Ko-tou, praticada pelo embaixador de S. M. Britannica, será prejudicial á companhia.» Assim mostrou o embaixador, não ser timbre honroso, o que lhe embaraçava fazer a cerimonia do Ko-tou, mas sim os interesses da companhia. Pena é não declarar George Staunton, a perda da companhia, motivada pela cerimonia.

Sahiram de Tang-chou a 29 de Agosto; descançaram nos suburbios de Pekin, e chegaram á meia noite á porta, por onde havia entrado Macartney: estava fechada, assim como todas as outras, que dão entrada na cidade. Continuaram rodeando a muralha, e ao romper do dia, estavam perto do palacio Juenmin-iuen, onde se achava o imperador, e grande parte da côrte.

Conduziram o embaixador, e os commissarios a um quarto, onde foram perguntados, e observados, antes de serem apresentados ao imperador. O resultado do exame

<sup>1</sup> Diário da embaixada: Tom. 1.º pag. 268.

foi, irem os tios do imperante dizer-lhe: que taes homens eram indignos da sua presença; pois calavam o que sentiam. No mesmo instante foi conduzida a embaixada ao lugar, d'onde tinha sahido na vespera. Achou alli esplendido almoço; e no fim marchou para Cantão, *sem consequencia*.

Para saberes a consideração, que os chinezes dão aos inglezes, basta o caso seguinte. Na retirada de Pekin, repousando a embaixada em ponto dado, sahio lord Amherst a passear na margem do canal. Estando n'ella um pescador, levantou-se em signal de respeito: um mandarim vendo a continencia, disse ao pescador: «Esse homem não merece attenção alguma dos subditos chinezes.»

Sendo estes civís, e urbanos para com todos os homens, não o podem ser com individuos, que vêm á China quebrar as suas leis regulamentares, affrontar os seus costumes, e exigir cousas contrarias á lei fundamental do imperio. Comtudo, a embaixada de lord Amherst, assim como não foi respeitada, não foi offendida.

---

## CARTA XXXVI.

### ENTRADA E SAÍDA DOS JESUITAS NA CHINA.

Devo cohibir as desordens excitadas por esses homens incorrigíveis. Que direis se eu, com o desígnio do vosso chefe, mandasse á Europa um exercito de bonzos?

*YONG-TCHIN.* <sup>1</sup>

**A**SSIM que o famoso ANDRADE estreou as quilhas lusitanas nos mares da China, correram ao Japão os coibidos jesuitas. Passados trinta annos, em 1552, já eram tão odiados, que, para não serem victimas de suas palavras, e acções contradictorias, fugiram para as Molucas; pois ainda não tinhamos na China porto seguro.

Quando os portuguezes se estabeleceram em Macáo, affluiram aqui os jesuitas refugiados nas Molucas, e de varias partes da Europa. Em 1573, conseguiram chegar a Pekin, onde foram acolhidos pelo imperador Chin-Tsoug. Juntando-se alli frades de muitas nações, e côres, forjaram

<sup>1</sup> Respondendo aos jesuitas, que deixava em Pekin, no acto de pedirem graça, para seus companheiros não sahirem da China.

intrigas tão avessas aos costumes chinezes, que deram motivo a serem vigiados pelos agentes da policia.

Em 1581, soffreram a primeira perseguição; porém no anno de 1615, foram accommettidos de sorte, que, para não triumpharem pelo martyrio, refugiaram-se todos em Macáo. Disputas renhidas entre os missionarios, motivaram casos vergonhosos entre o vigario geral de Roma, os jesuitas, e os franciscanos. O inferno jámais brotou de demonio tão vingativo, como era o referido vigario.<sup>1</sup>

Fez dizer aos mandarins, que os jesuitas pretendiam collocar no throno do imperio chinez o padre Caetano; que para esse fim contavam com o governo de Macáo, Christãos do Japão, com a esquadra hollandeza, e com os seus amigos chinezes de Pekin. Todos os europeus existentes na China, n'aquelle tempo, seriam mortos, se esta accusação chegasse aos ouvidos do imperador: a prudencia dos mandarins salvou os contendores, e seus patricios.

Ainda bem não tinha acalmado esta borrasca, levantou-se outra peor. Alguns missionarios avisaram o Papa, de quanto as ceremonias chinezas offendiam o Christianismo. O S. P. condemnou-as. Sabendo o imperador Kang-Hi, por outros missionarios, da revolução que o S. P. pretendia fazer contra o ritual do imperio, prohibio entrar europeu algum n'elle, sem praticar as ceremonias condemnadas em Roma. O S. P. querendo sustentar a sua opinião, mandou por embaixador ao imperador Kang-Hi, o patriarcha da Alexandria, Mezza Barba. Este, para entrar na China, praticou as ceremonias em questão.

Kang-Hi deu quatro audiencias a Mezza Barba. Na primeira fallou este das ceremonias: o imperador respon-

<sup>1</sup> Amioti: Memorias concernentes á China.

deu: « Se alguém sustentar, que o amarello é verde, e que o verde é amarello, que direis vós? Como heide acreditar quem affirma tacs falsidades? » Mezza Barba respondeu, e fallou do Papa; mas não verificou cousa alguma do que disse. O imperador concluiu: « O Papa sabe tanto das cousas da China, como eu sei o que agora se passa em Roma. »

Na segunda fallou o embaixador ácerca dos missionarios. Kang-Hi respondeu: « Quiz unir esses homens; dei-lhes casa, e alimento, para viverem como irmãos; porém, debalde trabalhei: não podem ver-se uns aos outros. Como, sabendo o Papa a conducta d'estes miseraveis, confia no que elles dizem? » Na terceira audiencia tirou Mezza Barba o mesmo fructo, que tinha colhido nas antecedentes.

Na quarta rogou Mezza Barba ao imperador, que mandasse conformar os Christãos chinezes, com o decreto pontificio, sobre o culto dado a CONFUCIO. « Isso é da competencia dos mandarins, e não do Papa, tornou o imperador. Triste idéa faz elle dos chinezes, se julga, que estes pensam ter presente as almas de seus maiores, nos quadros onde escrevem seus nomes. »

Mezza Barba retirou-se na graça do imperador; mas não obteve cousa alguma das que pretendia o Summo Pontifice. Os missionarios continuaram guerra aberta entre uns, e outros, de modo, que foram postos fóra do imperio, assim que morreu o imperador Kang-Hi.

Yong-Tchin, conhecendo bem o interesse do povo, fez-lhe justiça: mandou sahir do imperio todos os missionarios inuteis, ou prejudiciaes. Kien-Long, e Kia-King, tiveram occasião para avaliar a sabedoria de Yong-Tchin, na resolução que tomou em banir do imperio os missio-

narios. Porém, foi o actual imperador, Tao-Kouang, quem teve o acôrdo de lançar fóra os restantes, e prohibir com rigor a entrada de mais algum.

Tratarei ainda d'esta materia, quando obtiver o dialogo do abbade Rigolet, com o imperador Yong-Tchin, pouco tempo antes d'este mandar sahir do imperio os missionarios, que andavam promovendo desordens entre as familias chinezas.

---



## CARTA XXXVII.

### REFLEXÕES SOBRE O JOGO.

A Providencia não admite acaso. A natureza diz: espera, mas trabalha; o mais activo será premiado. A lei prohibe o jogo de acaso: qualquer infractor será punido rigorosamente.

*YONG-TCHIN.* <sup>1</sup>

**G**RANDE mudança experimentou esta cidade pelas desordens acontecidas em 1822: fugio de seus moradores a franqueza: levantam-se aversões entre parentes, e amigos, que até arredam de cortezias: porém, acha-se de algum modo compensada a divisão de opiniões, pelos costumes. Ha trinta annos o sexo feminino não apparecia na sociedade; d'ahi provinham costumes rudes. D'esse modo haviam os dois sexos maior somma de vicios, e eram mais geraes a ebriedade, e o jogo; agora são raros.

Ha meio seculo fez o jogo n'esta cidade a desgraça de muitas familias, e não se conhece uma a quem elle dêsse ventura. Não admira achar-se este vicio tão invete-

<sup>1</sup> Decreto do imperador Yong-Tchin.

rado na Europa; ahi não ha lei, nem força, que possa resistir aos jogadores; os principes, e seus validos, dão o exemplo: mas aqui, onde não ha a prejudicial ociosidade dos cortezãos; onde os chinezes observam religiosamente o decreto do imperador Yong-Tchin, causa grande admiração chegar esse vicio, a ponto de por elle se perderem familias, que d'antes se reputavam opulentas.

Meditar, é sem dúvida, o primeiro passo para a sabedoria; mas, em geral, é o ultimo que a preguiça, e as paixões do homem lhe permitem fazer. Deixando de parte o jogador de profissão, fallarei no jogo de interesse moderado. Quem chamará divertimento honesto á guerra viva de interesses, em que o ávido jogador tende a espoliar o contrario, sem prestação de equivalente? Como podem homens, que se dizem prudentes, tornar a sua fortuna, e consequentemente a sua felicidade, dependente de certa combinação de cartas, ou dados? É da amizade propôr para divertimento um combate de fortuna? É da prudencia aceita-lo?

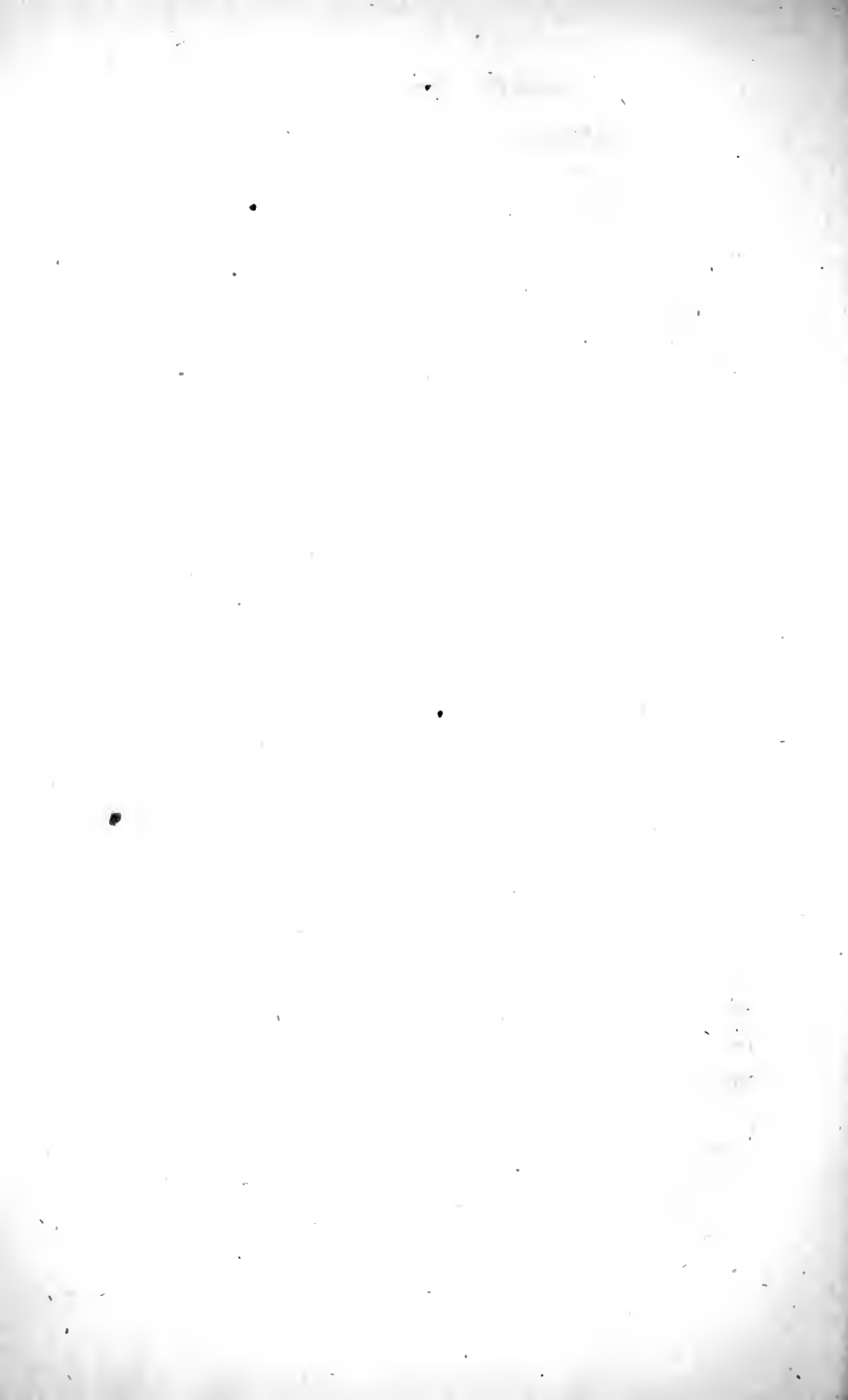
Que parte dos seus bens póde o homem applicar, para divertimento do jogo? Ninguem dirá ser licito dar os que precisa; mas sómente os que sobejam. Quem póde jogar um real, em quanto não tem rendimento liquido, para manter as precisões da familia? E quando póde jogar dez, que certeza tem, de que introduzido no jogo, não seja obrigado a perder cincoenta? Seja o rendimento superior ao que levam as precisões da familia: póde o jogo comparar-se com outros modos de empregar o excesso? Não ha familias desgraçadas vivendo na penuria, e bradando pelo amparo das almas compassivas, que lhes fazem as vezes de divindade?

No jogo de passatempo dão-se outros inconvenientes. «O gosto do jogo só entra em corações vãos, diz Rousseau.» Este aforismo exprime bem, que o jogo de passatempo, nascido da ociosidade, tem n'ella o seu vicio radical. Se n'este jogo não se perde dinheiro, perde-se cousa mais preciosa, o tempo. Pois que! não fazem falta na vida as noites consumidas em repetições de idéas sem prestimo, que só podem constituir merito no paiz da estupidez!

Que vantagens tiram de exercitar o espirito nas combinações do jogo? É honesto desprezar estudos, para consumir largas horas em tão futil emprego? Dar todas as atenções do engenho á mais esteril applicação? Como póde distinguir-se por talentos, quem dá por habito todas as vacancias a exercitar-se na combinação de cartas, e desempenho das leis do jogo? «Aos olhos do homem social, diz Holbach, nada ha tão pueril como a fórma de passar o tempo nas companhias. Grande vazio deve existir nas cabeças d'essa gente, que para divertir-se só acha recurso nas cartas, e nos dados; e o peor é, que os potentados dão o exemplo.»

Supponhamos, que se dá ao jogo o tempo, que dizem não póde aproveitar-se, o do enfado: não ha modo de gasta-lo mais utilmente? Não ha sciencias a estudar? prendas a exercitar? Por que se prefere uma applicação perniciosa nas consequencias, e severa no exercicio? Talentos, e virtudes; eis o que deve melhorar os macaenses, e torna-los á sua antiga união, e boa fé.

---



## CARTA XXXVIII.

DE CANTÃO A LISBOA.

### VIAGEM DE MACÃO A CANTÃO.

Novo de honrosa fama  
Soberbo promontorio  
Da minha lyra as aureas vélas chama  
Da famosa Cantão ao rico emporio.  
Oh! de que maravilha  
Meu peito se enche, ao ver na nova quilha  
O grande cavalleiro,  
Que seus mares ousou trilhar primeiro!

*DINIZ.*

**P**ARA te dar perfeita idéa do imperio chinez, terei sempre em vistas os requisitos, que o supposto censor Catao-yu-se, indicou ao mandarim Chan-pi-pi. « O imperador, diz aquelle, communicou-me o objecto da tua viagem; louvei o plano, e aprovei a escolha. Não será difficil a um mandarim da tua ordem investigar as causas, que tanto agitam a Europa. »

« Cada porção do globo tem a sua historia; examina a dos europeus; acharás n'ella a imagem de seus costumes: Comtudo, isso não basta, para avaliares o character de seus habitantes: a historia apenas relata os grandes

acontecimentos, e os homens podem ser conhecidos nas causas secundarias, que os rodeam. »

« Observa os vicios, e as virtudes; pois só pelo conhecimento das paixões, poderemos avaliar dos seus costumes. As paixões variam, segundo o clima: os homens são como as plantas, recebem qualidades inherentes á localidade do paiz. Logo, para conheceres as revoluções da terra, estuda as do ceo. »

« Investiga as instituições politicas; sobe á sua origem. Não ignoras, que uma subtiliza de mais, ou de menos, em qualquer administração, muda totalmente o genio dos homens, e a ordem das cousas. »

« Repara bem quanto influe o systema civil sobre os povos: ha tal, que sendo excellente na fórma, não convem á sociedade, para quem fôra talhado. »

« Examina, se os povos vivem ligados aos costumes; se não os prezam, provém de não serem conformes com o seu gosto; portanto, improprios á sua ventura. »

« Estende as vistas sobre a policia; d'ella nasce a subordinação pública, e a ordem, se o regulamento é conforme com a vontade do maior número. Profunda a origem das leis, e as paixões dos imperantes; se aquellas não punem os crimes, e estas são viciosas, o povo o será tambem. »

« As artes, e o commercio offercem reflexões uteis; motivando revoluções nas riquezas, vem por tempos a causar grandes mudanças no regimen do estado. Entra em todos os ramos administrativos: as grandes sociedades dirigem-se, como as pequenas. O pai, que não governa bem sua familia, faz a desgraça dos filhos. »

« Toma conhecimento dos genios, a quem os reis con-

fiam os negocios do estado: ministros inhabeis, ou malevolos, desolam os povos pela incapacidade, ou pela tyrannia. Se a economia é bem regrada, o governo politico o será tambem.»

« Informa-te bem da sabedoria de cada uma nação: as sciencias dão predominio geral. Povos esclarecidos dão sempre a lei aos menos illustrados. Oxalá a tua nimia austeridade não te desvie de estudar o bello sexo Elle subjugá tudo ás suas leis; e tem mais, ou menos influencia na razão da condescendencia dos homens.»

Julgo ser mais facil a um chinez, fazer uma tal indagação na Europa em tres annos, do que a um europeu faze-la na China em trinta; todavia, receberás d'este imperio noção de tudo, quanto exigio da Europa, o censor Catao-yu-se: será fundada no juizo dos mais abalisados escriptores, que residiram em Pekin muitos annos, e na evidencia.

A viagem de Macáo a Cantão, é interessante a quem se alegra, vendo a natureza ajudada pela arte. As ilhas, que rodeam Macáo pelo antartico são escavadas; mas entrando-se no rio de Hiang-san, descobre-se riquissima paizagem. Os chinezes reprezam as aguas do rio, com leves comportas; e passam-as de uns a outros talhões, formados por comoros, onde plantam arvores alinhadas, ricas em fructos, e bellas em folhagem.

De cima dos comoros, ou das embarcações em maré cheia, avistam-se lindos paincis. Aqui talhões, onde forcosos bufalos pucham grandes, e bem construidas charruas; alli outros cobertos de agua, para germinar a sementeira; áquem outros tapizados de verdura, pelo arroz brotando da terra; além grande número d'elles cheios de

ceifões, e de arroz em paveias; outros d'onde já o haviam tirado, cheios de patos, a fim de se nutrirem respigando. Seja pela vista de esmerada cultura, seja pela agitação de povo immenso, que fertiliza os campos, a alma dilata-se, gozando de tão sublime espectáculo.

Sahi de Macáo, ás seis horas da tarde; cheguei á cidade de Hiang-san ao romper do dia. Está situada na margem do rio, sobre a falda de pequena collina, coroada por grande torre. Contam na cidade mais de cem mil vizinhos. Sahi de Hiang-san para Chinai, ás oito horas da manhã: não achei differença notavel nos campos; porém, o rio mostrou novo espectáculo.

As embarcações, na maré cheia, sobem ao nivel das margens do rio, e dos comoros dos talhões; sendo o terreno cortado por muitos braços do rio, que dão passagem a embarcações de portes diversos, o destino das viagens faz, com que tomem direcções differentes; assim, vê-se correr grande número de vasos, em sentido contrario, sem que se descubram as aguas por onde navegam; apenas asomam as embarcações, que, velejadas, parecem correr sobre a terra.

Fui registado em Chinai, <sup>1</sup> ás onze horas da noite. D'aqui para Cantão a scena variou. As villas pegam umas com as outras: no alto das montanhas ha torres, de fórmas, e alturas diversas, consagradas á sabedoria, e virtudes humanas; nos declives pastam manadas, e rebanhos; nas planicies abundam messes, e arvores fructíferas: tudo mostra a grande perfeição, a que tem chegado a arte da agricultura, entre os chinezes.

<sup>1</sup> Vindo de Macáo para Cantão, é-se registado na cidade de Hiang-san, e na villa de Chinai.



Aportei em Cantão, com sessenta horas de viagem, maravilhado de tudo quanto via e observava. Esta cidade é rodeada por grossa muralha, de quatro legoas em circumferencia, e guarneçada por muitos baluartes: ha nove portas, onde tem registos, e pontes levadiças. É cercada por estreito canal, entre o qual, e a muralha ha commoda estrada. As ruas são largas, rectas, e accadas: as casas, em geral, têm um só andar, e são cobertas de telha vidrada.

Ainda eu não tinha desembarcado, e já se me apresentava curioso objecto, para meditar sobre o immenso povo, que vive no rio, em frente da cidade, alojado em mais de quarenta mil embarcações. Tive depois occasião, para examinar esta Veneza boiante: houveram dias, em que vogava seis horas nos canaes, que ellas formam, e não percorria todos; tantos são elles, e variados os objectos dignos de attenção.

« É singular o acôrdo, e a perfeita harmonia, que reina em todas estas cidades aquaticas, diz o capitão *Laplace*: milhares de embarcações de fórmãs, e grandezas diversas, são movidas com tal pericia, que nunca succede abalroarem-se, nem as equipagens terem contestações. Que importante lição, para os europeus do mesmo officio! Os chinezes são mui superiores aos europeus, no que diz respeito á verdadeira civilisação; fallo da civilisação, que livra os povos da ignorancia, e da rudeza, que se encontra na Europa, onde os homens estão ao nivel dos brutos. »

Mr. *Laplace*, espantado na presença dos laboriosos, e amenos chinezes, fez-lhe o merecido elogio. Não foi menor a admiração do nosso BERNARDINO DA COSTA MARTINS, quando passou junto a Hong-Kong, e viu manobrar os chinezes. O movimento das suas embarcações é rapido,

e as evoluções tão promptas, que mais parecem creaturas animadas, do que vasos de madeira.

Fallando do nosso BERNARDINO, devo dizer-te, para mais o apreciares, que muitos, e grandes serviços me prestou, tanto no mar, como em terra, na India, e na China. Sempre achei n'elle polidez, e a nobreza de character, que fazem amar o talento. Nada ha tão doce, como publicar os serviços recebidos. Desculpa esta interrupção nascida da amizade.

Os investigadores de mais credito, sobre as cousas da China, dizem haver n'estas embarcações, estacionadas em frente de Cantão, duzentos mil chinezes, e oitocentos mil na cidade terrestre; logo, ha n'uma, e n'outra um milhão de habitantes. Geographos ha, que dão a esta cidade milhão e meio de visinhos; outros, apenas quinhentos mil. O número mais aproximado da verdade, é o primeiro.

Os europeus residem no suburbio da cidade, na margem do rio, em logar que terá quinhentos passos de frente, e o mesmo de fundo. Entre umas, e outras feitorias, alugadas por negociantes de nações diversas, ha ruas destinadas á venda de sedas, louça, charão, etc. Os chinezes praticam actividade incrível a quem a não observa. Para avaliares o commercio d'esta cidade, bastará dizer-te, que tem mais de vinte mil casas de negociantes ricos.

O governo, para não tratar directamente com estrangeiros, nomeou certo número de negociantes probos, e abastados, a que chamam Anistas, para negociarem com os estrangeiros. São todos solidarios na segurança dos europeus, e responsaveis pela execução das leis, que lhes são relativas. Assim, dão os chinezes abonação, que não se encontra em outra qualquer parte do mundo.

## CARTA XXXIX.

### PRIMEIROS IMPERADORES CHINEZES.

Como é bello sondar, que eternas molas,  
E que agente geral move os *viventes!*  
Descortinar a escuridão dos tempos :  
Ver nas primas idades o *amor proprio*  
Accender as paixões em nossos peitos :  
Formar nações, esclarecer os homens.

II.

**M**ONTESQUIEU, Paw, Malte-Brun, e outros, não viram a China, e dizem mal dos chinezes! *Gaspar da Cruz*, *Pereira*, e *Magalhães*, vivendo n'este imperio muitos annos, sendo versados no idioma chinez, estudando as suas leis, usos, e costumes, descreveram esta nação com verdade. Assim, reputa exacto o que foi evidente a estes escriptores sisudos, e despreza os improvisos de espiritos preoccupados.

Sendo o objecto principal das minhas indagações, demonstrar o que os chinezes têm feito a bem da especie humana, escusava fallar do tempo fabuloso; mas assim, não terias noticia do que elles escreveram d'essas épocas, nem a certeza de que as suas fabulas, pouco differem das inventadas na India, e na Europa.

Deixando o tempo, em que os chinezes deram á especie humana fórma diversa da que hoje tem; isto é, rosto de homem, corpo de serpente, e pés de cavallo; tratarei, contudo, do nascimento de Fou-hi, ainda que tambem o pintaram de figura monstruosa. Dizem que nascêra na provincia de Ho-nan, no anno 3461, antes da era Christã.

Hoá-siu, flor esperada, caminhando pela margem do rio do mesmo nome, vio na terra as pégadas de um gigante; desejou ter um filho igual; seguindo a pista foi cingida por um arco celeste, e concebeu. No fim de quatorze mezes, a quatro da lua decima, pario o seu desejado filho, a quem chamaram Fou-hi. Tinha corpo de dragão, e cabeça de boi.

Tambem escreveram cousas maravilhosas, ácerca da mulher de Fou-hi; essa bemaventurada alcançou a graça particular de ser virgem depois do parto! Um lexicographo antigo diz, que os chings, os santos, são chamados filhos do ceo, na intelligencia, de que suas mãis os geraram por celestial operação.

As leis de Fou-hi tambem são mysteriosas; dizem, que o Senhor lh'as mostrára escriptas sobre o dorso de um dragão-cavallo; que o povo as reputára como doutrina sagrada. Fou-hi creou o seu ministerio, nomeando quatro validos; fez um presidente, e a todos chamou dragões. Assim tiveram comêço os ministerios ha 5288 annos, na figura de monstros empolgadores! Os da nossa terra, salvo poucas excepções, deixam ver as suas garras aduncas.

Fou-hi ensinou a domesticar o boi, o cavallo, o porco, o carneiro, o cão, e a gallinha. Antes d'elle vir ao mundo, viviam os dois sexos em commum: Fou-hi ordenou o casamento, e deu a fórma do contracto. Assim estabeleceu

a sociedade conjugal, e ordenou, que as mulheres se distinguissem dos homens, no modo de vestir-se.

Escreveu sobre a sciencia da astronomia; dividio a duraçãõ do tempo; inventou instrumentos de musica; compoz idylios piscatorios, e inventou as redes. O seu reinado, abstrahindo da parte fabulosa do seu nascimento, e origem de suas leis, foi uma longa serie de beneficios publicos.

Os chronologos chinezes dizem, que Fou-li morrêra no anno 3346, antes da era Christã, tendo 115 de idade. Succedeu-lhe Chen-Nong; reinou 140 annos. A este succedeu Kõung-che, e Niu-oua-che; reinaram 130 annos. Succedeu-lhe Ty-Lin-Koum; reinou 80 annos. Depois, Ty-Cheng; reinou 60 annos. Ty-Ming, 49; Ty-y, 45; Ty-Lai, 48; Ty-Ly, 42; Yen-Ty-yu-ouang, 55; Hoang-Ty, 60; o que tudo somma 824 annos; deduzidos de 3461, época em que nascêra Fou-li, temos o tempo em que os chinezes deram á sua historia documentos incontestaveis, 2637 annos antes da era Christã.

O imperador Kien-Long foi quem, no seculo passado, influio no tribunal da historia, para achar documentos authenticos nas idades remotas. Poderam descobri-los desde o anno de 1770, da era Christã, até 60 annos do reinado de Hoang-Ti; isto é, 2637 annos antes da era Christã. Assim mostraram os chinezes em 1770 da nossa era, 4407 annos da sua historia, provada com documentos, que não admittem contestação.

Chen-Nong, lavrador divino, foi imperador distincto: inventou o arado, ensinou a semear, e colher cereaes, arroz, e legumes; e a fazer sal das aguas do mar. Estabeleceu mercados publicos; escreveu sobre a medicina; inventou uma lyra para adoçar os costumes do povo, e com-

poz varias canções em louvor da mais nobre das artes, da generosa agricultura.

Hoang-Ti foi o primeiro imperador, que nomeou chronologos, d'onde se segue, que já n'esse tempo haviam caracteres sufficientes, para escrever a historia do imperio. No anno 2626, antes da era Christã, nomeou astronomicos, para calcularem com exactidão o movimento dos astros. Em 2625, creou um systema de contabilidade; e ordenou o uso de pesos, e medidas. Em 2622, mandou fundir sinos, que deram os cinco sons da musica; e compoz hymnos, para servirem de abertura nas festividades. Em 2613, mandou construir embarcações, em que atravessou largos, e caudalosos rios. Em 2608, mandou fundir metaes, e cunhar bocados, onde se via o peso, e o valor, para satisfazer com elles o trabalho dos funcionarios publicos, a fim de comprarem o necessario á existencia da vida. Assim deu a conhecer as riquezas n'aquellas remotas épocas. Em 2606, compoz um livro, onde ensina o homem a conhecer-se a si, e aos outros, para que obre de modo conveniente a todos. Em 2605, sua primeira mulher ensinou a crear bichos de seda, e a fabrica-la. Hoang-Ti possuiu quatro mulheres da primeira ordem, e nove da segunda: teve d'ellas 25 filhos. Morreu no anno 2592.

Succedeu-lhe Chao-Hao: no reinado d'este principe receberam os trabalhos do imperador Hoang-Ti grande perfeição. No anno 2580, entrou um scisma no imperio, e com elle todos os vicios. Os bonzos acabaram de alterar a doutrina chinesa no anno 2556. Chao-Hao morreu no anno 2516.

Succedeu-lhe Tchouan-hiu: no seu tempo, já o imperio da China se estendia da Cochinchina, a Pekin. Morreu no

anno 2436. Succedeu-lhe Ty-kou; amava o povo, e pesava justiça com rectidão. Morreu no anno 2367. Succedeu-lhe Ty-Tché; assim que subio ao throno, entregou-se a demasias: foi deposto, e aclamado seu irmão YAO, no anno 2357.

YAO tinha a sciencia de bem governar; estava sempre em paz com o seu espirito, e com o seu coração. Abriu caminho, para a verdade chegar ao throno, mandando collocar na sala de entrada no paço uma mesa, onde qualquer podia escrever o que julgasse conveniente ao bom regimen do estado.

A China já no tempo do imperador Hoang-Ti, tinha sciencias, e artes; mas esses beneficios foram, em grande parte, destruidos pelo diluvio, que inundou a melhor parte do imperio no reinado do imperador YAO. Este imperador teve de reparar os estragos d'esse flagello.<sup>1</sup>

Depois de ter reinado 70 annos, reunio o conselho d'estado, e disse: «Estou sobrecarregado com o peso do governo sobre 86 annos de idade: se algum de vós quer, e póde reger o estado, de boa vontade lhe entrego as insignias do poder.» Nenhum dos membros do conselho se achou em circumstancias de empunhar o sceptro, sahido das mãos do imperador YAO. «Ao menos, disse elle, lem-

<sup>1</sup> Vê-se na vulgata que o diluvio universal tivera logar no anno 600 da idade de Noé, ou 1651 da creação do mundo. \* O texto hebraico diz que JESUS Christo nascêra no anno 4004 da creação do mundo: deduzindo 1651, época do diluvio, segundo a vulgata, temos 2353 annos, época em que YAO tinha 4 annos de reinado. Logo, se o texto é verdadeiro, o diluvio não foi universal.

\* Tinha elle, Noé, seiscentos annos de idade, quando obteve a graça de navegar no espaço com toda a sua familia, e castas de brutos, até que a terra absorvesse, e o vento seccasse a chuva cahida nos quarenta dias, e quarenta noites. Entre as cousas, que levou na arca, ia tambem a sonda, por onde conheceu ter-se elevado a agua quinze covados acima dos montes.

brai-vos de algum homem digno, para ajudar-me.» CHUM, disseram todos; ainda que é solteiro, continuou um dos conselheiros, e de familia obscura, pois tem pai estúpido, e mãe dissoluta, guarda comtudo as regras da obediencia filial. «Basta, tornou YAO, dar-lhe-hei minhas duas filhas em casamento, veremos como elle as dirige.»

CHUM foi chamado á côrte; fez-se o contracto do casamento, segundo a regra estabelecida por Fou-hi; YAO entregou as suas duas filhas a CHUM, e disse-lhe ao despedir-se: «Respeitai vosso marido.» Assim vê-se, que o principio da polygamia n'este imperio, provém de idades remotas.

YAO morreu no anno 2258, tendo 116 de idade, e 100 de reinado. O povo chorou a sua morte, e vestio-se de lucto por tres annos. De todos os imperadores, que têm governado a China, nenhum houve tão grande reputação. Dizem que fôra modêlo dos bons soberanos, e dera exemplo de todas as virtudes.

CHUM pretendeu acclamar Tan-Tchou, filho de YAO; mas o povo, e os grandes, renderam homenagem a CHUM. Este resistio nos tres annos do lucto, mas no fim acceitou a corôa; isto é, no anno 2255. Assim que empunhou o sceptro, nomeou Tan-Tchou, principe de Tan, e ordenou-lhe que usasse das insignias imperiaes.

Mandou que os funcionarios do estado fossem examinados, de tres em tres annos, sobre os actos da sua vida pública; premiados os distinguidos, e lançados fóra do serviço os negligentes. Este saudavel costume ainda se pratica em nosso tempo. Em 2250, estabeleceu o collegio imperial.

Achando-se fatigado, quiz, a exemplo de YAO, alli-



viar-se do peso do governo; reuniu o conselho d'estado no anno 2224, e pediu um homem digno, para que o ajudasse. Foi escolhido o famoso YU, que tanto se havia distinguido no escoamento das aguas diluvianas.

YAO, tomando CHUM para ajuda-lo, disse-lhe: «Guardai em tudo o justo meio.» CHUM, tomando YU para o mesmo fim, disse-lhe: «Sede exacto; corrigi os abusos; assim levareis tudo ao centro da unidade.» O principio é o mesmo: CHUM juntou-lhe os meios, que YU devia empregar. Morreu no anno 2208, tendo 48 de reinado, e 111 de idade.

Na familia de YU, começaram as dinastias chinezas. Dar-te-hei o resumo de todas em cartas, que te irei enviando: assim tornar-se-ha menos enfadonha a sua leitura, e mais facil a meditação sobre cada uma.

---



# CARTA XL.

## DINASTIAS CHINEZAS.

Ah quanto dista ás vezes a ventura  
Da suprema grandeza? Além sem fausto  
Vês um rei desgraçado, e lacrimoso.

II.

**P**RIMEIRA dinastia: *Hia*: durou de 2205, até 1766 annos antes da era Christã: teve 18 imperadores. YU, quiz deixar o governo, para subir ao throno o filho de CHUM; porém, o povo, e os grandes deram a corôa, e o sacerdocio ao sabio, e virtuoso YU. Este, a exemplo de YAO, e de CHUM, visitava as provincias do imperio annualmente: n'uma d'essas viagens, encontrou alguns criminosos agrilhoados, quando passavam do tribunal da justiça, para o calabouço. Desceu do carro; interrogou os presos, admoestou-os, e applicou-lhes o direito que tinha de fazer graças. «A mim se devem imputar os crimes d'estes homens, disse YU, vertendo lagrimas: no tempo de YAO, e de CHUM, os povos, seguindo o exemplo de suas virtudes, cumpriam seus deveres: ah! mui longe es-

tou de os imitar; bem o provam tantos crimes commettidos no tempo do meu governo!

Ha no CHOU-KIN, livro sagrado, uma relação dos trabalhos dirigidos pelo infatigavel YU, na esgotação das aguas diluvianas, o qual parece mais um ensaio estatístico das provincias, por onde viajou. Descreveu as montanhas, os rios, os lagos, e os canaes que mandou abrir. Os nomes têm variado com o tempo, e com as invasões. Se fallasse de todos, dar-te-hia incommodo, sem proveito; assim, deixarei de parte a antiga, e minuciosa topographia das cidades, pelo conhecimento dos terrenos, das producções, e dos impostos de cada provincia; isso bastará, para avaliar o estado em que ellas se achavam no anno 2286, tempo em que YU concluiu os trabalhos do esgotamento.

1.<sup>a</sup> Ki: hoje está dividida em duas: chamam a uma Chan-si, a outra Pe-Tchi-Li. O terreno é solto, e alvacento; metade é lavradio: o imposto é de 10 por 100. Recebe tributo das ilhas, que lhe ficam proximas, em tecidos, e pelleterias.

2.<sup>a</sup> Yen: hoje Chan-Toung. Entesta ao norte, com a provincia de Pe-Tchi-Li; ao sul, com o rio Hoang-ho; e no oriente, com o oceano grande. O terreno é argiloso, e verdenegro: seis decimos é lavradio: o imposto é de 9 por 100. Produz seda, e arvores d'onde se extrahe verniz.

3.<sup>a</sup> Thsin: está hoje unida ás provincias de Chang-Toung, e Pe-Tchi-Li. O terreno é argiloso, e alvacento: tres decimos é lavradio: o imposto é de 4 por 100. Ha estanho em abundancia; tem muitos pinhaes; cultiva, e fabrica sedas de côres diversas.

4.<sup>a</sup> Sou: hoje Kiang-Nan. Péga ao norte, com a provincia de Chang-Toung; ao sul, com a de Kiang-si. O

terreno é argiloso, e esbranquiçado: tres decimos é lavradio: o imposto é de 5 por 100. Produz madeira de Toung, da qual se extrahê oleo muito apreciavel Tiram-se d'ella abundantes tecidos de seda; e perolas do rio Houi.

5.<sup>a</sup> Yang: hoje Kiang: confronta ao norte, com a provincia de Kiang-Nan; ao sul, com a de Kuang-Tong. O terreno é pantanoso: nove decimos é lavradio: o imposto é de 7 por 100. N'esta provincia vegetam bambús, sem cultura. Tira-se d'ella ouro, prata, cobre, pedras preciosas, e dentes de elefante.

6.<sup>a</sup> King: hoje Hou-Kuang. Péga ao norte, com a provincia de Ho-nan; ao sul, com a de Kuang-Tong. O terreno é pantanoso: oito decimos é lavradio: o imposto é de 3 por 100. Tira-se d'ella ouro, prata, cobre, pedras preciosas, e tecidos de várias qualidades.

7.<sup>a</sup> Yu: hoje Ho-nan. Entesta ao norte, com a provincia de Chan-si; ao sul, com a de Hou-Kuang. O terreno é argiloso, e muito eseuo: quatro decimos é lavradio: o imposto é de 2 por 100. Produz linho, seda, algodão, e fabricam-se n'ella todos esses generos.

8.<sup>a</sup> Liang: hoje Sse-Tchuen: confronta ao occidente, com a Tartaria Mogol; ao oriente com a provincia de Hou-Koang: ao norte com a de Chan-si. O terreno é verdene-gro: sete decimos é lavradio: o imposto é de 6 por 100. Tira-se d'ella prata, ferro, e pedras preciosas.

9.<sup>a</sup> Young: hoje Chan-si. Entesta ao oriente, com o rio Hoang-Ho; ao occidente, e ao norte com a Tartaria; ao sul com a provincia de Sse-Tchuen. O terreno é solto, e amarello: um decimo é lavradio: o imposto é de 6 por 100. Tira-se d'esta provincia grande quantidade de pedras preciosas.

Na provincia de Young, concluiu o activo YU os seus trabalhos do esgotamento. Depois, mandou gravar em cobre as cartas geographicas, e as descripções de cada provincia. Ainda são respeitadas, quaes objectos sagrados, e como se da sua posse, e conservação dependa a segurança do imperio.

Vê-se n'aquelle inestimavel monumento, que YU viajára a parte do imperio, comprehendido entre 25 e 40 grãos de latitude, em uma faixa de 20 grãos de longitude; isto é, da bôcca do rio Kiang, até á fronteira da Tartaria Mogol. Que medira a elevação das montanhas: fizera entrar os rios em seus antigos leitos; e conduzira ao mar grandes ajuntamentos de agua, fazendo cortar montanhas, a fim de lhes dar passagem. O rio Hoang-Ho atravessa a montanha Loung-men.

Os historiadores d'este paiz provam com documentos, que o imperador YU, conheceu as propriedades do triangulo rectangulo, com as quaes executou os seus grandes trabalhos, ácerca do nivelamento. Não mencionando YU, na sua excellente obra, as provincias meridionaes, colligese não soffrerem pelo diluvio; fosse por ser o terreno mais elevado, ou por desaguarem no golfo, e no oceano grande.

Yun-Nan, Kouei-Tcheou, Kouang-Se, Kuang-Tong, Fou-Kien, e Tche-Kieng, não precisaram soccorro algum dos tres principes, reparadores dos males causados pelo diluvio.

Pelo ensaio estatistico do imperador YU, se conhece ser lavradio metade do terreno das provincias exploradas por elle; que o imposto lançado nas terras gordas, e magras, não excedia, termo médio, a  $5\frac{3}{4}$  por 100; que abundavam em ouro, prata, cobre, estanho, ferro, pedras preciosas, e perolas; que já no anno 2286, antes da era Chri-

stã, eram os seus habitantes tão versados nas sciencias, e nas artes, que levantando cartas geographicas do seu paiz, gravaram em chapas de cobre, não só a representação da terra, mares, e rios, mas tambem a dieção geographica de todos os logares. Já então vestiam de seda, e usavam trastes acharoados. Na Europa, ainda no seculo XIII se reputava grande luxo vestir de linho. A China, por sua antiga civilisação, disputa a primazia a todas as outras nações do mundo.

YU, a exemplo de seus predecessores, quiz dar a corôa ao seu primeiro ministro Y; porém os grandes, unindo-se com o povo, elegeram Ki, filho de Yu. Assim, consagraram o direito hereditario dinastico.

YU, pouco antes da sua morte, convocou uma assemblea geral, onde recebeu as homenagens da nação, por seus representantes. Fez grandes elogios aos imperadores YAO, e CHUM, e rogou a todos, que no futuro viessem a governar o imperio, os imitassem; pois só d'esse modo os povos seriam felizes. YU morreu no anno 2198, tendo 100 de idade, e 27 de reinado.

No 5.º anno do reinado de Tehoung-Kang, 2155 annos antes da era Christã, assignou elle a pena de morte contra dois astrônomos por terem annunciado um eclipse, alguns minutos antes da sua verdadeira apparição. Para desculpar o rigor da lei que os punio, é preciso abstrahir da perfeição a que tem chegado, em nosso tempo, a sciencia da astronomia. Ignora-se, é verdade, a causa do movimento dos corpos celestes; mas sabe-se, que as suas interposições não annunciam agouro máo, nem bom.

Na China o povo rude ainda suppõe, que o ceo é sensivel aos actos da vida humana, e que manifesta a sua ap-

provação, ou desaprovação, por eclipses do sol, da lua, apparição de algum cometa, diluvio, ou terremoto. Quando os astrónomos annunciam algum phenomeno, o povo abalase; se o cálculo é exacto, não ha desordem no acto de o ver; porém succede o contrario, se avança, ou retarda do tempo indicado. Os descontentes aproveitam essa occasião, para agitar o povo, e enfraquecer d'esse modo a força do governo. <sup>1</sup>

Assim vê, que a lei rigorosa contra os astrónomos, tende a prevenir crimes, que sempre brotam das revoluções tramadas por velhacos, ajudados pela superstição. Os *Hias* degeneraram, a ponto de commetterem inauditas demasias. Kie, o seu último imperador, tão infame como sua mulher, levaram o povo ao último gráo de desesperação. Mandou assassinar, na sua presença, um dos seus ministros, por lhe dizer, que a sua conducta o arrastrava a grande perigo.

Estes vergonhosos excessos do poder accusam menos o rei que os pratica, do que o povo, que os tolera. Sim, onde não ha escravos, não ha tyrannos.

---

<sup>1</sup> Dnvidando-se na Europa da época em que tivera logar este eclipse; o sabio, e judicioso Amiote, respondeu pelo modo seguinte: « Tomei as taboas de Halley, e fiz o cálculo: achei, que no anno 2155, no dia 12 de Outubro, ás 7 horas, 30 minutos, e 14 segundos, fôra visivel em Ngan-y-hien, o eclipse em que falla o Chou-King, no 5.º anno do reinado de Tchoung-Kang. »



## CARTA XL.

### 2.<sup>a</sup> DINASTIA *CHANG*, E 3.<sup>a</sup> *TCHOU*.

Em constante e serena claridade  
Devem ter nascimento, e ter occaso  
Do ditoso varão ditosos dias.

*H.*

A 2.<sup>a</sup> DINASTIA *Chang*: durou de 1766 até 1122 : contou 30 imperadores. Quando se investiga a origem dinastica dos imperios, descobre-se a ligação, que prende os reis aos povos, e o direito que desobriga estes, se aquelles não cumprem seus deveres. Esta doutrina voga por todo o imperio chinez.

A vida é limitada ; as gerações caducam, e morrem ; mas a especie humana não se extingue ; sustentada pela vida da natureza, é como a arvore ; quando lhe falta a seiva vivificante, morre ; mas deixa outra em seu lugar, brotada de nova semente.

Quando uma dinastia perde o amor da justiça, e o sentimento do seu dever, se a sociedade se corrompe com ella, ambas têm precisão de serem renovadas. Os letrados

chinezes são acordes na exposição d'esta lei natural: «A nação, dizem elles, dá o throno a certas raças, para felicidade propria, reservando o direito de o tomar, quando ellas faltam ás condições do contracto, ou enchem a medida de seus crimes.»

A depravada conducta de Kie, fez levantar TCHING-TANG, descendente de CHUM, que atacou, e debellou Kie, e fundou a dinastia *Chang*. Assim que empunhou o sceptro, convocou uma assembléa geral, e fallou aos representantes da nação pelo modo seguinte:

«Senhores deputados, vindos de mil partes, attendei ao que vou dizer-vos: O Chang-Ti, Deus Supremo, poz no homem a razão; se este se conforma com ella, é estimado; se não, não. O último dos *Hias* banio de si a razão, tyrannizou o povo. Este pediu soccorro ao ceo: a razão eterna recompensou a sua virtude: castigou o perverso.»

«Deus, apezar da minha insufficiencia, escolheu-me para instrumento do seu castigo: Kie desapareceu diante de mim. Agora, unindo-me a um virtuoso sabio, vou de acôrdo com elle applicar-me ao bem da nação. Deus é o protector dos povos; as leis da natureza são constantes; assim como na primavera as arvores tomam vida activa, assim os povos renovam o seu vigor.»

«Já determinei aos que d'entre vós escolhi, para ajudar-me a reger o estado, que não façam obra por leis injustas, mas sim por leis sábias, e humanas; pois só essas fazem a ventura dos povos, e o proveito dos reis. Se o que acabo de dizer-vos fôr observado com boa vontade, seremos felizes.»

A historia offerece bons exemplos da influencia que o baptismo da eleição popular deu a muitos imperantes;





*Printed by...*

*Litho. Imp. No. 1*

KOUNG - TSEU.

fosse directa, como a de CHUM, e de YU; fosse indirecta, como a das raças, que lhe succederam. CONFUCIO celebrou em seus escriptos as virtudes de TCHING-TANG; mas seus descendentes deshonraram a especie humana, por suas demasias. O último d'elles, fustigado pela vingança do povo, lançou-se a uma fogueira, onde morreu, e com elle a dinastia *Chang*.

A 3.<sup>a</sup> dinastia *Tchou*: durou de 1122 até 248: houve 30 imperadores. O seu fundador, assim como os das dinastias precedentes, foi optimo. *Chang* havia tomado por divisa a côr branca; *Tchou* tomou a vermelha.

Uou-Uang, assim que subio ao throno, nomeou mais sete chronistas especiaes. Encarregou o 1.<sup>o</sup> de escrever os factos concernentes ao governo. O 2.<sup>o</sup> de quanto era relativo aos estados feudatarios. O 3.<sup>o</sup> de redigir as observações astronomicas. O 4.<sup>o</sup> de escrever os acontecimentos physicos. O 5.<sup>o</sup> de extractar os julgados que fizessem lei. O 6.<sup>o</sup> de escrever o que pertencia aos negocios estrangeiros. O 7.<sup>o</sup> de tudo quanto fosse relativo á familia imperial.

Esta dinastia teve bons imperadores até 776; depois toda a sua historia reduz-se a uma grande serie de crimes. N'esses tempos appareceram Lao-Tseu, e Koung-Tseu: aquelle 640, este 551 antes da era Christã. Sendo ambos feridos pela desordem social, quizeram remedia-la; mas, cada um a seu modo. Partindo de principios differentes, não podiam chegar a resultado semelhante. Lao-Tseu embrenhou-se em theorias, Koung-Tseu,<sup>1</sup> CONFUCIO, limitou-se á prática. As doutrinas d'aquelle eram especulati-

<sup>1</sup> Os europeos escrevem os nomes dos chinezes, por differentes modos: eu escrevo-os, como os ouço pronunciar aos chinezes.

vas, tendiam á solidão: as d'este, davam optimas lições acerca do Ente Supremo.

CONFUCIO ensinou moral pura; isto é, livre de prodigios, contrarios ás leis da natureza. Nunca fez obrar a Divindade por modo impio; nem recorreu jámais a enganos, que tanto seduzem, e vexam os povos. Não fingio intervir Deus na doutrina, que ensinava aos homens, para se conduzirem bem na sociedade. O exemplo de CONFUCIO demonstra a estulticia dos bramas.

« Deus, acerca dos bramas, só interfere na organização de alguns, a fim de ensinarem aos povos as verdades necessarias á sua conservação, e ventura. Foi um d'esses, CONFUCIO: a sua doutrina teve influencia ditosa na sociedade. »

O imperador Ting-Koung, querendo ser grato ao virtuoso CONFUCIO, pelos serviços prestados, lembrou-se de o occupar no governo do estado. Communicou o seu pensamento a CONFUCIO: este, para em tudo ser util aos homens, accitou. Tinha então 47 annos de idade: o emprego correspondia entre nós ao de governador civil.

Entrando o philosopho em exercicio, o seu primeiro cuidado foi contentar o maior numero, por beneficios. Fallava-lhe com frequencia, buscando pôr-se ao nivel d'elle. Consultava os homens sensatos, e convencia-os da necessidade, que havia de fazer certas reformas administrativas: quando os julgava persuadidos do beneficio, publicava as suas disposições, sem receio de comprometter a auctoridade pública.

TING-KOUNG, maravilhado de tão saudaveis mudanças, deu agradecimentos ao philosopho, e disse: « O imperio acha-se em estado florecente, os povos estão mais do-

ceis, e laboriosos; sei que tudo é obra vossa; porém ainda não está completa; espero que em pouco tempo fique perfeita. No outro dia nomeou CONFUCIO, para exercer o emprego de Sse-Keou; isto é, chefe da magistratura, com jurisdicção em todo o imperio: o philosopho contava então 50 annos de idade. Indo á presença do imperador, hesitou na resolução, que havia tomar. «Eu conto com-vosco, disse o imperador antes que elle respondesse, para estabelecer a boa administração da justiça; far-se-hão todas as reformas que vos parecerem convenientes.»

Não podendo CONFUCIO resistir a tão grande confiança, respondeu: «Contai, senhor, com o meu desvelo, para me fazer digno de vós, e da auctoridade, que em mim depositais; mas devo prevenir-vos, de que vou começar no exercicio do meu emprego, por uma execução extraordinaria; todavia, necessaria ao imperio.»

«Um dos vossos delegados, o mais acreditado entre os altos funcionarios, tem grandes crimes: é Chao-Tcheng-Mao. O seu castigo deve servir de exemplo a todos os velhacos; se o deixais viver, deshonrais o throno, e opprimis o povo. Chao-Tcheng-Mao, é o auctor das desgraças acontecidas no reino de Lou, e sopra o fogo da discordia em todo o imperio. Recusareis assignar a pena de morte, se elle confessar os crimes, que tem feito?» — «Fazei tudo o que a justiça, e a probidade exigem de mim, tornou o imperador; assignarei tudo quando fôr em beneficio do povo.»

CONFUCIO principiou, tomando informações judiciaes ácerca do criminoso; o processo foi bem instruido: Chao-Tcheng-Mao confessou. O chefe da magistratura contava o setimo dia de posse no seu emprego, quando foi cortada a cabeça do criminoso, e depositada na sala dos antigos,

para exemplo de todos os funcionarios. Esta execução fez tremer a todos, os que não se julgavam puros.

Os discipulos de CONFUCIO mal podiam acreditar a sentença, que havia dado seu mestre: um d'elles, Tsen-Koung, fez-lhe representações mui respeitosas, lembrando-lhe a ordem do criminoso; e pediu que não houvesse precipitação no julgado final. «Estou admirado do vosso juizo, respondeu CONFUCIO; o que me dizeis merece que vos desengane: não ignoro a ordem do miseravel em que me fallais; não diminue os crimes, que o levam ao patibulo.»

« Lembrai-vos de que ha cinco especies de crimes imperdoaveis; pesai o que vou dizer-vos, descançareis. Antes de accèptar-se um emprego, que ponha o homem mais inclinado á misericordia na precisão de fazer os maiores castigos, deve-se estar convencido, de que esse rigor é indispensavel: não teria humanidade, quem obrasse de outro modo.»

« Delicto imperdoavel é: 1.º o que o homem medita em segredo, e pratica debaixo da capa da virtude: 2.º incorrigibilidade reconhecida, e provada contra a sociedade: 3.º calúmnia revestida com o manto da verdade, para enganar o povo: 4.º vingança, depois de ter por muito tempo encoberto o odio, com apparencias de amizade: 5.º dizer o pró e contra sobre o mesmo objecto, segundo o interesse que tem, em pronunciar uma ou outra cousa.»

«Qualquer d'estes crimes merece punição exemplar; Chao-Tcheng-Mao, é culpado em todos! Poderei fazer o que me pedis? Poderei ter contemplação com a sua ordem?» O discipulo não ficou satisfeito; mas o povo, e o imperador reconheceram ter em CONFUCIO a sua melhor



defensa. <sup>1</sup> Os discipulos approvaram depois a rectidão de seu mostre, persuadidos de que de outro modo, não se pôde reger a sociedade, com aproveitamento do maior número.

O reinado de Ting-Koung foi ditoso pela sabedoria de CONFUCIO; porém, não tendo o successor d'aquelle as virtudes de seu pai, houve tão grandes desmanchos, que o philosopho, cansado de fazer-lhe admoestações, teve por melhor viajar no imperio: julgou que assim aproveitaria mais aos homens do que sendo ministro de um máo principe. Os netos de Ting-Koung, deram á sua dinastia o fim que haviam tido as anteriores.

---

<sup>1</sup> Os peccados de Chao-Tcheng-Mao são communs em quasi todos os validos dos reis europeus; mas não ha lá no occidente homens da tèmpera de CONFUCIO, nem de TING-KOUNG, para castiga-los. Apenas em Portugal houve um arremedo: D. José, e o Marquez de Pombal.



## CARTA XLII.

### 4.<sup>a</sup> DINASTIA *TSIN*.

Despotismo cruel das leis inigo  
Devaste a terra, e assassine os reis.  
Humilde o homem curve-se ao serviço :  
As luzes da razão se apaguem n'elle.  
Seu espirito vão trarei de rastos :  
Abalido ao temor não mais cogite ;  
E ao dia da razão succeda a noite.

II.

A 4.<sup>a</sup> DINASTIA *Tsin* : durou de 249 a 206 : houve tres imperadores. Um habil escudeiro do imperador Hiao-Yang, da terceira dinastia, foi elevado á cathegoria de rei de *Tsin*. Seus descendentes, Tchouang-Siang, e *Tsin-Chi-Hoang-Ti*, souberam elevar-se ao throno imperial. Alguns poetas fizeram descender *Tsin*, do imperador CHUM, apesar de ser neto do referido escudeiro. Os poetas em todos os tempos, e em todos os paizes foram mentirosos. Chinezes, romanos, portuguezes dizem, quasi sempre, o contrario do que os outros homens têm por verdadeiro. Virgilio fez descender de Eneas o vingativo Augusto. CAMÕES tambem fez su-

bir *Tethys*, com VASCO DA GAMA, ao monte de uma ilha, e dizer-lhe alli a Deusa:

*Faz-te mercê, Barão, a sapiencia  
Suprema, de co' os olhos corporaes  
Veres o que não pode a vãa sciencia  
Dos errados, e miseros mortaes.*<sup>1</sup>

Procedam muito embora do imperador CHUM, os netos do escudeiro: o que importa é saber o uso, que esses homens fizeram do poder, em beneficio da humanidade. Quando Tsin-Chi-Hoang-Ti empunhou o sceptro, achava-se o imperio em anarquia: os reis, tendo-se declarado independentes, faziam guerras contínuas, esperando chegar cada um á primazia.

O reino de Tsin formava n'esse tempo a quinta parte do imperio. Tchouang-Siang reinou dois annos, e n'esse pouco tempo subjugou alguns reinos. Succedeu-lhe Tsin-Chi-Hoang-Ti, o qual teve de lutar, não só com alguns principes chinezes, mas tambem com os tartaros. Contava vinte e dois annos de idade, e nove de reinado, quando soube das galanterias de sua mãe. Metteu-a em processo, e nomeou juizes, para examina-lo; achando as provas claras, condemnou a triste mãe a degredo, onde apenas tinha alimento, para conservar a existencia.

Vinte sete letrados censuraram o imperador, por esse facto: pagaram com a vida o seu arrojo. Esse procedimento de Tsin, deu bem a conhecer o despotismo feroz do novo imperante, e a fraqueza de uma nação desolada, pelas guerras civis. Para um rei, e governo semelhante,

<sup>1</sup> Canto X. Est. 76. Isto serão bellezas poeticas, mas não são verdades.

não têm os povos maldições, que bastem. Mão inflexível, instrumento cruel do cego destino, toma a soberania absoluta, e decepa as cabeças, que se lhe oppõem, com a espada de um verdugo coroadado.

Tsin<sup>1</sup> atacou, e venceu o rei de Veu; mandou-o matar, e exterminar toda a sua familia. De todos os reis, o que mais lhe custou a vencer, foi o de Tchou. Os generaes de Tsin, Li-sin, e Mong-Tien, foram derrotados pelo rei de Tchou; deixaram mortos no campo mais de quarenta mil combatentes.

Tsin formou outro exercito, de seiscentos mil homens, e deu-lhe por chefe Uang-Tien. O exercito de Tchou era de igual força; porém, no conflicto venceu a prudencia de Uang-Tien. Assim concluiu Tsin-Chi-Hoang-Ti a conquista dos sete reinos, em que o imperio se achava dividido, no anno 221, tendo 39 de idade.

Ainda que esta seja a época, em que o último rei seu inimigo foi morto, e tivera comêço a dinastia *Tsin*, os historiadores, para conservarem a unidade dos annaes, principiaram a nova dinastia, levando em conta o tempo, que gastou o imperador Tsin-Chi-Hoang-Ti em debellar os outros reis.

A estimação dada á memoria dos fundadores das primeiras dinastias, proveio de serem virtuosos, e tomarem por fundamento das suas acções, a felicidade dos povos. Foi n'esse principio, que elles edificaram o magestoso templo da sua gloria. Tsin obrou diversamente: estragou provincias, arrasou cidades, extinguiu familias, deprimio as letras, e profanou os tumulos.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Por brevidade direi algumas vezes só o primeiro nome de Tsin-Chi-Hoang-Ti.

<sup>2</sup> Hist. de China, por Sse-Ma-Thsian.

Tsin convocou uma assembléa geral de principes, e representantes do povo, na qual pediu fallassem com liberdade, ácerca das suas leis, e do governo. Um mandarim tomou a palavra, e entre os elogios, que fez ao imperador, sobresahio o seguinte: «Vós, senhor, excedeis a tudo quanto ha existido.»

Chum-Yu-Yei, homem virtuoso, mas austero, não podendo soffrer, que se ludibriassem os antigos, rompeu: « Senhor, o deputado, que assim vos elogia, não merece o nome, que lhe deram os povos. Pretende agradar-vos, á custa do bem público: não o imitarei. Aproveito esta occasião, para dizer-vos o que penso do governo, e das leis do vosso tempo, comparando-as com as preteritas.»

« Nas dinastias de *Chan*, e de *Tchou*, que abrangeram o espaço de 1400 annos, fizeram-se leis sábias, e houveram principes, que por suas virtudes nunca esquecerão. A sua benevolencia tem caminhado com as gerações; e chegará á mais remota posteridade. Não tendes cousa melhor a fazer, do que seguir o seu exemplo, se quereis viver, e sobreviver.»

O imperador, temendo o valor, e a razão do mandarim, interrompeu o orador: « Esse ponto já foi discutido, e bem; mas elle é tão importante, que me apraz o seja outra vez; quero ver o pró, e o contra, a fim de tomar a resolução conveniente.» D'aquí se vê, que os deputados faziam de conselheiros, e que o imperador tinha veto absoluto.

Li-Sse, primeiro ministro, tomou a palavra: « Senhor, os homens de letras, que representam o povo, fôrnam uma classe separada; infatuados com o seu pretendido saber, só acham bom o que d'elles provém: respeitam ceremonias

escusadas, e têm por verdadeira a falsa sciencia, que lhes exalta a fantasia, tornando-os inuteis ao genero humano. »

« Ousarei eu dizer-vos, senhor, o que deveis fazer n'este caso? Os actos de tolerancia não produzem effeito, no espirito d'esses homens; cada vez estão mais exaltados; applicai-lhes meios efficazes; assim cortareis o mal pela raiz. » Eis a linguagem de que usam ministros perversos, com reis ambiciosos.

« Sim, senhor, os livros accendem o espirito d'estes vaidosos: tirem-se-lhes os livros. Prohibí para sempre o alimento, que nutre o seu orgulho: só d'esse modo podereis seccar a origem da sua contumacia. Exceptuando os de Fou-hi, os da agricultura, e medicina, todos os mais são perniciosos; mandai-os queimar. » D'aqui se vê, que não ha rei máo, que não tenha ministros ainda peiores.

« Não vendo mais os livros de historia, e moral, onde os antigos são representados com emphase, deixarão de os querer imitar, e de vos criminar por não os seguirdes em tudo. É tempo de fechar a bôcca aos descontentes, e de refrear sua audacia. É tempo de saberem, que o vosso poder tem os limites, que lhe quizerdes dar. »

*Tsin*, achando-se apoiado na maioria, quasi sempre escrava do poder, tomou o parecer do ministro. Os livros foram queimados, e assassinados todos os letrados, que não puderam esconder-se. Assim findou a lucta (n'aquella época, e d'aquella nação) entre os dois principios contestados, desde que os homens se reuniram em sociedade completa; isto é, entre a luz, e as trévas; principios, que tem achado apostolos em todas as partes do mundo.

Na China os mais abalisados foram Lao-Tseu, e CONFUCIO: este via a felicidade dos povos na sua instrucção;

aquelle na sua ignorancia! CONFUCIO achava na instrucção do povo a segurança do governo; Lao-Tseu reputava-a perigosa. Tsin-Chi-Hoang-Ti, senhor de milhões de soldados, dos reis que vencêra, empregou-os em fazer adoptar a doutrina do segundo.

Tsin, apagador das luzes da razão, morreu contando 50 annos de idade, e 37 de reinado. Deixou o imperio na mesma desordem, em que deixára o seu *Alexandre Magno*. Li-Sse, unindo-se com o primeiro eunuco, matou o herdeiro, que o imperador tinha elegido, e poz no throno outro filho de Tsin-Chi-Hoang-Ti. Ainda não tinha passado um anno, já cinco dos herdeiros dos reis antigos, se tinham separado da communhão imperial.

As demasias do segundo successor de Tsin, produziram descontentamento geral. O povo levantou-se: o tyranno, e toda a sua familia, morreu ás mãos dos revoltosos.

---



## CARTA XLIII.

5.<sup>a</sup> DINASTIA *HAN*. 6.<sup>a</sup> *UEI*. 7.<sup>a</sup> *TCIN*.

Sob diversas bandeiras alistados  
Vê milhões de soldados atacar-se,  
Pelejar, e morrer. De atroz carnagem  
Se cobre o chão, de sangue os rios correm.  
Combatem-se talvez por decidirem,  
Qual será seu senhor de dois verdugos.

*H.*

A 5.<sup>a</sup> dinastia *Han*: durou de 202 annos antes da era Christã até 220 depois: teve trinta e dois imperadores. O vasto imperio de *Tsin-Chi-Hoang-Ti*, tinha em si poderosos elementos de destruição. As revoluções violentas duram pouco; ainda sendo necessarias á gloria, e ventura de qualquer imperio. Das revoluções apenas se colhe fructo, se os principios são bons, e se medram lentamente no espirito, e nos costumes dos povos.

Anniquilada a dinastia *Tsin*, dois soldados de fortuna disputaram o sceptro, com as armas. *Heang-Yu* tomou o titulo de rei, e dividio o imperio em varios reinados. *Licou-Pong*, seu rival, acclamou-se rei de *Han*. D'essa rivalidade

nasceu a felicidade pública. Tanto o primeiro se entregou a demasias, e cruzas, quanto o segundo cuidára em se fazer estimar por beneficios. Disputaram cinco annos a posse do throno imperial; foram alternativamente vencedores e vencidos em diversas batalhas: na última, vendo Heang-Yu fraquejar os seus, matou-se, para não cahir nas mãos do seu inimigo. Lieou-Pong acclamou-se imperador, e deu á sua dinastia o nome de *Han*.

O espectáculo de uma dinastia cahida, outra levantada; as batalhas que se dão, para subjugar as provincias contrárias ao usurpador, seriam de pouco interesse, se, de todas essas desordens, não se tirassem lições, para reger bem o povo, quando este, e o novo imperante, estão no caso de aprender no preterito, o que devem fazer no presente; isto é, quando o imperante tem humanidade, e justiça, para obter o amor do povo; e este, luzes sufficientes, para conhecer pela historia, as intrigas dos ambiciosos, que pretendem faze-lo instrumento da sua elevação. Em nosso tempo, mostra-se no povo lusitano, haver carencia de luzes, a tal respeito.

Os imperadores Uen-Ti, e Uou-Ti, d'esta dinastia, favoreceram as letras, as artes, e o commercio. Sse-Ma-Thsian, que póde chamar-se o verdadeiro pai da historia chinesa, dá idéa sublime d'aquelles dois principes, reparadores dos males, que havia feito o incendiario dos livros, e assassino dos letrados. No reinado de Ho-Ti, no primeiro seculo da nossa era, floreceu a celebre Pan-Hoei-Pan, por sua grande sabedoria, e exemplar conducta. Quando tratar da educação chinesa, terci occasião de fallar d'essa eloquente escriptora.

Ling-Te reinou de 168, a 189: favoreceu tanto os

eunucos, e levou a sua dinastia a tão grande aviltamento com esse favor, que os letrados representaram, a fim do imperador os empregar unicamente no serviço das mulheres. Os eunucos, de estimulados, conspiraram-se contra os grandes do imperio, e contra os letrados: mataram um d'aquelles, e setecentos d'estes. Tão horrorosa mortandade, accelerou a queda dos *Hans*, na pessoa do imperador Hian-Ti, e abriu caminho ao fundador de outra dinastia, no anno 220.

A 6.<sup>a</sup> dinastia *Uei*: durou de 220, a 265. Contou cinco imperadores. Thsao-Phi, filho do general Thao-Thao, apoderou-se do throno, e deu á sua dinastia o nome de *Uei*. Assim acabou a dinastia *Han*, que por mais de quatro seculos illustrou o imperio, não só pelo restabelecimento das letras, mas tambem pela sabedoria, e prudencia com que estendeu o dominio da China, até ao mar Caspio.

As guerras continuaram entre os herdeiros dos *Hans*, e os imperantes da nova dinastia. O imperio dividio-se em tres reinos: *Uei*, *Han-chou*, e *Ou*. O 1.<sup>o</sup> ao norte, o 2.<sup>o</sup> no centro, e o 3.<sup>o</sup> ao sul. O partido de *Uei*, foi vencido pelo de *Tcin*. O filho de Heou-Ti, último rei de *Uei*, vendo o throno de seu pai abalado, disse-lhe: « Chegou o momento decisivo; é preciso vencer, ou morrer, fazendo honra a nossos maiores. » O pai não se dispoz a seguir a resolução do filho; este conduziu sua mulher á sala dos antigos, e matou-se com ella. Assim foram extinctas as raças de *Han*, e de *Uei*, no anno 263.

A dinastia 7.<sup>a</sup> *Tcin*: durou de 265, a 428: contou quinze imperadores: o filho de outro general, destruidor da dinastia *Uei*, e dos ultimos descendentes de *Han*, fundou esta nova dinastia, e tomou o nome de Uou-Ti, imperador

guerreiro; titulo proprio, visto ser a força quem legitima os actos, que não podem ter outra sanção. Assim, vem a depender o destino das nações de uma batalha, e dependerá, em quanto as luctas ambiciosas, ou politicas, forem decididas por elementos de natureza bruta.

Todavia, as mudanças das dinastias são necessarias, quando os imperantes deixam de cumprir o contracto feito com a sociedade; ou quando os elementos, que formam o seu direito, estão em dissolução. A queda das dinastias *Han*, e *Uei*, era necessaria; mas, a de *Tcin* succedeu-lhe com poucos meios de força, e duração; foi mais uma troca de pessoas, do que uma revolução: a differença consistio, em subir ao poder um homem mais habil. *Uou-Ti*, seguiu os mesmos principios, mas sendo justo, soube grangear o amor do povo.

Reinou de 265, a 291: gastou 17 annos em submeter dezoito pretendentes. Vendo-se livre de inimigos, e confiando na sua fortuna, licenciou o exercito, e entregou-se a demasias. *Uou-Ti* morreu no anno 291, e deixou o throno a seu filho *Hoei-Ti*, cuja incapacidade lançou o imperio na mais horrorosa anarchia. Morreu envenenado, no anno 306, tendo 48 de idade.

Os espiritos fortes tiram algumas vezes das mesmas desordens, principios oppostos á dissolução da sociedade. Apareceu n'aquella época uma seita, filha das doutrinas de *Lao-Tseu*, que ensinava a desprezar as honras, e as fortunas do mundo, por indignas das affeições immortaes do homem. Assim appareceram em *Athenas*, no mesmo seculo, os *Gregorios*, e *Chrysostomos*, ensinando a mesma doutrina.

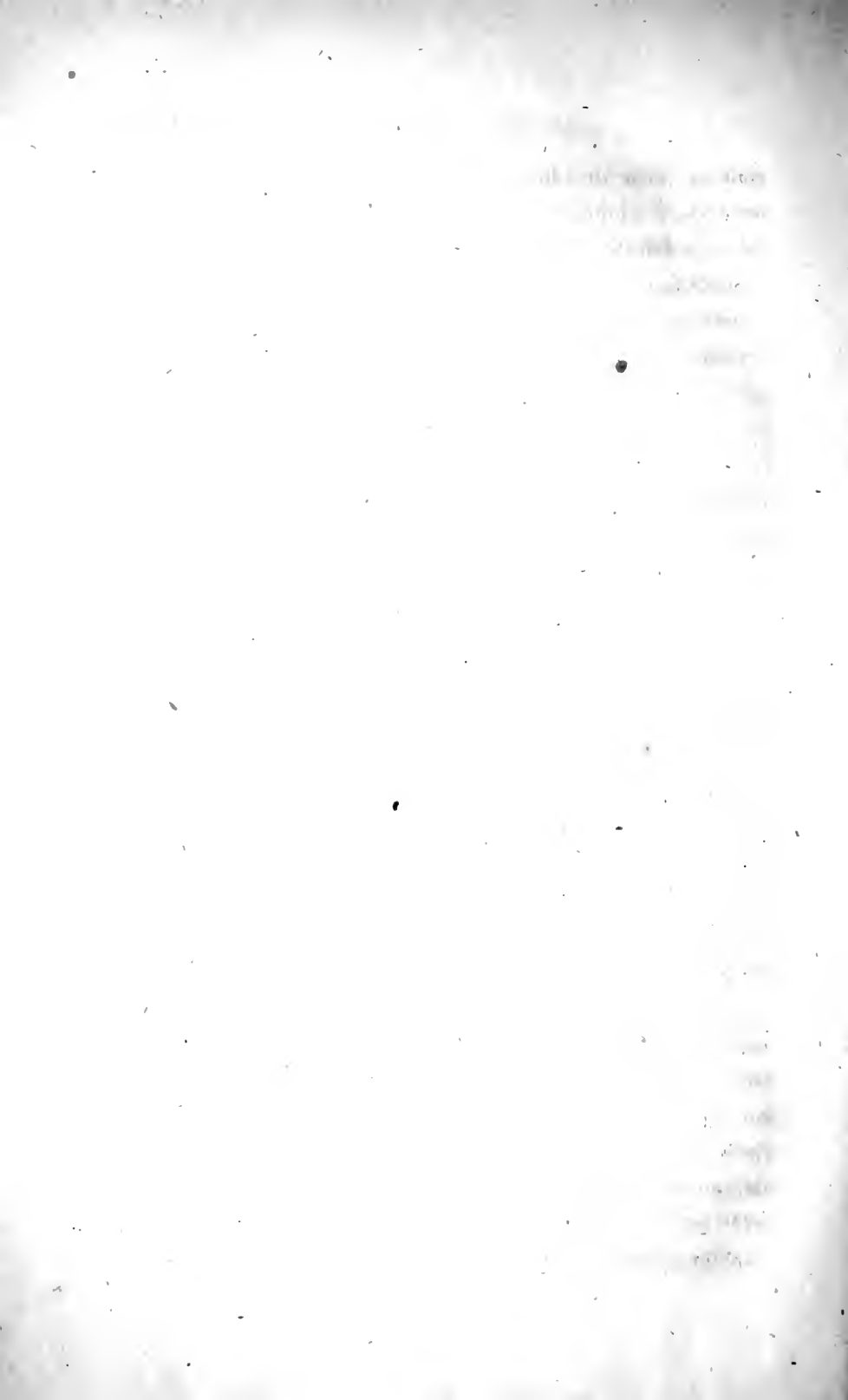
Um tartaro ao serviço da China, obteve um princi-

pado ao norte do Chan-si. Quando se julgou poderoso, rebellou-se, e aniquilou o último dos Teins, para elevar ao throno a familia decahida dos Hans. Esta, assim que tomou o poder, mudou a cõrte para Tehang-Uang, no anno 318, e deu á sua dinastia o nome de Tchao; porém, os historiadores não classificaram esta, na ordem das outras dinastias.

Um dos Tchaos, possuia grande número de bellas raparigas, arregimentadas, e vestidas sumptuosamente, destinadas á sua guarda de honra. Quando este novo Sardapalo sahia do paço, era rodeado de grupos de lindas moças, montadas em soberbos cavallo, tangendo instrumentos. Tambem lhe serviam de divertimento, e a seus hospedes, nos banquetes em que excedia Loello.

No reinado do imperador Ngan-Ti, que durou de 405 a 418, appareceu Licou-Yu, fundador da dinastia *Soung*. Licou-Yu, perdeu sua mãi ao nascer; foi creado por uma mulher piedosa: adquirio tão grande intelligencia, que estudava com aproveitamento, sem o soccorro de mestres. Não tendo meios para subsistir, traficou em tamancos: desgostoso do officio, sentou praça de soldado. Em pouco tempo foi general; tendo a fortuna de vencer o esforçado, e poderoso rebelde Sun-Nghan, foi nomeado general em chefe.

Em premio de seus grandes serviços teve o principado de Soung; mas, quando em 418 tentou destruir os ultimos rebeldes, não levou esse projecto a effeito, por culpa do mesmo imperador. Então concebeu Licou-Yu a idéa de subir ao throno, desfazendo-se de Ngan-Ti, por incapaz de governar. Os eunucos envenenaram o imperador em 419; Licou-Yu deu o throno a outro irmão; mas este, para não ter a sorte de Ngan-Ti, abdicou a favor de Licou-Yu.



## CARTA XLIV.

8.<sup>o</sup> DINASTIA *SOUNG*. 9.<sup>o</sup> *TSL*. 10.<sup>o</sup> *LIANG*. 11.<sup>o</sup> *TCHIN*.  
12.<sup>a</sup> *SOU*.

Ó vós, mortaes zelosos de honra espuria,  
Que consagraes nos campos de Mavorte  
O homicidio! Sabei, que o nobre heroismo  
Se mede pelo bem da humanidade.

II.

A 8.<sup>o</sup> DINASTIA *Soung*: durou de 420, a 479: contou nove imperadores. Lieou-Yu, assim que teve a corôa, tomou o nome de todos os outros, que chegaram a sentar-se no throno, pela espada, Uou-Ti, imperador guerreiro. Uou-Ti possuía todas as qualidades proprias para commandar: foi habil general, profundo politico, e fertil em meios para fazer executar seus vastos projectos. Na vida particular foi honesto, e virtuoso; e no throno ostentou a magestade, e a nobreza de alma, que distingue o grande monarcha. Pela attenção, que prestou á felicidade pública, mereceu o augusto nome de *Pai da patria*.

Assim faria esquecer o crime, que o elevou ao throno,

se a carreira da sua vida não terminasse tão cedo. Morreu em Nankin, onde então se achava a côrte, tendo reinado apenas dois annos. Succedeu-lhe seu filho Chao-Ti, no anno 423; príncipe tão estúpido, e perverso, que o primeiro ministro vio-se obrigado a mata-lo, para não morrer ás suas mãos. Em 424, succedeu no throno o segundo irmão: reinou trinta annos, com o nome de Uen-Ti. Consta dos annaes, que fôra soberano complexto.

A sua natural bondade, e exemplar conducta, não podiam deixar de lhe dar a estimação popular. Comtudo houveram grandes desordens no seu reinado, e a maior foi deixar-se dominar por bonzos. N'aquella época estava o imperio dividido entre dois imperadores, Tai-Uou-Ti, na parte do norte; Uei-Ti, na do sul. Este declarou guerra áquelle, e houveram n'elle mortíferas batallas. Tai-Uou-Ti seguia politica differente; sabendo que os bonzos tinham accendido a guerra, e a sustentavam, mandou matar a todos quantos residissem nos seus dominios; e reduzir a cinzas templos, e idolos.

Uen-Ti foi morto por seu filho primogenito, no anno 453; e este soffreu a mesma sorte das mãos de seu irmão segundo, o qual subio ao throno, com o nome de Uou-Ti. Este imperador foi mui versado nas letras, e nas sciencias. Morreu no anno 464, tendo 35 de idade. Succedeu-lhe Ming Ti, que reinou de 465, a 472. Havia n'elle um coração tão sanguinario, que assassinou treze jovens da familia imperial.

Ming-Ti, nomeou o seu válido Siao-Tao-Tching, para o logar de primeiro ministro, o qual depois fundou a dinastia *Tsi*, sobre as ruinas da que se ornava com o titulo de *Soung*, alagando as mãos no sangue de dois impera-



dores; Tchou-Yu, que reinou de 473, a 476; e o filho adoptivo de Ming-Ti, a quem poz no throno, em quanto não se desfez de todos os que podiam embarçar os seus projectos.

A 9.<sup>a</sup> dinastia *Tsi*: durou de 479, a 502: numerou cinco imperadores. Siao-Tao-Tching, assim que empunhou o sceptro, tomou o nome de Kao-Ti: reinou quatro annos. Teve maior nome nas letras, do que nas armas: morreu em 482. Succedeu o filho com o nome de Uou-Ti. Promulgou algumas leis boas. Morreu em 493. Succedeu-lhe seu tio Ming-Ti, irmão do fundador, a quem Uou-Ti confiou a tutela de dois filhos menores, os quaes appareceram, e desapareceram do throno, em menos de quatro mezes, para que Ming-Ti achasse o logar vago.

Este verdugo dos proprios sobrinhos morreu em 498: deixou o throno ao seu terceiro filho, por antonomasia, principe das desordens. Este malvado commetteu inauditas crueldades. O primeiro ministro vendo, que o imperador acabava de envenenar seu proprio irmão, vindo de prestar-lhe grandes serviços, foi unir-se com o principe de Liang, e tornou com um exercito poderoso a sitiá a côrte. Entrando na cidade, matou o imperador, e deu o throno a um outro irmão, que mandou matar depois de lhe servir de degraó, para elle ministro subir ao throno.

A 10.<sup>a</sup> dinastia *Liang*: durou de 502, a 557: vio quatro imperadores. O fundador tomou o nome de Kao-Tsou-Uou-Ti; isto é, imperador primeiro da sua dinastia. Tendo a scita de Buhda motivado grandes desordens no imperio, mandou seguir a doutrina de CONFUCIO, respeitada pelos homens de letras, como a unica verdadeira, e util ao povo.

A China deve a este imperador saudáveis leis; porém o restaurador da doutrina de CONFUCIO, deixou-a, nos últimos annos da sua vida, pela de Buhda. Tinha reinado 26 annos com aproveitamento seu, e do povo, quando o fanatismo o arrastou a um mosteiro de bonzos, onde rapou a cabeça, vestio habitos grosseiros, e tomava arroz, e herbas por unico alimento.

Os grandes, e os letrados, vendo-se humilhados no aviltamento do imperador, foram busca-lo, dando grandes sommas aos bonzos, para largarem a preza. Em quanto o imperio, na parte do sul, era regido por bonzos, cahio desgraçadamente a parte do norte nas mãos de Hou, mulher não menos submettida a esses embusteiros de officio.

Kao-Tsou-Uou-Ti supprimio a pena de morte; e segundo alguns historiadores, essa reforma multiplicou os roubos, e os assassinios. Se o medo da morte estorva os crimes, não póde deixar de conservar-se aquella pena, em beneficio da sociedade. Todavia, essa questão ainda não foi bem discutida: ha defensores pró, e contra.

Sucedeu no throno seu filho Kian-Uen: reinou de 552, a 554. Um dos seus generaes revolucionou o imperio, e sitiou Nankin, onde se achava a côrte. O imperador, vendo-se perdido, queimou a sua bibliotheca, quebrou a sua espada, e entregou-se ao inimigo. A ignorancia dos europeus ácerca da China, faz com que a julguem em perpetua immutabilidade. Em parte nenhuma do mundo ha movimento igual: bem o provam as suas complectas revoluções.

A dinastia 11.<sup>a</sup> *Tchin*: durou de 557, a 581: houve cinco imperadores. O fundador reinou de 557, a 559, com o nome de You-Ti. Succedeu-lhe seu irmão Uen-Ti; isto é, imperador letrado; titulo, que merecia por seus vastos

conhecimentos, e verdadeiro amor da patria. Morreu no anno de 567.

Siouan-Ti, irmão do imperador fallecido, usurpou o throno a um sobrinho, e reinou de 569, a 580. A sua amabilidade attrahio os sabios, a quem protegeu. N'esse tempo, o imperador do norte deu uma filha em casamento a um dos ministros de Siouan-Ti, Yang-Kean; o qual foi depois rei de Soui. Este ambicioso cresceu tanto em poder, que se julgou em estado de subjugar toda a China.

Alguns historiadores dão por finda a dinastia *Tchin*, com a morte de Siouan-Ti; outros contam mais sete annos, em que reinou um principe d'essa raça; mas tão vicioso, e pusillanime, que só teve resolução para esconder-se, quando o rei de Soui entrou victorioso na capital.

Com justiça foi aquelle verdugo lançado fóra do throno, que manchou com suas infamias, e reduzido a viver na humilde condição, que merecia. Assim acabou a dinastia *Tchin*, e com ella a divisão da China em dois imperios. D'este modo tornou a monarchia a ser unida, e poderosa no anno 589.

A 12.<sup>a</sup> dinastia *Soui*: durou de 581, a 618: teve tres imperadores: o fundador tomou o nome de Uen-Ti. Os historiadores pozeram-no a par dos melhores principes, que regeram a China. Imperou 16 annos coberto de insigne renome. Teve contestações com os tartaros mोगoles, e com os moutchous; porém terminou-as dignamente. Morreu victima da ambição de seu filho segundo, o qual succedeu no throno, com o nome de Yang-Ti, no anno 605.

Este imperador alcançou victorias successivas sobre os rebeldes de Tonquin. O seu exercito chegou á capital do reino de Sião, onde achou riquezas immensas. Yang-Ti

não se contentou em levantar palacios sumptuosos, construiu canaes para facilitar o commercio de umas, a outras provincias; edificou muitos, e grandes depositos para arroz, cereaes, e legumes, a fim de recolher n'elles o fructo de colheitas abundantes.

Sendo atacado por inimigos exteriores, foi obrigado a lançar novos tributos sobre o povo: bastou essa deliberação, para motivar descontentamento geral no imperio. O vice-rei de uma provincia levantou a bandeira revolucionaria; todas as outras se lhe uniram. Li-Youan, homem poderoso, e cheio de virtudes, formou um grande exercito, para bater os rebeldes; mas o imperador, em vez de ajudá-lo, entregou-se a demasias.

Li-Youan, não podendo soffrer um tal imperador, lançou-o fóra do throno, ajudado por seu filho, o principe de Thang, e deu a corôa a um neto do imperante vicioso. O neto soffreu a sorte de seu avô Yang-Ti: succedeu-lhe outro irmão, com o qual acabou a dinastia *Soui*, no anno 617.

---

## CARTA XLV.

13.<sup>a</sup> DINASTIA THANG. 14.<sup>a</sup> LIANG. 15.<sup>a</sup> THANG 2.<sup>a</sup>  
16.<sup>a</sup> TCIN 2.<sup>a</sup> 17.<sup>a</sup> HAN 2.<sup>a</sup> 18.<sup>a</sup> TCHOU 2.<sup>a</sup>

Tua mão lhe espedace os duros ferros :  
Tua presença adoce os seus martyrios :  
Do poder de *Ariman* soltos os homens,  
Um Deus consolador sê-lhes na terra.

II.

A 13.<sup>a</sup> DINASTIA *Thang*: durou de 618, a 909: contou vinte imperadores. O ultimo *Soui* residia em Lo-yang, na provincia de Ho-Nan, quando Li-Youan governava a provincia de Chen-Si, tomada por seu filho, o principe de Thang.

O descontentamento do povo, e o desprezo em que se achava o ultimo dos *Souis*, deu entrada á nova dinastia. O governo do estado achava-se em mãos de eunucos, os quaes só tinham força para fazer mal. O imperio estava em completa dissolução material, e moral, symptoma infallivel de grande revolução.

O principe de Thang, mancebo habil, e valoroso, propoz

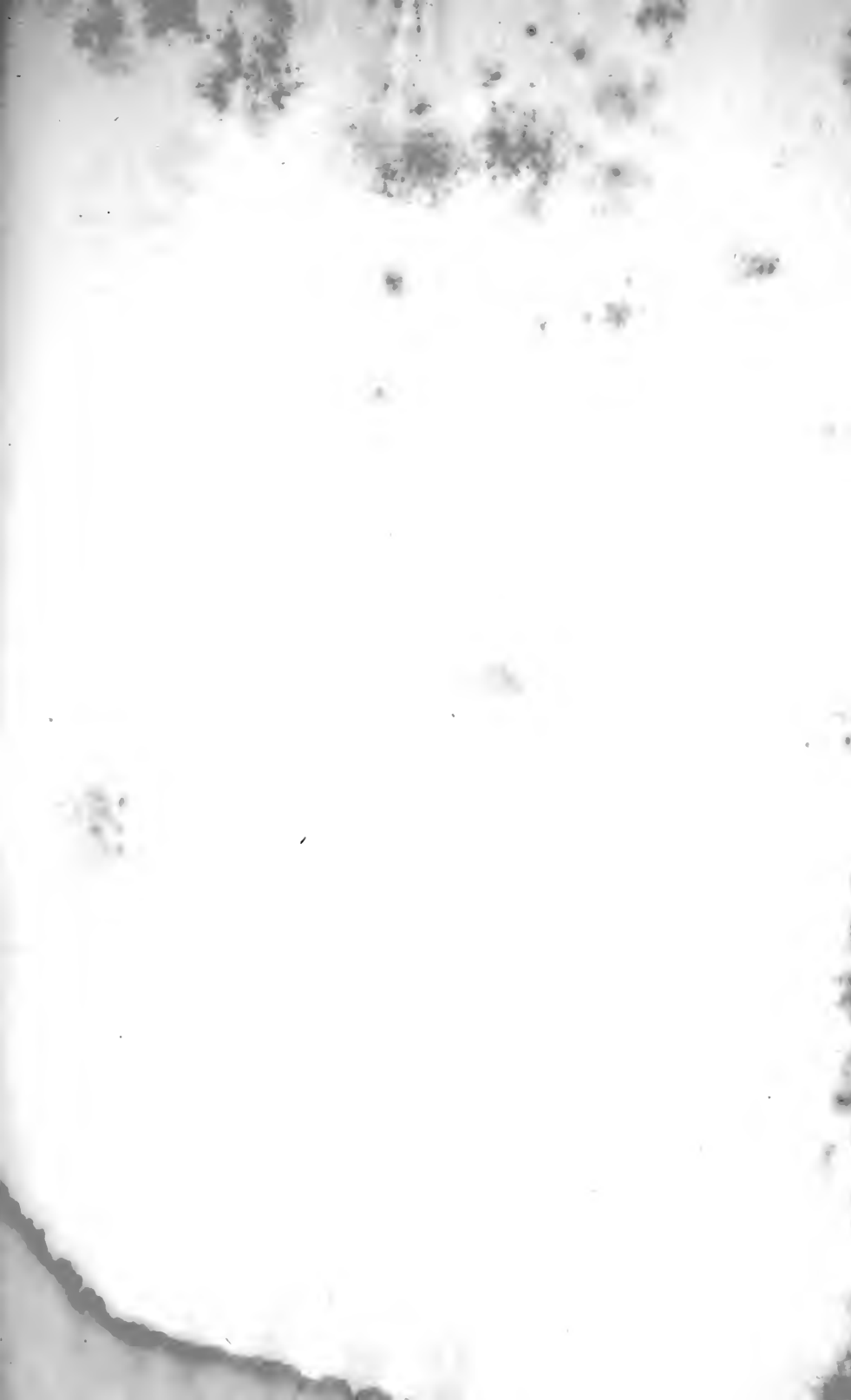
a seu pai, que tomasse as armas, e subisse ao throno. Li-Youan tomou o parecer do filho, e deu-lhe o commando do exercito. Assim que este principe entrou em Ho-Nan, Koung-Ti, ultimo dos *Souis*, abdicou em favor do principe victorioso, e este em favor de seu pai.

Li-Youan tomou o nome de Kao-Tsou, e foi reconhecido por todo o imperio com as formalidades do costume. « Quando uma familia toma o logar de outra, para governar, disse Kao-Tsou, usa exterminar todos, quantos em virtude do seu nascimento, podem lisongear-se de ter direito ao throno; barbara politica: longe de approvar usos sanguinarios, quero fundar o meu governo nas regras da justiça, e da humanidade. »

A facilidade com que alguns militares se apoderavam do throno, excitava os cobiçosos mais vulgares. A China assemelhava-se n'esse tempo, ao baixo imperio; qualquer soldado de fortuna aspirava á dignidade imperial. As virtudes perfeitas, o saber, e a prudencia dos primeiros Thangs, reprimiram a impaciencia dos ambiciosos.

Em 618 era a Asia teatro de grandes acontecimentos. O poder religioso de Mahomet agitava os povos n'esta parte do mundo; e apezar dos chinczes não darem entrada aos apostolos d'essa religião (aos fakires), os mogoles, pelo contrario, dados ao Islamismo, começaram a fazer novas correrias nas fronteiras d'este imperio. Kao-Tsou, ordenou a seu filho, o principe de Thang, que fosse bate-los: os que não fugiram, foram derrotados por elle.

No anno 625, terceiro da Hegira, mandou o rei mogol pedir a Kao-Tsou uma de suas filhas; este, gostoso a cedeu ao Kan occidental, esperando reprimir com esta alliança a sanha dos moutchous, dirigidos contra elle pelo Kan oriental.





*Das in Vista lith*

*Witt. de Imp. v. m.*

YAY - CE LING.



O principe de Thang, cujo valor, e talentos contribuíram para elevar seu pai ao throno do imperio, era objecto de ciume, e odio para dois irmãos, que assombrados por suas virtudes, quizeram mata-lo. Thang, sendo acommetido no paço por seus dois irmãos, matou-os n'esse acto. Informado Kao-Tsou do motivo, nomeou Thang herdeiro do throno, e abdicou em seu favor no mesmo anno, 626.

O novo imperador tomou o nome de TAI-TSONG: o seu reinado durou 22 annos: foi o mais afortunado, e glorioso da nação chinesa. Rodeava-se de sabios independentes, para receber avisos destemidos, a fim de corrigir seus defeitos. Quando TAI-TSONG subio ao throno, despedio do serviço do paço, por inuteis, seis mil mulheres. Que diriam os scepticos do tempo de *Fernão Mendes Pinto*, ácerca de tão grande número de criadas?

TAI-TSONG estimava tanto os homens de letras, que mandou fazer no paço commodos aposentos para hospedaes. Fundou um collegio, onde estudavam dez mil discipulos, entre os quaes haviam muitos principes nacionaes, e estrangeiros. Creou uma academia, e fez presidente d'ella o celebre Khoung-Yu-Ta, descendente de CONFUCIO; ordenou-lhe, que chamasse os mais distinctos sabios do imperio, e com elles fizesse um extracto dos Kins, livros sagrados.

No setimo anno do seu reinado, succedeu facto notavel. TAI-TSONG prestava tão grande attenção ao governo do estado, que para ver tudo, até visitava os calabouços! Em uma d'essas visitas achou 390 criminosos condemnados á morte. Espantado de tantos crimes, mandou, que fossem ajudar a recolher a colheita do anno, e viessem depois entregar-se á justiça; o que prometteram. Apresentaram-se

todos no tempo determinado! O imperador, penhorado da fidelidade no cumprimento da palavra, perdoou a todos, entregando-os ás suas familias.

TAI-TSONG escreveu boas obras, e approvou boas leis; mandou imprimir estas, com preferencia áquellas. Todas lhe grangearam reconhecimento eterno: foi o idolo do povo. Ainda na dinastia presente, quando se quer louvar um imperador, por sua bondade, e amor do bem público, compara-se com TAI-TSONG, primeiro dos Thangs.

Aquelle principe diminuiu os impostos; derogou as leis nocivas; reduzio o exercito; limitou o codigo civil a quinhentos artigos, o criminal a vinte; modificou as penas applicadas aos crimes, e multiplicou as recompensas devidas ás acções virtuosas. Fez deseccar pantanos, melhorar as estradas, e abrir canaes. Não esqueceu cousa alguma, das que podessem trazer ao imperio, saude, e abundancia.

Além dos cuidados prestados á ventura pública, desvelava-se na educação de seus filhos. Um dia, atravessando com elles um largo, e caudaloso rio, disse-lhes: «Vêdes as vagas, que assaltam esta pequena, e fraca embarcação, e podem submergi-la em um instante; sabei, que o povo, está no caso das vagas, e o imperante, no da embarcação.»

Poucos momentos antes de morrer, disse ao herdeiro do throno: «Sê justo, mas bom; reina sempre sobre a tua pessoa: se tiveres imperio absoluto sobre as tuas paixões, reinarás sem custo, e sem perigo. O teu bom exemplo, mais efficaz do que as punições, fará entrar o povo no conhecimento dos seus deveres.»

«Não queiras imitar-me; toma por modêlo algum dos imperadores antigos: não te illuda a minha reputação. Eu dei o throno á minha familia; subjuguei os tartaros;





*Dias da Costa lith.*

*Lith da Imp.<sup>a</sup> N.º 1*

HOANG - HEOU.

domei os rebeldes; dei gloria á nação, que em paga de tudo isso desculpa os meus defeitos. Não podendo tu recommendar-te por feitos simillhantes, não deves esperar a mesma indulgencia. »

TAI-TSONG morreu no anno 649, tendo 53 de idade. Essa noticia cobrio o imperio de saudoso lucto. A historia, fazendo os maiores elogios a este imperador, nota-lhe tres defeitos: apaixonado por mulheres; tendencia á seita de Fo; e ambicioso de gloria.

Sucedeu no throno seu filho Kao-Tsong, no anno 650: teve longo reinado, mas soffreu repetidas desordens. Foi reprehensivel pela cega paixão, que teve por uma das segundas mulheres de seu pai, Hoang-Heou, a quem fez imperatriz, repudiando duas primeiras mulheres. Chegou a entregar-lhe o governo do estado.

Hoang-Heou, por morte de Kao-Tsong, em 683, depoz o herdeiro do throno, degradou-o para longe da côrte, e apoderou-se do governo completamente. A historia considera Hoang-Heou como usurpadora, e não como soberana. Todavia foi superior aos dois imperadores, que poz de parte. Empreendeu, e executou as cousas mais extraordinarias, e fez morrer mais gente, do que o imperador mais cruel.

Destruio a familia de TAI-TSONG; ferio todos os corpos do estado; e todos a serviram com zelo incomprehensivel. Os principes faziam-lhe a côrte; os tribunaes executavam as suas ordens; os generaes ganhavam batalhas, estendendo os limites do imperio; e os letrados tributavam-lhe louvores.

Esta mulher singular, sahida de classe humilde, concebeu a idéa de elevar ao throno a sua familia, lançando

fôra d'elle a de seu marido, e seus proprios filhos! Fez grandes esforços para realisar seus projectos, porém de balde: a opposição tornou-se em maioria. Com esse desengano, chamou seu filho do degredo; mas ainda intrigava a favor de um sobrinho.

Commettendo Hoang-Heou uma irregularidade contra o tribunal dos crimes, o seu presidente, velho respeitavel, de acôrdo com o general Li-To-Tso, e com alguns amigos notaveis por suas virtudes, e merito, dirigio-se ao paço, levando á sua frente o herdeiro do throno; romperam a guarda, e foram procurar Hoang-Heou, para que entregasse o governo do estado a seu filho. A imperatriz resignou, e retirou-se ao palacio, que lhe era destinado, onde morreu d'ahi a poucos mezes, no anno 705, tendo 82 de idade.

Tchoung-Tsoung deixou continuar o governo das mulheres: não podendo com o peso dos negocios, entregou-os á imperatriz. Tão grande fraqueza motivou abusos odiosos. As damas do paço vendiam os empregos do estado em almoeda. Tchoung-Tsoung tinha appetites tão oppostos á dignidade imperial, que abdicou voluntario, para se fazer estrião, e corretor de galanterias! Assim inspirou desprezo á imperatriz; e do desprezo em que a mulher tem o marido, ao crime vai pouco.

As suas ligações com um sobrinho de Hoang-Heou, levaram-na a envenenar seu marido, em 709; mas esse crime não lhe aproveitou. Quiz esconde-lo, e preparar-se, para continuar na regencia; n'esse conflicto achou a morte.

Joui-Tsoung, segundo irmão de Tchoung-Tsoung, subio ao throno no anno 710, e abdicou em favor de seu filho Hiouan-Tsoung em 712. Este imperador, nos primeiros

annos do seu reinado, desenvolveu optimas qualidades; depois, cedendo ás intrigas, e arte dos cortezãos, degenerou.

Eunucos, e mulheres governavam o estado. O imperador, conscio da sua insufficiencia, abdicou em 756, a favor de seu filho Sou-Tsoung. Este imperador reinou até 762, e deixou o governo como o tinha achado; isto é, entregue a eunucos, e a mulheres.

No mesmo anno subio ao throno seu filho Tai-Tsoung, a tempo que invadia o imperio um exercito de trezentos mil tãrtaros mogoles. Chegou a entrar na capital, e a roubar do paço immensas riquezas; comtudo, foi obrigado a retirar-se. Tai-Tsoung morreu no anno 779.

Sucedeu-lhe seu filho Te-Tsoung; reinou até 805. No principio, mostrou ter boas intenções a favor do povo; mas degenerando, fez o seu reinado mui desgraçado. Deu uma annistia no primeiro anno, outra no segundo, e as desordens sempre em augmento, até que o levaram á sepultura.

Sucedeu-lhe no mesmo anno de 805, seu filho Chum-Tsoung; pouco tempo reinou. Suas enfermidades levaram-no a deixar o throno a seu irmão Hian-Tsoung. Este imperador occupou-se com desvelo no interesse do público. O imperio estava cheio de revoltosos, foram reprimidos; mas, a sua condescendencia com os eunucos fez, com que morresse ás suas mãos, no anno 821.

Sucedeu-lhe Mon-Tsoung, que reinou tres annos. Distinguio-se em representar comedias. A sua pessima administração deslustrou muito a dinastia *Thang*. Reconhecendo o mal que tinha feito, matou-se no anno 824.

Os eunucos pediram á imperatriz, que tomasse o governo: respondeu: « Não quero tornar o imperio aos tem-

pos de Hoang-Heou, e de sua nora; jámais sahirei da ordem, que me é destinada na lei: o governo do imperio não compete a mulheres. Ha mui distinctos homens, para dirigirem meu neto: retirai-vos.»

Hiouan-Tsoung foi aclamado imperador; reinou dois annos, passando a maior parte em divertimentos. Começando a punir os eunucos com rigor, deram-lhe a morte, no anno 826. Assim appareciam, e desapareciam os imperadores, segundo o capricho dos eunucos.

Sucedeu no throno Ueu-Tsoung, irmão do precedente imperador. Reinou de 827, a 840. Querendo destruir o poder dos eunucos, e não tendo força para desempenhar tão grande empreza, morreu ás suas mãos no anno 840. Succedeu-lhe outro irmão, Uou-Tsoung; seguindo os conselhos de um sabio ministro, reconquistou a sua auctoridade.

Em 845, mandou este imperador recensear os templos, e os bonzos de Fo. Achou-se tão grande numero de uns, e outros, que os censores deliberaram representar contra esse perigoso abuso. Em virtude de um parecer do conselho d'estado, mandou o imperador demolir os templos, e restituir os bonzos ás suas familias. Foram arrasados n'essa época 4:660: a maior parte levantados no governo de Hoang-Heou.

Por morte de Uou-Tsoung, subio ao throno Siouan-Tsoung, no anno 846. Pretendeu tambem anniquilar os eunucos; porém, descobrindo elles as intenções do imperador, deram-lhe a morte, no anno 860.

Sucedeu-lhe Y-Tsoung: foi continuamente incommodado por guerras exteriores, e revoluções internas. Em circumstancias tão criticas, deixava algumas vezes o go-



verno do estado, para ouvir sermões dos bonzos. Morreu no anno 872.

Hi-Tsoung foi melhor, do que o precedente; mas não soube reparar o mal, nem evitar as desordens, que estragavam o imperio. Hoang-Tchao, cidadão atrevido, sabendo mal no exame de seus estudos, poz-se á frente dos descontentes, formou um exercito de duzentos mil homens, entrou na capital, acclamou-se imperador, e deu á sua dinastia o nome de *T'hsi*, no anno 880.

Depois de matar quantos descendentes da familia imperial pôde colher, desamparou-o a fortuna. Os tartaros socorreram Hi-Tsoung, enviando-lhe um exercito poderoso, commandado pelo general Li-Khe-Young, o qual teve a gloria de vencer os rebeldes. Hoang-Tchao vendo-se perdido, matou-se com a sua dinastia.

Ao imperador Hi-Tsoung succedeu Tchao-Ssou: reinou de 889, a 906. Em todo esse tempo não foi o imperio mais feliz. Os eunucos, no anno 900, conduziram o imperador e a imperatriz a uma casa de campo, deixaram-os alli com sentinellas á vista; e tornando á capital, quizeram governar o imperio a seu modo.

Um dos ministros, vendo-se humilhado pelos eunucos, unio-se com o general de uma divisão do exercito, para salvar o imperador. O resultado foi completo: setecentos eunucos pagaram com a vida: apenas ficaram trinta, ainda jovens, no serviço do paço.

O chefe do exercito, que resgatou o imperador, foi premiado com o titulo de principe de Liang, e com o posto de general em chefe; porém, quantas mais honras, e riquezas possuia, mais desejava. Vendo no throno um principe fraco, projectou roubar-lh'o. Dominando a força

armada, obrigou o imperador a retirar-se para Le-Yang, onde o mandou assassinar, no anno 905.

Elegeu, por disfarce, um filho de Tchao-Tsou; mas, antes de findar o segundo anno do seu reinado, fez com que elle abdicasse em seu favor; e deu á sua dinastia o nome de *Liang*. Quando se julgou seguro no throno, deu um banquete-aos grandes do imperio, outro á sua familia. N'este havia um irmão, que, achando occasião opportuna, fallou do modo seguinte:

«Tchou-san:<sup>1</sup> tu és um homem do povo; seguiste o rebelde Hoang-Tchao; foste um miseravel ladrão. Entraste depois no serviço do imperador, recebeste empregos, e riquezas; pagaste-lhe, extinguindo a sua dinastia. Pensas tu, que a nossa terá sorte differente? Enganas-te.»

O decreto annunciador da nova dinastia, deu motivo a todos os governadores das provincias, para se julgarem com direito ao throno. Nenhum reconheceu o usurpador.

A 14.<sup>a</sup> dinastia *Liang*: durou de 907, a 924. Tchou-san creou esta dinastia; mas ainda não tinham passado quatro annos, foi assassinado por seu filho primogenito. O parricida morreu ás mãos de um segundo irmão, vingador de seu pai; e succedeu no throno, com o nome de Mou-Ti.

Li-Khe-Young, principe tartaro, amigo dos *Thangs*, marchou contra Mou-Ti; este, vendo-se perdido, matou-se, e morreu com elle a sua dinastia.

A 15.<sup>a</sup> dinastia *Thang* 2.<sup>a</sup>: durou de 924, a 936. O principe tartaro, subindo ao throno chinez, tomou o nome de Tchouang-Tsoung. Seguia costumes rudes, e austeros;

<sup>1</sup> Era o nome da familia do imperador.

mas, assim que se vio no throno, entregou-se á molleza. Foi atravessado por uma frecha, no meio de soldados em tumulto, no anno de 926.

Sucedeu-lhe, no mesmo anno, Ming-Tsoung, tartaro de nascimento, filho adoptivo do pai de Tchouang-Tsoung. Estimou os sabios, e excluiu os eunucos dos empregos publicos. No seu tempo, inventaram os chinezes imprimir, com typos de páo. Succedeu-lhe Min-Ti no anno 934. Foi morto por seu irmão, antes de findar um anno de reinado. O filho de Min-Ti, vendo-se perdido, encerrou-se em uma sala com a sua familia, mandou largar-lhe o fogo, no qual morreram todos queimados, no anno 936.

A 16.<sup>a</sup> dinastia *Tsin* 2.<sup>a</sup>: durou de 936, a 946. Kao-Tsou, com o soccorro dos tartaros, fundou esta dinastia. Reinou seis annos, e o seu successor quatro. Os tartaros a tinham ajudado a levantar; os tartaros a fizeram baquear, depois de terem humilhado a China.

A 17.<sup>a</sup> dinastia *Han* 2.<sup>a</sup>: durou de 947, a 950. Os tartaros n'estes tres annos, desolaram as provincias do norte; mas entrando nas do sul, soffreram a guerra de postos, feita por um habil general. As guerrilhas perseguiram os tartaros de modo, que o seu chefe exclamou: « Assim, não é cousa facil vencer os chinezes. » Retirou-se, levando consigo muitas riquezas. Yu-Ti, segundo imperador d'esta dinastia, morreu ás mãos dos eunucos. Um general atrevido acclamou-se imperador.

A 18.<sup>a</sup> dinastia *Tchou* 2.<sup>a</sup>: durou de 950, a 960. TAI-TSOU, nome que tomou o general, assim que subio ao throno, foi visitar o tumulo de CONFUCIO, e deu ao philosopho o titulo de principe, para mostrar ao povo o respeito, que lhe tributava. Não tendo filhos, adoptou um

mancebo, que lhe succedeu com o nome de Chi-Tsoung, o qual reinou de 954, a 960.

Chi-Tsoung deixou um filho menor, debaixo da tutela do seu primeiro ministro; mas os grandes, e o exercito, acclamaram o tutor, em logar do pupillo. A precisão de um homem habil, para repulsar os tartaros, e conter na obediencia os governadores das provincias, foi o motivo politico, que auctorisou esta eleição.

---

## CARTA XLVI.

### 19.<sup>a</sup> DINASTIA *SOUNG* 2.<sup>a</sup>

A paz, cedendo á guerra, cobre o rosto :  
Tudo combate, e morre sobre a terra.  
Em vão o malfadado busca ancioso  
Triste asylo, fugindo espavorido :  
A morte em ondas o persegue, e toma ;  
E sepulto nas aguas breve expira.

#### II.

**A** 19.<sup>a</sup> DINASTIA *Soung* 2.<sup>a</sup>: durou do anno 960, a 1279: contou dezoito imperadores. Depois de tantas guerras civis, começaram os chinezes, em 960, a reparar os males soffridos desde o anno 650; periodo de dissolução, no qual, o imperio da lei foi suspenso, para dar lugar ao da força, no meio da mais horrivel anarchia.

**TAI-TSOU**, primeiro imperador d'esta dinastia, reinou de 960, até 975: possuiu os requisitos necessarios ao bom monarcha. Tinha grande firmeza de character, e muita clemencia; era sabio, frugal, prudente, e applicado aos negocios do estado. Nem a prolongada posse do throno, nem a venenosa atmospherica da côrte, poderam corromper as suas virtudes, nem as suas boas qualidades.

Para ouvir a todos, que pretendessem fallar-lhe, mandou abrir as quatro portas do paço, viradas aos pontos cardinaes: queria, dizia elle, que a sua casa fosse como o seu coração, aberta para todos os subditos. Sahido do povo, onde as fadigas, e as privações se fazem melhor sentir, do que nos palacios, teve sempre grande compaixão dos infelizes.

Sucedeu-lhe Tai-Tsoug: reinou de 976, a 997. Teve de repulsar muitas invasões dos tartaros, nas quaes os chinezes soffreram revezes. Ajuntou oitenta mil volumes em uma sala, onde estudava nas horas vagas, com os mais distinctos sabios.

Sucedeu-lhe Tchín-Tsoug: reinou de 998, a 1022. Teve tambem de combater os tartaros, e de soffrer grandes perdas; lançou o inimigo além das fronteiras; côm-tudo, fez um tractado pouco honroso ao imperio chinez.

Sucedeu-lhe Jin-Tsoug em 1023, e reinou até 1063. Era 6.º filho de Tchín-Tsoug. Sendo ainda joven, ficou regente do imperio sua mãe, que morreu no anno 1034. Assim que o novo imperador assumio o poder, cuidou em manter a paz, ainda sendo á custa de grandes sacrificios.

O certo é, que o seu character humano abrandou a rude ambição dos tartaros, depois de terem levado da China cem mil onças de prata, e trezentas mil peças de seda. Jin-Tsoug, para compensar de algum modo aquella ignominia, fez reviver as letras, e as virtudes, em todo o imperio.

Floreceu n'este reinado o insigne historiador SSE-MA-KUANG. Depois de ter governado a provincia de Ho-nan, foi censor público, e primeiro chronista: nos logares, que servio, deu provas de grande saber, e desinteresse. Como



*Diaz da Costa lith.*

*Lith. da Imp. da Real*

SSF-MA-KOUANG.





ensor teve grande valor, e firmeza de caracter, para afrontar os prejuizos postos em voga pela superstição, e adulação.

Em 1061 houve um eclipse do sol: os astrónomos indicaram ser de seis digitos; e verificou-se ser de quatro. Os cortezãos correram ao paço, em habitos de cerimonia, a felieitar Jin-Tsoung pela mudança, que o ceo tinha feito nas leis do movimento, para honrar a sabedoria do seu governo!

SSE-MA-KUANG, estando presente, interrompeu o arengador: « O primeiro dever de um censor é fallar verdade, e não consentir, que na sua presença vos dirijam falsidades. O que Y diz, é uma lisonja, ou o fructo de crassa ignorancia. O eclipse foi menor do que se annunciou; comtudo, não ha bom, nem máo agouro: os astrónomos enganaram-se; se foi negligencia, devem ser castigados; se foi ignorancia, devem ser demittidos. Máo presagio é, senhor, vir á vossa presença gente, que usa fallar assim. »

Se todos os reis tivessem o bom senso de Jin-Tsoung, e homens como SSE-MA-KUANG, para lhes dizer a verdade, commetteriam menos erros; os povos seriam mais felizes. O successor de Jin-Tsoung, não sendo tão docil aos conselhos do censor, deu motivo a SSE-MA-KUANG para seguir o exemplo de CONFUCIO. Sahio da còrte, para entregar-se á sua obra dilecta, á historia do imperio.

SSE-MA-KUANG escolheu tudo quanto achou de melhor nas bibliothecas, nos monumentos antigos, e nas memorias, para formar a historia do imperio: banio erros, dissipou obscuridades, e conduzio as tradições a uma unica serie, onde os factos, dispostos chronologicamente, formam,

na phrase chinesa, uma longa têa, cuja ordidura abraça a ordem dos tempos, e atrama os acontecimentos.

A obra contém 294 volumes de texto, 30 de taboas, e 30 de dissertações, e discussões. SSE-MA-KUANG foi ajudado pelos mais habéis letrados do imperio; comtudo, levou mais de vinte annos a conclui-la, no reinado de Chin-Tsoung, em 1084.

Jin-Tsoung, não tendo filhos, escolheu um sobrinho, para succeder-lhe no throno, o qual reinou tres annos, com o nome de Yug-Tsoung. A este succedeu seu filho Chin-Tsoung; e reinou de 1068, a 1085. Foi mais valoroso, do que sabio; todavia, favoreceu os homens de letras.

No reinado de Ching-Tsoung appareceu uma nova doutrina, que pôde chamar-se philosophia natural; pois é da interpretação das leis da natureza, que os letrados chinezes extrahiram os principios da sua obra.

Figurava, como chefe da seita, o ministro *Uang-An-Chi*; e tinha por seu adversario o famoso SSE-MA-KUANG, partidista da doutrina antiga. O acaso oppoz ao sabio *Uang-An-Chi*, aquelle severo censor, para se combaterem com armas iguaes; isto é, o genio conservador, que eternisa a duração dos imperios, e o espirito de innovação que os abala.

Em verdade, os contendores haviam talentos iguaes, mas partindo de principios contrarios, os resultados eram discordes. *Uang-An-Chi* empregava os recursos da sua imaginação, a energia do seu espirito, e a firmeza do seu character, para tudo regenerar: SSE-MA-KUANG, para debellar tão enorme poder, chamava em seu auxilio a lembrança do passado, o exemplo dos antigos, e as lições da historia, para tudo conservar.

No anno 1069 houveram flagellos, que desolaram al-

gumas provincias. Chin-Tsoung testemunhou a sua dôr, privando-se dos prazeres da musica, e de todos os divertimentos. O ministro não approvou essa homenagem dada ás opiniões recebidas: «Tacs calamidades, disse elle, provém de causas physicas invariaveis: terremotos, seccas, inundações, não têm ligação com as acções do homem. Esperais vós, que a natureza derogue as suas leis, por vosso respeito?»

SSE-MA-KUANG, estando presente, ainda que n'este caso era conforme com o ministro *Uang-An-Chi*, não o deixou sem resposta. «Os soberanos são temiveis, quando têm a seu lado homens, que usam propôr-lhes maximas tendentes a desprezar os flagellos naturaes, ou não tener a Deus. Que outro freio será capaz de conter as paixões dos monarchas? Qual d'elles não se entregará, sem remorsos, a todos os seus excessos? Quem poderá faze-los entrar no caminho dos seus deveres? Por certo ninguem. D'esse modo serão todos desgraçados, imperantes, e povos.»

Difficil cousa será decidir, qual dos dois contendores possuia principios mais proveitosos. O certo é que a opposição de SSE-MA-KUANG não diminuiu o credito, que havia *Uang-An-Chi* na opinião de Chin-Tsoung: as reformas proseguiram. Chegaram até ao exame dos letrados: esta innovação deu ao ministro grande numero de inimigos. Todavia, o imperador foi inabalavel: mandou praticar as reformas projectadas, na intelligencia de serem uteis aos povos.

Por morte de Chin-Tsoung, em 1086, succedeu-lhe Tchi-Tsoung, setimo filho, tendo dez annos: reinou até 1100. Durante a menoridade, regeu a imperatriz sua avó. Por morte d'esta, Tchin-Tsoung repudiou sua mulher. Um

dos ministros censurou essa conducta. « Sigo o exemplo de meus avós. » « Melhor fôra, redarguiu o ministro, que se guisses as suas virtudes, e não os seus vícios. »

A Tchi-Tsoung succedeu Hoi-Tsoung, 10.º filho de Chin-Tsoung, no anno 1101, e reinou até 1125. Foi tão grande protector dos eunucos, que chegou a dar-lhes o titulo de principes! Essa fraqueza fez renascer abusos, que muito haviam custado a extirpar. Hoi-Tsoung cooperou muito para a quêda da sua dinastia. Chamou os tartaros moutchous para o ajudarem na lueta contra os mogoles: Tai-Tsou, chefe dos moutchous, entrando no imperio, apossou-se de algumas provincias, aprisionou o imperador, e mandou-o para a Tartaria, onde morreu.

Succedeu-lhe Kin-Tsoung em 1126; teve a sorte de seu pai; morreu ás mãos dos tartaros. Tai-Tsou, entrando na capital, apossou-se do monarcha, e de suas mulheres. Os ministros de Kin-Tsoung, para não soffrerem igual affronta, mataram-se. Succedeu no throno um filho de Hoi-Tsoung, com o nome de Kao-Tsoung: reinou de 1127, a 1162. Este imperador, temendo os tartaros, mudou a côrte para Nankin.

Kao-Tsoung amava a paz, e as letras; mas vio-se obrigado a defender-se de inimigos externos, e internos. Os tartaros atacavam a fronteira; os salteadores desolavam o interior do imperio. O general Koung-Ye debellou os tartaros; mas essa victoria de pouco servio. Kao-Tsoung tinha o defeito de ouvir máos conselheiros, e de ser inclinado á seita de Fo, pela qual deixou o governo do imperio a um sobrinho.

Hi-Tsoung, chefe dos tartaros, marchou, em 1161, á frente de seiscentos mil homens, sobre Nankin; chegando

á margem do rio Yang-Tse-Kiang, e querendo atravessa-lo, em parte onde elle era mui largo, o exercito amotinou-se; Hi-Tsoung foi assassinado no barulho. A morte do rei tartaro fez retirar o seu exercito, sobre as provincias do norte.

Kao-Tsoung abdicou a favor de Hiao-Tsoung, que reinou de 1163, a 1189. N'este reinado floreceu o celebre Tchou-Hi, commentador dos livros classicos. Foi ministro de quatro imperadores, honrado na sua morte com o titulo de principe da litteratura, e depositado o seu retrato na sala destinada á memoria de CONFUCIO.

É uso observado ainda hoje na China; quando morre algum homem distincto por virtudes, e sciencias, no exercicio do seu emprego, é elevado á ordem dos discipulos de CONFUCIO, a fim de participar com elle das honras, que os grandes, e os letrados lhes tributam em certos dias do anno. Tchou-Hi escreveu a historia geral da China; mas o fundo da obra pertence a SSE-MA-KUANG.

A Hiao-Tsoung succedeu Kouang-Tsoung: reinou de 1190, a 1194. A esse imperador succedeu Nin-Tsoung, seu terceiro filho, que reinou de 1195, a 1224. Este imbecil imperador, sendo acommettido pelos tartaros moutchous, convidou o chefe dos mogoles, para o ajudar no conflicto.

O rei dos moutchous, não podendo affrontar os dois exercitos reunidos, chinez, e mogol, offereceu paz, e condições vantajosas. Ning-Tsoung recusou. O rei dos moutchous respondeu: «Gengis-Kan affronta hoje o meu imperio, amanhã tomará o vosso.»

Gengis-Kan entrou na China, fez retirar os moutchous, e tomou de facto o dominio do imperio. Por morte de Ning-Tsoung, subio ao throno Li-Tsoung: reinou de 1225,

a 1264, porém nominalmente; o verdadeiro imperador foi Gengis-Kan. Li-Tsoung cuidava mais nas letras do que nas armas. Pe-yen, general de Gengis-Kan, com os chinezes, derrotou os moutchous. O rei d'estes, não podendo sobreviver a esse desar, matou-se.

Os mogoles, saboreando os prazeres da civilização chinesa, imitaram os moutchous, quando dominaram nas provincias do norte. Todavia, Hou-Pi-Lie, herdeiro de Gengis-Kan, versado na litteratura chinesa, ganhou o amor do povo, pela estimação que fazia dos letrados, e pelas honras que dava á memoria de CONFUCIO. A politica dos tartaros contribuiu muito, para a submissão dos chinezes; pois, mesmo em sua desgraça, tinham a gloria de serem respeitádos por seus vencedores.

Succedeu a Li-Tsoung um sobrinho, com o nome de Tou-Tsoung: reinou de 1265, a 1274. Sendo mais ávido de prazeres, do que de honra, vendo-se ameaçado pelos mogoles, entregou-se a demasias. Debalde os ministros, e os censores lhe faziam admoestações. Alguns vendo a dinastia *Soung* nas vespas da sua ruina, foram buscar asylo nas provincias do norte, onde regia Hou-Pi-Lie.

Então realisou o neto de Gengis-Kan o seu projecto de conquista. Fez marchar differentes columnas do seu exercito sobre as provincias mais importantes, e elle, com a reserva, dirigio-se á capital, onde matou quatrocentas mil pessoas. Atemorisadas as outras cidades com tal mortandade, abriram as portas ao vencedor. N'esta época entrou na China o veneziano Marco Paolo, de quem já fallei.

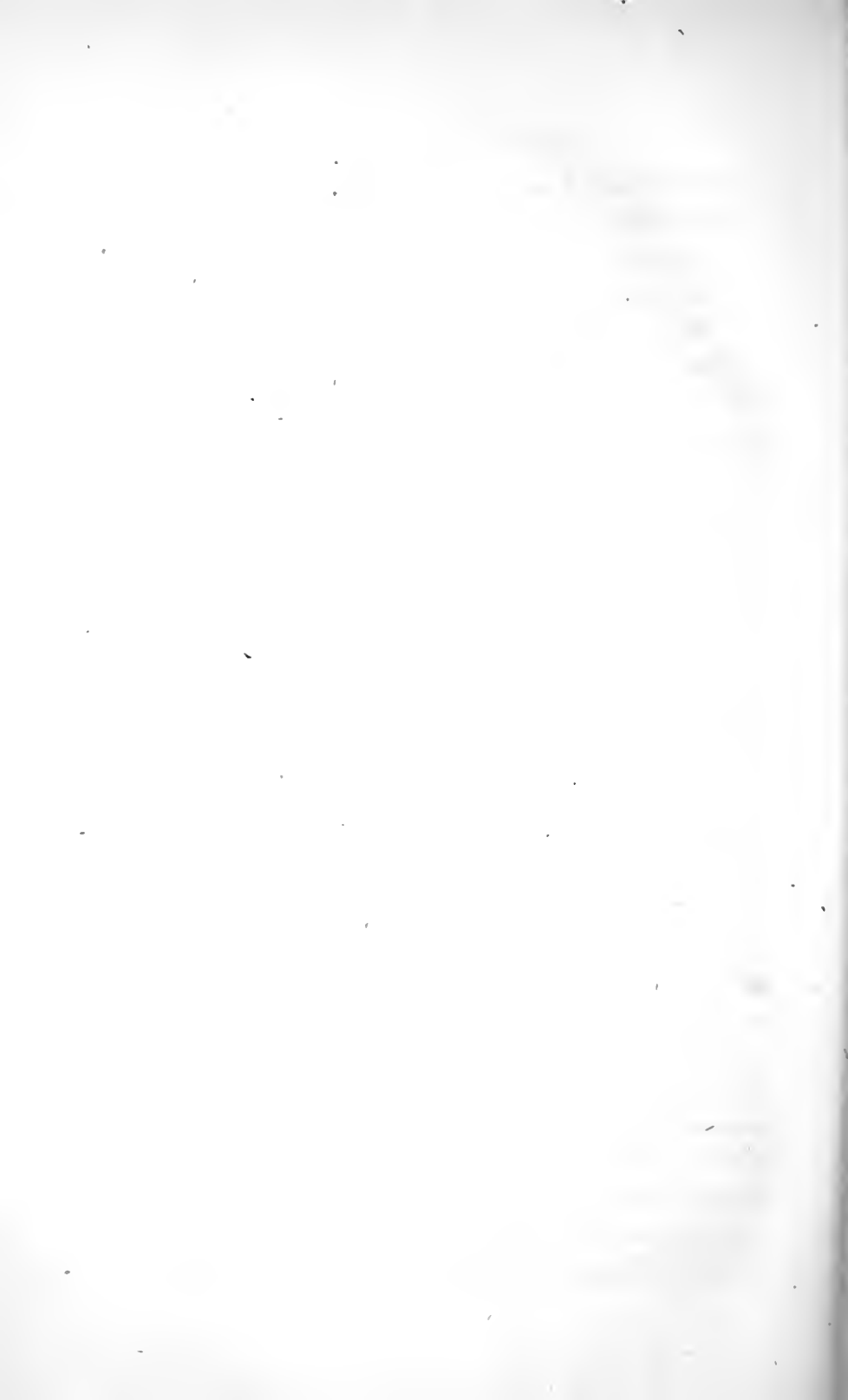
Koung-Tsoung, filho de Tou-Tsoung, havia herdado o throno em 1275, sendo ainda creança. Sua mãe pedio paz ao vencedor; mas elle respondeu: « A vossa familia deve

a sua elevação á infancia do último rei da dinastia precedente; justo é que o principe da dinastia *Soung*, tambem creança, ceda o logar a outra dinastia. »

Não podendo o último dos *Soungs* afrontar o vencedor, que o perseguia, com um exercito de setecentos mil homens, embarcou em uma frota com os seus, e navegou para o sul do imperio. Sendo encontrado pela frota dos mogoles, travaram combate: os tartaros venceram.

Lo-Sicousse, ministro a quem se tinha confiado o joven Koung-Tsoung, não lhe restando esperanza de salva-lo, disse: « Principe, antes morrer livre, do que envergonhar nossos maiores no captiveiro. » Tomou-o nos braços, e precipitou-se com elle nas ondas. A imperatriz fez o mesmo.

Assim acabaram as dinastias chinezas: depois de 3484 annos de duração, deixaram a posse do imperio aos tartaros mogoles, no anno 1279.





## CARTA XLVII.

### 20.<sup>a</sup> DINASTIA *YOUAN*.

Um povo vencedor vê subjugado  
Pelo luxo, e molleza: o throno augusto,  
Construido dos thronos de mil reis,  
Vê pelo proprio peso demolido.

II.

A DINASTIA 20.<sup>a</sup>: durou de 1279, a 1367: teve oito imperadores. A familia *Soung*, depois de 319 annos de duração, submergio-se nas ondas, para não ser escrava dos mogoles; cuja audacia, tendo levado a ferro, e fogo as mais poderosas, e civilisadas nações da Asia, ameaçava tambem invadir a Europa.

Ainda não se descubrio a origem do flagello, que de vez em quando ameaça destruir os monumentos da civilisação. Gengis-Kan foi um açoute da especie humana. Suas hordas, sahidas dos valles mogoles, precipitaram-se como lava de grande vulcão, destruindo os povos das terras, que projectavam conquistar. A Hungria, a Polonia, a Persia, a India, tudo foi pouco: a China bastou apenas á sua ambição.

Hou-Pi-Lie começou a reinar nas provincias septentrionaes da China, no anno 1260, e dominou todo o imperio em 1280. Foi o primeiro estrangeiro, a quem os historiadores chinezes deram o titulo de imperador, e o nome de Tai-Yuen-Tsou. Sendo grande politico, cuidou em se pôr ao nivel da civilisação dos povos, que pretendia submeter. Chamou tres philosophos chinezes, para o instruirem nos costumes da nação, e ajuda-lo com seus conselhos a governar o imperio.

Os tres philosophos gozavam a estimação pública: o 1.º chamava-se Hiu-Heng: o 2.º Yao-Tchou: o 3.º Teou-Mo. Os tres julgaram não poder servir melhor a sua nação, do que accèptar o convite do tartaro. Este, ao vê-los, disse-lhes: «É preciso que me ajudeis a fazer entender a razão aos vossos compatriotas. Elles consideram os tartaros, como se fossem tigres; detestam-os, ainda mesmo quando lhes são uteis. Eu quero fazer os chinezes ditosos; e elles só poderão capacitar-se d'esta verdade, sendo annunciada por vós.»

Fez Yao-Tchou inspector geral dos campos, e disse-lhe: «Fazei com que sejam entregues a seus donos, e cultivados. A vós, Hiu-Heng, e Teou-Mo, entrego o povo. Velai na segurança dos artistas; gozem em paz o fructo do seu trabalho. Fazei quanto vos parecer util ao bem público: approvo já tudo o que fizerdes.»

Yao-Tchou offereceu-lhe dois livros; um tratava do governo do estado: no outro achava-se o extracto da doutrina antiga. Eis os principios em que este se fundava: 1.º honrar, e temer o ceo: 2.º amar os subditos: 3.º estudar o imperante as sciencias convenientes ao seu emprego: 4.º relacionar-se com os homens virtuosos: 5.º domar as paixões: 6.º affastar de si os lisongeiros.

O projecto de Tai-Yuen-Tsou, houve bom resultado. As suas virtudes, e sabedoria espalharam-se por todo o imperio, nas leis regulamentares aconselhadas pelos tres philosophos. Tai-Yuen-Tsou tornou effectiva a responsabilidade dos ministros, e de todos os funcionarios publicos. Deu maior latitude aos censores; organisou, e disciplinou o exercito; reformou o tribunal da astronomia; e chamou alguns sabios estrangeiros, que deram impulso ás sciencias. Fez grandes melhoramentos na agricultura; animou as manufacturas; protegeu o commercio; e mandou reformar os edificios publicos.

Prezava tanto os homens de letras, que chamou da India, da Persia, e da Turquia grande número de sabios. O unico europeu, que entrou na sua côrte, foi Marco Paolo. Tai-Yuen-Tsou creou uma academia; deu a presidencia a Teou-Mo. Ao famoso Hiu-Heng coube a intendencia do collegio imperial: a Yao-Tchou, o ministerio da fazenda.

Tai-Yuen-Tsou morreu no anno 1294: contava 80 de idade. Deixou a paz, e a ventura estabelecida no imperio. A sua auctoridade estendia-se do mar Glacial, ao estreito de Malaca, onde mandou uma frota de mil navios, tomar vindieta da offensa, que certo malaio fizera a um subdito chinéz.

Sucedeu no throno seu neto Tching-Tsoung: reinou de 1295, a 1307. Contentou-se com o reflexo da gloria de seu avô. A Tching-Tsoung succedeu um sobrinho: foi Uou-Tsoung, que reinou de 1308, a 1311. Mandou traduzir na lingua mogol o livro, onde CONFUCIO trata da piedade filial; comtudo, favoreceu os Lamas.

Sucedeu-lhe seu irmão Jin-Tsoung: reinou de 1312, a 1320. Este imperador fez uteis reformas a favor do

povo. Aproveitando-se alguns funcionarios publicos da fraqueza do seu antecessor, tinham-se enriquecido, á custa do público. Jin-Tsoung começou, dando vigor á justiça: mandou entrar os culpados em processo, e assignou a pena de morte contra os culpados, não poupando os membros da sua familia; certo de que a probidade é o primeiro dever do funcionario público.

Sucedeu-lhe Yng-Tsoung: reinou de 1321, a 1323. Para acalmar o espirito dos turbulentos, deu uma amnistia; comtudo, os grandes tramaram contra o imperante. Sendo descobertos, foram condemnados á morte. O ministro Pei-Tchou quiz diminuir a influencia, que os bonzos tinham no espirito do imperador; mas descobrindo elles as intenções do ministro, projectaram mata-lo.

Encarregaram da execução um filho adoptivo de Yng-Tsoung, o qual, introduzindo-se furtivamente no paço, com alguns soldados, assassinou o ministro, e o imperador com suas proprias mãos. Eis o que faz, em todos os paizes, o amor do interesse desmedido, unido com a superstição. Assassina os homens, que projectam felicitar os povos!

Sucedeu no throno Tai-Ting: reinou de 1324, a 1328. Um mez depois de empunhar o sceptro, assignou a pena de morte contra os assassinos do seu antecessor. Este principe soffreu no seu reinado grandes flagellos. Por sua morte houveram muitos pretendentes ao throno: Uen-Tsoung, filho de Uou-Tscung, venceu a todos: reinou de 1329, a 1332.

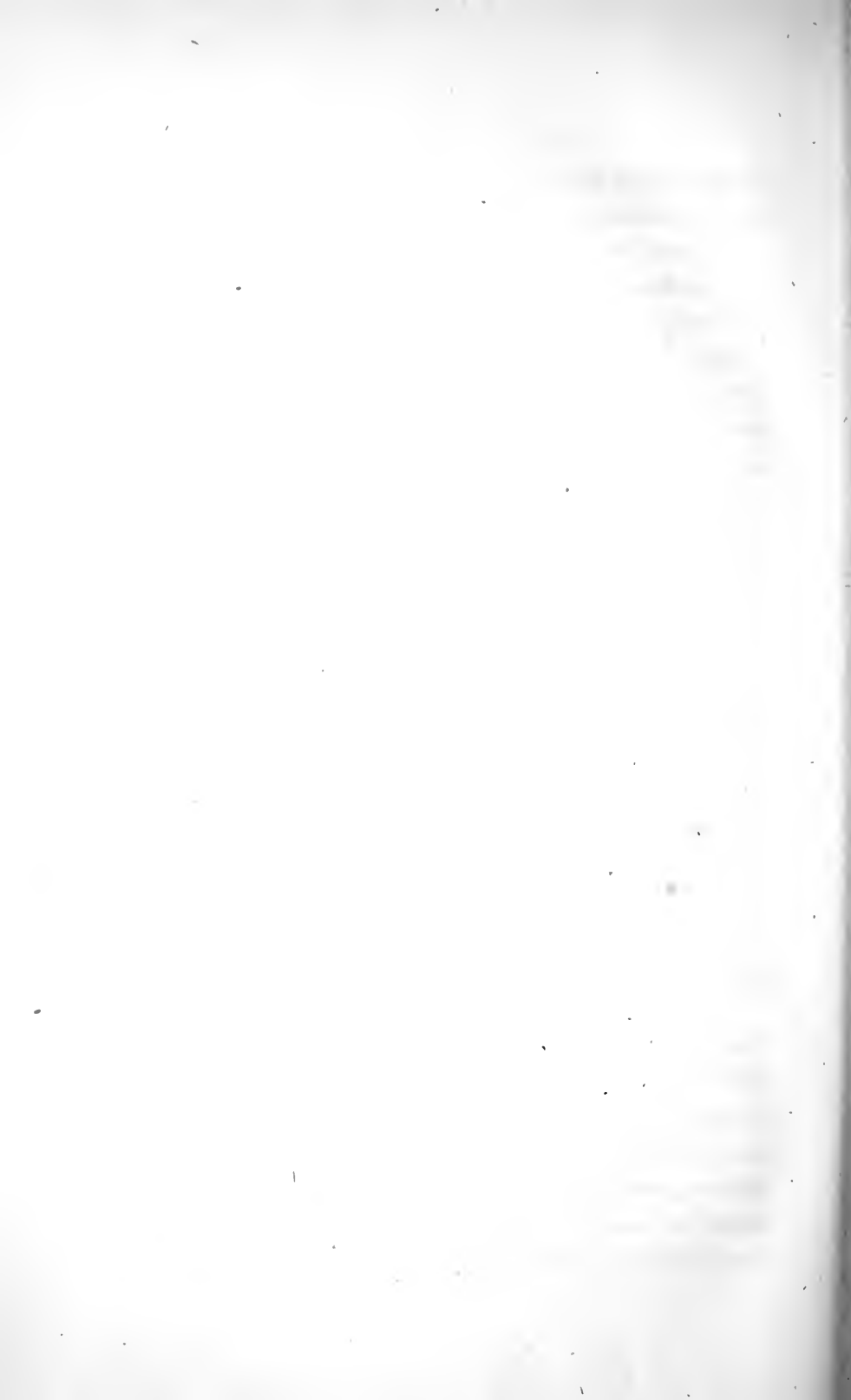
Chun-Ti foi o ultimo imperador da dinastia *Youan*: reinou de 1333, a 1367. Contava treze annos de idade, quando subio ao throno. O seu character fraco, e o desmedido amor dos prazeres, entregaram-no a ministros, que

fizeram a sua perdição. O seu exercito foi derrotado pelos rebeldes. Chun-Ti, vendo-se em perigo, fugio da capital, para Yng-Tchang-Fou, cidade que fica ao norte de Pekin, fóra da grande muralha.

Assim acabou a dinastia, que, perto de cem annos antes, havia feito a conquista da China; isto por impeto de homens barbaros, e ávidos dos prazeres da civilisação, que os despojou da sua energia, tão necessaria á conservação das conquistas.

Para continuar na China a dinastia mogol, seria preciso uma longa serie de homens superiores, iguaes aos que a fundaram; mas as raças destinadas ao throno, têm a sorte de tudo quanto existe no mundo; isto é, perigar na velhice.

---



## CARTA XLVIII.

### 21.<sup>a</sup> DINASTIA *MING*.

Ariman a seu jugo humilha os homens.  
Para os dar á desgraça os aviventa.  
Soprando os vícios, torna-os seus algozes :  
Dos males do homem faz-los o instrumento.  
Para os dobrar ordena á ignorancia.  
Que o seu germe funesto desabrolhe.

II.

A 21.<sup>a</sup> DINASTIA *Ming*: durou de 1368, a 1644 : teve dezeseis imperadores. O filho de um camponez, servidor de bonzos na infancia, teve por melhor larga-los, e unir-se aos revoltosos : em poucos annos foi o seu chefe. Eis o fundador da dinastia *Ming*.

Em nenhum outro paiz recebe o merito a sancção legitima das suas obras, como na China ; e em nenhum outro vale tão pouco a condição do nascimento. Os homens, que sabem aproveitar as circumstancias, para guindar acima da sua condição, têm algum merito ; e o que da pobreza abre caminho, para chegar ao cúmulo da grandeza humana, tem, de certo, merito superior. D'estes foi o illustre fundador da dinastia *Ming*.

Na classe do povo, chamava-se Tchou-Youan-Tchang. Na de general em chefe (dos rebeldes), Ou-Koue-Koung-Tseu. Na de imperador, Houng-Uou; e deu á sua dinastia o nome de *Ming-Tai-Tsou*; isto é, pai da dinastia Ming.

No anno segundo do seu reinado foi convocada solemne assembléa de principes, colaos, e mandarins, para fazerem as ceremonias de respeito, segundo o ritual do imperio. Acabados os lisongeiros emboras, pela subida ao throno, o imperador respondeu: « Agradeço a expressão dos vossos sentimentos, a meu respeito; quanto á prosperidade, que me desejais, ella depende de vós: ajudai-me a felicitar os povos; eis a prosperidade, que ambiciono; só d'esse modo serei venturoso. »

« Não podendo abranger a todos os logares, ao mesmo tempo, nem ouvir, e ver quanto se diz, e faz longe de mim, deveis-me instruir, para seguir em tudo as regras da justiça. O meu antecessor perdeu a sua dinastia, por não reger o imperio como devia; ha entre vós muitos dos que serviram com elle; devem conhecer os vicios do seu governo; convido-vos a dizer-me o que devo fazer, para não cahir no mesmo precipicio. »

Ma-Y, mandarim integro, e austero, vendo que ninguém respondia, tomou a palavra: « Senhor: a nimia bondade de Chun-Ti foi quem o perdeu. Os mandarins, e o povo tinham liberdade de mais; para bem governar, é precisa extrema severidade; sem rigor, não é possivel conter os homens no logar, que lhes compete: se o principe decahido fosse mais severo, ainda estaria no throno. »

« Enganais-vos em julgar, que não se póde reger bem, sem rigor, replicou o imperador; a corda rebenta, quando se téza de mais: o povo tratado com rigor, cuida presu-



roso em mudar de governo. Não se deve confundir a bondade com a negligencia, nem a rectidão com o rigor; são cousas mui differentes. »

« Os imperadores antigos governavam com doçura; todavia, eram exactos na observancia das leis. Não succedia o mesmo no tempo do principe, que defendeis: esse miseravel cuidava só na satisfação de seus prazeres; os mandarins, a seu exemplo, faziam o mesmo; eis o que o perdeu. »

« O povo achava-se em um governo, que lhe tirava tudo; vingou-se. No principio commetteu excessos, concedo; mas sacudio o jugo, que o opprimia. Devemos aprender nas desgraças dos outros, e evitar os seus defeitos. Vamos cuidar em fazer o povo feliz. O caminho mais curto, e seguro, é exigir d'elle o cumprimento dos seus deveres, na observancia de leis justas. D'esse modo terá meios de viver á sua vontade. » Quão felizes seriam os povos, se os imperantes fossem justos, e sabios como foi Houng-Uou.

Este imperador foi contemporaneo de Tamerlão, que tambem chegou por meios differentes a igual celebridade. A ambição do primeiro salvou a patria dos males, que resultam da anarchia: a ambição do segundo fez a desgraça da maior parte da Asia. Tamerlão projectou vingar os netos de Gengis-Kan, no tempo em que os chinezes o consideravam subdito, de quem recebiam tributo.

Houng-Uou desconfiou de Tamerlão, pela notícia dos seus preparativos, para a guerra; mandou logo munir, e guarnecer as fronteiras, que entestam com a India. Se Tamerlão não morresse n'essa época, teriamos visto, se a fortuna abandonava Houng-Uou, luctando com o vencedor de Bajazeto. Tamerlão não poderia vencer uma nação, animada pela defeza da liberdade, e conduzida por um chefe,

que devia a sua elevação ao seu grande valor, e consummados talentos.

Houng-Uou foi superior a Gengis-Kan. Este, herdeiro de algumas choupanas nos valles da Tartaria, não pensaria dominar no futuro o grande imperio chinéz. Aquelle, filho de um camponéz, não poderia lembrar-se, quando servia os bonzos, de tomar o logar aos netos de Gengis-Kan. Ambos tiveram grandes obstaculos a vencer; ambos subiram de estado humilde ao maior predominio.

Se Gengis-Kan encontrou grandes obstaculos na execução dos seus projectos, pela rudeza dos tartaros; Houng-Uou não os encontrou menores, nas luzes de seus concidadãos. Mais facil seria persuadir os cavalleiros tartaros, do que satisfazer os altivos letrados chinezes. As duas emprezas exigiam talentos differentes. Gengis-Kan representou um acto brilhante em apparencia; Houng-Uou foi-lhe mui superior, pelo resultado das suas acções.

Tambem foi superior a Tamerlão. Aquelle mereceu o titulo de grande homem; isto é, de bemfeitor da humanidade: este em seus furores, desolou duas partes do mundo, tirando a vida a milhões de homens. As guerras, que Houng-Uou foi obrigado a fazer, tiveram por effeito restabelecer as leis na sua patria, e firmar a paz, anniquilando a dominação estrangeira.

Assim que Houng-Uou empunhou o sceptro, começou a beneficiar os homens de letras, e a dar-lhe animação, para lhe dizerem tudo quanto fosse tendente ao augmento da felicidade pública. Alguns aproveitaram o convite do imperador, para lhe offerecerem regras de boa governança; mas pegou a moda de sorte, que todos os dias lhe enviavam projectos, e cada um a seu modo.

Houng-Uou resolveu dar-lhes uma lição, para não ser incommodado com papeis inúteis. Ordenou, que todos os membros dos tribunaes fossem ao paço em dia aprazado. Chegada a occasião, fallou-lhes o imperador pelo modo seguinte:

« Os antigos faziam poucos livros, mas bons livros. Tinham por fim inspirar o amor da virtude, dar a conhecer os homens de merito, e facilitar a observancia das leis. Agora escreve-se muito sobre cousas inúteis. Os antigos escreviam com simplicidade, para que as suas obras chegassem ao alcance de todos; o seu estilo era corrente, e as expressões claras, e concisas; isto é, diziam muito em poucas palavras. »

« Não ha livro mais instructivo, do que a obra de Tchou-Ko-Liang; n'esse pequeno volume expõe elle o seu objecto, com tanta precisão, quanto o methodo é simples, e nobre; encadeou em limitado espaço tão grande número de razões, que leva todos ao seu modo de sentir. Agora usam de estilo diffuso, e muito empolado; affogam um pensamento em ondas de palavras; se ha uma phrase escura, ou de sentido duplicado, tem a preferencia; parece escreverem, para ninguem entender! Assim fez Sieng-Jou: este passa por mestre nas regras da composição; usou d'ellas; mas as suas obras são vacias de sentido. »

« Vós, que sois os primeiros ácerca da litteratura, e obrigados a dar bom exemplo em todas as cousas da vida, fezi tambem com que se estabeleça o bom gosto no modo de escrever; que se imitem os antigos. » A lição aproveitou: os projectos phantasticos diminuíram consideravelmente.

Houng-Uou morreu no anno de 1398: succedeu-lhe

um dos seus netos, com o nome de Kien-Uen-Ti: reinou de 1399, a 1402. N'esta época, seu tio, quarto filho de Houng-Uou, roubou o throno ao sobrinho, e reinou de 1403, a 1424, com o nome de Tching-Tsou. Este usurpador, depois que subio ao throno, ostentou grandeza de alma, e muito saber.

Sucedeu-lhe Jin-Tsoung em 1425. Durou poucos mezes. A este succedeu Siouan-Tsoung: reinou de 1426, a 1435. Disfarçava-se entre o povo, a fim de verificar o que se lhe dizia no paço, ácerca do governo, e dos governados. Então foi o imperio atacado pelos tartaros; o imperador tomou o commando do exercito, e debellou o inimigo.

Por morte de Siouan-Tsoung, subio ao throno Yn-Tsoung: reinou de 1436, a 1449. Tendo apenas nove annos, regeu a imperatriz em seu nome. Os tartaros tornaram a investir o imperio. Marchou contra elles um exercito de quinhentos mil homens, levando á sua frente o joven imperador; mas o commandante em chefe era um eunuco.

Este general de especie nova, conduzio o exercito além da grande muralha, onde morreu a maior parte á mingua de alimento. Os soldados, que não morreram de fome, pe-receram ás mãos do inimigo, o qual fez prisioneiro o joven imperador. A imperatriz mandou grande peso de ouro aos vencedores, pelo resgate de seu filho; mas, o chefe dos tartaros não entregou o principe; julgou a offerta diminuta, em razão do prisioneiro.

Yng-Tsoung abdicou, no captivo, a favor de seu irmão King-Ti, o qual reinou seis annos. Por sua morte, subio outra vez ao throno seu irmão Yng-Tsoung, vindo da Tartaria. Chamou-se então Tchian-Chum; isto é, o favorecido do Senhor. Reinou de 1457, a 1464.

Sucedeu-lhe Hian-Tsoung: reinou de 1465, a 1487. Foi valoroso; porém muito inclinado aos bonzos. No primeiro anno do seu reinado, destruiu um exercito de rebeldes. Em 1479 debellou outro de tartaros.

Sucedeu-lhe Hiao-Tsoung: reinou de 1488, a 1505. Foi, como seu pai, dado a superstições. No tempo d'este imperador, soffreu a China peste, fome, e guerra. Quando morreu, deixou o imperio invadido pelos tartaros.

Sucedeu-lhe Uou-Tsoung: reinou de 1506, a 1521. Fez-se odiar, por suas extravagancias. Sucedeu-lhe Chi-Tsoung: reinou de 1522, a 1566.<sup>1</sup> No principio deu boas esperanças; mas, os bonzos mudaram as boas intenções do imperador, em máos propositos.

Em 1550 aproximaram-se os tartaros á capital do imperio, em força de sessenta mil combatentes: foram derrotados pelos chinezes. Hoang-Tchin, e Chang-Si-Lao, temiveis piratas, infestavam n'esses tempos as costas meridionaes da China, com uma frota de cem embarcações. Foram destruidas pelos lusitanos em 1557.

Chi-Tsoung soffreu tão amargas accusações, em 1566, que não pôde sobreviver-lhe. Sucedeu no throno Mo-Tsoung: reinou de 1567, a 1572. Este imperador empregou, alguns annos, oitocentos mil homens no reparo do grande canal. Sucedeu-lhe Chin-Tsoung: reinou de 1573, a 1619. A historia louva este principe, por sua rectidão, e perfeitas virtudes. Foi profundo nas sciencias, e amator da justiça.

Os tartaros moutchous compraram a guarnição da grande murallia, em ponto dado, e entraram no imperio

<sup>1</sup> No reinado d'este monarcha, perégrinou na China o nosso *Fernão Mendes Pinto*.

chinez, em 1618. Assim que pisaram terreno alheio, viram-se ás mãos com um exercito imperial: este foi derrotado, e aquelles marcharam victoriosos sobre a capital. Pekin achava-se guarnecida por oitenta mil homens; todavia, o imperador quiz fugir para Nankin. O primeiro ministro oppoz-se, e o imperador morreu na irresolução.

No reinado de Chin-Tsoung 2.º, tinham os jesuitas chegado a Pekin, e n'elle mesmo soffreram perseguições. Succedeu no throno Kouang-Tsoung em 1620; morrendo immediatamente, subio ao throno Hi-Tsoung, que reinou de 1621, a 1627. Foi grande favorecedor dos eunucos, que então abundavam no paço imperial.

Ao imperador Hi-Tsoung mandaram os portuguezes, de Macáo a Pekin, o soccorro de duzentos artilheiros; mas quando lá chegaram, já os tartaros haviam levantado o sitio, e retirado para o norte da muralha. Os portuguezes tornaram a Macáo, deixando a capital da China admirada do seu denodo, garbo, e manobras.

Por morte de Hi-Tsoung, em 1627, subio ao throno Hoai-Tsoung: reinou até 1643, época em que findou a dinastia *Ming*. Hoai-Tsoung amava as letras, e havia n'ellas estudo de professor; porém essa qualidade não bastou, para conservar a nacionalidade do throno.

Era humano, e tolerante: minorou o rigor dos supplicios, reprimio o luxo, e prohibio a communicação dos mandarins, com os eunucos. Hoai-Tsoung tinha pedido a seu irmão Hi-Tsoung, que se desfizesse dos eunucos, essencialmente do seu chefe Uei-son, homem poderoso, e cruel, cuja influencia ameaçava a dinastia.

Assim que Hoai-Tsoung subio ao throno, Uei-son previo a sorte, que o esperava; não tendo força para resis-

tir-lhe, envenenou-se. N'esta época levantaram os revoltosos a cabeça em todas as provincias; e foi invadida a fronteira pelos tartaros moutchous. Hoai-Tsoug, querendo tratar com elles, em quanto não socegava as desordens interiores, enviou á Tartaria o eunuco Youan, acompanhado de um exercito, para melhor estipular as condições. Youan fez um tractado vergonhoso, e recolheu-se com o exercito.

Hoai-Tsoug não confirmou o tractado: Youan, para obriga-lo indirectamente a confirma-lo, envenenou o segundo commandante do exercito, a quem não pôde comprar, e avisou o chefe dos tartaros, para marchar sobre a capital. Sabendo Hoai-Tsoug das manobras do traidor, ordenou-lhe, que entrasse na capital para defende-la: Youan, não suppondo estar descoberta a sua infamia, cumprio. Assim que entrou na cidade, foi preso, e mettido em processo; confessando o seu nefando crime, foi degolado. Com essa noticia, retirou-se o chefe dos tartaros, devastando cidades, e villas por onde passava.

O rei da Tartaria moutchou morreu no anno de 1635: succedeu-lhe Tsoug-Te, filho que elle tinha mandado educar na China, sob nome supposto, a fim de se instruir nas sciencias, e costumes do paiz. Tsoug-Te (virtude superior) de bom grado trocou a ignorancia selvagem, pelas maneiras de seus mestres: sendo affável por natureza, ganhou a estimação dos mandarins, e dos generaes, que deixaram por elle o seu imperador, a quem os revezes da fortuna tinham feito sombrio, e cruel. Em verdade, valeu mais a Tsoug-Te, na conquista do imperio, a educação chinesa, do que o poderoso exercito dos moutchous.

Em 1636 reuniram-se todos os rebeldes chinezes a dois chefes, Tchang-Hien-Tehoung, e Li-Tseu-Tehing, os

quaes repartiram o imperio entre si. O primeiro escolheu as provincias occidentaes; o segundo reservou para sua conquista as septentrionaes. Aquelle só deixava ruinas por onde passava; todavia, empregou com mais violencia o seu brutal furor, na provincia de Sse-Tchouan: fez reunir alli grande número de letrados, e mandou-os matar, sob pretexto de terem revolucionado o povo contra elle.

Depois, entrando na provincia de Chen-Si, mandou assassinar mais de cem mil pessoas. Este monstro de figura humana achou n'esse conflicto uma frecha, que lhe atravessou o coração. Era tão grande o descontentamento n'estas provincias, que suspiravam pela entrada dos tartaros, na esperança de acabarem seus acerbos males.

Li-Tseu-Tching entrou na provincia de Ho-nan, e poz sitio á capital; mas a resistencia dos defensores foi levada a ponto, de se nutrirem antes de carne humana, do que render-se! As tropas imperiaes marcharam em seu auxilio: o general d'estas lembrou-se de romper os diques do rio amarello, para fazer perecer d'esse modo o exercito rebelde; mas succedeu o contrario; isto é, os rebeldes fugiram, e a cidade ficou submergida, em 9 de Outubro de 1641, morrendo mais de trezentos mil individuos, que a tinham defendido.

Li-Tseu-Tching perseguia os letrados, e acariciava o povo. Assim, augmentou o seu exercito com muitos soldados, que desertavam das fileiras imperiaes. Quando se julgou invencivel, acclamou-se imperador, e marchou sobre Pekin, onde entrou á frente de trescentos mil combatentes.

Hoai-Tsoug achava-se no paço, rodeado de bonzos, e cortezãos, empregados em esconder-lhe a entrada dos re-



beldes na capital. Quando não pôde deixar de o saber, quiz sahir com alguns da sua guarda, a fim de morrer com honra; porém foi abandonado por todos. Perdendo a esperança de escapar aos inimigos, entrou no seu gabinete, e escreveu, com o seu proprio sangue, ao rebelde Li-Tsen-Tehing, a carta seguinte:

« Os mandarins foram traidores ao seu imperador: a justiça exige, que sejam mortos. Aprendaín assim os que lhe succederem, a servir melhor o chefe do estado: os povos não merecem castigo. Perdi o throno herdado de uma raça, que tão grande número de bons reis contou. Vou fechar os olhos para sempre, a fim de não ver o imperio destruido pela tyrannia. Privo-me da vida, para não de-ve-la a nenhum dos meus subditos. »

Tendo uma filha de idade pubere, e não querendo deixa-la em mãos de rebeldes, tomou a espada, e deu-lhe golpe mortal. Correu ao jardim, enforcou-se em uma arvore; tendo 36 annos de idade. A imperatriz, e o primeiro ministro fizeram o mesmo. Li-Tsen-Tehing mandou assassinar o resto da familia imperial; entregou a cidade á brutalidade dos soldados, e sentou-se no throno dos *Mings*.

O general Ou-San-Kouei, destacado em Liao-Toung, com uma divisão do exercito imperial, ousou resistir ao usurpador. Li-Tsen-Tehing marchou rapidamente, com um poderoso exercito, para castiga-lo. Não podendo entrar na cidade, nem toma-la por assedio, mostrou ao defensor seu pai agrilhoadado, e disse ao general, que o mataria á sua vista, se não se rendesse immediatamente.

Ou-San-Kouei, vendo seu pai em mãos de inimigos, ajoelhou, e pediu perdão ao auctor de seus dias, por sacrificar a piedade filial ao amor da patria, e não o offe-

recer por elle ao assassino. « Prefiro a morte mais affrontosa, disse concluindo, do que obedecer a um chefe de ladrões. » O pai abençoou o filho, pela resolução que tomou, e entregou-se ao algóz.

Ou-San-Kouei, para vingar a morte de seu pai, e do seu imperador, convidou o rei dos moutchous, Tsoung-Te, para ajuda-lo contra o usurpador. Tsoung-Te mandou logo sessenta mil homens escolhidos no alcance de Li-Tsen-Tching Este, informado d'essa circumstancia, retirou-se sobre Pekin. Não achando alli meios para sustentar-se, fugio, levando consigo as riquezas do paço imperial, e as maldições públicas. Jámais houve notícia d'esse rebelde assassino.

Tsoung-Te entrou no imperio; e tendo nomeado seu filho Chum-Tchin, para succeder-lhe, morreu logo depois. Chum-Tchin contava então seis annos de idade; mas Tsoung-Te tinha confiado a seu irmão A-Ma-Van, os cuidados do imperio, da guerra, e do menor. Chum-Tchin, entrando na capital, foi recebido como libertador. De todas as partes sahiam gritos de alegria, e vivas ao novo imperador, cujas aclamações populares o elevaram ao throno do imperio chinez.

A-Ma-Van morreu no anno de 1651, deixando o imperio quasi todo sujeito ao sobrinho. A morte de A-Ma-Van fez nascer ambições, que o novo imperador terminou.

## CARTA XLIX.

### 22.<sup>a</sup> DINASTIA *TA-THSING*.

Monarchas, que nas duras mãos sustendeis,  
As redeas do governo, e sorte humana,  
Quaes do vosso poder serão os marcos?  
Sectarios de Ariman, ou de Oromases,  
Tendeis pelo terror vexar os povos;  
Ou reinar pelo amor do bem gerado?  
Do se'lo da ventura a escolha tendes  
De fazer-vos odiosos, ou bemquistos.  
Adoptando por mestre um dos dois Nomes.

*H.*

**A**CHANDO-SE o imperio desolado, pela impericia do governo, cahio segunda vez em mãos estrangeiras. O general Ou-San-Kouei conheceu tarde a falta commettida, em recorrer aos tartaros, para combater o rebelde Li-Tseu-Tching. Ou-San-Kouei dizia depois: « Chamei leões, para combater cães. » Comtudo, recebeu o titulo de principe, e o governo da provincia, onde resistira ao rebelde, das mãos d'esses a quem chamava leões.

Chun-Tchin teve de sustentar grandes batalhas, nas quaes triumphou pelos cuidados de seu tio A-Ma-Van.

Quando findou a conquista do imperio, entregou-se a demasias. A maior foi enlouquecer por uma belleza tartara. Tornando a gozar alguns instantes lucidos, reconheceu os erros da sua vida passada, e abdicou a favor de seu filho Kan-Hi, a quem deu quatro tutores; morreu no anno de 1662, tendo 24 de idade.

Kan-Hi, ou paz inalteravel, reinou de 1662, a 1722. Foi o reinado mais longo, mais feliz, e brilhante, que menciona a historia da China. Kang-Hi aproveitou a occasião de morrer um dos tutores, para governar independente dos restantes. Este principe era dotado de character inflexivel; tinha grande sabedoria, e moderação; presagio infallivel da ventura dos povos. Já na idade de 15 annos era inimigo da ociosidade. Applicava-se ás letras, á philosophia, e ao exercicio militar; em tudo fazia os progressos necessarios ao imperador dos chinezes, e dos tartaros.

Ou-San-Kouei, não satisfeito com o titulo de rei de Yun-nan, motivou desconfiança na cõrte; sendo chamado, respondeu: « Se me obrigarem a ir a Pekin, levarei comigo oitenta mil homens. » Ainda bem a resposta não tinha chegado á cõrte, já Ou-San-Kouei proclamava contra os moutchous. Se o imperador fosse um homem ordinario, a sua dinastia morreria na infancia.

Kang-Hi contava apenas 24 annos de idade; mas já então adivinhava os talentos dos homens, que devia empregar na derrota dos seus inimigos. Ou-San-Kouei foi batido em todos os pontos, onde atacou o exercito imperial: morreu atribulado no anno de 1679. Houve em Pekin, n'esse anno, tão violento terremoto, e submersão, que engolio grande parte da cidade, e da muralha, que a rodeava: morreram, por esse calamitoso flagello, mais de quatro-

centas mil pessoas. No anno seguinte, ardeu o paço imperial. Calcularam a perda motivada pelo incendio, em cento e trinta milhões de cruzados.<sup>1</sup>

Para ter conhecimento do reinado de Kang-Hi, basta ver o seu testamento: eis o resumo: «*De todos os imperadores, que têm regido a China, nenhum deixou de ter por seu primeiro dever adorar a Deus, e poucos deixaram de estimar seus avós. O melhor modo de adorar a Deus, é tratar bem os povos; isto é, fazer consistir o imperante a sua ventura na felicidade pública. O príncipe, que trabalha continuamente em promover a fortuna pública, não está longe do cumprimento dos seus deveres. Faço hoje 70 annos, e tenho 60 de reinado; confesso dever esse favor aos soccorros do ceo, e da terra: a Deus, que preside a tudo, e aos cuidados dos meus avós.*»

«*Ha 4350 annos, reinava o imperador Hoang-Ti; n'este grande espaço de tempo, contam-se trezentos e um imperadores, e nenhum foi tão feliz como eu. O Chou-King (livro sagrado) faz consistir a felicidade em vida longa, riqueza, tranquillidade de espirito, e de coração, amor á virtude, e morte socegada. A minha idade prova a minha longa vida: quanto a riquezas, domino sobre os quatro mares;<sup>2</sup> tenho 150 filhos, e netos; e conservo a nação em paz. Que maior felicidade! Morrerei contente.*»

«*Depois que subi ao throno, não tenho cessado de promover a felicidade pública; contudo, não posso comparar-me com os imperadores das tres primeiras dinastias. Da primeira, até á última, ninguem possuiu o throno com*

<sup>1</sup> Á vista de tão grande destruição, soffrida em 1679, e 1680, como veriam os inglezes em 1793, as grandezas de Pekin, descriptas por *Fernão Mendes Pinto*, em 1544?

<sup>2</sup> Glacial, caspio, meridional. e occidental.

*tanta justiça, como a dinastia actual: um rebelde tinha levado a enforcar-se o último imperador da dinastia Ming; o povo chinês pediu soccorro a meus avós; estes, cedendo á vontade dos bons chinezes, limpavam suas terras de rebeldes, e acceitaram o difficil encargo de reger a nação.»*

*« Herdando esse grande peso, tratei de o poder equilibrar com as minhas forças; appliquei-me, desde a infancia, aos estudos, a fim de adquirir a maior somma de conhecimentos uteis; commandei as forças do imperio, e debellei os revoltosos; em todos esses lances, alcancei grande experiencia das cousas, e dos homens; nunca assignei pena de morte, sem provas claras dos delictos a que a lei a impõe; e jámais gastei em meu beneficio particular, rendimento algum do thesouro público. <sup>1</sup> »*

*« O povo, o exercito, os reis feudatarios, e até os mogoles testemunham respeito á minha pessoa: assim, vindo a morte, deixo a vida com satisfação. O meu filho, Young-Tching, é homem raro; considero-o mui capaz de dar movimento regular ao peso de tão grande herança; por esse motivo o elegi, para succeder-me. »*

Young-Tching, isto é, paz firme, doutrina indissolúvel, reinou de 1725, a 1735: contava 45 annos de idade, quando subio ao throno. Os primeiros actos do seu governo foram mui severos: obrigou um de seus irmãos, a repôr no thesouro público algumas sommas, mal adquiridas, com pena de degredo para a Tartaria, onde morreu.

Young-Tching foi o primeiro imperador, que banio do imperio os missionarios Christãos. Apenas deixou em Pekin alguns Jesuitas de merito, e virtudes. Fez optimos regulamentos, tendentes ao aperfeiçoamento da agricultura,

<sup>1</sup> Outro tanto não póde dizer nenhum rei europeu.

a premiar a virtude, o merito, e aos soccorros publicos, em annos de colheitas escaças. Todas estas cousas lhe engraearam o amor dos subditos.

Por sua morte, succedeu no throno Kien-Long: reinou de 1736, a 1795: contava 24 annos de idade, quando empunhou o sceptro. As esperanças dos missionarios, na politica do novo imperador, foram desvanecidas, logo no principio do seu governo; as perseguições continuaram; mas os missionarios affrontavam as ordens da policia com tanta audacia, que foi preciso dar-lhes castigo exemplar.

Em 1755, um principe mogol arvorou o estandarte da revolta. Kien-Long entregou um exercito a dois generaes, Tchao-Hoei, e Fou-Te, os quaes subjugaram a Tartaria mogol, até ás fronteiras da Russia. Kien-Long recebeu os seus dois generaes em triumpho, no anno de 1760.

Em 1775, exterminou os revoltosos de Miao-Tseu. Essa victoria celebrou-se, assim como a antecedente, em rico monumento, onde se gravaram as palavras seguintes: «*Os ladrões de Kien-Tchouan (ribeira do ouro) tinham caminhado, de geração, em geração, na estrada do mal; por isso foram exterminados pelos moutchous, no anno de 1775.*»

Kien-Long festejou o dia em que fez 74 annos de idade, e 50 de reinado, por grandes beneficios. Quando tratar da poesia chinesa, te enviarei o juizo da ode, que o imperador Kien-Long recitou aos convidados, no dia do festejo.

«*Meu avô, dizia Kien-Long, tomou o ceo por modelo; foi recompensado com um reinado longo, e feliz. Meu pai deixou-me saudaveis instrucções; aproveitando-me do exemplo de um, e das lições do outro, cheguei a ver os meus subditos formando um só corpo, com a minha pessoa.*»

*Em verdade, eu desejo dar-lhes ventura, se não complectu, por não chegarem lá as minhas forças, ao menos, igual á que desejo para mim.»*

No reinado de Kien-Long, em 1780, foi Li-Sse-Yao, vice-rei de certa provincia, condemnado á morte, por ter deshonrado o seu emprego, vendendo a justiça: eis o relatório d'esse processo, publicado por ordem do imperador.

== «Kien-Long: anno 45 do seu reinado, dia 5 da «quarta Lua (5 de Maio de 1780). Li-Sse-Yao distinguio-se «por exacto e vigilante no exercicio dos seus empregos; «via bem os negocios publicos, expunha-os com precisão, «clareza, e integridade; de mais, possuia a arte de com- «mandar: cheguei a persuadir-me, ser um dos melhores «governadores de provincia.» ==

== «Confiei d'elle empregos no espaço de vinte annos; «desempenhou-os a meu contento. Premiei esses bons ser- «viços com titulos honrosos: chegou a ter o de Tai-hiosse «(grande mestre da doutrina). Bastava isso, para obrigar «Li-Sse-Yao, a empregar-se com desvelo no desempenho «dos seus deveres, a fim de justificar aos olhos do público «a minha liberalidade; pelo contrario, recebi aviso de Hai- «Ning, visitador da provincia, entregue ao cuidado de Li- «Sse-Yao, ter achado cousas tão reprehensiveis, que não «podia deixar de enviar-me relação de todas ellas, apezar «de serem contra uma pessoa da minha estimação.» ==

== «Mandei logo dois homens de confiança, Ho-Chon, «grande do imperio, e Ha-Ning, presidente do tribunal «dos crimes, ao local onde se achava Li-Sse-Yao, para se «informarem do caso, com todas as circumstancias, que «o produziram, a fim de conhecer a verdade, com o maior «número de provas.» ==



== « Os juizes desempenharam, como lhes cumpria: receberam o depoimento das testemunhas, as quaes sobre-  
 « carregaram Li-Sse-Yao de crimes, que o visitador não  
 « tinha mencionado. Interrogaram o culpado, e confessando  
 « elle a maior parte, mandaram-me relação de tudo. » ==

== « Si-Sse-Yao tinha um agente, que recebia dinheiro  
 « pela justiça, que seu amo pesava! Chegou o seu despejo  
 « a recebe-lo dos seus membros subalternos! Todavia, o  
 « que põe remate á sua ignominia, é ter consentido que o  
 « seu agente obrigasse dois mandarins, a comprar-lhe duas  
 « perolas de grande valor, para fazerem presente d'ellas a  
 « seu amo! » ==

== « Confesso, que ao ler esta parte, detestei o crimi-  
 « noso. É possível, disse eu, que o vice-rei de uma provin-  
 « cia, grão-mestre da doutrina, me seja tão ingrato? Que  
 « haja denegrido o seu nome, a sua ordem, e a sua memo-  
 « ria, com um crime imperdoavel? » ==

== « Os magistrados, em virtude da lei, observando  
 « todas as fórmias judiciaes, condemnaram o culpado á  
 « morte; enviaram todas as peças do processo ao tribunal  
 « supremo, onde foram examinadas pelos homens mais dis-  
 « tinctos do imperio; confirmaram a sentença: sendo-me  
 « remettida, assignei-a. Agora mando-a publicar, para que  
 « o público saiba a conducta de todos, que tiveram parte  
 « n'este negocio. <sup>1</sup> » ==

Assim verás, que os imperadores da China estão mui longe do absolutismo, quero, posso, e mando; e que não desprezam o saudavel costume de dar conta aos subditos, das acções que praticam na gerencia do governo. Será difficil achar nos governos representativos da Europa,

<sup>1</sup> Tirado da Gazeta de Pekin. do referido mez, e anno.

similhantes exemplos de amor, e respeito para com o público.

Kien-Long, apesar de chegar a ser mui velho, cuidava sempre do governo do estado, com o mesmo desvelo. Na idade de 80 annos, levantava-se de madrugada, mesmo nas estações desabridas, para dar audiencia aos ministros. Abdicou em seu filho Kia-King, felicidade perpétua, no anno de 1796: tinha reinado sessenta annos. Durou ainda até 7 de Fevereiro de 1799. As suas poesias enchem 24 volumes. Até de Voltaire receberam elogios as perfectas virtudes do imperador Kien-Long.

Kia-King reinou de 1796, a 1820: ainda faltam documentos legalisados pelo tribunal da historia, para fallar com verdade do que se fez em seu reinado. Tudo quanto se tem publicado a seu respeito, é extrahido de memorias particulares. Sofreu muitos revolucionarios: o que mais o incommodou, foi Cam-pau-sai: dominou em muitas cidades da costa meridional da China, e embaraçou o commercio de Cantão, nos annos de 1805, a 1810, chegando a tomar navios europeus, e americanos, á vista da cidade de Macáo.

N'essa época armaram os macaenses os seus navios do commercio, e obrigaram Cam-pai-sai a capitular, entregando-se á benevolencia do imperador, no anno de 1810.<sup>4</sup> Em 1813, descobrio-se a rebeldia, mesmo dentro do paço. Dois parentes de Kia-King, sendo complices, foram degolados no patibulo. Tão grande severidade augmentou o número dos adeptos, nas sociedades secretas: a da Nenufa nas provincias do sul; a da razão nas provincias do norte.

D'estas sociedades formaram uma terceira, cujos mem-

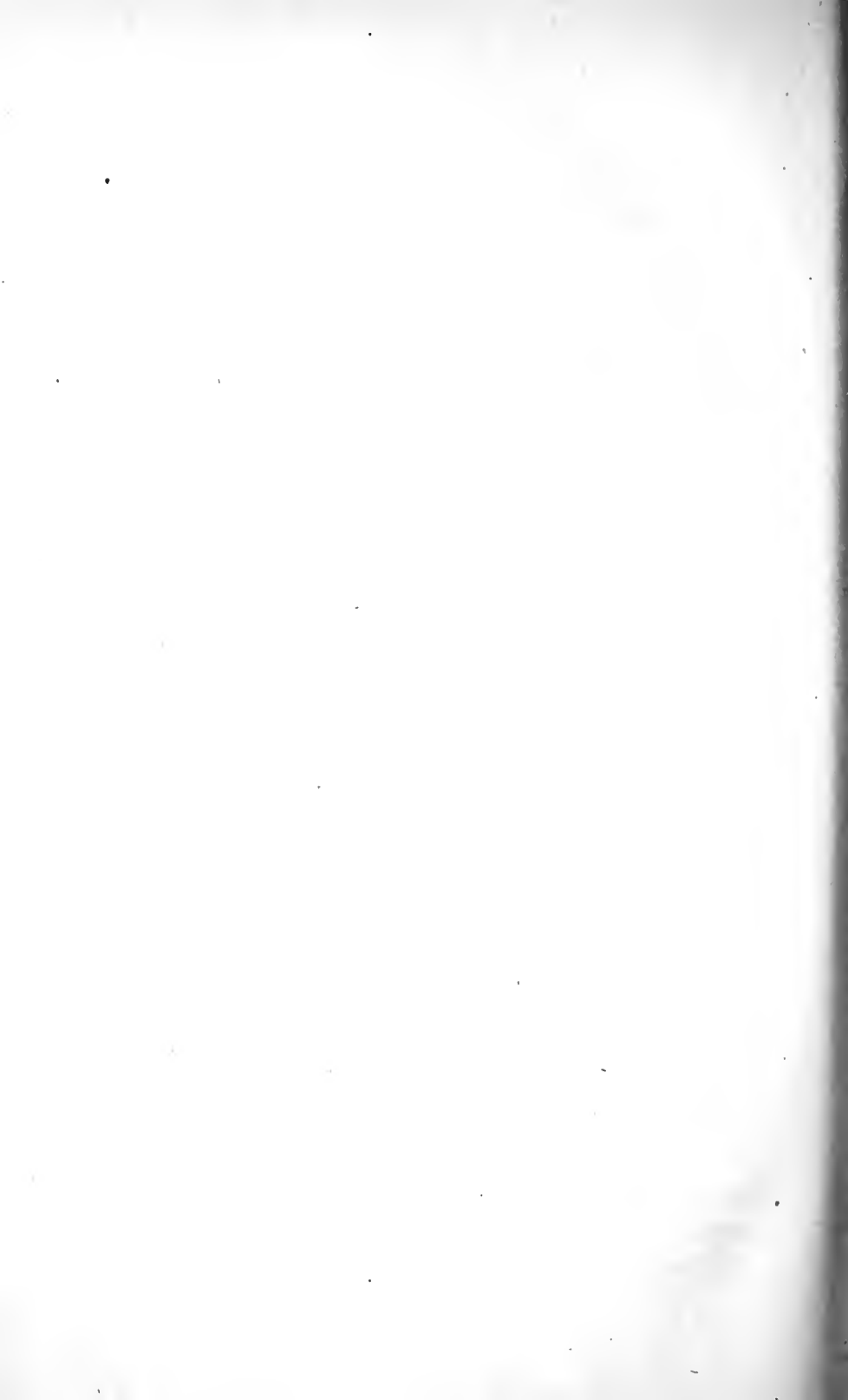
<sup>4</sup> Memoria dos feitos macaenses contra os piratas da China.

broz se reconhecem por symbolos, ou signaes de convenção. Tem por fim derribar a dinastia tartara. D'ahi provém attribuirem-lhe as revoluções parciaes, que têm logar, de annos a annos, em algumas provincias. O governo já começou a persegui-las; mas, quanto mais vigiadas, e maltratadas, mais augmentam os adeptos.

Kia-King, morreu em 1820: succedeu-lhe Tao-Kuang. Os actos do seu governo são apenas conhecidos pela gazeta de Pekin. Collige-se por ella, que a dinastia moutehou, ou *Ta-Tsing*, precisa de grande energia, para sustentar-se no throno do imperio chinez.

Tao-Kuang prohibio, com penas severas, a propagação do Christianismo nos dominios do imperio. Previo talvez o mal, que pretendem fazer-lhe os inglezes, por seus missionarios, intrigantes, sobre manhosos. Os lusitanos, francezes, espanhoes, etc. limitavam-se a querer lançar agua benta no rosto do imperador; os inglezes, seguindo a maxima do seu governo, têm por fim minar, e destruir este grande imperio!

Contendo as vinte duas dinastias chinezas grande número de imperadores, restringi-me a fallar só dos que se distinguiram, por grandes acções de valor, nobreza de alma, e virtudes perfectas; e dos que excederam a medida das maldades humanas. A vida, e costumes dos homens vulgares, não valem a pena de fallar d'elles; nem de roubar-te o tempo, que sabes dedicar a cousas mais uteis. Muito me demorei eu com elles, nas últimas dinastias.



## CARTA L.

### PRINCIPIOS POLITICOS E MORAES DE *CONFUCIO*, E DE *MENG-TSEU*.

Sabei que o grande he nada sem virtude :  
Por maior esplendor, que o cubra e cerque,  
Não passa aos olhos da alta Divindade,  
De phosphoro nocturno, ou fragil tocha  
Luminosa com o fogo, que a devora.

*H.*

« **N**ADA é tão natural, e simples, dizia *CONFUCIO* a seus discipulos, como a doutrina, que vos ensino; aprendi-a de nossos maiores. Elles tomaram por base de seus principios tres leis mutuas, entre o rei, e os subditos, o marido, e a mulher; os pais, e os filhos; e a prática de cinco virtudes: 1.<sup>a</sup> caridade universal: 2.<sup>a</sup> justiça igual para todos: 3.<sup>a</sup> conformidade com os usos, e costumes estabelecidos: 4.<sup>a</sup> rectidão de espirito, e do coração, para em tudo dizer a verdade: 5.<sup>a</sup> sinceridade, e franqueza, para excluir o fingimento. Assim fizeram-se respeitaveis durante a vida, e immortaes além d'ella. »

« O homem é racional; por consequencia organizado,

para viver em sociedade; mas não sendo esta bem ordenada, sem governo; nem o governo regular, sem subordinação; e não havendo subordinação sem auctoridade, a natureza indicou esta, antes do pacto social. Foi conferida ao nascimento, e ao merito: áquelle pela idade, a este pelos dotes do espirito, e do coração. Assim, os pais regem os filhos, e na reunião dos homens governa o que sabe agradar, e fazer-se obedecer; talento raro, sciencia sublime, dom natural, mas concedido a poucos.»

« Ter mais humanidade do que os outros homens, é ser melhor; portanto, digno de reger os que lhe são inferiores. A humanidade é a primeira, e a mais nobre de todas as virtudes. Amar os homens, é ter humanidade; é ter virtudes perfectas. Cada um precisa amar-se a si, e amar o proximo. No amor, que deve cada um a si, e aos outros, ha a differença, que dá a cada um o que lhe é devido; a esta differença chama-se justiça.»

« Comtudo, nem a justiça, nem a humanidade são arbitrarias; obram independentes da nossa vontade, em razão das leis estabelecidas em proveito da sociedade. Para cada um cumprir os seus deveres, sem perturbar a economia da ordem, precisa applicar a rectidão do seu espirito, e do coração, á prudencia, que manda examinar tudo, a fim de conhecer a verdade, e pesar a justiça. Uma, e outra podem ser derivadas do seu caminho; precisam de companhia fiel, e inseparavel; isto é, de guarda vigilante contra o amor proprio, e outros inimigos, que as perseguem de continuo.»

« Esta companhia é a sinceridade: só ella dá merito ás acções humanas. Quando não ha sinceridade, é hypocrisia o que parece virtude. As que vos indiquei em cinco

preceitos, são os anneis da cadêa mais capaz de ligar os homens, em reciproca segurança.»

### MAXIMAS ESCOLHIDAS NAS OBRAS DE CONFUCIO.

1.<sup>a</sup> Da moral provém duas cousas essenciaes, a cultura da natureza intelligente, e a duração dos povos.

2.<sup>a</sup> É preciso, que o entendimento seja ornado da sciencia das cousas, a fim de separar o bem do mal.

3.<sup>a</sup> Philosopho é aquelle, que a fundo conhece os livros, e as cousas; o que pésa tudo, e tudo submette ao imperio da razão.

4.<sup>a</sup> A parte do ceo, que pertence ao homem, é a natureza intelligente; a conformidade com esta natureza constitue a regra; o cuidado de verifica-la, e sujeitar-se-lhe, é o exercicio do sabio.

5.<sup>a</sup> O bom procedimento consiste, em ser em tudo sincero, e conformar a alma com a vontade universal; isto é, fazer aos outros, o que desejo elles me façam.

6.<sup>a</sup> No meio consiste a virtude: quem passa além d'elle, não consegue mais, do que os infelizes privados de alcança-lo.

7.<sup>a</sup> Recompensa a injúria com a indifferença, e o beneficio com gratidão: eis o que é justo.

8.<sup>a</sup> Não digas bem de ti aos outros; não se capacitam: não digas mal; pois julgam muito peor, do que tu lhe podes dizer.

9.<sup>a</sup> O homem, inda o mais fraco, póde fazer alguma cousa boa; se não é capaz de sciencia, talvez o seja de virtude.

Ahi te envio os principios fundamentaes da seita dos

letrados chinezes. Verás, que tanto é clara a moral de CONFUCIO, quanto é escura a metaphysica dos letrados.

1.º O philosopho tem obrigação de investigar, qual é a primeira causa do universo; como foram emanados os agentes secundarios; quaes são os attributos d'esses agentes, e o que é o homem.

2.º De nada não se faz nada; logo, não ha principio tirado do nada.

3.º Não sendo tudo de toda a eternidade, e havendo principio anterior ás cousas, a razão é sem dúvida esse principio.

4.º A razão é o ente infinito, sem principio, nem fim; sem essa qualidade, não seria a causa das causas.

5.º A causa das causas não vive; por conseguinte não pensa, não tem vontade, figura, corporalidade, nem espirito.

6.º A razão é a causa primaria; produzio o ar em cinco emanações, o qual ficou sensivel, e palpavel por outras tantas vicissitudes.

7.º O ar, assim produzido, é incorruptivel como a razão; comtudo, é corporeo.

8.º A razão é a causa primaria; o cahos é a segunda.

9.º O ar contido no cahos, produz o calor, e o movimento.

10.º O calor, e o frio motivam as gerações.

11.º Ha quatro agentes physicos; movimento, repouso, calor, e frio.

12.º D'esses quatro agentes nasceram cinco elementos, ou o ar dotado de qualidades.

13.º D'esses elementos, ou cahos, nasceram o ceo, a



terra, o sol, a lua, e os outros planetas. O ar puro subiu, formou o ceo; o denso formou a terra.

14.º O ceo, e a terra, unindo suas virtudes, geraram masculino, e feminino.

15.º O ceo, a terra, e o homem são origem de tudo.

16.º Assim foi o universo constituido de tres partes, ou principios de todas as outras.

17.º O ceo é a primeira: comprehende o sol, a lua, os planetas, as estrellas, e a região do ar, onde estão dispersos os cinco elementos, geradores das causas secundarias.

18.º A terra é a segunda: comprehende as montanhas, e os mares, e tem agentes universaes, efficientes em movimento.

19.º O homem é a terceira causa primitiva: tem geração, e acções proprias.

20.º O mundo formou-se por accidente, sem designio, sem intelligencia, e sem predestinação; formou-se por conspiração inopinada das primeiras causas efficientes.

Para avaliaries das subtilezas dos letrados, bastam os principios expendidos. *Madama de Staël* decifrou, e esclareceu a doutrina dos philosophos allemães; porém, ser-lhe-hia mais difficil fazer o mesmo á doutrina dos letrados chinezes.

Se a definição da razão não passa além da experiencia das cousas, segundo os nossos philosophos, como achariam os chinezes ser ella a causa das causas? Seria preciso falar a lingua mandarina, para questionar com os letrados sobre taes objectos.

Tendo-te dado noção dos principios de alguns philosophos chinezes, taes como KONG-TSEU, KIEON-SUN,

SSE-MA-KUANG, e outros, justo parece fallar de MENG-TSEU, que dizem ser, de todos os discipulos de CONFUCIO, o que melhor o entendeu. <sup>4</sup>

MENG-TSEU nasceu no reino de Tsou, hoje provincia de Cantão, no principio do seculo IV, antes da era Christã, época em que floreceu em Athenas, SOCRATES, e XENOPHONTE. Tambem no tempo de KONG-TSEU, CONFUCIO, brilharam na Grecia THALES, e PYTHAGORAS.

MENG-TSEU indicou a origem d'estes synchronismos no pensamento seguinte: « Os homens possuem todos a mesma materia, e fórma; logo ha entre elles natureza commun. » Eis a razão da similhaça encontrada nos gregos, e chinezes, apczar de não terem communicação essas duas nações.

A doutrina de MENG-TSEU é a mesma que ensinou CONFUCIO; porém o discipulo deu o necessario desenvolvimento aos pensamentos de seu mestre. Demonstrou, que a bondade, e a justiça provém do ceo; e restringio a moral, e a politica ao aproveitamento d'esses dons celestiaes.

« O homem, seguindo as inclinações do coração, obra bem: se obra mal, despreza os dons intellectuaes, que o ceo deu ás creaturas da nossa especie. » Assim vê, que MENG-TSEU reconhecia o livre arbitrio do homem, e por consequencia o merito das suas acções.

Para fazeres idéa da moral, e da politica, em voga na China, n'aquella época, basta o resumo de dois capitulos do livro de MENG-TSEU; o 1.º da primeira parte, e o 7.º da segunda. Compara-os com a doutrina machiavelica

<sup>4</sup> MENG-TSEU teve por mestre Tse-Tsee, neto de CONFUCIO, o qual ensinava pelos compendios feitos por seu avô



*Huas du Costa lith.*

*lith. de l'imp. V. 1840*

MENG-TSEU.



seguida na Europa, e julga da primazia, que alguns declamadores dão aos modernos sobre os antigos.

MENG-TSEU teve grande conhecimento do coração humano: as suas obras têm o cunho do talento superior. Tinha agudeza natural, para descobrir os projectos oppressivos dos reis, e seus ministros. A arma ironica, manejada por elle, foi mais util, do que havia sido nas mãos de SOCRATES. Observava com sagacidade, e pintava com genio.

O imperio achava-se dividido entre varios reis ambiciosos, occupados em se aproveitarem da fraqueza dos seus visinhos, para se engrandecerem, fazendo refluir nos seus dominios as artes, e o commercio, sem lhes importar com a honestidade dos meios, que para isso empregavam.

Antes de começar a expender a doutrina de MENG-TSEU, devo lembrar-te o que diz o nosso Filinto em caso semelhante. « Entre apertos do coração, escrevi um desconsolado volume de moral, no qual me pareceu, que a mais pura virtude assoalhei. Veio um parvo assegurar-me, que eu alli á lei natural reduzia tudo. Apararam-se infindas plumas, romperam clamores mil contra o volume: d'elle colhi que a verdade, como as ereanças, não vem ao mundo sem dôr. »

Capitulo 1.º Lean-Hoci-Han, tendo convidado os sabios do imperio á sua côrte, MENG-TSEU foi o mais notavel, que se lhe apresentou. « Veneravel ancião, disse o rei; vós, que desprezastes o incommodo de uma viagem de cem leguas, vindes, sem dúvida, communicar-me algum meio de enriquecer-me. »

« De que serve, principe, respondeu o philosopho, falar de riquezas? Tratai da justiça, e da piedade, é quanto basta, para fazer qualquer estado feliz. O rei é modêlo dos

povos; se elle disser: que proveito tirarei de mandar? Os povos, a seu exemplo, dirão: que aproveitámos nós em obedecer? Quando os superiores de um lado, e os inferiores do outro, só procuram interesses particulares, soffre o interesse público. »

« Assim têm alguns reis usurpado o throno imperial; e alguns ministros, desenfreado a cobiça, apenas pararam depois de terem despojado os imperantes da corôa, e da vida. Quando o principe é justo, e piedoso, correm ao seu estado as riquezas, sem as procurar de outro modo. Quando reina a justiça, e a piedade, os filhos têm a seus pais, e ao rei o amor, e respeito, que lhes é devido. Eis o meio de se enriquecer qualquer estado. »

No dia seguinte, foi MENG-TSEU encontrar Lean-Hoei-Han em uma tapada, junto a um espaçoso lago, vendo nadar peixes, e cisnes. Lean, para evitar a censura do philosopho, rompeu: « Dizem, que o principe sabio só deve occupar-se em regular seus costumes, para bem governar: que direis vós dos que se occupam n'este divertimento? »

« Ven-Van, principe sabio, e justo, tornou o philosopho; desejou uma tapada, onde tivesse floresta para veados, lago para cisnes, e peixes, e uma torre para observar os astros. Ainda bem o plano se não tinha mostrado, já o povo corria a empregar-se na factura da obra, e trabalhou n'ella, como se fosse para um bom pai. Alli descansava de seus trabalhos, vendo nadar os cisnes, ou observando os astros. »

« O rei póde, como os outros homens, descansar das fadigas do governo, e recrear-se; mas, quando é sabio, diverte-se com prudencia, e segurança. O que obra de outro modo, torna-se objecto de desprezo, e teme revoluções; por

consequencia, não descança, nem póde gozar na sua mesma casa. »

« Assim aconteceu a Kia, principe insensato, e orgulhoso. Por melhores que sejam as tapadas, poderá um rei gozar de suas bellezas, gostar das suas delicias, ou saborear qualquer prazer, vendo que os povos o detestam? Impossivel parece, que haja rei tão despejado. »

Lean respondeu: « Sou pouco virtuoso, mas faço quanto posso em beneficio do povo; os principes meus visinhos não fazem tanto: assim, não admiraria, se os seus vassallos corressem a estabelecer-se no meu reino: pelo contrario, a sua população não é menos numerosa. »

« Principe, vós sois guerreiro; responder-vos-hei, como fallando a um militar: Supponhâmos dois exercitos inimigos, batendo-se: o mais numeroso foge; parte d'elle faz alto a mil passos do logar do ataque; a outra parte a quinhentos: esta blazona de brava. Que juizo é o vosso n'este caso? » « Fazer alto a mil, ou a quinhentos passos, respondeu Lean, é a mesma cousa, uma vez que a fugida começou por todos. Se ambas as partes deram motivo á perda da batalha, a ignominia é igual para todos. »

« Então, principe, de que servem numerosos subditos, quando são vencidos por diminutos contrarios? O que deveis adquirir, são os principios do bom governo, e estabelece-lo: o optimo general cuida só de vencer. Que aproveitam os vossos melhores sentimentos, se nem vós, nem os outros principes seguem as regras do bom governo? Assim, não podem uns escarnecer dos outros. »

« A população, e a riqueza procedem do governo; eis os seus principaes elementos: deve promover a agricultura; assim haverá abundancia de grãos. Não consentir re-

des de malha estreita; haverá d'esse modo o peixe necessario. Não deixar cortar lenha, além da precisa, para que depois não falte ao consumo público.»

« Havendo grãos, peixe, e lenha em abundancia, podem os subditos, sem grande incómodo, manter seus parentes, em quanto vivos, e fazer-lhes as honras devidas, depois de mortos. D'este modo será o rei estimado do povo, e poderão os philosophos ensinar-lhe as regras dos bons costumes, com aproveitamento.»

« É preciso não exigir do lavrador trabalho algum público, no tempo de semear, e colher; assim, nenhuma familia deixará de ter o necessario, para sustentar-se. Só quando o povo está a salvo de necessidades, recebe gostoso os principios da moral.»

« Permitti dizer-vos, que estais mui longe d'estes principios; que não dais a devida importancia aos preceitos do governo; desprezais as regras da boa economia; possúis grande número de cães, e de javalis: assim, roubais ao povo o alimento com que os sustentais.»

« Quando vos annunciam a morte faminta de algum dos vossos subditos, dizeis: « Não sou culpado, mas sim a esterilidade do anno. » Como se a morte justificasse o assassino, dizendo: « Não fui eu quem matou esse homem, foi o punhal. »

« Não imputeis as mortes famintas á esterilidade; estabelecei no vosso reino os principios do bom governo; vereis n'elle grande abundancia, e os homens industriosos de outros paizes: assim não tereis de queixar-vos da esterilidade, nem de serem poucos os vossos subditos.»

Lean-Hoei-Han, abalado pelos raciocinios de MENG-TSEU, disse: « Desejo esclarecer-me: continuai. » « Sim,



proseguio o philosopho, dizei-me que differença ha entre os assassinos, que matam com a espada, ou com os instrumentos do governo?» «Nenhuma, respondeu Lean.» «Muito bem; nas vossas cozinhas abundam carnes excellentes; as vossas cavallariças estão cheias de cavallo gorrissimos; em quanto no vosso reino estão muitas creaturas humanas extenuadas pela miseria, e outras a expirar á minguá de alimento.»

«Que maior seria o crime de quem trouxesse das florestas leões, e tigres para se fartarem de sangue humano? Que importa ao povo a differença da morte? Que seja por suffocação, ou estrangulação, pela espada, ou pela dureza do coração de quem o faz morrer?»

«Se os homens aborrecem as feras, que se devoram, quanto mais odiarão o rei, que, obrigado a servir-lhes de pai, os persegue em governo tão mortifero, como se lançasse entre elles tigres, e leões. Quem respeitará o rei, que deixa morrer seus filhos, em quanto se desvela pela saude dos brutos?»

Lean, vendo-se opprimido pelas razões do philosopho, e querendo mudar de conversação, disse: «Vós sabeis, que este reino foi respeitavel por suas forças militares; porém, ainda eu mal tinha subido ao throno, fui acommettido pelo rei de Ci, perdi a batalha, e com ella o meu filho primogenito. Soffri depois desastres, que deslustraram a gloria dos antigos reis de Cin. Desejo lavar tão grande mancha, lançada por mim em sua memoria; peço-vos, que me indiqueis algum meio para consegui-lo.»

«Podeis fazer ainda mais, dominar o imperio: mas isso depende da elevação da vossa alma, e da rectidão do vosso espirito. Qualquer soberano de pequeno reino, pôde

chegar a essa primazia, governando com justiça, e com piedade; sendo moderado no lançamento dos impostos, e mais, na sua arrecadação.»

« Assim, todos vos amarão; ninguém temerá arriscar a vida por vós, em beneficio da patria: a páus, e pedras darão fim de vossos inimigos; visto que seus chefes são inexoraveis na execução das suas vontades, e punem com rigor, além de vexarem o povo com pesados tributos. »

« Os lavradores, não tendo meios para semear, e colher, nem recurso contra a fome, é o marido obrigado a separar-se da mulher, e os filhos das casas paternaes, a fim de acharem em outro local meios para subsistir. »

« Quando julgardes conveniente marchar á frente dos vossos fideis subditos, contra esses principes, verdugos da humanidade, expiareis vossas culpas, pela rectidão do vosso espirito, e pelo exemplo das vossas virtudes. Só d'esse modo lavareis a nodoa lançada na gloria de vossos maiores. »

« Apenas vos mostrardes aos povos dos reinos vizinhos, subjeitar-se-hão gostosos ao vosso dominio. Nenhum d'elles arriscará a vida, por um rei vicioso seu perseguidor. Todos correrão a gozar da vossa benevolencia. O homem clemente não tem inimigos. »

Entrando, outro dia, MENG-TSEU em casa de Lean-Jam-Vam, successor de Lean-Hoei-Han, abriu aquelle principe a conversação com o philosopho, pelo modo seguinte: « Todos os reinos em que se dividio o imperio, estão em guerra; quando veremos restabelecida a paz, e a tranquillidade? » « Quando a auctoridade imperial se achar complecta em um só chefe, respondeu MENG-TSEU. » « Como, tornou o principe, se poderá chegar a esse termo? » « Quando houver um principe, que tenha horror

á effusão de sangue humano ; que ame a piedade, e a pratique. »

« O imperio está dividido em reinos, porque os chefes matam, sem lhes importar outro direito, nem fôrma, além da força mercenaria. » « Mas cada reino tem um chefe, tornou o príncipe ; como deporá qualquer d'elles a corôa, para submeter-se a outro? »

« Príncipe, vós sois entendido na arte da agricultura : notai o que vou dizer-vos. Se em Maio, e Junho ha grandes séccas, o arroz, estando em folha, murcha ; porém, se a temperatura muda, reverdece, e dá fructo. Em taes circumstancias, quem poderá embaraçar a vegetação? »

« Esses chefes, que dizeis, em vez de governarem com equidade, são insaciaveis de sangue humano ; tornam-se para os subditos, qual outra atmosphaera ardente, e sécca para o arroz. Se apparecer um homem, que deteste a effusão de sangue, os povos levantarão a cabeça para vê-lo, e obedecer-lhe, na esperança de tirarem d'elle o proveito, que o arroz tirou da chuva. »

« Que digo eu ! Não esperarão, que esse homem virtuoso lhes appareça, correrão a encontra-lo, juntar-se-hão aos povos seus visinhos ; e assim como as chuvas copiosas se reúnem, para se precipitarem em logares menos elevados, se reunirão elles ; e quem poderá depois resistir á sua impetuosidade? »

O philosopho sahio do reino de Cin para visitar Ven-Van, rei de Ci, homem virtuoso, e amigo dos povos. Na viagem encontrou Siouan-Uang, rei de Thsi, o qual lhe perguntou, se era certo ter Tching-Tang degradado o rei Kia ; e se Uou-Uang, fundador da terceira dinastia, matára Tchou, último rei da segunda?

« Quem faz um roubo, disse o philosopho, chama-se ladrão; quem rouba a justiça, chama-se tyranno: o ladrão, e o tyranno são homens pessimos, seja qualquer a sua jerrarquía; por tanto, não admira que um fosse degradado, e o outro, condemnado á morte, em virtude da lei. »

Capitulo 7.º « Quem póde cultivar a capacidade do seu espirito, diz MENG-TSEU, conhece a sua natureza, e a natureza das cousas; porém, não deve empregar esse conhecimento em objectos inuteis. É preciso seguir as inspirações da natureza, e da razão; quem segue estas duas guias, preenche os designios do ceo. »

« Vida breve, ou vida longa, não dá cuidado a quem bem conhece a natureza das cousas; pois sabe, que disposições certas fixam a duração da vida humana: nem se occupa em esperar felicidade eterna; cuida em passar vida irreprehensivel, a fim de se conformar com a disposição do entendimento supremo. »

« Aos olhos do sabio tudo provém do ceo; assim, está sempre disposto para o reconhecimento, ou para a resignação. Quem lê nos decretos do ceo, não emprehende cousas imprudentes; não pára junto a muro sahido da perpendicular. Vivendo segundo as regras da justiça, e da piedade, morre tranquillo. »

« O que ha de mais apreciavel no mundo é o pudor; comtudo, os que não têm vergonha, applaudem-se de seus embustes! Julgam prodigios o que peja a quem tem sentimentos honestos! Que tem de humano qualquer ente, sem pudor? Quem poderá respeita-lo? »

« O sabio, ainda pobre, segue as regras da justiça: se é constituido em auctoridade, nunca se affasta da lei. Só de taes homens recebe o povo ventura. Os sabios antigos

trabalhavam, para felicitar o povo, e quando tornavam á vida particular, deixavam sua fama a todo o imperio. »

« Ainda que os preceitos da moral ensinem o caminho da virtude, o homem póde ser virtuoso, sem os estudar. Ha creaturas dotadas de espirito tão superior, que se formam sem auxilio de preceitos, nem de mestres. »

« Imaginai um, que da classe inferior se elevou a bem merecida reputação, e que no meio do fausto, e das honras se considera, como se não tivesse adquirido riqueza, nem credito. A excellencia de um tal homem é mui superior áquella, com que se ornaram os jaetanciosos. »

« O exemplo da virtude penetra no coração; as palavras raras vezes. Os preceitos da virtude submettem mais facilmente, do que as leis. Os povos têm razão para estimar aquelles, e aborrecer estas. A virtude attrahe seus corações; as leis tiram-lhes o fructo do seu trabalho. »

« Sendo o príncipe CHUM desterrado para o valle da montanha Lie, ainda na infancia, teve por occupação rachar lenha, e por companheiros javalis; mas, assim que ouviu fallar da virtude, não precisou de preceitos, nem de mestres; entrou com tanto desvelo no caminho da perfeição, que jámais o deixou. »

« Na desgraça desenvolve-se melhor o espirito. Ninguem vigia mais assiduamente sobre o seu coração, e previne os males, do que os grandes, se estão longe da cõrte, e os bastardos, separados dos pais. Por isso, quando exercem funções públicas, têm grande sagacidade nas deliberações, e providencia na execução. »

« Tres cousas dão verdadeira alegria ao sabio: 1.<sup>a</sup> a saude de seus pais, e a união da familia: 2.<sup>a</sup> levantar os olhos ao ceo, e não achar em seu coração cousa, que lhe

seja offensiva, nem a respeito dos homens cousa, que o envergonhe: 3.<sup>a</sup> poder inspirar no povo o desejo de entrar no caminho da virtude. »

« Em nosso tempo não ha virtude: o horror á pobreza, e o amor das riquezas, e das honras, são a causa d'esse grande mal. A fome, e a sede não distinguem sabores. A pobreza, e o desprezo produzem o mesmo effeito, ácerca de riquezas, e honras; acha todas optimas, seja qualquer o modo de obte-las. <sup>1</sup> »

« Não vacillo um instante em elevar acima dos outros homens aquelle, que, na pobreza, e no abandono, tem preservado o seu coração da sede de riquezas, e honras. Quando a virtude, e a disciplina estão em vigor, o sabio póde acceitar empregos do estado, e conformar os costumes com a doutrina; porém, se ella está banida da terra, não deve acceitar empregos; tambem assim conforma os costumes com a doutrina. »

« Os homens, que dão grande applicação a pequenas cousas, e desprezam as grandes, desconhecem as que os devem occupar. Por exemplo: ha pessoas, que dão toda a sua applicação ás regras da urbanidade na mesa, e entregam-se aos excessos da glotonaria. Ha ministros peritos em todas as regras, e etiquetas do paço; e sobrecarregam o povo de vexames! Occupações frivolas damnificam a energia da alma. »

Kao-Tsou, fundador da 10.<sup>a</sup> dinastia, lendo as obras de MENG-TSEU, e chegando onde o philosopho diz: « O principe, que olha para os subditos, como para a terra que pisa, é tido por elles, como o peor dos assassinos. » « Não é assim, que se deve fallar dos soberanos, exclamou

<sup>1</sup> A Europa está hoje como a China no tempo de MENG-TSEU.

Kao-Tsou; quem usou d'esta linguagem não deve estar ao lado de CONFUCIO.» Mandou tirar o retrato de MENG-TSEU, da sala onde estava o do seu mestre, e decretar: « Todo aquelle, que se oppozer a esta ordem, seja morto. »

Tieng-Tang, presidente do tribunal da justiça, quiz ser o primeiro sacrificado em honra de MENG-TSEU. Redigiu uma memoria, onde explicou o sentido do philosopho, quando fez o retrato dos principes máos, e concluiu: « É d'estes, que fallou MENG-TSEU, e não dos bons. Pena é, que depois de tantos seculos, se queira fazer crime do que sempre se teve por virtude. Cumpra-se a vossa ordem; morrerei contente em honra de MENG-TSEU: a posteridade nos vingará. »

Chegando á porta do paço, disse para a sentinella: « Leva esta representação a Kao-Tsou, para que restitua as honras a MENG-TSEU: sei a ordem que tens; desempenha o teu officio. » O soldado disparou contra Tieng-Tang, e levou a memoria ao imperador. Kao-Tsou leu, e approvou as razões do coláo; mandou tratar com desvelo da sua ferida, e restituiu as honras ao philosopho.

Depois de te escrever esta carta, obtive de um letrado chinéz o veneravel, e precioso livro, *Ta-Hio*, grande sciencia, obra de CONFUCIO, da qual não posso deixar de te enviar um extracto, a fim de veres, que a doutrina de MENG-TSEU não differe da que escrevêra seu mestre; e que o procedimento do imperador Kao-Tsou fôra injusto, quando pretendeu deshorrar a memoria de MENG-TSEU, por não guardar em suas obras a moderação, recommendada por tão acreditado philosopho.

« A verdadeira sabedoria, diz CONFUCIO,<sup>1</sup> consiste

<sup>1</sup> No preambulo de *Ta-Hio*.

em cada um esclarecer o seu espirito, purificar o seu coração, amar os homens, fazer-lhes estimar a virtude, e livra-los dos obstaculos, que possam embaraçar a sua união com o Soberano Bem. »

« Feliz de quem póde conhecer o limite da sua carreira! O caminho está sempre aberto diante dos nossos olhos, mas a perplexidade acommette-nos, assim que entrámos n'elle; só a paz, e a tranquillidade podem fazer nascer flores debaixo dos nossos passos; só a verdade nos esclarece; só ella faz entrar as virtudes em nossa alma, e com ellas as primorosas delicias da ventura. Desgraçado de quem toma os ramos pelas raizes, as folhas pelos fructos, ou confunde o essencial com o accessorio; assim, nunca distinguirá os meios do fim. Conhecer cada um a ordem dos seus deveres, e saber apreciar a sua importancia, é entrar no verdadeiro principio da sabedoria. »

« Um principe ambicioso pretendeu conquistar o imperio; <sup>1</sup> para conseguir esse fim, cuidou primeiro em reger bem os seus estados, e começou por estabelecer a ordem na sua casa. Em verdade, assim aprende-se facilmente o principio da boa administração, e dá-se ao povo exemplo saudavel. N'este caso, não ha differença entre o imperador, e os subditos: a virtude é a raiz de todos os bens; cultiva-la, é o nosso primeiro dever, e o mais grave negocio da vida. »

1.º « O UEN-OUANG purificou a sua alma, limpando-a de todos os vicios. TCHING-TANG meditava de dia, e de noite, e seguia em tudo a lei do TIEN. YAO, CHUM, YU, levaram a prática das virtudes á mais sublime per-

<sup>1</sup> No tempo de CONFUCIO estava o imperio da China dividido em muitos reinos.



feição. O exemplo d'estes grandes homens, mostra-nos o que devemos á dignidade da nossa alma, e até onde convem estender os raios da sua sabedoria, e da sua gloria. <sup>1</sup> »

2.º « Tching-Tang, torna-te cada dia mais perfeito; seja o teu primeiro cuidado a purificação das virtudes. Esmera-te na renovação dos costumes populares. Os antigos *Tchous* deveram ao TIEN a graça de subir ao throno, pelos cuidados, que tivera OUEN-OUANG, em fazer que refluissem as virtudes nos seus estados. Principes, tomai exemplo n'aquelles grandes homens! »

3.º « O Mien-man só repousa nas summidades das colinas, e sobre as arvores mais altas. <sup>2</sup> Ah! diz CONFUCIO, este pequeno passaro sabe tanto onde lhe convem repousar, quanto o homem o parece ignorar! A razão d'este será menos segura, do que o instincto, que a natureza deu áquelle passaro selvatico? »

« Ó venturoso OUEN-OUANG, quão sublime foi a tua virtude! Como filho, honraste os teus parentes; como pai, amaste os teus filhos; como subdito, respeitaste o soberano; como rei, fizeste a ventura dos povos; como alliado, guardaste fielmente os tractados. Que elevação nos teus pensamentos! Que nobreza em teus sentimentos! Que affabilidade em tuas máneiras! Que dignidade na tua pessoa! A tua gloria será immortal, como forãim as tuas virtudes! A tua lembrança será eterna em todos os corações; perpetuar-se-ha de seculo em seculo; nunca se extinguirá na memoria dos homens! <sup>3</sup> »

4.º « Posso ouvir advogar uma causa, e pronunciar a

<sup>1</sup> Texto do *Chou-King*, um dos livros sagrados.

<sup>2</sup> Texto do *Chi-King*, outro livro sagrado.

<sup>3</sup> Texto do *Chi-King*.

sentença, diz CONFUCIO; mas que reputação me provém d'ahi? A gloria digna do sabio é esgotar a origem do processo, e cercar o throno da justiça de tantas virtudes, que não lhe seja preciso balança, nem espada. Mas como se encadearão as paixões motoras das trapaças? Pelo ascendente da sabedoria, que despreza a má fé, intimida a cobiça, e affugenta a malicia.»

5.º «Homem, não te enganes a ti mesmo; odeia o mal tanto, quanto elle é odioso; ama o bem tanto, quanto elle é amavel; isto é, com todas as forças da tua alma. O sabio tem sempre os olhos fitos na sua consciencia, e é docil á sua voz. O insensato commette crimes, quando não receia testemunhas. Se um sabio o encontra, vê o criminoso assustado, e pretendendo esconder a sua ignominia no falso exterior da innocencia. Debalde se finge: os olhos menos penetrantes conhecem o coração do hypocrita. A nossa alma não tem segredo, que a nossa conducta não revele; logo, o homem virtuoso só tem precisão de tomar precauções contra a sua consciencia.»

«O homem opulento costuma embellezar a sua casa, e ostentar em tudo suas riquezas. O mesmo é a virtude. O corpo onde ella habita, é typo de grandeza, e de serenidade; annuncia a todos, que o rodeam, a paz, e as delicias em que vive. Tanto importa ao sabio firmar-se nas suas boas resoluções!»

6.º «Só pela rectidão do coração póde o homem corrigir seus defeitos, e adquirir virtudes; mas essa rectidão preciosa, e necessaria, é de continuo assaltada pelo impeto das paixões: assim, quem poderá assegurar a prática das virtudes?»

7.º «Debalde pretenderá o homem estabelecer a or-

dem na sua casa, se não tiver primeiro cuidado de regular a sua conducta. Como poderá cada um exigir dos outros, o que não póde exigir de si? Acolha cada um a virtude em sua alma, se a quer estabelecer em sua casa.»

8.º «Principes, que tendes por obrigação felicitar os povos, que poderão elles esperar da vossa sabedoria, se não cuidais em minorar seus males? O bom principe, mesmo em seu palacio, dá exemplo a todo o reino. As virtudes, que alli pratica, levam ao longe a persuasão do dever, e a innocencia dos costumes. O meio do imperante ser amado, os seus ministros respeitados, e os desgraçados soccorridos, é estabelecer a piedade filial por bons exemplos: a beneficencia distingue mais a sua familia, do que a purpura que o decora.»

«Vida irreprehensivel espalha as luzes, que servem de correctivo aos costumes publicos. Se o principe é bom pai, bom filho, bom irmão, será estimado dos povos; o seu governo será perfeito, se occupar os sentimentos do seu bom coração, em promover a felicidade pública.»

9.º «Se o principe respeita a virtude dos sabios, se distingue a preeminencia dos homens de estado, se aprecia a superioridade dos talentos, se o seu coração se enternece com as lagrimas dos infelizes, os subditos prestar-se-hão contentes a tudo, que a piedade filial, o amor fraternal, e a terna compaixão, têm de mais encantador. Assim attrahirá o principe os corações dos subditos; e servirá entre elles de motor, e regra. O imperante nunca deve exigir mais do que dá; e deve considerar-se no logar dos subditos, para ver o seu.»

«Um principe bom, é o pai, e a mãe de todos os subditos.» Queres merecer este elogio? Toma todas as incli-

nações do povo, faze-as tuas, sê para elle, como um pai, e uma mãe, que ama tudo quanto agrada a seus filhos; e tem aversão a tudo o que elles odeiam.

*« Teme de te pareceres com os teus ministros, se elles são odiados do povo: o throno será feito em pedaços debaixo do teu orgulho, e tu sepultado em suas ruinas. »*

« Em quanto a dinastia *Chang* reinou sobre os corações, só via acima de si o TIEN: essa dinastia era a imagem querida. Ó tu, que lhe succedeste, mede com os olhos a enorme altura da sua quéda; ensine-te ella, que tanto o teu destino é mais sublime, mais difficil se torna o seu desempenho. Eis o grito de todos os seculos: O amor do povo dá corôas; o seu odio despedaça-as. »

« O principe sabio cuida em surgir na enseada das virtudes, e receber alli em sua alma tudo quanto ellas têm de melhor; pois quanto mais fôr virtuoso, mais amado será do povo; e só d'esse modo poderá ver prosperar o estado. A virtude é o fundamento inabalavel do throno, e a origem inexgotavel da auctoridade; as riquezas do rei não passam além de um frivolo ornamento. Se elle toma o accessorio pelo essencial, os subditos, corrompidos por seu exemplo, sacudirão o jugo das leis; os canaes abertos, para correrem por elles todas as riquezas do imperio ao seu thesouro particular, encher-se-hão de ladrões. Quanto mais ouro tem um rei avaro, mais fogem d'elle os corações dos subditos. A sua iniquidade dissipa os thesouros, que tinha adquirido por suas injustiças. <sup>1</sup> »

<sup>1</sup> « No tempo dos Tchous, diz Kia-Chan, o imperador tinha só os rendimentos das suas propriedades particulares; para supprir as despezas do estado, recebiam das provincias os diminutos tributos, indicados no ensaio estatístico do imperador YU. Todavia, os cofres dos Tchous estavam sempre bem providos. »

« Tsin-Chi-Hoang-Ti augmentou os seus dominios com os dos reis, que ven-

« O TIEN não está obrigado a sustentar no presente, o que fez no preterito; isto é, a Mão divina, que deu o throno a um principe, esperando glorificar-se por suas virtudes, precipita-o, se a offende por seus vicios. Certo embaixador perguntou a um ministro, o que havia de mais precioso, e estimavel no reino de *Tsou*; o ministro respondeu: *Os nossos costumes o dizem; é a virtude.* »

« É igualmente bella a resposta do sabio Kieou. As leis chamavam um sobrinho seu ao throno, vago pela morte de seu pai. Um rei, em cuja casa o pretendente se refugiára, offereceu-se, para o ajudar na empreza; todos lhe diziam, que arriscaria o seu bom resultado, se não proseguisse com actividade. *Affoga-te em tuas lagrimas*, lhe disse o tio; *occupa-te em chorar a morte de teu pai, ainda mesmo degradado, e fugitivo; esse dever da piedade filial deve ser mais precioso, do que um sceptro.* »

« Ah! disse o pretendente, abatido pelos remorsos de uma guerra mal começada, e peor conduzida; não é a superioridade do genio, o que eu procuro em um ministro, para lhe entregar a minha confiança; desejo encontrar um homem verdadeiro, um coração recto, uma alma grande, que lhe faça estimar o merecimento, sem as impertinencias do ciúme; proteger os talentos, sem a pequenez da predilecção; honrar a virtude com o vivo interesse, que tomamos em tudo o que nos é pessoal. »

cêra; multiplicou os tributos em todo o imperio: estabeleceu alfandegas, para a sua arrecadação, e fiscalisação; e todos os montões de ouro, e prata tirados aos povos, desappareciam logo, que entravam no thesouro. Tudo era deficiente ao supprimento das despezas, que elle mandava fazer. »

« Assim devia ser. Não são os muitos alimentos os que nutrem, é a boa digestão. O mesmo succede ao estado; só a boa administração faz a sua riqueza. Os Tehous colhiam os fructos; Ts'in mandava tambem apaulhar as folhas. As arvores, em ficando exaustas, morrem. »

« Mui feliz seria eu, se encontrasse um tal ministro ; mas, se a escolha recahir sobre um perfido, que me esconda a verdade, que opprima os homens de capacidade, os que têm saber, zêlo, serviços, e probidade, que succederá ? Exaltará o orgulho ; e apezar do seu genio, levantará os povos contra mim, lançando todo o reino nos furores da anarchia. <sup>1</sup> »

*« Ministros semelhantes são creados, para a destruição dos imperios. Ao imperante cumpre rejeitar seus serviços, e faze-los degredar, para onde não hajam creaturas humanas, a fim de não as perverterem, com seus damnados vícios. »*

« Se o monarcha não tem sabedoria, e valor, para chamar de longe o merito ás honras ; se em vez de abrir-lhe o caminho, o embaraça ; se entrega a sua confiança a homens tidos, e havidos por máos, fere-se a si, e abre a porta ás desgraças dos outros. O rei, que toma para ministro um homem carregado do odio público, e mostra indifferença, para os que reúnem o voto geral da nação, ataca de frente todas as leis da justiça, que a natureza gravou nos corações ; convida os subditos á murmuração, e entra na espessa nuvem, onde está escondido o raio, que o vai consumir. Todos os seculos o têm dito ; todas as consciencias o repetem. A fidelidade, a rectidão, e a probidade são os verdadeiros apoios do throno : o engano, e a malicia são os principaes instrumentos da sua destruição. »

« De que serve a esses miseraveis entrar nas veredas obliquas, e tenebrosas da falsa politica, tendo a sabedoria mostrado o caminho recto, por onde facilmente se pôde chegar ao fim ? Queres tu, que saudavel abundancia vivi-

<sup>1</sup> Grandes queixas tinha este pretendente, contra ministros traidores.

fique o corpo inteiro do estado, e leve o sentimento do prazer a todos os seus membros? Augmenta o número dos cidadãos uteis; pois, só a laboriosa industria produz as riquezas; a continuação do trabalho multiplica os recursos do estado. A verdadeira gloria de um principe consiste, em fazer os subditos ricos, não em o ser. Quanto mais o principe é beneficente, mais generosidade encontra nos subditos. »

« As montanhas cobrem-se de vapores, irritam os ventos, accendem os raios, e reúnem todas as estações em um dia. Vistas de longe, parecem azues, e que as summidades tocam no ceo; mas, vistas de perto, não passam de rochedos amontoados uns sobre outros, e de florestas povoadas de tigres. Na côrte vê-se o mesmo espectaculo, quando o ciume, a malicia, e o egoismo se tornam em bussola dos ministros. »

« A justiça é o mais rico, e o mais inexgotavel thesouro do estado. É esse o inestimavel thesouro, que o principe deve augmentar; só por elle será verdadeiramente rico. O esplendor do estado é fructo da sabedoria, e das virtudes do principe; os que julgam provir das riquezas, têm alma vil. *Desgraçado o rei que dá ouvidos ao ministro, quando este lhe pede, que deixe em suas mãos a auctoridade real. Nem os sabios de todo o imperio reunidos, poderiam salvarlo do precipicio, que por essa condescendencia abriria de baixo de seus pés.*<sup>1</sup> »

<sup>1</sup> Estes principios parecem justos, e razoaveis, se os considerámos em relação á fórma do governo chinês; e seriam de grande proveito aos governos representativos da Europa, se os ministros, ao menos, fossem responsaveis por leis restrictas, como são aqui o imperador, e todos os funcionarios publicos, ou, se em nosso tempo se adoptasse a doutrina, seguida em Portugal no anno de 1641, bem semelhante á que se acha exarada no Ta-Hio.

A nação chinesa, para supprir as instituições liberaes, hoje em voga na Europa, tem os livros sagrados, respeitadados como lei fundamental do estado: acham-se n'elles artigos mais vigorosos contra o despotismo, do que nas instituições mais democraticas da Europa, e America; todavia, succede na China o mesmo, que em outra qualquer partê: se o que empunha o sceptro do poder é do temperamento de Nero, só resta a opção dolorosa de morrer, ou mata-lo.

Talvez esta linguagem de CONFUCIO, não agrade, por simples, e concisa, aos que estão no caso de Sieng-Jou; isto é, aos que usam estilo diffuso, e empolado; como ella te agrade, ficarei contente: deixemos aos seguidores de

O assento escripto nas côrtes reunidas em Lisboa, a 28 de Janeiro do mesmo anno, contém os principios seguintes.

«O juramento de obediencia, que os povos tinham dado ao rei, não os obrigava, para não se poderem eximir do seu dominio, visto governar pelo modo, que os doutores apontam, para o rei ser indigno de reinar . . . »

«Não guardava ao reino seus foros, e liberdades; vexava os povos com tributos insupportaveis; gastava os rendimentos do estado em cousas, que não pertenciam ao bem commum d'elle; vendia os officios de justiça, e fazenda; provia n'elles pessoas indignas; e exercitava todas essas cousas, por ministros insolentes, e inimigos da patria, dos quaes se servia, sendo os peiores da republica . . . »

«Assim, podia o reino eximir-se da sua obediencia, e negar-lh'a, sem quebrar o juramento; pois, segundo as regras de direito natural, e humano, ainda que os reinos transferissem nos reis todo o seu poder, e imperio, para os governar, fôi debaixo de uma tacita condição, de os regerem com justiça, e sem tyrannia. E tanto que no modo de governar, usarem d'ellas, podem os povos privar-lhes dos reinos, em sua legitima, e natural defensão \* . . . »

Repara, quanto retrogradámos em dois seculos! Em 1641, firmaram esta doutrina oito bispos, dois marquezes, sete condes, um visconde, e dezeseis donatarios! Dos procuradores do povo, nem um só, deixou de se mostrar digno da escolha feita por seus constituintes. Em nosso tempo, votam em maioria pela contraria!

\* Justa aclamação de elrei D. João 4.º, pelo eximio jurisculto *Francisco Velasco de Gouveia*.



Sieng-Jou todo o peso da merecida reprehensão, que lhes deu o judicioso imperador *Houng-Uou*.<sup>1</sup>

Se depois de Fernão Peres de Andrade levou ahí noticia d'este imperio, se tivessem recolhido os factos, e as observações, enviadas d'aqui, e se tivessem publicado taes, quaes eram, estaríamos em melhores circumstancias, para avaliar os chinezes, comparando-os com os europeus, não só pelo que pertence á linguagem, mas tambem ás artes, á industria, aos costumes, leis, e governo. D'esse modo

<sup>1</sup> Usando n'estas Cartas de um novo systema de orthographia, devo dizer-te o motivo, que me obrigou a isso. Determinar os casos, em que as articulações da voz devem regular o emprego dos signaes da escripta, e inversamente em que a escripta deve conduzir-nos á polida pronúncia dos vocabulos, são os primeiros escolhos, onde naufraga, quem medita seguir systema correcto de orthographia.

De uma parte, o vulgo imbuído nos rudimentos da escripta, exige que a orthographia se conforme sempre com a pronunciação, proferidas as palavras ao seu modo. Da outra parte, os eruditos versados nas linguas mortas, exigem que a etymologia prevaleça á pronuncia, e ao uso dos nossos tempos; mas esse rigor etymologico tambem produz embaraços, e dúbidas. \*

O nosso RODRIGO, buscando a moderada mediania, fundou as leis da orthographia nas suas tres bases, a *pronunciação*, a *etymologia*, e o *uso geral dos doutos*; mas nem mesmo esse systema, coordenado com tanto desvelo, deixa de ter defeitos. Contudo, adoptei-o pelo respeito que devo á memoria do seu auctor.

A parte de mais difficil desempenho, é o uso geral dos doutos, em razão das variantes. A desinencia em —u— é usada por uns, nas terceiras pessoas do singular dos verbos de terceira conjugação, como *viu*, *subiu*, etc.: em —o— por outros, como *vio*, *subio*, etc. Segui o uso dos primeiros, visto que o —o— collocado em syllaba final, que não seja de cadencia, é sempre mudo, e n'esse caso —o— ou —u— tem o mesmo som. (Nota da 1.<sup>a</sup> edição).

N'esta 2.<sup>a</sup> edição mui pouco alterámos no tocante a orthographia; restabelecemos porém o *ph* nas palavras em que elle é etymologicamente indispensavel: accentuámos os vocabulos, em que a diversa collocação do acento podia induzir em erro, e restituímos as desinencias em *o*, nas terceiras pessoas do singular dos verbos da terceira conjugação.

\* Bom fructo se teria colhido a tal respeito, se em Portugal se dêsse apreço aos trabalhos litterarios de primeira necessidade; por certo, que hoje veríamos desfeitas tantas dúbidas, se uma obra do nosso insigne litterato, *Vicente Pedro Nolasco da Cunha*, chegasse a sahir do prelo. Não é por falta de homens doutos, que a nossa patria se acha pobre de obras uteis, mas por não se dar protecção a seus auctores.

teríamos sabido, que a nação chinesa não tem sido menos rica, nem menos feliz, do que a nação mais rica, e mais feliz da Europa, ou que o tem sido em gráo mais superior. Assim, poder-se-hia tirar a util consequencia, de que o justo meio entre a ignorancia, o requinte das sciencias, e do bom gosto, é talvez o elemento, que mais convem á especie humana.

Parece que o imperio da China é hoje menos conhecido na Europa, do que o fôra no seculo xvi! e que a immoralidade se acha estabelecida na Europa de modo, que os seus habitantes, em vez de louvarem a alta sabedoria, a sublime politica, o nobre desinteresse, o zêlo patriotico, as virtudes, e a linguagem simples dos grandes homens, que fundaram esta monarchia, fallam d'elles com desdem, e pretendem reformar os costumes chinezes, com doutrina fallaz, forjada em Londres, e trazida ás praças chinezas nas bombas infernaes do general Carpuel.

Para os chinezes detestarem as doutrinas do ministerio inglez, basta verem alguns dos motivos, por que Minerva amaldiçoára a Grã-Bretanha; isto é, as acções atrozés commettidas por influxo do ministerio inglez. A espoliação praticada em Athenas por lord Elgin, foi a que mais accendeu o estro de lord Byron.<sup>1</sup>

«A vingança o seguirá além do tumulo; o futuro collocará Elgin junto de Erostrato, incendiario de Epheso: sobre estes dois nomes pesará a reprovação dos seculos, e da historia; maldição igual espera estes dois criminosos; Elgin excede talvez Erostrato em perversidade!...»

«Fique pois, eternamente, estatua immovel, sobre o

<sup>1</sup> Obras completas de lord Byron: T. 2.º pag. 79 e 80, edição de Paris, em 1837.

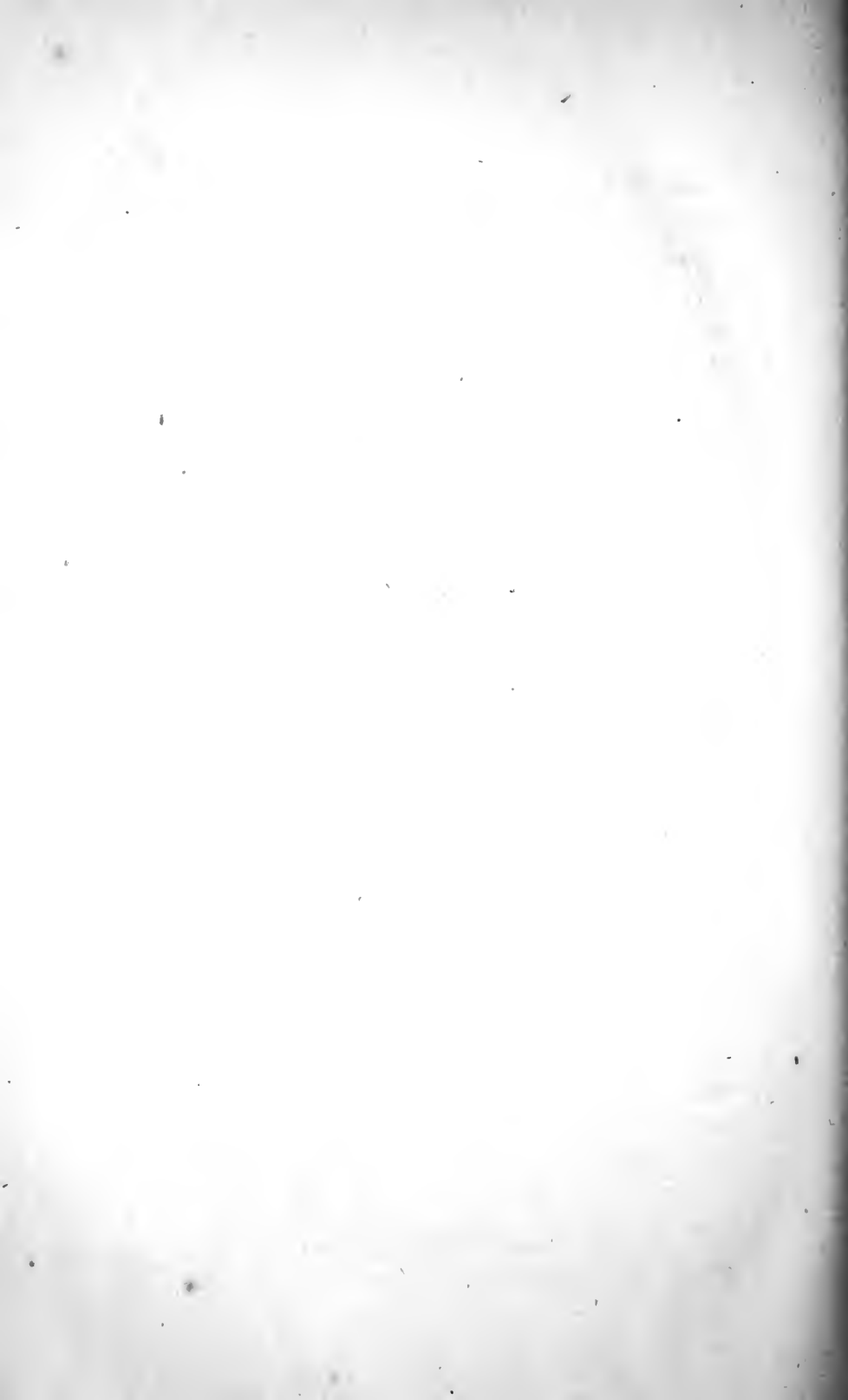
pedestal do desprezo; mas, não recahirá sobre elle só a minha vingança; estender-se-ha tambem sobre o futuro da sua patria, pois foi ella, quem lhe deu o exemplo...

« Vêde as chammas, que se elevam no seio do Baltico, e a vossa antiga alliada, que maldiz una guerra perfida; Pallas não prestou a sua sancção a esses infames actos, nem queria que se rompesse o pacto, que ella mesma tinha feito: portanto, retirou-se de um ministerio fraudulento, e d'esses combates desleaes; mas deixou a sua egide á cabeça de Gorgone, dom fatal, que transformará os inglezes em pedras, e reduzirá o atrevido Albion a ficar só no meio do odio universal.»

« Olhai para o oriente; vereis os morenos povos do Ganges, minando sollicitos os fundamentos do vosso tyrannico imperio. A sublevação levanta a sua cabeça sinistra; a Nemesis da India vinga seus filhos sacrificados; o Indo corre ensanguentado, e reclama do norte uma divida de sangue. Assim podereis ser destruidos...»

« Olhai para *a vossa terra*; não podereis demorar a vista no espectaculo, que vos apresenta a desesperação incuravel, e o seu feroz sorriso: a tristeza acha-se estabelecida na vossa metropole: debalde as orgias fazem ouvir seus clamores; a fome exhaure as forças do maior número, e os roubos são frequentissimos, em suas ruas...»

Cousas muito peiores diz o lord na maldição de Minerva; porém, estas são mais que sufficientes, para o governo d'este imperio detestar os britannicos. Assim, não deves estranhar o procedimento dos chinezes, contra os seus aggressores.



## INDICE.

	Pag.
<b>C</b> ARTA I. — Sahida de Lisboa . . . . .	1
» II. — Ensaio da navegação em mar largo ..	3
» III. — Da impassibilidade . . . . .	7
» IV. — Introducção . . . . .	11
» V. — Entrada em Calcuttá . . . . .	15
» VI. — Do Indostão . . . . .	19
» VII. — Carta-Bade-Chasta-Brima. . . . .	23
» VIII. — Das castas . . . . .	27
» IX. — Mythologia indiana . . . . .	31
» X. — Scitas indianas . . . . .	35
» XI. — Das leis, e sua applicação. . . . .	39
» XII. — Sacrificio das viúvas . . . . .	43
» XIII. — Ordens religiosas. . . . .	47
» XIV. — Companhia da India. . . . .	51
» XV. — Governo dos mogoles na India, com- parado com o da companhia. . . . .	55
» XVI. — Dos patanes, ou cipaes. . . . .	59
» XVII. — Decadencia do Indostão. . . . .	61
» XVIII. — Proezas lusitanas descriptas pelo abbade Raynal . . . . .	65
» XIX. — Os lusitanos, e os inglezes na Africa, e na India . . . . .	69
» XX. — Illusão de Helvecio, e de Holbach acerca dos lusitanos, e dos inglezes . . . . .	75
» XXI. — Character do governo inglez. . . . .	79
» XXII. — O governo britannico, e a maioria do seu parlamento . . . . .	83
» XXIII. — Resultado das injustiças praticadas pelos inglezes. . . . .	87

CARTA	XXIV. — Costumes dos naires .....	91
»	XXV. — Palacio mogol.....	93
»	XXVI. — Agricultura, e commercio.....	95
»	XXVII. — Juizo sobre as riquezas, e sobre os selvagens .....	99
»	XXVIII. — Jardins de Calcuttá .....	107
»	XXIX. — Malaca, e Cincapura .....	109
»	XXX. — Estabelecimento dos portuguezes em Macáo .....	111
»	XXXI. — Capitães geraes de Macáo.....	119
»	XXXII. — Estado actual de Macáo.....	123
»	XXXIII. — Defeza dos macaenses.....	129
»	XXXIV. — Refutação de outras falsidades escriptas por G. Staunton.....	135
»	XXXV. — Embaixadores inglezes na China..	145
»	XXXVI. — Entrada, e sahida dos Jesuitas na China.....	151
»	XXXVII. — Reflexões sobre o jogo.....	155
»	XXXVIII. — Viagem de Macáo a Cantão...	159
»	XXXIX. — Primeiros imperadores chinezes..	165
»	XL. — Dinastias chinezas. 1. <sup>a</sup> <i>Hia</i> .....	173
»	XLI. — 2. <sup>a</sup> <i>Chang</i> . 3. <sup>a</sup> <i>Tchou</i> .....	179
»	XLII. — 4. <sup>a</sup> <i>Tsin</i> .....	187
»	XLIII. — 5. <sup>a</sup> <i>Han</i> . 6. <sup>a</sup> <i>Uei</i> . 7. <sup>a</sup> <i>Tcin</i> .....	193
»	XLIV. — 8. <sup>a</sup> <i>Soung</i> . 9. <sup>a</sup> <i>Tsi</i> . 10. <sup>a</sup> <i>Liang</i> . 11. <sup>a</sup> <i>Tchin</i> . 12. <sup>a</sup> <i>Soui</i> .....	199
»	XLV. — 13. <sup>a</sup> <i>Thang</i> . 14. <sup>a</sup> <i>Liang</i> . 15. <sup>a</sup> <i>Thang</i> 2. <sup>a</sup> 16. <sup>a</sup> <i>Tcin</i> 2. <sup>a</sup> 17. <sup>a</sup> <i>Han</i> 2. <sup>a</sup> 18. <sup>a</sup> <i>Tchou</i> 2. <sup>a</sup>	205
»	XLVI. — 19. <sup>a</sup> <i>Soung</i> 2. <sup>a</sup> .....	217
»	XLVII. — 20. <sup>a</sup> <i>Youan</i> .....	227
»	XLVIII. — 21. <sup>a</sup> <i>Ming</i> .....	233
»	XLIX. — 22. <sup>a</sup> <i>Ta-Thsing</i> .....	245
»	L. — Principios politicos, e moraes de Confucio, e de Meng-Tseu.....	255

